

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



RAQUEL PIRES COSTA



Estudo linguístico no *litoral maranhense*:
léxico e cultura dos pescadores do município de
Raposa

Belo Horizonte
2012

Estudo linguístico no *litoral maranhense*:
léxico e cultura dos pescadores do município de *Raposa*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Raquel Pires Costa

FALE – UFMG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Belo Horizonte, maio de 2012.

**Tese aprovada em/..... / 2012 pela Banca Examinadora constituída pelos
Professores Doutores:**

**Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra – UFMG
Orientadora**

Prof. Dr. José Dino Cavalcante – UFMA

Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz – UFMG

*Papai, mamãe,
Paulo Victor e Marcus Vinícius:
Dedico a vocês o meu sonho realizado.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por me guiar, amparar e me fortalecer durante todo o caminho.

A Profa. Dra. Maria Cândida, por todos os ensinamentos, pelo apoio, pela orientação incansável, dedicada e segura, por ter aberto para mim a janela do universo lexicológico e, acima de tudo, pela confiança em mim depositada.

Aos meus filhos, por terem compreendido a minha ausência, ainda que somente física, para a realização do Mestrado, e por serem o meu maior incentivo;

Aos meus pais, que foram avós e um pouco pais dos meus filhos durante a minha ausência de casa para me dedicar ao Mestrado.

Aos meus irmãos e, de um modo muito especial, a Rute, que cuidou dos meus filhos como se fossem seus ao longo desses dois anos.

Aos pescadores da Raposa que abriram as suas casas e um pouco de suas vidas para mim, permitindo-me aprender muito com suas histórias de vida e sua cultura.

A todos os funcionários do Colégio Universitário do Maranhão/Universidade Federal do Maranhão (COLUN/UFMA), pelo apoio e incentivo, especialmente Josenildo, Ludmila, Mauricéia e Ullisses, que tanto vibraram com cada conquista minha em cada etapa do Mestrado.

Aos meus amigos, do Maranhão e de Minas Gerais, que sempre me incentivaram e nunca me deixaram sentir sozinha, mesmo longe de casa, especialmente Sheila, Cícero, Eliane, Mônica, Emanoela, Ricarda, Gláucia, Jorge, Laura, Águeda, Aretuza, Aline, Vander, Marcelo, Jéssica, Glauciane e Laura.

Aos meus professores da UFMA e da UFMG, por tudo que me ensinaram.

A Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA), pela confiança em meu trabalho, concedendo-me uma bolsa de pesquisa.

A Roberto Sobrinho, pelo cuidado com que tirou as fotografias para este trabalho;

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a execução desta Dissertação de Mestrado.

“O léxico da língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que abarcaram a atenção da comunidade”.

(Edward Sapir, 1969, p. 45)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar o levantamento e descrição do léxico dos pescadores do município de Raposa, estado do Maranhão. A comunidade de pescadores da Raposa está localizada a aproximadamente 47 km de São Luís, Maranhão, e é formada basicamente de famílias de pescadores oriundos de Acaraú, Ceará, que migraram de sua terra natal na década de 50. Buscamos observar em que medida o léxico de uma comunidade que trabalha com a pesca retrata a realidade sociocultural desse grupo. Pretendemos, dessa forma, mostrar que os estudos lexicológicos apontam estreita relação entre o homem, a cultura e o ambiente em que se inserem. Nosso suporte teórico-metodológico foi, sobretudo, a Sociolinguística (Labov e Milroy), a Lexicologia (Biderman), a Lexicografia (Barbosa, Esquivel e Haensch) e a Antropologia Linguística (Duranti e Hymes). Seguindo o modelo laboviano, partimos do presente, ao coletar nossos dados decorrentes das 10 entrevistas orais realizadas na Raposa, voltamos ao passado, ao consultar dicionários do século XVIII (Bluteau) e XIX (Morais), e retornamos ao presente para estabelecer comparações entre esses períodos. Após análise dos dados, constatou-se a existência de um vocabulário regional no qual os vocábulos referentes à pesca têm grande destaque e são evidentes as influências das marcas da estrutura sociocultural da região do Ceará onde se situa Acaraú. Constatamos ainda, por meio dos neologismos ocorridos, a grande capacidade criativa dos informantes. Os resultados obtidos por meio de nossa pesquisa evidenciaram aspectos históricos, sociais e culturais da região, destacando a importância do léxico relacionado à pesca para o município da Raposa.

Palavras-chave: Léxico. Cultura. Linguística. Raposa.

ABSTRACT

This study aims to survey and to describe the lexicon of the fishermen of Raposa, Maranhão State. The fishing community of Raposa is located approximately 47 kilometers far from São Luís, Maranhão, and it consists primarily of fishing families who migrated from their homeland, Acaraú, Ceará, in the 50s. We aim to observe the extent to which the lexicon of a community that works with the fishing portrays the social and cultural reality of this group. We intend, therefore, to show that the lexicological studies indicate a close relationship between man, culture and environment in which they operate. Our theoretical-methodological support was mainly Sociolinguistics (Labov and Milroy), Lexicology (Biderman), Lexicography (Barbosa, Esquivel and Haensch), Linguistic Anthropology (Duranti and Hymes), Dialectology (Isquierdo, Ferreira and Cardoso) and the concept of cultural region (Diégues Jr). Following the Labov's model, we start from the present, collecting our data from 10 oral interviews, returned to past, consulting dictionaries from the eighteenth century and nineteenth century and returned to the present to establish comparisons among these periods. After analyzing the data, we confirmed the existence of a regional vocabulary in which words related to the fishing have great spotlight and in which the influences of the marks of the sociocultural structure of the region of Ceará where lies Acaraú are evident. We also observed, through the neologisms that occurred in our data, the great creative capacity of the informants. The results obtained by our research showed some historical, social and cultural aspects of the region, highlighting the importance of the lexicon related to fishery for Raposa city.

Keywords: Lexicon. Culture. Linguistics. Raposa. Maranhão.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1	Curral – Raposa/MA	15
FOTO 2	Maçarico – Raposa/MA	20
FOTO 3	Biana – Raposa/MA	42
FOTO 4	Rancho – Raposa/MA	61
FOTO 5	Pinhada – Raposa/MA	76
FOTO 6	Rendeira tecendo – Raposa/MA	222
FOTO 7	Objetos/Materiais/instrumentos usados na pesca de anzol	277
FOTO 8	Objetos/Materiais/instrumentos usados na pesca de armadilhas	278
FOTO 9	Tipos de pesca	279
FOTO 10	Pesca com armadilha: Curral – Partes do curral	280
FOTO 11	Tipos de redes	281
FOTO 12	Peixes	282
FOTO 13	Embarcações	283
FOTO 14	Partes da embarcação	284

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Número de lexias encontradas em cada dicionário	207
GRÁFICO 2	Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas ...	209
GRÁFICO 3	Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical	209
GRÁFICO 4	Percentual de lexias não dicionarizadas por classe gramatical	210
GRÁFICO 5	Distribuição percentual das lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca	211
GRÁFICO 6	Classificação gramatical das lexias não-dicionarizadas relacionadas a pesca	212
GRÁFICO 7	Origem das lexias	214
GRÁFICO 8	Percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas	215
GRÁFICO 9	Gênero das lexias.....	216
GRÁFICO 10	Lexias que ocorreram entre 5 e 158 vezes relacionadas a pesca.....	217

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1	Município da Raposa-MA	43
MAPA 2	Localização do município de Raposa/MA	63
TABELA 1	Classificação gramatical	208
QUADRO 1	Lexias que ocorreram entre 5 e 158 vezes.....	216

LISTA DE ABREVIATURAS

ADJsing	– Adjetivo singular
ADV	– Advérbio
Inf.	– Informante
Loc. adj.	– Locução adjetiva
n/e	– Não encontrado
NCf	– Nome Composto feminino
NCm	– Nome Composto masculino
Nf	– Nome feminino
Nm	– Nome masculino
p.	– Página
Pesq.	– Pesquisadora
Prep	– Preposição
Pron	– Pronome
Spl	– Substantivo plural
Ssing	– Substantivo singular
Terc.	– Terceiro
V	– Verbo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE	21
1.1 Cultura	21
1.2 Linguagem e cultura	23
1.2.1 Cultura popular e léxico	28
1.3 Homem, língua e sociedade	29
1.4 Contribuições da sociolinguística	31
1.4.1 Variação e mudança linguística	34
1.4.2 Redes sociais e mudança linguística	35
1.5 Lexicologia	36
1.6 Lexicografia	39
CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO	43
2.1 Aspectos geográficos	43
2.1.1 Localização	43
2.1.2 Clima.....	44
2.1.3 Limites e hidrografia.....	44
2.2 Histórico da chegada dos pescadores cearenses à Raposa	44
2.2.1 A seca de 1958: a Retirada.....	45
2.3 Perfil econômico	47
2.3.1 A pesca.....	47
2.3.2 A comercialização do pescado na praia da Raposa.....	48
2.3.3 Os estaleiros raposenses.....	49
2.3.4 O artesanato.....	50
2.4 Os pescadores da Raposa: sua cultura e seu ambiente	50
2.4.1 Pesca: A pescaria é essa redinha que eu trabalho...vai longe.....	50
2.4.1.1 Modalidades de pesca	52
2.4.2 Costumes e crendices	53
2.4.2.1 A alegria das primeiras chuvas	53
2.4.2.2 Religiosidade.....	54

2.4.2.3	<i>Superstições</i>	55
2.4.2.4	<i>Tradição oral: lendas e "causos"</i>	55
2.4.3	Retrato social.....	57
2.4.3.1	<i>Habitação</i>	59
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		62
3.1	A região pesquisada	62
3.2	Métodos e Procedimentos	63
3.2.1	Pesquisa de campo	63
3.2.1.1	<i>Delimitação do corpus</i>	63
3.2.1.2	<i>Técnicas e procedimentos adotados na coleta de dados</i>	64
3.2.1.3	<i>As transcrições</i>	66
3.2.2	Fichas Lexicográficas	68
3.2.2.1	<i>Sobre os dicionários consultados</i>	71
3.3	Macro e microestrutura do Glossário	73
3.3.1	A macroestrutura.....	74
3.3.2	A microestrutura	75
CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS		77
4.1	As fichas lexicográficas	77
4.2	Análise quantitativa	207
4.2.1	Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário e glossário	207
4.2.2	Quanto á classificação gramatical	208
4.2.3	Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas	208
4.2.3.1	<i>Dicionarização segundo a classificação gramatical</i>	209
4.2.4	Lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca.....	210
4.2.5	Classificação gramatical das lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca ...	212
4.2.6	Quanto à origem.....	213
4.2.6.1	<i>Brasileirismos</i>	214
4.2.7	Quanto à forma e ao gênero das lexias	215
4.2.8	Quanto ao número de ocorrências das lexias	216
4.2.9	O léxico comum Na Raposa/MA e em Canto do Mangue/RN	217
4.2.10	Variação das lexias.....	220

CAPÍTULO 5 - GLOSSÁRIO	223
5.1 Quadro geral de classificação	223
5.2 Glossário	226
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	270
REFERÊNCIAS	272
ANEXOS*	276

* Os textos que constituem os *corpora* deste trabalho encontram-se no CD-Rom em anexo.



FOTO 1 – Curral – Raposa/MA
Fonte: Roberto Sobrinho

INTRODUÇÃO

A comunidade¹ de pescadores do município de Raposa, localizada a aproximadamente 47 km de São Luís, Maranhão, é formada basicamente de famílias de pescadores oriundos de Acaraú, Ceará, que migraram de sua terra natal na década de 50.

Em pesquisa realizada em 1980, a comunidade foi identificada como

um isolado sócio-antropológico, ou uma ilha linguística encravada no torrão são-luisense, cujas peculiaridades sociais, antropológicas e linguísticas constituíam um excelente campo de pesquisa para as ciências humanas, um campo dos mais puros, quase em caráter experimental (AZEVEDO et al., 1980, p. 15).

Conhecendo alguns trabalhos já desenvolvidos nessa região, interessamo-nos por retornar a essa comunidade para verificar se o hábito de contar histórias permanecia. Chamou-me a atenção uma série de ocorrências de lexias não dicionarizadas e, também, o relato de um pescador que dizia da dificuldade de comunicação entre seus colegas pescadores e os engenheiros.

Pudemos perceber que, além de haver um “fosso” entre os falares dos pescadores e dos engenheiros, há, também, uma distância entre as culturas: cultura do engenheiro (teórica) x pescador (prática); cultura do homem letrado x do não letrado, dificultando a comunicação, confirmando a assertiva de Preti (1997), de que há um “fosso” enorme entre os falares urbanos e rurais.

Vimos que os problemas de comunicação estão associados à incompreensão de itens lexicais, pois, enquanto os pescadores utilizam uma linguagem específica, o engenheiro faz uso de vocábulos característicos de uma linguagem técnica.

A partir dessa constatação, consolidou nosso interesse em realizar um estudo de âmbito lexical, nesta parte do litoral do estado do Maranhão. Depois de conhecer a história local e, também, os pescadores dessa região, inquietava-nos algumas questões:

- i) Há um léxico específico da comunidade de pescadores da Raposa, no qual são encontradas influências linguísticas dos falares maranhense e cearense?
- ii) Há unidades lexicais não dicionarizadas no linguajar dos pescadores da Raposa?
- iii) Há casos de manutenção linguística no léxico local?

¹ Embora a Raposa possua estatuto de município, nós nos reportaremos a ela neste trabalho como comunidade da Raposa, visto que o modo de organização local ainda é o de uma comunidade de pescadores.

iv) O léxico da comunidade da Raposa tem marcas da estrutura sociocultural do povo nordestino?

Hipóteses foram levantadas:

- i) Por ser constituída principalmente por migrantes cearenses, mas, também, por contar com a presença de maranhenses, a comunidade de pescadores da Raposa tem influências linguísticas perceptíveis principalmente no nível lexical, tanto do linguajar maranhense como do cearense;
- ii) Há a presença de unidades lexicais não dicionarizadas no léxico local, as quais desempenham papel importante na construção da identidade coletiva da comunidade;
- iii) A variável idade não interfere no léxico utilizado para se referir à pesca, visto que faz parte da tradição da comunidade esse léxico ser transmitido de geração em geração;
- iv) Devido às suas características geográficas, como isolamento e distanciamento de grandes centros urbanos (no caso a capital do Estado, São Luís), considerados centros de inovação linguística, há evidências de manutenção linguística no léxico local;
- v) O vocabulário apresentado pelos informantes da pesquisa mostra a estreita relação entre língua e cultura, em especial, a cultura da pesca, e designa fatos ou objetos que fazem parte dessa cultura.

Nosso trabalho tem, portanto, como objetivo geral, realizar o levantamento e descrição do léxico dos pescadores do município de Raposa, estado do Maranhão, buscando observar em que medida o léxico de uma comunidade que trabalha com a pesca retrata a realidade sociocultural desse grupo.

Tivemos como objetivos específicos:

- i) Colaborar com os estudos culturais, dialetológicos e sociolinguísticos desenvolvidos no Brasil, favorecendo o (re) conhecimento linguístico-cultural da população da Raposa e do Brasil;
- ii) Estimular a reflexão sobre a cultura popular regional através de um uso da língua em particular, evidenciando, portanto, relações entre o local e o global;

- iii) Prover pesquisadores e estudiosos dos estudos linguístico-culturais da Língua Portuguesa e da linguagem em geral de um instrumento mais abrangente de acesso ao dialeto rural e à cultura regional, favorecendo o jogo de interlocução entre o erudito e o padrão e o popular e o não-padrão;
- iv) Elaborar um glossário contendo as unidades lexicais coletadas durante a pesquisa;
- v) Descrever o léxico coletado em entrevistas e em narrativas de pescadores, agrupando-os em campos semânticos;
- vi) Localizar unidades lexicais não dicionarizadas;
- vii) Levantar aspectos socioculturais da região estudada, para posterior auxílio à análise do corpus.

A base empírica do presente estudo foi constituída por dez entrevistas orais, realizadas na Raposa, cujas transcrições se encontram em CD-Rom, anexo a este volume. Essas entrevistas, parte fundamental desta pesquisa, foram transcritas, digitalizadas e enumeradas em linhas para melhor localização e consulta.

Apresentamos, a seguir, a estrutura da pesquisa realizada.

No **capítulo 1**, *Língua, Cultura e Sociedade*, abordamos a questão da língua como reflexo da cultura e da história de uma comunidade, versando sobre a cultura, as relações linguagem e cultura, cultura popular e léxico, homem – linguagem – sociedade. Nosso suporte teórico foi, sobretudo, Hymes (1971), Coseriu (1977) e Duranti (1997). Em seguida, discorreremos sobre a Sociolinguística, destacando a variação e a mudança linguística (LABOV, 2008) e a noção de redes sociais (MILROY, 1987). Apoiamo-nos, principalmente, em Biderman (1984), Oliveira e Isquierdo (2001), Coseriu (1991) e Matoré (1953), para tratarmos das relações entre léxico, cultura e sociedade; e em Haensch (1982), Barbosa (1995), e Esquivel (2011) para tratarmos da Lexicografia.

No **capítulo 2**, *Caracterização da Região*, abordamos os aspectos geográficos (localização, clima, limites e hidrografia) da Raposa, o histórico da região, onde versamos sobre a chegada dos pescadores cearenses à região a partir da Seca de 1958 que assolou seu estado de origem, o Ceará; traçamos o perfil econômico e social local, com enfoque para a importância da pesca para a região. Por fim, versamos sobre a relação entre cultura e o ambiente em que se inserem os pescadores. A esse item foi dedicada uma atenção especial, pois a pesca, suas modalidades, assim como os costumes e crenças - especialmente a

tradição oral dos pescadores, são de importância ímpar num trabalho que pretende investigar a relação língua – cultura – sociedade.

No **capítulo 3**, denominado *Procedimentos Metodológicos*, abordamos a região estudada e apresentamos os métodos e procedimentos adotados. Explicitamos a pesquisa de campo executada para o levantamento dos dados, detalhando os critérios adotados para a transcrição das entrevistas, a organização da ficha lexicográfica utilizada para a análise dos dados e a macro e micro estrutura do glossário.

No **capítulo 4**, intitulado *Apresentação e análise dos dados*, apresentamos os nossos *corpora* coletados nas dez entrevistas com pescadores moradores da Raposa. Os dados são apresentados na forma de fichas lexicográficas contendo: a) lexia; b) número de ocorrências; c) abonação; d) registro em dicionários, informações que subsidiaram nossa análise linguística. Em seguida, realizamos análise quantitativa e linguística dos dados apresentados nas fichas lexicográficas. Estabelecemos, também, comparações com os dados apresentados por Santos (2010), em dissertação intitulada *O léxico do canto do mangue*.

No **capítulo 5**, apresentamos o *Glossário* resultante da pesquisa, constituído a partir das lexias selecionadas e analisadas nas fichas lexicográficas. Essas lexias são apresentadas, num primeiro momento, segundo o critério onomasiológico e, em seguida, pelo critério semasiológico - o glossário propriamente dito.

Por último, no **capítulo 6**, em *Considerações Finais*, retomamos os principais aspectos discutidos nos capítulos anteriores e os resultados obtidos a partir das análises desenvolvidas.



FOTO 2 – Maçarico – Raposa/MA
Fonte: Roberto Sobrinho

CAPÍTULO 1 – LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

1.1 Cultura

Se a premissa de antropologia linguística é que a linguagem deve ser entendida como uma prática cultural, a pesquisa de campo deve ser antecedida por um estudo da noção de cultura² (Tradução nossa)

A discussão sobre o vocábulo cultura teve início no século passado e se intensificou na medida em que aumentaram os contatos entre povos e nações e se procurava explicar as sociedades modernas e industriais em virtude de tais contatos.

Inicialmente, o entendimento sobre o que significa cultura coincidia com a noção de civilização. Esses dois conceitos indicavam um ideal humanista positivo de desenvolvimento do homem, pelo poder da razão.

Revivida no Renascimento pelos humanistas, essa concepção clássica foi enfatizada por pensadores do Iluminismo do século XVIII, que a associaram à visão da história da humanidade, como progresso e desenvolvimento. Assim, tanto civilização quanto cultura serviam para designar os aspectos materiais da vida social, o universo de ideias, as concepções e as crenças.

Posteriormente, cultura começou a ser considerada em sentido contrário à civilização. Nos meados do século XVIII, Herder foi um dos que se opuseram a visão de história, rejeitando a aplicação do vocábulo em alemão equivalente a cultura (*cultur*) a todas as nações e períodos e seu emprego para se referir a civilidade e bom gosto

De acordo com Spencer (apud PIRES, 2009), Herder empregava *cultur* para se referir a todos os empreendimentos criativos, reconhecendo arte, costumes, ideias, credos e mitos como partes constituintes de uma comunidade cultural. Ressaltava, assim, a noção de expressões culturalmente variáveis da vida humana nas artes e nos costumes de um povo.

Por essa razão, Pires (2009) ressalta que o autor alemão é considerado o primeiro a utilizar o vocábulo cultura no sentido antropológico moderno para denotar um modo particular de vida de um grupo. “No século XIX, a cultura era um conceito utilizado pelos europeus para explicar os costumes dos povos dos territórios conquistados e povoados (na

² Si la premissa de la antropologia linguística es que debe entenderse el language como uma práctica cultural, nuestra aproximación al campo debe incluir um estudio de la noción de cultura. (DURANTI, 1997, p. 48).

África, na região Norte e América do Sul, Austrália, ilhas do Pacífico, Ásia)”³ (Tradução nossa).

De acordo com Santos (2006), com o passar do tempo, cultura e civilização ficaram quase sinônimas, apesar de se utilizar o vocábulo civilização, principalmente, em referência às sociedades de longa tradição histórica e detentoras de poder. O vocábulo cultura, por sua vez, é empregado não apenas em relação às sociedades, mas também “em grupos no seu interior”. Cascudo (1983, p. 45) explicita essa distinção:

As culturas produzem ofícios, especialidades, castas, classes, técnicas, métodos, processos, formulários, mas não aproximações generalizadoras, compreensivas, ampliadoras de entendimento [...] As culturas são conteúdos e a civilização continente. O espírito social determina a cultura e não esta à quele.

Disso, podemos inferir que há duas concepções básicas de cultura que sempre orientaram toda a sua discussão: a associação de cultura com conhecimento, proveniente da sua associação com erudição, refinamento pessoal, e a preocupação com a totalidade das características de uma realidade social, pautada na concepção de cultura da ciência do século XIX.

Santos (2006, p. 44) entende cultura como fruto do relacionamento entre essas duas concepções, conceituando-a como

uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade [...] diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela exista em alguns contextos e não em outros [...] é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social; é um produto coletivo da vida humana.

Cultura, então, sob esse ponto de vista, diz respeito a humanidade como um todo e ao mesmo tempo a vida dos povos, nações, sociedades e grupos humanos; abordagem esta também defendida por Ralf Linton (apud CASCUDO, 1983, p. 40):

Como termo geral, cultura significa a herança social e total da humanidade; como termo específico, uma cultura significa determinada variante da herança social. Assim, cultura, como um todo, compõe-se de grande número de culturas, cada uma das quais é característica de um grupo de indivíduos.

Atualmente, segundo Duranti (1997), as teorias têm tentado evitar uma noção globalizadora de cultura, e apóiam as práticas ou formas de participação específicas ou dependentes de um contexto determinado.

³ Em el siglo XIX, la cultura era un concepto utilizado por los europeos para explicar las costumbres de los pueblos em los territorios que iban conquistando y poblando (en África, em el Norte y el Sur de América, Australia, las islas Del Pacifico, Asia). (DURANTI, 1997, p. 48).

Muitos cientistas sociais, incluindo alguns antropólogos, têm contestado que a noção totalizadora de cultura se identifica com um programa de supremacia intelectual, militar e político por parte dos poderes ocidentais sobre o resto do mundo, que não se pode exercer sem uma série de dicotomias como nós e eles, civilizados e primitivos, racional e irracional, educado e analfabeto, etc. A cultura é o que os outros têm o que os fazem e mantêm diferentes e separados dos demais⁴. (Tradução nossa)

A cultura é desse modo utilizada para explicar porque minorias e grupos marginalizados não são facilmente integrados nas principais correntes sociais nem se integram com elas⁵ (Tradução nossa)

1.2 Linguagem e cultura

Segundo Duranti (1997, p. 94), uma das afirmações que mais enfaticamente postulam que nosso modo de pensar o mundo está influenciado pela linguagem que usamos para nos comunicar se encontra no artigo de Sapir, datado de 1929:

É uma ilusão imaginar que nos adaptamos a realidade sem a utilização da linguagem, e que ela é um mero instrumento incidental de solucionar problemas determinados na comunicação ou reflexão. O fato é que o “mundo real” está em grande medida inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos de um grupo. Não há duas línguas que sejam bastante parecidas para que se considere que representam a mesma realidade social. Os mundos que habitam as diferentes sociedades são mundos diferentes, não um mesmo mundo com diferentes rótulos (DURANTI, 1997, p. 94).

Para Sapir (1969), a linguagem tem um papel ativo na construção da nossa imagem do mundo, a qual varia de acordo com o sistema linguístico empregado.

Essa idéia foi assimilada e desenvolvida dez anos mais tarde por Benjamin Whorf e denominada *princípio do relativismo lingüístico* (também conhecida como Hipótese Sapir-Whorf): é a língua de uma determinada comunidade que organiza sua cultura, isto é, a maneira como esse povo absorve a realidade e a representação que constrói do mundo.

Essa teoria gerou duas interpretações, uma considerada mais *forte* e outra mais *fraca*: segundo a interpretação mais *forte*, existe, na teoria, um determinismo linguístico em que as estruturas da língua impõem uma forma de pensar e ver o mundo; já para a interpretação mais *fraca*, não há um determinismo, mas sim uma relatividade linguística, ou seja, a língua e a cultura são capazes de relativizar o pensamento.

⁴ Muchos científicos sociales, incluyendo algunos antropólogos, han contestado que la noción de cultura de identifica así con un programa colonial de supremacía intelectual, militar y política por parte de los poderes occidentales sobre el resto del mundo, que no puede ejercerse sin sumir una serie de engañosas dicotomías como << nosotros >> e << ellos >>, << civilizado >> y << primitivo >>, << racional >> e << irracional >>, << educado >> e << analfabeto >>. Hoy día, la cultura se emplea para explicar por qué las minorías y los grupos marginados no se integran fácilmente en las principales corrientes sociales ni se mezclan con ellas (DURANTI, 1997, p. 47)

⁵ Hoy día, la cultura se emplea para explicar por qué las minorías y los grupos marginados no se integran fácilmente en las principales corrientes sociales ni se mezclan con ellas. (DURANTI, 1997, p. 48)

Fato é que por trás do princípio do relativismo linguístico, existe uma importante relação entre linguagem, pensamento e cultura. Essa relação é de tal modo inegável que em algumas teorias da cultura, a linguagem desempenha um papel decisivo.

Duranti (1997) expõe seis dessas teorias:

i) A cultura como algo diferente da natureza.

De acordo com Duranti (1997, p. 50), a ideia de uma oposição entre cultura e natureza foi introduzida na antropologia americana por Franz Boas, influenciado pela filosofia de Kant, de que o ser humano existe devido a seu espírito livre e não às leis naturais que governam a fisiologia humana.

Dentro dessa perspectiva, a linguagem faz parte da cultura. Mais especificamente, as linguagens servem para categorizar o mundo natural e cultural. As linguagens são valiosos sistemas de classificação (taxonomias) que podem aportar indícios inestimáveis sobre as crenças e práticas culturais. Esses sistemas de classificação são arbitrários, pois de outro modo, como se poderiam explicar as diferenças entre os vocabulários e os campos semânticos de línguas distintas?⁶ (Tradução nossa).

ii) A cultura como conhecimento.

Se a cultura se apreende, então podemos pensar uma grande parcela sua enquanto conhecimento de mundo. Concebê-la como conhecimento não significa somente que os membros de uma cultura devam saber certos fatos ou sejam capazes de reconhecer objetos, lugares e pessoas. Significa também que devem compartilhar certos modelos de pensamento, modos de compreender o mundo, de fazer inferências e predições⁷ (Tradução nossa).

Segundo essa corrente cognitiva, a cultura de uma sociedade é definida como

[...] tudo que se deve conhecer ou acreditar a fim de agir de uma maneira aceitável para seus membros, qualquer papel que eles aceitem para si próprios. A cultura, entendida como aquilo que diferencia o que aprendemos da nossa herança cultural, deve consistir no produto final da aprendizagem, que é o conhecimento, em um sentido mais geral e relativo.⁸ (Tradução nossa).

⁶ Desde esta perspectiva, el lenguaje forma parte de la cultura. Más específicamente, los lenguajes sirven para categorizar el mundo natural y cultural. Son valiosos sistemas de clasificación (taxonomias) que pueden aportar inestimables indicios sobre las creencias y prácticas culturales. Estos sistemas de clasificación son arbitrarios, pues de otro modo, cómo podrían explicarse la diferencias entre los vocabularios y los campos semánticos de las distintas lenguas? (DURANTI, 1997, p. 50-51)

⁷ Si la cultura se aprende, entonces un gran parte de ella puede pensarse en términos de conocimiento del mundo. Esto nos significa solamente que los miembros de una cultura deban saber ciertos hechos o ser capaces de reconocer objetos, lugares y personas. También significa que deben compartir ciertos modelos de pensamiento, modos de entender el mundo, de hacer inferencias y predicciones. (DURANTI, 1997, p. 52)

⁸ [...] *todo lo que uno debe conocer o creer a fin de obrar de una manera aceptable para sus miembros, cualquier papel que ellos acepten para si mismos. La cultura, entendida como aquello que diferencia lo que aprendemos de nuestra herencia cultural, debe consistir en el producto final del aprendizaje, que es conocimiento, em um sentido más general y relativo*" (GOODENOUGH, 1964, p. 36 apud DURANTI, 1997, p. 52-53, grifo do autor).

Nessa perspectiva, conhecer uma cultura se assemelha a conhecer uma linguagem, visto que ambas são realizações mentais, e, principalmente, descrever uma cultura é como descrever uma linguagem. O objetivo das descrições etnográficas é descrever a “gramática cultural” dos povos (DURANTI, 1997, p. 53).

As expressões conhecimento proposicional e conhecimento procedimental são centrais na corrente cognitiva: o conhecimento proposicional diz respeito às crenças que podem ser representadas por meio de proposições. É o tipo de conhecimento prático sobre “o que se sabe” que os etnógrafos deduzem a partir das respostas dos informantes. Já o conhecimento procedimental é a informação de “como se sabe”, que o pesquisador infere a partir da observação do modo como as pessoas realizam tarefas do dia-a-dia e resolvem seus problemas (DURANTI, 1997, p. 53).

A linguagem é entendida como um grupo de proposições sobre o que o falante sabe (enquanto membro de uma sociedade ou comunidade linguística). Os antropólogos cognitivos baseiam-se no conhecimento das categorias linguísticas e de suas relações para defender que formar parte de uma cultura significa compartilhar (minimamente) o conhecimento proposicional e as normas de inferência necessárias para compreender se certas proposições são verdades (a partir de certas premissas)⁹ (Tradução nossa).

iii) A cultura como comunicação.

A teoria semiótica da cultura sustenta que essa é um sistema de signos; “uma representação do mundo, um modo de se dar sentido a realidade objetivizando-a em histórias, mitos, descrições, teorias, provérbios, produtos artísticos e espetáculos” (DURANTI, 1997, p. 60).

Um dos seguidores dessa corrente, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, “sustenta que a mente humana é a mesma em todos os lugares e as culturas são aplicações distintas das mesmas propriedades lógicas abstratas do pensamento, que todos os seres humanos compartilham e adaptam às suas respectivas condições de vida”¹⁰ (DURANTI, 1997, p. 60, tradução nossa).

⁹ [...] se entiende que el lenguaje es un grupo de proposiciones sobre lo que el hablante (como miembro de una sociedad o comunidad linguística) sabe (o cree) [...] Los antropólogos cognitivos se basan en el conocimiento de las categorías linguísticas y de sus relaciones para defender que formar parte de una cultura significa compartir (mínimamente) el conocimiento proposicional y las normas de inferencia necesarias para comprender si ciertas proposiciones son verdad (a partir de ciertas premisas). (DURANTI, 1997, p. 53).

¹⁰ Lévi-Strauss parte del supuesto de que la mente humana es la misma em todos los lugares, y de que las culturas son aplicaciones distintas de las mismas propiedades lógicas abstractas del pensamiento, que todos los seres humanos comparten y adaptan a sus respectivas condiciones de vida.

Segundo Duranti (1997, p. 64), Geertz também entende a cultura como comunicação; no entanto, ao contrário de Lévi-Strauss, não acredita que as diferenças culturais sejam variações de uma capacidade humana idêntica e inconsciente para o pensamento abstrato. Geertz se interessa por encontrar caminhos de compreensão da cultura humana antes de tentar explicá-los por meio de teorias que utilizem regras gerais de conduta. Contempla a cultura como um produto da interação humana, suscetível de ser interpretada. Segundo essa perspectiva, as manifestações culturais são atos de comunicação.

iv) A cultura como um sistema de mediação.

A teoria da cultura como uma atividade de mediação entre as pessoas e o mundo que em habitam (mental e fisicamente) não é senão uma extensão da noção de linguagem como sistema de mediação, linguagem como produto histórico e, que portanto, deve ser entendida dentro do contexto que a produziu (DURANTI, 1997, p. 71).

Falar da linguagem como uma atividade de mediação significa falar da linguagem como uma ferramenta tanto para reproduzir quanto para mudar a realidade. Essa teoria aproxima-se da teoria da linguagem como atos de fala. Em ambos os casos a linguagem é um instrumento de ação, conceito que segundo Duranti (1997, p. 72), aproxima-se bastante do de Sapir: “una amplia variedad de actos son lenguaje em sentido estricto, esto es, no tienen importancia para nosotros debido a la función inmediata que realizan, sino porque sirven de signos de mediación para realizar actos más importantes”.

v) A cultura como sistema de práticas.

Essa noção surgiu com o movimento intelectual do pós-estruturalismo, no qual Duranti (1997) destaca as contribuições de Bourdieu.

Para Bourdieu (apud DURANTI, 1997, p. 75), a língua é em si mesma um conjunto de práticas que integram não somente um sistema particular de palavras e regras gramaticais, senão também uma luta frequentemente esquecida, por ostentar o poder simbólico de uma modalidade de comunicação específica, com seus próprios sistemas classificatórios, formas de referência e tratamento, léxicos especializados e metáforas (para a política, a medicina e a ética).

Um certo enunciado linguístico pode realizar uma ação somente na medida em que há um sistema de disposições, a que Bordieu (apud DURANTI, 1997, p. 76) denomina *habitus*, compartilhado por uma comunidade. Esses sistemas, cujos atos de fala reproduzem diariamente as instituições como a escola, família, local de trabalho, as quais atribuem e

gerenciam seus significados, não se estabelecem somente para excluir os demais, mas também para manter aqueles que estão dentro delas sob seu controle, para assegurar-se que os atos que realizam e os significados que atribuem a tais atos permanecem dentro de um marco aceitável.

Duranti (1997, p. 76) destaca a importância dessas reflexões, uma vez que relacionam os atos individuais a marcos de referência mais amplos, incluindo a noção de comunidade, conceito que está no seio dos debates da sociolinguística e da antropologia linguística.

vi) A cultura como um sistema de participação.

A ideia da cultura como um sistema de participação se relaciona com a cultura como um sistema de práticas, e se baseia no pressuposto de que a comunicação verbal, como qualquer ação no mundo, é de natureza inerentemente social, coletiva e participativa. Essa noção de cultura é particularmente útil para observar o funcionamento da linguagem no mundo real, porque usar uma língua significa poder participar em interações com um mundo que é sempre maior que os habitantes e uma dada situação. As palavras levam em si mesmas centenas de possibilidades para nos conectarmos com outros seres humanos, outras situações, acontecimentos, atos, crenças e sentimentos. Isso se deve a capacidade que a linguagem tem para descrever o mundo, assim como para conectarmos com outros habitantes, objetos, lugares e épocas, reafirmando em cada momento uma dimensão sociohistórica frente a outras da ação humana. Assim, pois, a dêixis da linguagem faz parte da constituição de qualquer ato de fala como ato de participação em uma comunidade de falantes de uma língua¹¹ (Tradução nossa).

Duranti (1997) chama a atenção para o fato de cada uma das teorias de cultura, apresentadas, destacar um aspecto específico dos sistemas lingüísticos, contribuindo para a nossa compreensão da cultura como fenômeno complexo.

Destaca também que, se por um lado cada teoria supõe um plano de investigação próprio, todas juntas formam um arcabouço para o estudo da cultura e para a análise da língua como ferramenta social e conceitual, produto e instrumento da cultura.

¹¹ La idea de la cultura como un sistema de participación se relaciona con la cultura como un sistema de prácticas, y se basa en el supuesto de que la comunicación verbal, como cualquier acción en el mundo, es de naturaleza inherentemente social, colectiva y participativa. Esta noción de la cultura es particularmente útil para observar el funcionamiento del lenguaje en el mundo real, porque usar una lengua significa poder participar en interacciones con un mundo que es siempre más grande que nosotros, hablantes individuales, e incluso más grande que lo que podemos ver y tocar en una situación dada. Las palabras llevan en sí mismas cientos de posibilidades para conectarnos con otros seres humanos, otras situaciones, acontecimientos, actos, creencias y sentimientos. Esto se debe a la capacidad que tiene el lenguaje para describir el mundo, así como para conectarnos con SUS habitantes, objetos, lugares y períodos, reafirmando en cada momento una dimensión sociohistórica frente a otras de la acción humana. Así, pues, la dêixis del lenguaje forma parte de la constitución de cualquier acto de habla como acto de participación en una comunidad de hablantes de una lengua. (DURANTI, 1997, p. 76)

1.2.1 Cultura popular e léxico

A noção de cultura popular é relativamente recente, tendo surgido na Europa com o movimento romântico de inícios do século XIX, justamente quando aumentou a separação entre cultura de elite e cultura popular. (ORTIZ, 1994, p. 61).

Ortiz (1994), por sua vez, prefere a expressão culturas populares a cultura popular, pelo fato desta ser heterogênea, plural, e suas diferentes manifestações folclóricas não se inserirem no interior de um sistema único, nem partilharem traços em comum.

Tais manifestações ocorrem num determinado contexto histórico-cultural, o qual, segundo Coseriu (1982), abrange tudo o que pertence à tradição cultural duma comunidade e, ao integrar sua história espiritual constitui uma forma peculiar de contexto também histórico. Assim, a tradição é mantida pelo esforço de celebrações sucessivas, pois a memória de um grupo social existe enquanto vivência.

Câmara Junior (1972, p. 266) caracteriza a língua como um microcosmo da cultura. Para ele, “Tudo o que a cultura possui, se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Mas, como ao mesmo tempo a língua integra em si toda cultura, ela deixa de ser esse fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura”.

No tocante a essa relação entre linguagem e cultura, Boas (apud DURANTI, 1997, p. 86) se viu fascinado pelas diferentes maneiras que as línguas têm de classificar o mundo e a experiência humana. Utilizando seus conhecimentos de línguas ameríndias, mostrou que o modo como as línguas classificam o mundo é arbitrário, afirmou, também, que cada língua tem sua própria forma de construir um vocabulário que divide o mundo e estabelece categorias de experiência (arbitrariedade das línguas).

Edward Sapir (apud DURANTI, 1997, p. 89) deu continuidade e ampliou o interesse de Boas pelas línguas, acreditando que essas eram imprescindíveis para o desenvolvimento da cultura. Além disso, criticou arduamente qualquer tentativa de classificar algumas línguas como mais “primitivas” que as outras.

Acreditando que a cultura se expressa na língua, conforme já apontamos, é o léxico o nível linguístico que mais revela o ambiente físico e social dos falantes de uma dada comunidade. Por abrigar todas as unidades formadoras do sistema linguístico e estas unidades, por sua vez, serem criadas a partir das necessidades linguístico-expressivas e interesses de uma comunidade em reportar-se a novos elementos, é no nível lexical que são

registrados os costumes, ideologias e técnicas de um grupo social. Conforme afirma Fiorin (2001, p. 115), “O léxico de uma língua forma-se na História de um povo”

Deste modo, o sistema lexical de um grupo “denuncia” toda a sua organização social. Os seus elementos constitutivos, como a sua história, as manifestações artísticas, as religiões, as atividades econômicas, os valores, as suas práticas sociais enfim, estão refletidas no seu acervo de palavras.

1.3 Homem, língua e sociedade

A história da humanidade e a história da linguagem se confundem, pois o homem é um ser social e, para se comunicar, os povos utilizaram, desde os primórdios, algum sistema de comunicação oral. Há, portanto, uma dependência bilateral entre língua e sociedade, pois se a sociedade precisa de uma língua que viabilize a comunicação dos povos, uma língua, por sua vez, para existir, necessita de uma comunidade que a utilize.

A linguagem faz existir o mundo, organiza-o como mundo histórico, sendo assim indissociável do elemento social. A língua, por se constituir uma instituição social, serve para veicular cultura, mediar a interação entre os membros de uma sociedade, retratar o pensamento de determinada época, fornecendo elementos para a leitura da sociedade.

Alkmin (2008, p. 21) assinala que “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável.” Assim, podemos dizer que uma língua (ou uma variação dela) é o reflexo da sociedade pela qual é usada.

No âmbito dos estudos linguísticos, foi a partir do século XX, com os estudos de Ferdinand de Saussure (1916) que essa relação linguagem-sociedade passou a ser considerada. Saussure caracteriza a língua como um produto social da faculdade da linguagem no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social, mas não a assume como objeto de seus estudos linguísticos.

Ao definir a língua como um fato social, produzido pela coletividade de falantes, Saussure traz a tona a questão do caráter coletivo da língua. Contudo, ao conceber a língua como um sistema uniforme e buscar elaborar um modelo abstrato da língua, onde nenhum indivíduo é possuidor da mesma, pois esta é elaborada pela comunidade e somente nela é uma instituição social, Saussure deixa de lado o seu uso, ou seja, as condições extralinguísticas nas quais se produzem os atos de fala.

A língua não é vista, portanto, como um organismo vivo, mas um fenômeno social que deve ser compreendido a partir de seu papel no grupo. Essa atitude marcou a linguística da maior parte do século XX – a Linguística Estrutural.

Segundo Calvet (2002, p. 17), é Meillet que confere um conteúdo mais preciso a noção de fato social:

uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior a soma desses indivíduos, ela é contudo, por sua generalidade, exterior a eles [...] as características de exterioridade ao indivíduo e de coerção pelas quais Drukheim define o fato social aparecem na linguagem como evidência última.

Contemporâneo de Saussure, estudioso de questões diacrônicas, Meillet utilizava em seus estudos linguísticos uma orientação diacrônica, mas acreditava que a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade.

Considerava a estrutura a sociedade como uma força determinante da mudança linguística, postulando que

a língua é eminentemente um fato social. Tem-se frequentemente repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam [...] porque se a realidade de uma língua não é qualquer coisa de substancial, ela não existe em menor grau. Essa realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social¹² (Tradução nossa).

Para Meillet (1948, p. 17-18), a principal tarefa da linguística geral consiste em “determinar a que estrutura social corresponde uma estrutura linguística dada e como, de modo geral, as mudanças da estrutura social se traduzem nas mudanças de estrutura linguística”¹³ (Tradução nossa).

Segundo Calvet (2002), Meillet une, na sua concepção de língua, tanto o aspecto coletivo enfatizado por Saussure quanto a ideia de realidade social desenvolvida por Durkheim em sua interpretação da sociedade. Vê a mudança social como o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística, aproximando-se da posição a vir a ser adotada na Sociolinguística.

Bakhtin (1929 apud ALKMIN, 2008) também relacionou linguagem e sociedade, criticando o sistema abstrato de formas linguísticas, proposto por Saussure e trazendo a tona a noção de interação verbal/comunicação social, mas foi Benveniste quem, dentre os linguistas

¹² La langage est éminemment un fait social. On a souvent repete que lês langues n’existent pás em dehors dês sujets qui lês parlent [...] Car si la réalité d’une langue n’est pás quelque chose de substancial, elle n’em existe pás moins. Cette réalité est à la fois linguistique et sociale. (MEILLET, 1948, p.16).

¹³ Déterminer à quelle structure sociale répond une structure linguistique donnée et comment, d’une manière générale, les changements de structure sociale se traduisent par des changements de structure linguistique.

do século XX, trabalhou com esse tripé homem – linguagem – sociedade, considerando a língua como instrumento de análise da sociedade, que a contém e por essa razão a interpreta.

1.4 Contribuições da sociolinguística

Meyerhoff (2006, p. 296) descreve a sociolinguística como:

o estudo da língua em uso, língua em sociedade, cujo campo é uma grande *tenda*: pode englobar trabalho feito em análise do discurso, estudos de interação, sociologia, antropologia, estudos culturais, feminismo, e também pode ser utilizado de modo muito mais restritivo para somente se referir a estudos variacionistas na tradição laboviana¹⁴ (Tradução nossa).

Essa descrição da autora revela uma das características da Sociolinguística, a interdisciplinaridade – foi exatamente devido a essa sua natureza interdisciplinar que houve alguns entraves em relação à conquista da sua verdadeira identidade como disciplina ou área do conhecimento. Por fundamentar-se também em princípios fornecidos por outras áreas do saber, a Sociolinguística recebeu colaboração das disciplinas *Antropologia linguística*, *Sociologia da linguagem* e *Etnografia da comunicação*, estas duas últimas inclusive confundidas com a *Sociolinguística*.

Labov (2008) diferencia Sociolinguística da Sociologia da Linguagem e Etnografia da Fala. Para esse autor, a Sociologia da Linguagem “centraliza sua atenção nos fatores sociais de larga escala que interagem mutuamente com línguas e dialetos” (LABOV, 2008, p. 216). Já a Etnografia da fala (HYMES, 1971), preocupa-se em descrever e analisar “padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica” sendo um “estudo funcional concebido como complementar ao estudo da estrutura linguística” (LABOV, 2008, p. 216).

No que se refere à Antropologia linguística, cujos maiores expoentes foram F. Boas (1911), Edward Sapir (1921), Benjamin L. Whorf (1941), linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos tão inseparáveis que linguistas e antropólogos trabalham lado a lado, de modo integrado.

O termo Sociolinguística, referente a uma subárea da Linguística, fixou-se somente em 1964, num Congresso na Universidade da Califórnia - Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright. Nesse congresso participaram estudiosos que viriam a ser

¹⁴ Sociolinguistics is the study of language in use, language in society. The field of sociolinguistics is a big tent: it can encompass work done in discourse analysis, studies of interaction, sociology, anthropology, cultural studies, feminism, etc. It can also be used much more restrictively to only refer to variationist studies in the Labovian tradition.

referência nesse campo: Einar Haugen, José Pedro Rona, John Fisher, John Gumperz, William Labov e Dell Hymes. Em 1966, Bright publicou os trabalhos apresentados no congresso em um livro chamado *Sociolinguistics*, do qual ele mesmo escreveu o texto introdutório “As dimensões da sociolinguística”, onde define e caracteriza a área.

Para Bright (1966 apud LABOV, 2008), a Sociolinguística tem como objetivo relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações sociais observáveis nesta mesma comunidade. Define o objeto de estudo deste campo como sendo a variedade linguística, e determina uma série de fatores relacionados a esta variação: a identidade social do falante, a identidade social do ouvinte, o contexto social e o julgamento social das atitudes linguísticas.

Dando continuidade aos estudos de Bright (1966 apud LABOV, 2008) os amplia e passa a descrever a heterogeneidade linguística, fixando um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

Para Labov (2008, p. 13), é tão intrínseca a relação linguagem-sociedade que, na Introdução do livro Padrões Sociolinguísticos (*Sociolinguistic Patterns*), menciona que durante anos resistiu ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida, mas não social. O exame da importância dos fatores sociais no processo de mudança linguística sempre esteve no seio de seus estudos, os quais visavam demonstrar que a língua é heterogênea, está condicionada a fatores extralingüísticos e está experimentando constantemente um processo de mudança.

Para Labov (2008), havia uma variação na *parole*, ou fala, que deveria ser estudada e o componente social é fundamental para o seu entendimento. Determina, assim, a língua falada, observada, descrita e analisada em situações reais de uso como seu objeto de estudo. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas a respeito aos usos lingüísticos.

Ao concentrar seus estudos na identificação dos processos de mudança linguística em desenvolvimento, comprovando a estreita ligação entre formas linguísticas e fatores sociais, Labov (2008) traz a tona questão da relação íntima entre a língua e a sociedade para a Linguística, tendo-se em conta parâmetros de variação linguística como a geografia, a idade, a classe social dos falantes, etc.

A Sociolinguística fixa-se, desse modo, como uma área da linguística que estuda a língua através de fatores externos, os quais caracterizarão a diversidade e a heterogeneidade linguística. Cabe a essa área de estudo

investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático [...] No conjunto de variáveis internas, encontram-se fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais [...] No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva) (MOLLICA, 1989, p.11).

Consequentemente, com as pesquisas sociolinguísticas, variedades linguísticas pouco reconhecidas socialmente passaram a ser tomadas como igualmente válidas e dignas de estudo.

Em se tratando dos estudos do léxico, esta mudança de postura teve consequências: a principal delas foi a concepção clara de que o léxico já não pode ser encarado meramente como o repositório das unidades lexicais e suas respectivas idiossincrasias, mas, antes, como uma componente da gramática que, apesar das suas especificidades (tais como o fato de ser um sistema aberto e em expansão), apresenta as suas regularidades próprias e uma forma de estruturação específica, uma vez que reflete a cultura dos falantes que dele fazem uso.

Estudar o universo lexical de um grupo significa analisar tanto suas características sociais, quanto culturais, ou seja, estudar o sujeito falante inserido em um contexto sócio-linguístico-cultural.

As características desse contexto são refletidas na língua, uma vez que, por ser uma das criações humanas e instrumento social de comunicação, a língua existe “intimamente ligada à cultura de um povo. É ao mesmo tempo elemento da cultura e instrumento dessa mesma cultura” (CARDOSO, 1988, p. 231). Como cada grupo humano possui uma história e um modo de viver específicos; as línguas, também, são marcadas pelos traços destas atividades sócio-culturais específicas.

Por essas razões, torna-se bastante produtiva uma pesquisa que vise ao estudo do léxico de uma dada comunidade de fala, tomando como base tanto os princípios da Sociolinguística quanto da Antropologia Linguística.

1.4.1 Variação e mudança linguística

Língua e variação são inseparáveis: qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações, uma vez que nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades.

Camacho (apud ALKMIN, 2008, p. 55) complementa:

Se as línguas naturais humanas consistem em sistemas organizados de forma e conteúdo, seria estranho que a variação não fosse uma de suas propriedades mais marcantes e significativas. Na realidade, a diversidade é uma propriedade funcional e inerente aos sistemas lingüísticos.

Como assinalado no item anterior, a Sociolinguística encara essa diversidade linguística não como um problema, mas como qualidade constitutiva do fenômeno lingüístico, fazendo da variação e mudança linguísticas seus principais objetos de estudo.

Podemos conceituar variação linguística como as diferentes manifestações e realizações da língua, decorrentes de fatores de natureza histórica, regional, social ou situacional, as quais podem ocorrer em nível fonético e fonológico, morfológico, sintático, lexical e semântico.

Constituem tipos de variação:

- a) Variação diastrática ou social – relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Classe social, idade, sexo e situação ou contexto social são fatores que estão relacionados às variações de natureza social.
- b) Variação diatópica ou geográfica – relaciona-se a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.
- c) Variações estilísticas ou registros – a variação estilística ou de registro é o resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão do falante sobre as formas que seleciona para compor seu enunciado. São as variações linguísticas relacionadas ao contexto, ocorrem quando os falantes diversificam sua fala, usam estilos ou registros distintos, em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais.
- d) Variação diafásica – variação relacionada a diferentes situações de comunicação, a fatores de natureza pragmática e discursiva: em função do

contexto, um falante varia o seu registro de língua, adaptando-o às circunstâncias.

Para Labov (2008) toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação para, em seguida, ocorrer a mudança. Como a mudança e variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra (CHAGAS apud ALKMIN, 2008).

Toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem estes falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças, pois as mudanças são lentas e graduais, são parciais, não envolvem o sistema lingüístico como um todo e sofrem influencia de uma força oposta, a força *de preservação da intercompreensão* (GABAS JUNIOR apud ALKMIN, 2008, p. 81, grifo nosso).

Segundo Coseriu (1977), em relação à mudança linguística há um delicado jogo de continuidade e de inovações: a língua nunca está pronta e é recriada a cada geração ou mesmo em cada situação de fala. Sendo recriada constantemente, está sujeita a alterações. Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer.

1.4.2 Redes sociais e mudança linguística

A teoria das redes sociais foi introduzida na Sociolinguística pela Sociologia. Em outros campos das ciências sociais, as redes sociais tiveram um grande impacto na investigação de como as inovações propagam-se pela sociedade (MEYERHOFF, 2006, p. 185).

Entretanto, o uso sistemático das redes sociais como base para a análise da variação linguística está associada à pesquisa de James e Lesley Milroy's em Belfast, Irlanda do Norte (1980). Eles perceberam que em um dos grupos estudados, as mulheres apresentavam variáveis mais próximas do vernáculo do que os homens, o que foi explicado pelo fato dessas mulheres pertencerem a redes densas, em função de certas interações e da questão do trabalho. Descobriram, assim, que os padrões para a mudança linguística que eles observaram estavam correlacionados de modo muito informativo com a teia de relações que compõem as redes sociais.

Milroy (1992, p. 84) assim define as redes sociais: “os indivíduos tem contratos sociais uns com os outros indivíduos e a rede social diz respeito aos indivíduos e suas relações

que podem ser ‘contratadas’ entre os mesmos e não baseadas primariamente em estruturas pre-definidas de um grupo”¹⁵ (Tradução nossa). A partir desse estudo, consideram-se que as redes sociais são pelo menos tão importantes quanto as categorias macro-sociais como classe, para compreender como as mudanças ocorrem e se propagam pela (s) comunidade (s).

A partir desse conceito de redes sociais, Milroy (1987) propõe o estudo da variação linguística baseado na análise de contatos informais de indivíduos que estão ligados entre si por redes de relacionamentos. Segundo esse conceito, a *densidade* e a *multiplexidade* de relações entre os indivíduos de uma determinada comunidade podem tornar essa comunidade mais ou menos receptiva aos padrões linguísticos normatizadores.

Entenda-se por redes densas e multipléxicas, aquelas em que as várias atividades de interação verbal são desempenhadas pelas mesmas pessoas; quando, por exemplo, o professor é, ao mesmo tempo, primo, vizinho, frequentador dos mesmos locais do seu aluno. Desse modo, nas comunidades urbanas, as redes sociais são menos densas, já que cada indivíduo só se relaciona com uma parcela reduzida do conjunto de indivíduos da comunidade e os indivíduos têm um papel definido nas relações, sendo, portanto, *uniplex*. Esse tipo de comunidade é mais receptiva à influência de padrões institucionais e de prestígio social. Já em comunidades mais fechadas e tradicionais, como as que existem na zona rural, a rede de relações sociais é mais densa e multiplexa, tornando essas comunidades menos receptivas à normalização linguística em processos de mudança de cima para baixo.

De acordo com Milroy (1987), as redes densas e multipléxicas das comunidades pequenas e tradicionais, onde todos se conhecem, funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada entre os falantes de uma comunidade linguística.

O tratamento dado por Milroy à mudança linguística a partir das relações sociais é de grande importância para nosso estudo, pois nos dará o devido suporte para observarmos em que medida os pescadores interagem numa rede mais ou menos densa e em que sentido essa interação influencia no universo lexical por eles utilizado.

1.5 Lexicologia

A Lexicologia pode ser definida como o ramo da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico. Sua definição, sua legitimidade como ciência e sua área de abrangência foram bastante questionadas entre os estudiosos, visto que o léxico, por ser um

¹⁵ Individuals have social contracts with other individuals, because social network is about individuals and the relationships that can be contracted between them, and not primarily based on pre-defined group structures.

sistema aberto e em expansão, é uma área difícil de receber uma abordagem sistêmica e ser formalizado em regras.

Para Biderman (1981) a Lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos e tem uma ligação com a semântica. Costuma ser definida como “*a ciência do léxico duma língua*” e estuda o relacionamento das palavras com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.

Dessa forma, é preciso entender o léxico também como o conjunto de vocábulos que cada indivíduo retém na memória e que possibilita a transmissão de pensamentos, idéias, desejos, emoções, a cada ato de fala. Biderman (1978, p. 81) considera que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos – as palavras.” Aliás, em torno do conceito de palavra existem definições adversas, terminologias e tendências, quanto à sua concepção e uso. Biderman (1978, p. 73), diz que “a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante”.

Vilela (1979, p. 17) considera ser a palavra o elemento significativo que constitui o sistema basilar da língua. Reconhece as várias acepções dadas, e considera o lexema como a principal unidade do léxico e esclarece: “Se a palavra é difícil de definir, a intuição dos falantes apercebe-se dela e assegura que ela existe”.

Segundo Coseriu (1977), o objeto de estudo dessa ciência é a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade. O linguista Coseriu (1980), através de seus estudos, substitui o vocábulo Lexicologia por Lexemática. Para ele, a significação lexical – objeto da Lexemática – parte como conteúdo das palavras lexicais e distingue-se de outros tipos de significado, tendo um valor de existência presente nas frases.

Considerando Matoré (1953), lexicólogo francês, a Lexicologia é uma disciplina sociológica que se utiliza das palavras como material linguístico; essa possui um caráter interdisciplinar, onde o nível lexical é o menor de todos os níveis da língua, dada a necessidade de recorrer sempre a elementos extralinguísticos no processo de explicação do significado de determinadas lexias.

Lexicologia é também o estudo dos mecanismos de produção e de atualização dos itens lexicais, o que não significa que se deva deixar de valorizar a dimensão social na análise da significação; pelo contrário, dá-se pela a recuperação de pontos relacionados ao contexto externo que influenciam a definição do significado.

O estudo do léxico possui uma grande tradição. Já na Linguística Românica, entre os séculos XIX e XX, assinala-se a produção de trabalhos em três áreas da Lexicologia, evidenciando a relação entre léxico e cultura: i) a Semântica Evolutiva ou História das Palavras; ii) o domínio conhecido como de “Palavras e Coisas”; iii) a Geografia Linguística.

Nas décadas de cinquenta e sessenta, com a Teoria da Informação, a Lexicologia sofreu um grande impulso teórico, pois foram produzidos trabalhos e pesquisas relacionados a estudos quantitativos e probabilísticos em torno do léxico. Surgia a preocupação de estudiosos e pesquisadores quanto à definição do objetivo da Lexicologia.

Contemporaneamente, o tratamento dado ao léxico tem propostas, teórico-práticas, provenientes das mais diversas correntes da Linguística, principalmente, do Estruturalismo.

O estudo lexicológico moderno parte da noção da palavra como unidade de significação formada por elementos foneticamente articulados e inseparáveis, com possibilidades de comutação em vários níveis.

Considerando-se a estreita relação entre história da língua e história de um grupo social, o léxico de uma língua simboliza, sobretudo, um patrimônio cultural, pois o universo vocabular de um grupo sintetiza a maneira e a forma com que seus membros estruturaram o mundo que os rodeia e designaram as diferentes esferas do conhecimento. Isto porque “o universo conceitual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema de categorias léxicas. As palavras geradas por tal sistema são chamadas rótulos, através dos quais o homem interage com seu meio” (BIDERMAN, 1978, p. 82).

Sobre essa interação do homem com seu meio, tendo como enfoque o léxico, Souza (2008, p. 21) ressalta que:

por meio do léxico, a língua revela características peculiares do local onde se vive como, também, das crenças e costumes de um grupo social. No ato de nomear, conservando ou criando palavras, ou mesmo no ato de se comunicar, é que se evidencia a importância do léxico, o seu papel como elemento revelador de aspectos socioculturais de uma comunidade.

Isquierdo e Krieger (2004, p. 11) dizem, a esse respeito:

Na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura.

Como apontamos, percebem-se os diferentes recortes que se pode fazer num universo lexical quando se propõe a estudar o léxico de uma língua e, ainda mais, quando se propõe a relacioná-lo com a cultura.

Considerado o menos linguístico de todos os níveis da língua, devido à necessidade de se recorrer a elementos extralinguísticos para sua análise, “o estudo do nome ou o estudo do léxico congrega o linguístico e o não linguístico” (SEABRA, 2008, p. 7). Devido a isso, podemos dizer que a Lexicologia tem um forte caráter interdisciplinar, englobando caminhos metodológicos de descrição e análise dos dados que incorporam tendências das diferentes correntes linguísticas.

1.6 Lexicografia

A Lexicografia pode ser definida como uma disciplina que se dedica às “técnicas do labor dicionarístico” (ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 12), o que inclui a análise dos dicionários já existentes, o estudo de metodologias e princípios teóricos para a sua elaboração e estruturação e o debate dos principais problemas teórico-práticos subjacentes à sua produção.

De acordo com Lorente (apud ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 29), a lexicografia, tradicionalmente, é considerada a vertente aplicada da Lexicologia:

Embora, nas últimas décadas, tenha se posicionado como uma disciplina autônoma, sob a ideia de fazer dicionário não é linguística, seu fundamento se baseia na representação da informação associada às unidades lexicais, representações adaptadas a diferentes dicionários e usuários, mas sempre compreendidas como representação lexical.

Para Lara (apud ISQUERDO; KRIEGER, 2004, p. 149-150), a Lexicografia é uma metodologia, não uma ciência. Para defender essa ideia, argumenta que a lexicografia

não estuda um objeto, mas oferece métodos e os procedimentos para criá-lo.[...] O fenômeno dicionário é o resultado de por em prática os métodos pelos seres humanos que interpretam, tanto seus métodos, quanto os vocábulos que tratam [...] Tratando-se de uma metodologia, oferece as técnicas e os procedimentos de construção dos dicionários.

A Lexicografia divide-se em Lexicografia prática, que visa à descrição do léxico e produção de dicionários, vocabulários e glossários, e em Lexicografia teórica ou Metalexigrafia. Essa abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia e a pesquisa do uso de dicionários.

Apesar de a prática lexicográfica ser bastante antiga, a Lexicografia ou Metalexicografia, como ciência, é uma disciplina bastante recente.

Dentre as questões estudadas pela lexicologia e lexicografia, destacam-se, segundo Barbosa (1995, p.2), as funções, correlações e oposições que se estabelecem entre dicionário, vocabulário e glossário.

No que concerne às oposições, a autora destaca a diferenciação proposta por Lígia Rivera Domingues:

Assim, os termos léxico, vocabulário, dicionário e glossário são usados para se referir a mesma problemática na lexicografia. No entanto, há diferenças entre eles (...) Uma dessas diferenças consiste em considerar o nível linguístico que é parte do corpus estudado. Se o corpus se baseia na língua, teremos dicionários e vocabulários, mas se o corpus pertence à fala, teremos vocabulários e glossários. (...) Léxico e dicionário, por um lado, e vocabulário e glossário, por outro, podem definir-se também considerando-se a delimitação do corpus usado para análise. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala (...). Por outro lado, dicionários são obras de codificação e vocabulários e glossários, de decodificação¹⁶. (Tradução nossa).

Segundo Barbosa (1995), enquanto o dicionário tem como objetivo a reunião e definição do maior número possível dos lexemas de uma língua e os definir; o vocabulário procura representar o conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso (político, geográfico, religioso) – como os vocabulários técnico-científicos e especializados; por sua vez, o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em um único contexto, exatamente como pretendemos fazer em nossa pesquisa, cujo objeto de estudo se restringe a uma área geográfica, a Raposa.

Haensch (1982) destaca as duas acepções com que a lexia glossário é empregado na lexicografia: i) toda obra lexicográfica que registra e explica vocábulos utilizados por autores em uma obra literária ou em um texto dialetal – aqui o autor faz uma crítica, advertindo que nem todas as obras lexicográficas que se prestam a esse fim recebem o mesmo nome, visto que, muitas vezes, autores insistem em denominá-las de ‘vocabulário’; ii) repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue e plurilíngue), que não pretende ser exaustivo e em que a seleção de palavras se deu mais ou menos aleatoriamente.

¹⁶ Así, se emplean para referir-se a la misma problemática en lexicografía terminos como léxico, vocabulario, diccionario y glosario. Sin embargo, existen realmente diferencias entre ellos (...) Una de esas diferencias radica en considerar el nivel linguístico del que forma parte el corpus estudiado. Si el dato se basa en la lengua, tendremos diccionarios y léxicos, pero si el corpus pertenece al habla, resultarán vocabularios y glosarios (...) Léxico y diccionario por un lado, y vocabulario y glosario por el otro, pueden definir-se también si se considera la delimitación del corpus empleado para el análisis. El vocabulario y el glosario están limitados por las peculiaridades del habla; (...) Por otra parte, léxicos y diccionarios son obras de codificación y vocabularios y glosarios de decodificación. (DOMINGUES apud BARBOSA, 1995, p.2).

Em relação ao registro, os glossários podem registrar uma parcela maior ou menor do léxico total de uma língua ou referir-se a uma determinada região, tarefa esta reservada para o que Haensch denomina “dicionários regionais”. Podem ainda ter caráter prescritivo, determinando a forma considerada correta de uma palavra ou frase ser empregada, ou ter caráter descritivo, registrando como os itens lexicais tais quais são de fato utilizados.

Esquivel (2011, p. 34) denomina os dicionários regionais de dicionários de campo, os quais conceitua da seguinte forma:

as fontes de corpus textual nesse tipo de obra são os informantes de diferentes idade, sexo, profissão, nível socioeconômico e cultural, representativos da variedade que é objeto do tratamento lexicográfico, que se submetem a uma coleta de dados (unidades léxicas, contextos, informações linguísticas e culturais) e de observação do discurso livre¹⁷ (Tradução nossa).

O glossário que pretendemos fazer como resultado de nossa pesquisa inclui-se nas classificações regional e descritivo.

A explicitação dos procedimentos metodológicos utilizados na organização do glossário resultante dessa pesquisa, assim como os pressupostos de Haensch (1982) e Esquivel (2011), nos quais nos baseamos, encontram-se no capítulo 3 desta dissertação.

No próximo capítulo, trataremos de aspectos históricos, geográficos e sociais da região onde realizamos nossa pesquisa de campo.

¹⁷ La lexicografía moderna, sentada em uma sólida base metodológica, adopta dicho planteamiento mediante la creación de los diccionarios llamados de campo. Las fuentes del corpus textual em este tipo de obras son los informantes de diferente edad, sexo, profesión, nivel socioeconómico y cultural...representativos de a variedad que es objeto de tratamiento lexicográfico, que se someten a una extracción de datos (unidades léxicas, contextos, informaciones lingüísticas y culturales...) y de observación del discurso libre.



FOTO 3 – Biana – Raposa/MA
Fonte: Roberto Sobrinho

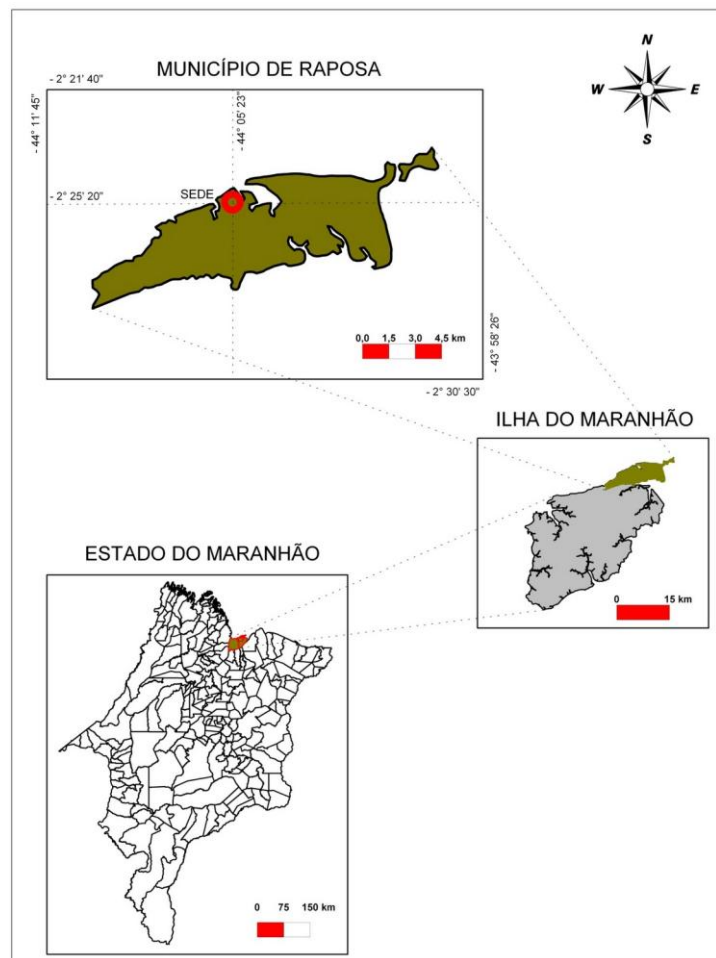
CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO DA REGIÃO

2.1 Aspectos geográficos

2.1.1 Localização

O município da Raposa localiza-se na ilha do Maranhão, ou Ilha de São Luís, onde também estão encravados os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e São Luís, a capital do estado do Maranhão, distando desta aproximadamente trinta e sete quilômetros. Integra, portanto, a região metropolitana da grande São Luís, situando-se na faixa litorânea, em um trecho da costa maranhense classificado por Feitosa (1998) como extremo Nordeste da ilha de São Luís.

O município tem como coordenadas geográficas de $02^{\circ} 21'$ a $02^{\circ} 30'$ de latitude Sul, e de $43^{\circ} 58'$ a $44^{\circ} 11'$ de longitude Oeste.



MAPA 1 – Município da Raposa-MA

Fonte: <http://www.neysilva.com/p/diagnostico-geoambiental-e-socio.html> (Acesso: 20/4/2012)

2.1.2 Clima

Apesar das diversas condicionantes meteorológicas, a zona costeira do Maranhão, onde está situado o município de Raposa, possui um clima relativamente estável. Segundo Feitosa (1998), os períodos chuvosos e secos ocorrem com suficiente regularidade, ainda que, nas duas últimas décadas, indiquem certa subordinação às estiagens mais rigorosas que têm atingido outros estados nordestinos. Ainda segundo esse autor, o clima de Raposa pode ser classificado como AW', isto é, clima quente com chuvas de verão retardadas para o outono.

2.1.3 Limites e hidrografia

A Ilha de São encontra-se envolvida quase na sua plenitude por três importantes baías, a de São Marcos, a de São José e a do Arraial, formadas pelo Oceano Atlântico, nas quais estão os estuários dos principais rios genuinamente maranhenses.

O município de Raposa está localizado na ponta Norte da ilha, limitando-se ao Norte e a Oeste com a extremidade leste da Baía de São Marcos, já quase no início da Baía de São José. A Leste, limita-se com a Baía de São José e ao Sul com Paço de Lumiar. Possui extensa faixa litorânea, onde se encontram, além da Praia do Araçagy, a maior e mais frequentada praia da ilha, outras menores: Olho-de-Porco, Pucal, Curupu (na ilha de Curupu), e do Canto. A Praia de Carimã destaca-se pelas suas pequenas dunas e lagoas, nas proximidades da Ponta do Garrancho.

A sede do município de Raposa é uma península em cujo entorno se encontram frondosos e produtivos manguezais, esses, também comuns, nas margens dos inúmeros córregos e igarapés que integram a rede hidrográfica municipal, entre eles, o Braço do Curupu, os Igarapés: do Combique, da Raposa, do Facão, Afoga-Burro, Cabeceira, Munjijaia, Ariquissal, Pau-Deitado, Mocajituba, Pucal (onde há a Lagoa do Pucal), o do Porto do Braga, o do Porto da Emília e o do Porto da Raposa.

2.2 Histórico da chegada dos pescadores cearenses à Raposa

Os primeiros cearenses a chegarem à Raposa foram o Sr. Antônio Ferreira dos Santos (Antônio Pocal) e o Sr. José Martins dos Santos (José Baiaco). Em seguida, chegaram Francisco Carlos dos Santos (Chico Noca), Expedito Maurício dos Santos (Zé Maria Castelo) e o Sr. Geraldo Veríssimo de Souza (Lalau), também atraídos, segundo o Sr. Chico Noca, pela

notícia da abundância de peixes no local. De 1950 a 1958, essas famílias foram as únicas a residir na Raposa.

Um ano depois, Chico Noca incumbiu-se da tarefa de voltar a Acaraú, para buscar as esposas, filhos e pais dos pescadores, mas foi só a partir do final do ano de 1958 que ocorreu a grande expansão populacional na Raposa, em decorrência de uma seca que mudou a vida e o destino de milhares de nordestinos: a Seca de 1958.

Um pouco desse triste capítulo será relatado a seguir.

2.2.1 A Seca de 1958: a Retirada

Em 1958, os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte foram atingidos por uma das mais violentas secas já ocorridas no Nordeste Brasileiro. Segundo dados do “Banco do Nordeste Brasileiro” (1975), os registros pluviométricos registrados na época comparam-se apenas às ocorrências de 1915 e 1919. A área atingida foi de, aproximadamente 500.000 Km² e cerca de 1,8 milhão de pessoas desses estados (28% da população) foram afetadas diretamente pela seca.

Ao final de 1958, o total de pessoas atingidas chegava a dois milhões de habitantes, o que levou cerca de duzentas mil pessoas, já sem alternativas, a migrarem para várias outras regiões brasileiras. Diegues Júnior (1960) afirma que a cidade de Acaraú (CE) foi uma das quais onde houve maior deslocamento populacional, devido à escassez de chuvas com marcantes prejuízos para a lavoura e para a pecuária, além da falta de alimento para a população mais pobre.

Da considerável corrente migratória, um número substancial aportou no Maranhão, muitos na Praia da Raposa, atraídos, conforme Azevedo et al. (1980, p. 20) "pelos excelentes pesqueiros que havia na baía e pelo desejo de mudar de vida".

Grande parte dos migrantes de Acaraú foi transportada para a Raposa na “biana” de seu Chico Noca, porém, alguns pescadores, como o seu Zé Maria Peba, foram a pé, percorreram um longo caminho até chegar à "*terra prometida*":

[...] aí chegaru lá e disseru “rapaz nós vamo embora pra praia de Raposa botá os curral lá...lá tem muito pexe”...”qual raposa rapá?”...”praia da raposa que o rapaz disse que tinha só um ranchinho de pescadô”...aí eles vinheru e daí continuaru...ficaru e aí começô a imigração...aí chegou a seca dos cinquenta e oito...que nessa época já tinha chegado já varias pessoa já vindo pra cá de trem...outros vindo de pé...outros vindo de embarcação...sabe como é...pur terra né...e vinheru chegando... isso foi uma coisa difícil isso foi em quarenta e oito...

cinquenta... cinquenta e dois...cinquenta e oito que foi a seca terrível...mandou muita gente inclusive nós..eu...¹⁸

Já no local, muitos problemas esses cearenses tiveram de enfrentar, mas insistiram e permaneceram no lugar, fazendo-o prosperar.

A princípio, todos os “laços” da Praia de Raposa eram ligados diretamente ao município de São José de Ribamar. Em 1961, Paço do Lumiar, outrora distrito, onde se localiza Raposa, foi elevado a município, pela lei nº 1890, de 7 de fevereiro do referido ano. Com a independência político-administrativa desse município, a praia da Raposa segue com crescente índice de produção pesqueira, fator fundamental para condução ao rol dos principais pólos pesqueiros maranhenses.

Sobre o topônimo, *Raposa*, podemos dizer que é envolto em folclore. As versões mais conhecidas são as seguintes:

- 1) Conta o pescador Valdemar, mais conhecido por Grandão, que os pescadores faziam "salga" da pescaria na praia, improvisando abrigos em cajueiros onde pernoitavam. No entanto, a presença constante das raposas (atraídas pela quantidade considerável de pássaros na localidade) que avançavam e comiam o pescado começou a preocupá-los, pois os mesmos não podiam sair para pescar deixando os peixes na salga, que as raposas os roubavam. Um dia, apareceu uma raposa morta na beira da praia e, como os nativos acreditavam que onde morre uma raposa as outras não voltam mais, resolveram criar naquele local o Rancho da Raposa.
- 2) Outra versão, presente no relatório final de uma pesquisa geoeconômica do município de Paço do Lumiar (1969) é a de que a denominação Raposa seria resultado da alusão a um dos primeiros moradores do lugar: Maia Raposo.
- 3) Azevedo et al. (1980), após entrevistas com moradores antigos do local, concluiu que o nome decorre de uma raposa morta encontrada por dois homens que estavam indo para a praia de Carimã e combinaram de se encontrar depois no local próximo àquele em que tinham encontrado o animal morto. Daí em diante passaram a referir-se ao local como Raposa.

Essa última versão foi a mais contada no decorrer de nossa pesquisa.

De *Rancho da Raposa*, o nome se alterou para *Praia da Raposa*, e desse para povoado *Raposa*, pertencente, conforme já apontamos, à jurisdição do município Paço do

¹⁸ Entrevista 1, linhas 29 a 35, CD em anexo.

Lumiar. Finalmente, esse povoado foi elevado a município, com o nome de *Raposa*, pela lei nº 6132 de 10 de novembro de 1994.

2.3 Perfil econômico

O Município de Raposa, no *ranking* das *Economias Municipais do Maranhão*, situa-se na posição 61^a, pois não é computada oficialmente a produção de pescado da Praia da Raposa, produção esta que, embora substancial, não contribui com nenhum imposto, tanto na sua entrada como na sua saída, para o erário público. Deve-se classificar a economia dessa região como de subsistência e, do ponto de vista da organização, como eminentemente informal.

As características geográficas de uma região são predominantes na escolha da atividade econômica preferida por seus habitantes. No caso da Praia da Raposa, área de Praia, o setor produtivo é predominantemente preenchido pela pesca. O setor que gera renda interna (e secundária) para a região é representado pelo pequeno comércio, que funciona diretamente ligado ao setor pesqueiro, seja na forma de entrepostos que escoam a produção (sobretudo de pescado) local, seja na forma de comércio direto com a população nas áreas de abastecimento, comércio dos bens de consumo e materiais de trabalho.

Grande parte da população economicamente ativa possui, além da pesca, uma atividade produtiva que serve como atividade produtiva secundária, responsável pela complementação de sua renda. São essas atividades: a fabricação de utensílios de pesca, construção, marcenaria, feira, agricultura, produção de carvão, fabricação de canoas, etc. Vale também citar aqui a contribuição dada à renda familiar pelo trabalho feminino com a manufatura da renda de bilro, costume trazido do Ceará e mantido até hoje..

Apesar de tamanha diversidade nas atividades econômicas, e da continuidade quase ininterrupta, ao longo do ano, das atividades de trabalho, a renda *per capita* dos pescadores de Raposa é baixíssima, não passando - no período de safra pesqueira - de 50% do salário mínimo, caindo para 1/3 do mesmo na entresafra, segundo informações fornecidas pela Colônia de Pescadores.

2.3.1 A pesca

Na matéria apresentada a seguir, publicada no encarte do Jornal O Imparcial, VIVA - Série Especial de Ecologia, em 25/06/1996, é feita uma pequena descrição da pesca no Maranhão:

São pelo menos 300 comunidades pesqueiras e 150 mil pescadores artesanais em todo o litoral do Maranhão. A pesca artesanal é um dos mais antigos ramos da economia maranhense e fonte de sobrevivência para milhares de famílias que respondem por 95% da produção e fazem do Estado o maior produtor de pescado do Nordeste. A maior colônia de pesca fica no povoado da Raposa, na Ilha de São Luís. Os homens pescam, as mulheres fazem renda. Em todo litoral, há centros de produção de artesanato que aproveitam a matéria-prima regional. Outra curiosidade são as embarcações do Maranhão, entre elas, a canoa costeira, igarité e bote".

É difícil precisarmos a jornada semanal do trabalho dos pescadores, pois as horas destinadas ao exercício da profissão são reguladas estritamente em função das marés, conforme aponta Reis (1998, p.85): "O mar é quem manda, é o patrão-mor, que norteia o trabalho, a comida, o lazer, o dormir".

O certo é que os pescadores realizam suas atividades durante o ano todo, tendo "suas vigas econômicas na pesca, a qual oferece uma cadeia de comercialização injusta e prejudicial ao pescador, com rentabilidade somente para o intermediário". (Reis, 1998, p. 86). Uma das explicações para esse fato é a falta de apoio oficial e/ou extra-oficial em qualquer sentido para a melhoria da principal atividade sócio-econômica do lugar. Ainda não há uma linha de crédito e/ou financiamento direto para a pesca.

Além disso, inexistente qualquer sentido de organização que auxilie os pescadores a lutar pelos seus pleitos. Apesar da existência de órgãos que se dizem representativos (Colônia, União e Associação de Pescadores), estes não motivam ou lideram os trabalhadores do mar, exercendo mais uma função social de ponto de encontro dos pescadores.

A única benfeitoria da Superintendência de Pesca do Maranhão à Raposa, nos últimos seis anos, foi a construção de uma fábrica de gelo, com capacidade para produção de 5 toneladas/dia, cujo objetivo é a colocação de gelo no local e no momento em que os barcos atracam no Porto do Braga. Junto à fábrica, foi edificado o Porto do Braga, o que levou até o local energia, estrada e água. Porém, dois poços artesianos, os quais não foram devidamente construídos, não vingaram e por conta disso foi feita uma encanação específica que passa por dentro do mangue, com o intuito de abastecer o Porto com água dos poços que suprem a vila, fato que acabou sobrecarregando o sistema de abastecimento de água local.

2.3.2 A comercialização do pescado na praia da Raposa

O desembarque do produto da pesca na praia da Raposa é realizado nos tradicionais jacás, *cofos* de palhas saídos dos barcos nos ombros dos pescadores para as balanças. Após a alta da maré, atacadistas, atravessadores e varejistas amontoam-se no porto,

esperando o momento do descarregamento do pescado vindo nos barcos para iniciar as negociações.

Mas, se dentre esses, tiverem os que abasteceram ou forneceram previamente algum material para as embarcações, tal fato constitui garantias em relação à compra do peixe, ou participação no produto apurado. São os chamados *vezeiros*, que em troca de abastecimentos (óleo, motor e velas para os pescadores), são contemplados *com 10 a 20% do produto bruto*.

Destaca-se, ainda, que uma parte razoável da produção pesqueira é distribuída, mal chega ao porto, na tradicional *pinhada*. A *pinhada* é o costume de se distribuir, gratuitamente, uma parte da pescaria - aproveitando-se da ausência de controle de produção e distribuição - para amigos, conhecidos e pescadores que não participaram da jornada do dia. Esses - chamados de *pinhadeiros* - usam esse peixe como alimentação de subsistência (a boia) ou para fazer um "bico" (com a venda informal do peixe ganho).

E, o que dizer do acréscimo final no preço do peixe, que, das mãos do pescador, passando pelo atravessador, até o consumidor final, chega a ser mais de 150%, culminando no alto custo do peixe enquanto produto voltado ao consumidor? Esse é, com certeza, um dos fatores que mais acarretou, juntamente com a baixa aquisição de soluções nestes últimos anos, o declínio da venda da pesca na Praia da Raposa.

2.3.3 Os estaleiros raposenses

Segundo Zé Maria Peba, o primeiro carpinteiro de Raposa foi o Sr. Francisco (Chico Olhinho). Foi ele quem fez a primeira embarcação, hoje um importante dado histórico, por ter sido, ela, usada por Chico Noca para buscar seus conterrâneos em Acaraú.

Os estaleiros são de grande importância para o município da Raposa que conta, hoje, com quatro deles: São Francisco, Jaime, Peticaí e Melquiedes. Desses, segundo o Sr. Chico Olhinho, apenas o seu, *São Francisco*, é registrado.

Atualmente, não são encomendados muitos barcos, mas é de lá, desses estaleiros, que saem parte da frota pesqueira local (bianas, igarités, etc.).

Em 1993, esses estaleiros viveram uma época áurea. Nesse ano houve uma encomenda do Banco Nacional de Crédito (BNC) de trinta e seis barcos ao Estaleiro São Francisco. Hoje, os donos de estaleiros vivem mais dos reparos que fazem nas embarcações e até mesmo esses reparos não estão sendo muito solicitados:

O “cemitério dos barcos” fica no Porto da Emília. O barco considerado velho demais para a pesca é lá abandonado, onde fica encostado, deteriorando-se. É comum verem-se dezenas de barcos nessas condições no local.

Segundo Zé Maria Peba, a responsabilidade pela atual situação dos estaleiros é a falta de investimentos na produção local dos barcos.

2.3.4 O artesanato

O principal artesanato da Raposa é a renda de bilros, técnica trazida do Ceará pelas mãos das rendeiras. Assim como a pesca passa de pai para filho, as rendas são transmitidas de mãe para filha, podendo-se observar muitas meninas, na faixa etária de dez anos, trabalhando na confecção desse artesanato.

Por ter sido trazida de Acaraú, a renda de bilros tem todas as características do artesanato cearense, o que, segundo as rendeiras, leva alguns turistas a questionarem se o belo artesanato é feito realmente no Maranhão. Por toda a avenida principal de Raposa, podem-se ver toalhas, roupas e tapetes, manufaturados com renda de bilros.

Constatamos que, apesar da existência de uma associação de rendeiras, não há ainda uma organização, uma classe, com a finalidade da formação de um processo produtivo em grupo, o que poderia melhorar muito a rentabilidade das rendeiras Juntas, elas poderiam buscar meios que viabilizassem uma melhor otimização do processo produtivo de suas rendas.

2.4 Os pescadores da *Raposa*: sua cultura e seu ambiente

2.4.1 Pesca: “*A pescaria é essa redinha que eu trabalho...vai longe*”¹⁹

De 1950, data da chegada dos primeiros moradores do município de Raposa para os dias atuais, mudanças consideráveis ocorreram na pesca local.

A princípio, a pesca era feita somente de modo rudimentar, utilizando-se de técnicas e instrumentos empregados no Ceará, com destaque para a “pesca de currais” ou “pesca de currais de arame”.

Chaves (apud OLIVEIRA, 1982, p.2) investigou, em sua dissertação de mestrado, aspectos da tecnologia e das relações de produção em Almofala, uma das comunidades pesqueiras pertencentes ao município de Acaraú e de onde vieram muitos dos moradores da Raposa.

¹⁹ Entrevista 9, linha 127, CD em anexo.

Segundo o autor, a intensificação da pecuária em Sobral, fez com que vários povoados fossem instalados próximos a Acaraú, o que fez com que esse município se tornasse o principal ponto para escoamento da produção de carne. O povoamento desta região atingiu Almofala, Coaçu, Córrego da Forquilha, Ilha do Rato, Curral Velho e Serrote, praias pesqueiras de Acaraú de onde vieram os moradores da Raposa.

Ainda segundo relato do autor, para os colonizadores desta região, o gado estava em ascensão e a partir dele se processou a organização social e técnica destes povoados pesqueiros e de sua produção econômica. Assim, certos aspectos da pesca largamente praticada em Raposa têm relação com o florescimento da pecuária e surgiu como uma tentativa de aplicar no mar um sistema tecnológico inspirado na pecuária.

Um exemplo seria o *curral*, um instrumento de pesca instalado no mar, cujas relações de trabalho teriam como inspiração algumas regras e categorias da terra (pecuária) projetadas no mar. A remuneração dos “vaqueiros” (trabalhadores dos currais), por exemplo, imitaria a remuneração dos vaqueiros da pecuária – o quarto da produção.

Com o passar do tempo, vieram as pescas nos barcos a vela (canoas a pano), nos botes (igarités) e nos barcos motorizados, proliferando-se então a pescaria de rede.

Atualmente, são raros igarités e bianas na Raposa. Os barcos a motor (os motorizados), feitos principalmente das madeiras “piqui louro” e “rosa” (transportadas do Pará) e os barcos de casco de fibra estão levando os estaleiros raposenses a fecharem suas portas, como relatado no item 2.3.3.

A atividade da pesca é realizada pelos homens e o domínio das técnicas passa de geração em geração. O sistema de pesca utilizado é completamente artesanal. Os instrumentos mais usados pelos pescadores são bitola, boia, corpo da agulha, linha, malha, rabo de tatu, rede, anzol, anzol de impum, anzol estrovado, cabo, cabo seis, espinhel, impum, isca, alandruá, cinto, culão, espeque, estera, morão, muruada, puçá e trado. Os peixes que mais ocorrem na Praia da Raposa são: pescada, serra, tainha, peixe-pedra e outros, sendo a pescada o peixe preferido pelos raposenses e o de mais alto valor comercial.

A maioria dos pescadores não possui sua própria embarcação, trabalha para os proprietários do barco, sendo que o pescador tem direito a determinada quantidade de produção inerente a cada viagem. O sistema de pesca funciona da seguinte maneira: teoricamente, os pescadores ficam com 50% da receita total da pescaria, os outros 50% serão do dono do barco, que paga de 5% a 10% para o mestre, responsável pelo comando da pesca e cerca de 1% ao motorista da embarcação. Na prática, porém, o lucro do pescador é bem inferior, como veremos ao abordarmos a descrição das modalidades de pesca.

Há, ainda, a figura do vezeiro, que banca toda a despesa da pesca, para receber, com juros, o valor emprestado aos pescadores. Assume também o compromisso com o proprietário do barco de intermediar a venda de peixe. Tal figura possui bastante importância atualmente, devido à falta de capital que aterroriza o sistema da comercialização. Por outro lado, é considerado pelos pescadores como o principal responsável por seu baixíssimo lucro que esses têm na atividade de pesca, uma vez que costumam cobrar 15% de juros sobre o valor emprestado aos pescadores.

2.4.1.1 Modalidades de pesca

A pesca de rede é a mais usada na Praia da Raposa e seu funcionamento ocorre da seguinte forma:

Antes da saída do barco, seu dono contrata uma pessoa (*mestre*), responsável pela organização da pesca. O vezeiro abastece o barco com gelo e produtos alimentícios (*rancho*), como açúcar, óleo, vinagre, sal, biscoito, leite, tomate, cebola e farinha.

Os barcos mais equipados têm ainda uma bolsa de primeiros socorros, que contém esparadrapo, gazes, mercúrio e comprimidos anti-inflamatórios. Possuem, ainda, sonda, navegador, rádio - média e longa distância, o que permite os pescadores se orientarem, através do rádio, sobre os locais bons para a pesca.

Já nos barcos antigos, não há primeiros socorros, muito menos sonda ou rádio. Os pescadores, ainda nos dias atuais, orientam-se pelo barulho dos peixes.

Localizado o local da pesca, os pescadores jogam a rede, cada qual fazendo sua função. Há o pescador que lança a rede do lado em que há o chumbo, o pescador responsável por jogar a rede no lado em que ficam as boias e o pescador responsável por jogar, cuidadosamente, uma vara no local em que foi lançada a rede, para o caso dessa rede se soltar ou os pescadores a perderem de vista. Essa vara tem em média 3 metros de altura e tem um pano vermelho amarrado na ponta, para chamar a atenção.

A maré começa a encher seis horas após a rede ter sido lançada. Nesse momento, o mestre da pesca chama os demais companheiros para retirá-la (*despescar a rede*). O motorista põe o motor para funcionar, dois pescadores retiram a rede do mar (*despescam*), enquanto o *mestre* e outro pescador ficam no meio do barco, para retirar os peixes da rede (*descentralhar*) e os colocar em cestos de palha.

Entre uma pesca e outra, todos os pescadores (com exceção do mestre) limpam os peixes, tirando as vísceras e os entregando o responsável (*geleiro*) para colocá-los em depósitos de gelo.

Essa rotina se repete por diversas vezes, enquanto houver produção e gelo. Em média, os pescadores passam doze dias no mar, contados a partir do momento que saem do porto.

Na volta, uma curiosidade que, segundo os pescadores entrevistados, é peculiar da Raposa: dezenas de pessoas, dentre as quais jovens, crianças e senhoras, aglomeram-se ao redor da embarcação pedindo um pouco (*uma pinhada*) de peixe.

A *pinhada* já é costume tradicional no local. Essas pessoas, à espera das embarcações, estão interessadas ou em algum alimento gratuito ("*boia*") para o seu sustento ou em ter algum lucro com o peixe ganho.

Com o desfalque em decorrência das pinhadas e o valor pago aos patrões, o lucro dos pescadores é muito pequeno.

2.4.2 Costumes e crendices

2.4.2.1 A alegria das primeiras chuvas

Não importa a hora, a chegada das primeiras chuvas na Raposa é um fenômeno de alegria: simboliza esperanças, as quais se multiplicam em ansiedades, com pensamentos positivos para o início de uma nova era, ou, pelo menos, uma boa estação chuvosa, período que se espera maior abundância de pescado.

Grande número de pessoas toma banho nas primeiras chuvas: homens, mulheres e crianças. Imagina-se que seja um ritual de agradecimento, além do que, só jorra água em abundância, nas torneiras, perto das eleições, quando os políticos fazem tudo para colocar água nos lugarejos mais distantes possíveis.

Não se pode negar que o fenômeno marcante das tradicionais secas nordestinas ainda permanece vivo até na memória dos mais distantes descendentes daqueles que trazem, nas rugas da pele, sinais de um tempo sofrido.

A chegada da chuva na Raposa representa o inverso de situações adversas, pelas quais a grande maioria dos migrantes nordestinos passou até encontrar esse local que, mesmo com seus estorvos, ficou na memória como a *terra prometida*.

2.4.2.2 Religiosidade

No período da realização da pesquisa da antropóloga Maria Elizabeth Rondelli Oliveira, na década de 70, publicada em 1982, sob o título “O narrado e o vivido: O processo comunicativo das narrativas orais entre os pescadores do Maranhão”, a pesquisadora assim se reportou, com referência à religiosidade na Raposa:

É na demarcação de fronteiras entre crentes e católicos que o contar de histórias de trancoso ganha maior significação. Em Raposa, os cearenses crentes se recusam a ouvir e contar estórias de trancoso, o que é visto como atividade específica dos católicos. O crente, em vez de contar estórias, deve, acima de tudo, falar sobre as “coisas verdadeiras” que estão escritas na Bíblia (OLIVEIRA, 1982, p. 8).

Os 96 crentes da Raposa eram, na época da pesquisa, um grupo bastante pequeno em relação ao dos católicos. Apesar dessa grande diferença numérica, o prédio da Assembléia de Deus já estava construído, enquanto que o templo católico contava somente com um terreno reservado para sua construção.

Os crentes, nos dias atuais, articulam-se como um grupo que detém certo poder político e econômico, e a maioria dos principais líderes do grupo é construído por antigos moradores e primeiros migrantes cearenses.

Hoje, apesar do templo católico já estar edificado, existe uma proliferação de igrejas protestantes, as quais fizeram crescer, consideravelmente, os grupos de crentes.

As rivalidades aumentaram proporcionalmente ao incremento dos partidos dos crentes, fortalecendo ainda mais a ocupação de espaços políticos e econômicos na sociedade raposense, mostrando, também, que os crentes são mais organizados e de uma agregação rápida, características diferentes dos católicos, que, em número consideravelmente maior, não ocupam os espaços sociais, com a mesma rapidez, na Raposa.

A primeira missa celebrada no local foi em 1964, pelo Padre Guilherme, da Paróquia de São José de Ribamar, que, para este evento, veio até o conhecido como Olho d'Água, para depois chegar à Raposa, isto porque não existia estrada asfaltada naquela época. Não havia, também, capela ou igreja, resultando na celebração na casa do Sr. Manoel Moreira, uma das melhores residências da localidade.

A maior festa religiosa do município de Raposa são os festejos juninos, comemorando São Pedro, considerado o santo protetor dos pescadores. Todos os anos, no dia 29 de junho, data consagrada a esse santo da Igreja Católica, a comunidade faz uma grande festa, não faltando às missas. Realizam-se procissão, batizados e casamentos, além de gincanas, festas dançantes, corridas, competições esportivas, desfiles, shows musicais e outros

tantos eventos. Dia de São Pedro, na Raposa, é dia da comunidade agradecer ao protetor dos pescadores as graças alcançadas, bem como as proteções recebidas.

2.4.2.3 Superstições

Inúmeras são as superstições da população, como, por exemplo, não fazer pescaria na primeira segunda-feira de agosto, por ser dia de azar.

É notório também que a população local, distante dos centros mais avançados de assistência médica, recorre a toda prática de cura, fora da medicina convencional. As plantas são largamente empregadas: chás, banhos, cataplasmas, emplastros, etc. Essas pessoas se valem, ainda, de outras práticas, cujos efeitos “curativos” consistem, unicamente, na fé, no poder de Deus e dos Santos, ou entidades de outras religiões, as quais são difundidas por rezadeiras e curandeiros. Em decorrência disso, há orações dirigidas a vários santos, eleitos como protetores contra os diversos males que afligem a humanidade, conforme se segue:

- a) São Roque → ferimentos;
- b) Santa Luzia → doenças dos olhos;
- c) São Sebastião → peste;
- d) Santo Amaro → diversas doenças;
- e) Santa Rita de Cássia ou dos Impossíveis → êxito em empreendimentos difíceis.

Não é raro se ler em colunas de jornais da capital, publicações de agradecimento por graças alcançadas. Essas práticas da religião católica, muitas vezes, são paralelas a outras, como usar amuletos (figas, pés de coelho, etc), amarrar fita vermelha para deter inchação (nos casos de erisipela ou outro tipo de inflamação), usar pulseira de cobre para aliviar dores reumáticas ou da coluna, benzer pessoas com rama de manjeriço, pinhão roxo, vassourinha de botão, fazer defumadores; fazer uso de água sem nenhum preparo, que aplicada fria ou quente é muito usada como “mãezinha”(de efeito analgésico).

2.4.2.4 Tradição oral: lendas e “causos”

Na década de 70, as histórias de trancoso, um gênero da literatura popular oral do Nordeste brasileiro, eram um elemento constitutivo da cultura da população raposense. Oliveira (1982, p. 161) as define como histórias conhecidas através da tradição oral, cujas personagens são reis e princesas, envolvidos em ações transcorridas em um tempo antigo.

Ao investigar o processo comunicativo dessas histórias, Oliveira (1992, p. 22-23) constatou ser comum a realização de reuniões nas residências de pescadores para *contação*

dessas histórias, caracterizadas por uma interação entre os contadores e a plateia, não havendo uma separação rígida entre emissores e receptores, nem uma hierarquia entre eles. Isso fazia com que muitas delas fossem recriadas diversas vezes, de diferentes formas, a cada evento.

Nessas ocasiões também eram contados “causos”, os quais a autora diferencia das histórias de trancoso por serem “constituídos por episódios que ocorreram com o próprio narrador, ou com terceiros, mas presenciados por este” e referirem necessariamente a um passado, não distante, mas imediato (OLIVEIRA, 1982, p. 166).

Contudo, os causos eram mais raros, somente eram contados quando o repertório das histórias de trancoso terminava.

A autora atribuiu a existência desse costume de contar histórias de trancoso ao fato de o “*contar histórias*” ser, na época, uma prática cultural comum entre os cearenses (OLIVEIRA, 1982, p. 195). Quanto a preferência pelas narrativas de trancoso, a autora atribuiu à história de vida dos pescadores no que diz respeito à migração de Acaraú para a Raposa:

As representações sobre as condições de vida experimentadas no passado são importantes, pois, para esses contadores, as histórias referem-se a um tempo idealizado que acreditam ter existido e podem ser pensadas como uma maneira de pensar sobre ele. (OLIVEIRA, 1982, p. 12).

Seria ainda, um modo de os pescadores “marcarem” sua identidade:

A investigação sobre quem são os contadores das histórias de trancoso indicou-nos serem eles migrantes cearenses que sustentam esta tradição aprendida no estado de origem e, por isso, elas aparecem como uma das formas deles marcarem sua identidade cearense em relação aos maranhenses desconhecedores deste gênero literário (OLIVEIRA, 1992, p. 195).

Com o passar do tempo, a prática de contar histórias de trancoso deixou de fazer parte da vida dos moradores da Raposa. O costume de contar histórias ainda existe, mas as histórias hoje contadas pelos pescadores são lendas por eles *vivenciadas* em alto-mar. Em nossa pesquisa foram contadas três delas: *Casquinha*, *Gato de Botas* e *João de Una*.

A lenda do *Casquinha*, comum entre os pescadores da Raposa, versa que quando o pescador está em alto mar, em um local chamado Maruim. Nesse local, um espírito pode se aproximar e “tirar uma casquinha” dele, ou seja, abusar sexualmente desse pescador, enquanto ele dorme.

O *Gato de Botas* é uma lenda segundo a qual um anão, denominado Gato de Botas, aparece em alto-mar para assombrar pescadores. Quando é tocado por um desses

pescadores, o anão dobra de tamanho, até se tornar um gigante e a sua bota ficar do tamanho dos pescadores.

Já segundo a lenda de *João de Una*, um senhor, denominado João de Una, que se veste todo de branco e usa chapéu, aparece na Praia do Pocal, levando os pescadores que tentarem retirar qualquer coisa da sua praia. Ele tem aspecto de um senhor calmo, educado, mas quem tentar pescar na sua praia.

Além das lendas, os causos, que na época da pesquisa de Oliveira (1992) eram mais escassos, atualmente são contados com mais frequência, quando os pescadores retornam da pesca. São histórias de proezas ou situações de perigo, vivenciados durante a pesca e contados em bares ou em rodas de conversa, nas residências de alguns pescadores.

A existência das lendas e dos causos nos dias atuais demonstra que a tradição oral permanece presente na cultura da Raposa, ainda que de outra maneira.

2.4.3 Retrato social

Raposa é um pequeno município, formado por uma população, em sua maioria, de migrantes cearenses, cuja subsistência é baseada na pesca e no artesanato. Sua população, contabilizada em 2010, aponta 26.327 habitantes e sua área territorial é estimada em 64,353 (Km²). No que se refere à educação, segundo dados do IBGE²⁰, a taxa de analfabetismo da população acima de 15 anos é de 23,02%.

Observa Reis (1998, p. 85) que “no direcionamento das tendências dos cenários sociais, na organização da vida raposense, ocorrem três fatores fundamentais: a estrada asfaltada; a energia elétrica e os sistemas de comunicação de massa”. Dos fatores citados, destaca a televisão, cuja programação é voltada basicamente para os grandes centros urbanos, “agredindo”, pela da realidade que veicula, as pequenas comunidades como a Raposa, pois segundo o autor “não estão preparadas para tais impactos psicossociais”.

Outro fator que acarreta mudanças é a estrada asfaltada, que permite o fluxo de novos migrantes quase na totalidade sem instrução, “colaborando para o aumento sistemático do contingente dos analfabetos” (REIS, 1998, p.85). Pela estrada incorporam-se à comunidade inúmeros valores sociais, deturpando o comportamento principalmente dos jovens locais, trazendo bebidas alcoólicas, das drogas, a prostituição etc. Assim, “é a estrada o maior meio de intercâmbio comunitário para a Raposa” (REIS, 1998, p. 86).

²⁰ Disponível em: www.educacao.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/dwnld/analfabetismo/dados_estatisticos/populacao_analfabeta_por_municipio_brasil.pdf

A energia elétrica tornou possível a chegada do rádio, da televisão e dos eletrodomésticos, que podem ser encontrados na maioria das palafitas e até nos casebres situadas nos recôncavos mais remotos do lugar. O rádio e a televisão são ligados diuturnamente; não existem bancas de jornais e jornaleiros, ou circulação de jornais, e, assim, a leitura praticamente não existe.

A urbanização e o saneamento básico, também, praticamente, inexistem.

A questão do abastecimento de água também é importante, pois a realidade “morrer de sede em frente ao mar” é ali vivenciada quase literalmente, já que a água, para o consumo das famílias, é escassa. Para conseguir o mínimo de abastecimento de água, as famílias pagam por água (não tratada), transportados em grandes baldes pelo centro da cidade.

Em relação às atividades políticas, podemos observar que pouco houve mudança na situação relatada pela equipe da pesquisa *Antropolinguística: Raposa* (AZEVEDO, 1980, p. 27), em seu relatório final: “Como é de hábito, verificou a equipe que o interesse dos políticos pelo local cessou depois das campanhas”.

A ação social dos representantes do povo realmente é quase nenhuma. O maior exemplo do descaso dos políticos para com a Raposa é a péssima situação hoje de sua única estrada, o que pode custar à localidade ser retirada do roteiro turístico da Grande São Luís.

Apesar de todas as dificuldades sociais, observamos que o povo raposense é alegre e hospitaleiro; que os pescadores são felizes no que fazem e, tanto eles, como suas esposas, não pensam em deixar a Raposa.

Notamos, ainda, que apesar da influência dos meios de comunicação e do contato com pessoas de todo o Maranhão e de outros lugares, a Raposa se constitui, até esse momento, numa comunidade não muito agredida pelos valores urbanos, mantendo muitos dos costumes e tradições trazidas de Acaraú.

Os bares, por falta de pontos de diversão pública, são os locais de maior agregação social na Raposa. Para o homem raposense, segundo Reis (1998, p. 88), “a felicidade e satisfação se traduz como um código de comportamento social-ideologicamente consumado. Da pescaria em alto mar para casa, nesta rotina vem a prole numerosa, com índice de natalidade altíssimo e, conseqüentemente, uma mortalidade infantil assustadora.”

Em linhas gerais, esta é a sociedade raposense.

2.4.3.1 Habitação

A Raposa é que quando eu cheguei aqui já morava gente... tinha dezessete ranchos de pescaria... não era casa... era assim uma assim um ranchinho... umas casas velhas... feito de assoalho de pau tirado do mangue... fazia o assoalho e cobria de palha de madeira... fazia as paredes de palha e o piso era de peça de pau... tinha vez você pisava aqui e o pé afundava até aqui... de tão mal feito que era...²¹.

Por se tratar de uma colônia tradicional de pescadores, a comunidade da Raposa mostra um cenário típico de outras comunidades de pescadores do Maranhão, com as casas tipo palafitas, denominadas pelos pescadores de *ranchinho*, as quais caracterizam a paisagem, confirmando uma situação de pobreza absoluta na população.

Até 1962, predominava na Raposa a arquitetura de palha de buriti, quando as casas eram, na sua grande maioria, feitas somente de madeira e palha. As paredes, suspensas sobre a lama por caibros de mangue. Curiosamente, ali foi construído um sobrado de três andares, feito exatamente com palha e madeira, sendo, por muitos anos, uma das maiores atrações do local.

Após o ano de 1962, a predominância da palha de buriti caiu muito, em consequência, principalmente, de um grande incêndio ocorrido, desabrigando centenas de famílias.

A partir daí, passou a predominar a telha de amianto, apesar de não ser recomendável para locais de temperaturas elevadas, por provocar calor excessivo no “habitat”. Como consequência, é muito comum, na Raposa, no horário das 12 às 14 horas, inúmeras pessoas armarem uma rede na frente (varanda) da casa para se refugiar do calor no interior das residências.

No relatório final da pesquisa geoeconômica feita em setembro de 1969, na Raposa, pelos alunos do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Maranhão, consta que na Raposa, na época, havia cerca de 600 casas cobertas de palha, piso de terra batida e tapadas, geralmente, com a lama retirada dos Apicuns. Essas casas abrigavam 2624 pessoas, numa média de quatro pessoas por casa, sem qualquer condição de higiene.

Como se localizam perto da praia, há, ainda hoje, invasão de areia, sendo necessária a realização de um trabalho permanente de remoção da mesma, que é violentamente trazida pelo vento. Já o piso predominante é o cimento. Nas áreas de palafitas, predomina o piso de tábua, existindo, em menor intensidade, o chão de terra batida.

²¹ Entrevista 4, linhas 35 a 38, CD em anexo.

A energia elétrica beneficia parte dos domicílios da Raposa, sendo comum se encontrarem casas em que se usa querosene e/ou óleo para queimar as lamparinas.

Enquanto o abastecimento de energia elétrica é, se não satisfatório, mas razoável, o de água é insuficiente e penoso para os habitantes, sendo inúmeros os problemas do atual sistema de abastecimento d'água.

Depois dessa breve exposição que procuramos contextualizar o município maranhense de Raposa, passamos a apresentar os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.



FOTO 4 – Rancho – Raposa/MA
Fonte: Roberto Sobrinho

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 A região pesquisada

Por entendermos que o estudo do léxico pressupõe a investigação dos aspectos socioculturais, históricos, físicos e geográficos da região a ser pesquisada, fizemos, no capítulo 2, focamos alguns aspectos no município de Raposa, cuja localização encontra-se destacada no mapa abaixo:



MAPA 2 – Localização do município de Raposa/MA

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Maranhao_Municip_Raposa.svg
(Acesso em 19/03/ 2012)

3.2 Métodos e Procedimentos

3.2.1 Pesquisa de campo

Seguindo a metodologia laboviana (LABOV, 2008), fomos a campo, partimos do presente, observando os dados de língua falada coletados em entrevistas gravadas com os pescadores da Raposa. A partir das transcrições desses dados, cujos critérios se encontram descritos no item 3.2.1.3., fizemos levantamento daquelas lexias que, a nosso ver, melhor refletem a cultura dos pescadores. Em seguida, fomos ao passado em busca dessas formas encontradas. Verificamos se essas lexias já foram dicionarizadas ou fizeram parte do acervo lexical da língua portuguesa nos séculos XVIII, XIX, e XX.

3.2.1.1 Delimitação do corpus

O corpus foi constituído da seguinte forma:

→ Locais da pesquisa: residências dos pescadores e Colônia dos Pescadores da Raposa.

→ Sujeitos da pesquisa: seguimos algumas das diretrizes adotadas por Ribeiro (2010), Seabra (2004) e Souza (2008), os quais seguiram as normas do Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais²², com algumas adaptações. Segundo essas diretrizes, adotadas nesses trabalhos o entrevistado deve: a) ter idade igual ou superior a setenta anos; b) ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município; c) ter baixa ou nenhuma escolaridade.

No nosso trabalho, realizamos alterações nos itens *a* e *b*.

a) Em relação às faixas etárias, optamos por dois grupos:

→ 5 pescadores com idades entre 50 – 65 anos;

→ 5 pescadores com idades entre 66 – 75 anos.

Dentro desses grupos etários, tivemos a seguinte subdivisão:

- 50 - 55 anos: 2 pessoas (20%);
- 56 - 60 anos: 2 pessoas (20%);
- 61- 65 anos: 1 pessoa (10%);
- 66 -70 anos: 2 pessoas (20%);
- 71- 75 anos: 3 pessoas (30%).

²² Projeto da FALE/UFMG, com apoio da FAPEMIG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

Optamos por essa divisão porque o registro da fala das diferentes gerações de uma comunidade pode revelar, em tempo aparente, as formas linguísticas mais conservadoras e as inovadoras e, por extensão, fornecer possíveis indicadores de estabilidade ou mudança sociais.

Além disso, segundo informações da Colônia de Pescadores, ainda há um número razoável de pescadores de 50 a 75 anos que participam ativamente da pesca; por esse motivo, tanto nos podiam fornecer informações sobre o léxico referente à pesca, quanto podiam prestar informações sobre costumes, habitação, alimentação, organização social, etc., por serem experientes.

No que tange ao pescador com idade superior a setenta anos, acreditamos que este conserva um vocabulário pouco influenciado pelos meios de comunicação, podendo revelar um léxico mais próximo do vernacular, além de apontar possíveis retenções lexicais, além de conhecer as tradições culturais do seu povo.

No que diz respeito à segunda diretriz, ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município, não seguimos esse item, pois como descrito no Capítulo 2, a Raposa foi fundada por pescadores cearenses que migraram de Acaraú, CE. Assim, dos dez pescadores entrevistados, oito nasceram no Ceará (em Acaraú ou em municípios vizinhos) e somente dois nasceram na Raposa.

Quanto ao grau de escolaridade, oito entrevistados são analfabetos (80%) e dois cursaram de 1ª a 4ª série (20%).

Devido à natureza da pesquisa, que exige muitas horas de gravação com uma única pessoa, optamos por selecionar apenas dez sujeitos para a sua realização. O *corpus* da pesquisa foi composto, portanto, de textos orais (entrevistas com os informantes, dentro das quais há narrativas de pescadores) e, posteriormente, escritos (transcrições dos textos orais e fichas lexicográficas).

3.2.1.2 Técnicas e procedimentos adotados na coleta de dados

A dificuldade em se coletarem dados numa pesquisa etno-sociolinguística já foi amplamente discutida na literatura. Mollica (1989), Dall'aglio (1990) e Tarallo (1995), foram apenas alguns dentre os muitos sociolinguistas a tornarem públicas suas inquietações a esse respeito.

Denominado por Heye (apud DALL'AGLIO, 1990, p. 55) de “paradoxo do observador”, o cerne do problema consiste na necessidade de o pesquisador coletar amostras

da língua falada em situações naturais de comunicação (LABOV, 1972), mas, para isso, precisar registrá-las por meio de um gravador, o que inibe o falante e pode perturbar a naturalidade do evento.

Como possíveis soluções para esta questão, Tarallo (1995) sugere alguns procedimentos a serem adotados pelo observador, como evitar um comportamento social e linguístico que intimide a comunidade em estudo e desviar a atenção do entrevistado para a formalidade da situação.

Dessa forma, participamos de conversas com grupos de pescadores, interagindo com os mesmos em suas residências e nos locais de saídas das embarcações para a pesca, a fim de nos familiarizarmos com todos os entrevistados, seguindo a conduta da antropologia linguística, conforme Duranti (1997).

As entrevistas, principal instrumento a ser utilizado para a coleta de dados, transcorreram mediante conversas em clima informal. Conversamos sobre a chegada dos pescadores na Raposa, as mudanças ocorridas com o decorrer do tempo, aspectos da alimentação, habitação, organização social, costumes, crenças e sobre a pesca propriamente dita, não apenas no que diz respeito ao seu funcionamento, como também buscando perceber os sentimentos do pescador em relação à sua profissão.

Quando tocávamos no assunto pesca, as conversas fluíam bastante, o que fez com que grande parte das entrevistas girasse basicamente em torno da pesca.

Durante as entrevistas, pedíamos que fossem contadas histórias relativas a algum risco de vida que já tivessem enfrentado em alto-mar – módulo proposto por Labov (1972). Pedíamos também que fossem contadas histórias de lendas/assombrações que os pescadores já tivessem ouvido falar ou já tivessem vivenciado. A ideia de ouvir e registrar estas histórias deve-se ao fato de, primeiramente, elas fazerem parte da vida e cultura dos pescadores e, também, por pensarmos, como Tarallo (1995), que é através das narrativas de experiência pessoal que conseguimos o melhor registro da língua falada, pois o locutor envolve-se emocionalmente com o *conteúdo*, esquecendo-se da *forma*.

Após a conclusão da coleta de dados iniciamos as transcrições ortográficas, seguindo o que Andrade (1993, p. 21) aponta como o principal critério da transcrição: “a fidelidade ao discurso do informante, procurando-se registrar ortograficamente, da forma mais aproximada possível, as realizações de cada falante”.

Em seguida, pesquisamos em dicionários contemporâneos e em fontes lexicográficas do século XVIII e XIX a existência ou não da forma coletada para que, em caso

da lexia ser dicionarizada, observarmos seu registro, ao longo do tempo, em várias obras especializadas.

Para sistematização dos dados coletados, elaboramos fichas lexicográficas de análise para cada lexia, nas quais devem constar: o vocábulo selecionado para análise classificado gramaticalmente, segundo o contexto em que se encontra inserido, uma amostra contextualizada da lexia em estudo e dados referentes a dicionarização ou não do vocábulo e a possíveis arcaísmos ou brasileirismos.

O passo seguinte foi a seleção das lexias consideradas relevantes para integrarem os campos léxico-semânticos, considerando-se as que melhor refletem a cultura das pessoas da região e a listagem, em ordem alfabética, daquelas que subsidiaram a organização do glossário.

Para a elaboração do glossário, tomamos como base alguns pressupostos de autores representativos da lexicologia e da lexicografia, dentre eles, Haensch (1982) e Barbosa (1995).

3.2.1.3 As transcrições

Para a realização das transcrições, seguimos as regras utilizadas pela equipe do Projeto *Filologia Bandeirante* e, também pela equipe do Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais*, modelo adotado por Seabra (2004), Souza (2008) e Ribeiro (2010), dentre outros. Não se trata de uma transcrição fonética, já que eram vários os interesses da equipe na época (léxico, sintaxe, morfologia, etc).

As normas estabelecidas são:

Orientações gerais:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000);
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma imagem do texto elaborado no plano da oralidade (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000).

1 – Nem tudo será registrado:

a) o acento das postônicas não será registrado

forte =forti; grande = grandi

(A ideia é: o que é categórico, não marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2 – Serão registrados:

a) alteamento/abaixamento das pretônicas

adúcia = adoécia

cumê = comer

premero = primeiro

deiscê - descer

b) a redução dos ditongos [ow], [ey], [ay] será grafada ortograficamente como pronunciada:

pescadô = pescador

atravessadô = atravessador

boquero = boqueiro

estera = esteira

aguacera = aguaceira

c) ausência do -r:

no final dos nomes: *pescadô = pescador*

no final dos verbos: *pescá = pescar; tecê = tecer*

d) ausência do -m final, desnasalização:

visage = visagem

vinhero = vieram

e) nasalização de segmentos normalmente não-nasalizados deverá ser marcada com o til:

tãinha = tainha

f) prótese: as próteses serão marcadas, ortograficamente, como pronunciadas:

amiorá = melhorar

g) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com apóstrofo.

fei' = fez

anãozin' = anãozinho

h) iotização, grafando com i:

fio = filha

i) aglutinação, com apóstrofo:

que'le ~ que ele

que'ru ~ que eram

j) casos de *uma, alguma, nenhuma, etc.* serão marcados com til:

ũa ~ uma;

l) variação fonética do —sll será grafada como efetivamente realizada:

mermo ~ mesmo

3 – Indicações de:

Pausa: reticências...

Inaudível ou hipótese do que foi ouvido: ()

Comentários:(())

Sobreposição de fala: { }

Discurso direto: “ ”

Ênfase: maiúsculas

Truncamento: /

3.2.2 Fichas Lexicográficas

Para sistematizar e analisar os dados coletados em entrevistas orais e, posteriormente, transcritos seguindo metodologia adequada, elaboramos uma ficha para cada lexia. Para a constituição dessa ficha, seguiremos o modelo adotado por Ribeiro (2010).

Número da ficha – lexia (classificação morfológica) _____ Número de ocorrências <i>Abonação</i>

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Laudelino Freire:
4. Aurélio:
5. Cunha:
6. Amadeu Amaral:
7. Santos:

- a) Do lado esquerdo, em primeira posição, apresentamos o número da ficha, seguido do vocábulo selecionado para análise. Esse vocábulo aparecerá na forma encontrada nas entrevistas, salvo os verbos que, por causa da diversidade de formas, optamos por

colocá-los na forma infinitiva; e, entre colchetes, sua classificação morfológica, segundo o contexto em que se encontra inserido no *corpus*.

- b) A estrutura morfológica indica a classe gramatical, o gênero e o número de cada uma das lexias, agrupadas em esquemas ou estruturas morfossintáticas, relacionados abaixo:

- Para nomes simples:

Nm [Ssing] = Nome masculino [Substantivo singular]: *Aguacero*.

Nf [Ssing] = Nome feminino [Substantivo singular]: *Anchova*.

Nf [Spl] = Nome feminino [Substantivo plural]: *Biana*.

- Para nomes compostos:

- Masculinos:

a) NCm [Ssing + Ssing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]: *Bote lancha*.

➤ b) NCm [Ssing + ADJsing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Mar liso*.

➤ c) NCm [Ssing + ADV] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Advérbio]: *Anzol estrovado*.

➤ d) NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Anzol de impum*.

➤ e) NCm [Ssing + {Prep + Asing + Spl}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Gato de botas*.

➤ f) NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Corpo da agulha*.

➤ g) NCm [Ssing + Num] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Numeral]: *cabo seis*.

- Femininos:

a) NCf [Ssing + ADJsing] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]: *Costa baixa*.

b) NCf [ADJsing + Ssing] = Nome Composto feminino [Adjetivo singular + Substantivo singular]: *Baixa mar*.

c) NCf [Spl + ADJsing] = Nome Composto feminino [Substantivo plural + Adjetivo singular]: *Águas grande*.

d) NCf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *Bera da costa*.

f) NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Canoa a pano*.

g) NCf [Ssing + {Prep + Num}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Maré de quarto*.

h) NCf [Ssing + {Prep + V + Asing+ Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]: *Canoa de batê a mão*.

i) NCf [Spl + {Prep + Ssing }] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {Preposição + Artigo singular + Substantivo singular}]: *águas de quebramento*.

j) NCf [Num + Num] = Nome Composto feminino [Numeral + Numeral]: *Zero quarenta*.

- Para os adjetivos:

ADJSing = adjetivo singular

- Para as locuções adjetivas:

Loc. Adj [{Prep + Ssing}] = Locução Adjetiva [{Preposição + Substantivo singular}]: *A pano*.

c) Do lado direito, em primeira posição, apresentamos o número de vezes que a lexia aparece nas entrevistas.

d) Logo abaixo, no item —abonação‖, apresenta-se, em itálico, um trecho da fala do entrevistado contendo uma amostra do *corpus* da lexia em estudo. No final desse item, são identificados o número da entrevista e a linha em que o vocábulo aparece nesse *corpus*.

e) No item —registro em dicionários‖, destaca-se como o vocábulo é descrito em cada obra. Quando isso não ocorre, ou seja, o dicionário não registra a lexia, indicamos —n/el.

- f) Algumas vezes, a entrada do verbete adotada pelos dicionários consultados não corresponde à nossa lexia. Há variações quanto a gênero, número, ortografia. Nesse caso, optou-se por considerar a forma dicionarizada, pois essas variações não prejudicavam nossa análise.

Por meio das fichas, podemos visualizar se a lexia em estudo é ou não dicionarizada por um ou mais autores, ou por nenhum deles; se o vocábulo é considerado arcaico, se é um brasileirismo, etc. Além de analisar a lexia coletada, a ficha lexicográfica constitui-se em uma boa ferramenta para nos auxiliar no trabalho de quantificação e comparação dos dados.

3.2.2.1 Sobre os dicionários consultados

Para a análise das lexias coletadas, contamos com obras lexicográficas renomadas. São elas: i) *Vocabulario Portuguez e Latino*, de autoria de P. Raphael Bluteau (século XVIII); ii) *Diccionario da lingua portugueza*, de autoria de António de Moraes Silva (século XIX); iii) *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire (primeira metade do século XX); iv) *Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (final do século XX). Além dessas obras citadas, consultamos o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, e *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral.

Selecionamos o *Vocabulário Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau por ser reconhecido pelos estudiosos da área como uma obra de referência nos estudos lexicográficos de língua portuguesa e por ser um dicionário que contempla grande parte do léxico da língua portuguesa até o início do século XVIII. Segundo Telmo Verdelho, principal historiador da lexicografia portuguesa, Bluteau aumentou e atualizou aproximadamente em cinco vezes o *corpus* lexical português até então dicionarizado, passando a constituir uma referência obrigatória para a lexicografia subsequente (VERDELHO, 2002, p. 23).

Já o *Diccionario da lingua portugueza* de Antônio de Moraes Silva, para Verdelho (2002, p. 26-27), é considerada a mais influente obra do gênero na história da língua portuguesa, a primeira sistematização moderna do léxico da língua, modelo e exemplo para todas as gerações seguintes de portugueses e brasileiros, tornando-se um símbolo da língua e da cultura portuguesas. Sua obra acompanhou a língua em Portugal e no Brasil (Moraes era natural do Rio de Janeiro), por dois séculos, como a mais importante referência para o uso lexical.

Mesmo dando continuidade ao *Vocabulário Portuguez e Latino*, é uma obra que traz um grande número de vocábulos não dicionarizados por Bluteau. Moraes utiliza-se de obras de vários autores como fonte, o que, talvez por influência do Tribunal do Santo Ofício e, ainda, pela censura literária, tenham sido deixadas de lado pelo P. Raphael Bluteau, conforme destaca Murakawa (MURAKAWA, 2006, p. 31).

Segundo, ainda, essa autora, “o *Diccionario* de Moraes pode ser considerado como o primeiro dicionário de uso da língua portuguesa, porque os que o antecederam não podem ser classificados de tal maneira” (MURAKAWA, 2006, p. 119).

Tal fato se explica porque, para a Lexicografia moderna, um dicionário de uso é aquele que registra o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e as variações linguísticas.

Em relação aos dicionários contemporâneos, o *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, foi escolhido como obra de referência da primeira metade do século XX, por tratar-se de um dicionário que apresenta grande riqueza vocabular, por incluir muitas locuções, expressões e brasileirismos.

A escolha do *Aurélio Sec. XXI: o dicionário da língua portuguesa* deu-se por ser este considerado como um dicionário padrão da sociedade brasileira, apresentando um vasto repertório lexical, incluindo grande número de brasileirismos. Embora tenha limitações, é um dicionário que apresenta grande número de abonações de obras variadas, exemplificações, exemplos a partir da linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade linguística no território nacional, além de concisão e clareza nas definições.

Quanto aos dois últimos dicionários, a escolha do *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* teve como objetivo principal esclarecer a etimologia dos vocábulos e a datação aproximada da sua entrada na língua portuguesa, uma vez que, parte desses vocábulos selecionados não constava nos dicionários mais antigos. Outra finalidade da escolha desse dicionário foi a de identificar as formas variantes que tais vocábulos adquiriram ao longo do tempo, podendo com isso, verificar se algumas dessas formas coincidiam com aquelas encontradas no nosso *corpus*.

O dicionário de Amadeu Amaral, *O Dialeto Caipira*, apresenta dois aspectos inovadores que justificam a importância que é atribuída à obra: i) trata-se de uma tentativa pioneira de se descrever, de forma abrangente, um falar regional brasileiro – o próprio autor dizia que para se reconhecer a existência de um *dialeto brasileiro* ou de uma *língua brasileira* seria preciso que se conhecesse efetivamente esse dialeto, sendo necessário ir além do campo social e político; ii) aborda o ponto de vista metodológico – o trabalho se orienta por

princípios rigorosos, que Amaral considera indispensáveis na investigação dialetológica, o que torna confiável a sua descrição, a saber: necessidade de pesquisa *in loco*, rejeição de dados não verificados pessoalmente pelo investigador; clareza, objetividade e precisão na descrição dos fatos e nos registros das formas (CASTRO, 2006, p.1937).

Além dos seis dicionários enumerados acima, também consultamos a dissertação de Mestrado O léxico do canto do Mangue, (SANTOS, 2010), cujo glossário presente na dissertação foi fruto de uma pesquisa etnolinguística também realizada no Nordeste (Canto do Mangue, comunidade de pescadores situada em Natal, RN) com pescadores. Entendemos ser um importante meio de comparação dos itens lexicais utilizados por nossos entrevistados com aqueles lexemas que constam nesse glossário.

Para sistematizar os dados por nós coletados, elaboramos uma ficha para cada lexia. Na seção seguinte apresentaremos a constituição dessa ficha.

3.3 Macro e microestrutura do Glossário

Para elaborar nosso glossário, adotamos como base alguns pressupostos de autores representativos da lexicologia e da lexicografia, Haensch et al. (1982) e Barbosa (1995). Haensch et al. (1982) define glossário como toda a obra lexicográfica que registra e explica vocábulos usados por autores em uma obra literária e também em outros textos que destaquem palavras de significados difíceis, e que as enumere em ordem alfabética no final.

Para Barbosa (1995, p.19-21), enquanto o dicionário tem como objetivo a reunião e definição do maior número possível dos lexemas de uma língua, o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em um único contexto, exatamente como pretendemos fazer em nossa pesquisa, cujo objeto de estudo se restringe a uma área geográfica, a Raposa.

No que se refere a seleção de entradas para a confecção de glossários ou dicionários, temos de considerar, segundo Haensch et al. (1982, p. 396), que:

Há quatro critérios que determinam de forma decisiva essa seleção: três deles poderíamos denominar fatores externos: sua finalidade descritiva, normativa, etc, o grupo de usuários ao qual se destina (especialistas, tradutores, universitários, público culto, etc.) e sua extensão. O quarto fator, de índole interna, é o método de seleção de unidades léxicas segundo princípios linguísticos, mas sempre de acordo com outros três critérios. Para que os dicionários possam verdadeiramente cumprir sua missão, esses critérios têm de ser considerados com maior rigor (...).²³ (Tradução nossa).

²³ Hay cuatro criterios que determinan de manera decisiva La seleccion de entradas de um diccionario, glosario, etc. A três de ellos los podríamos llamar 'externos': su finalidad (descriptiva, normativa, etc.), el grupo de usuarios al que va destinado (especialistas, traductores, alumnos de bachillerato, público culto, etcétera) y su

Para alcançar o objetivo do nosso glossário, a catalogação de um expressivo número de lexias encontradas em nosso *corpus*, estas foram organizadas de maneiras distintas e complementares: pelo método onomasiológico (do conceito ao nome) e pelo método semasiológico (do nome ao conceito). Haensch et al. (1982, p. 165) complementa: a ordenação por significantes (dicionário semasiológico) e a ordenação por conceitos (dicionário onomasiológico).

Conforme Baldinger (apud HAENSCH et al., 1982, p. 344), esse modo de organização se justifica, pois:

Até o momento toda a discussão acerca da ordenação de dicionários só faz com que o nível da forma e do conceito se confundam, sendo que no campo da forma se exige uma resposta para perguntas que só podem ser respondidas pelo campo do conceito, e vice-versa²⁴.

Nas palavras de Seabra (2004, p. 34), — a Onomasiologia e a Semasiologia, ao mesmo tempo em que se opõem, complementam-se, constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico.

3.3.1 A macroestrutura

A constituição do *corpus* desta pesquisa resultou de uma compilação das lexias encontradas nas 10 entrevistas orais realizadas na Raposa.

O conjunto de entradas foi organizado em ordem alfabética, seguindo a metodologia adotada durante as transcrições, a fim de facilitar a consulta. Primeiramente, de acordo com o método onomasiológico, apresentamos as lexias agrupadas em redes semânticas afins.

Segundo Haensch et al. (1982, p. 165), a ideia fundamental da agrupação onomasiológica é a de se levar em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto do ponto de vista da língua como o das coisas.

Levando em consideração os trabalhos lexicográficos, o autor afirma que é preferível apresentar e estudar o vocabulário por meio de divisões, porque assim vocábulos e termos correspondentes aparecem inter-relacionados.

extensión. El cuarto, de índole ‘interna’, es el método de selección de unidades léxicas según principios lingüísticos, pero siempre de acuerdo con los otros tres criterios. Para que los diccionarios puedan verdaderamente cumplir su misión, habrá que tener en cuenta estos criterios con mayor rigor (...).

²⁴ Hasta ahora toda la discusión acerca de la ordenación del diccionario tiene el efecto de que se confunden constantemente dos niveles, el nivel de la forma y el nivel del concepto, de que a nivel de la forma se exige una respuesta a preguntas que solo pueden responderse a nivel del concepto y viceversa.

Em um segundo momento, seguindo o método semasiológico, partimos da palavra para sua significação.

3.3.2 A microestrutura

A elaboração da microestrutura do nosso glossário seguiu o seguinte modelo:

Forma do Verbetes

Lexia - (*dicionarizada*) • *Estrutura Morfológica* • *Origem* • *Definição* • *Abonação*.

Nessa disposição, valemo-nos das informações já apresentadas nas fichas lexicográficas nos itens *Lexia*, *Registro em dicionários*, *Estrutura Morfológica*, *Origem e Abonação*. Introduzimos, ainda, a *Definição* para cada lexia. Segue um exemplo completo da forma do verbete, retirado de nosso glossário:

AGUACERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Chuva forte, normalmente acompanhada de muito vento. • *Aguacero é muito vento... também agita o má..* (Ent. 2, linha 575).

Passemos, no próximo capítulo, à descrição e análise dos dados catalogados em fichas lexicográficas.



FOTO 5 – Pinhada – Raposa/MA
Fonte: Roberto Sobrinho

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Baseando-nos no exposto nos procedimentos metodológicos, passemos a descrição e análise dos dados retirados do *corpus*, selecionados a partir de entrevistas realizadas na Raposa, MA, apresentados em fichas para fins de sistematização. São 250 lexias, apresentadas em ordem alfabética e transcritas conforme mostram as regras já citadas na seção 3.2.1.3. Passemos à apresentação e análise dos dados.

4.1 As fichas lexicográficas

A seguir, apresentamos as 250 fichas, conforme já explicitadas na seção 3.3.2.

<p>1. AGUACERO Nm [Ssing] ~ AGUACERA Nf [Ssing] _____ 03 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Aguacero é muito vento...</i> (Ent. 2, linha 573) <i>Aguacero é muito vento... também agita o má..</i> (Ent. 2, linha 575) <i>É... não corre tanto perigo... que no inverno também é bom mas tem também as dificuldade das aguacera que chama...o vento forte...</i> (Ent. 2, linhas 565 e 566)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Laudelino Freire: <p><u>Aguacero</u>, s.m. De <i>aguaça+eiro</i>. Chuva forte, repentina e passageira, borraceiro.</p> <ol style="list-style-type: none"> 4. Aurélio: <p><u>Aguaceiro</u> [De <i>aguaça + -eiro</i>.] Substantivo masculino. 1.Chuva repentina e de pouca duração; cordoada, manga-d'água, pé-d'água. V. <i>salseiro</i> (1).</p> <ol style="list-style-type: none"> 5. Cunha: <p><u>Água</u> s.f. líquido incolor, inodoro e insípido, essencial à vida //aguaceiro (XVIII)</p> <ol style="list-style-type: none"> 6. Amadeu Amaral: n/e 7. Santos: n/e

<p>2. ÁGUAS GRANDE NCF [Spl + Adjsing] _____ 02 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>...porque essas água de lançamento, que são as águas grande já... as água de agosto, setembro... se alavancando de água...</i> (Ent. 6, linhas 125, 126) <i>Pra perto do Ceará tem as maré melho....se tem as maré maió...o pescadô quando tem as água grande... ele vai esperá das água pro peixe miorá....</i> (Ent. 8, linhas 107, 108)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Laudelino Freire: n/e 4. Aurélio: n/e 5. Cunha: n/e 6. Amadeu Amaral: n/e 7. Santos: n/e <hr/> <p>Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples água. Não registram esta forma composta.</p>

3. ÁGUAS DE QUEBRAMENTO Ncf [Spl + (prep + Ssing)] _____ 01 OCORRÊNCIA

PESQ.: AH...as águas vão... e essas maré de quarto como é que...?

INF. 1: maré de quebramento, as água de quebramento... (Ent. 6, linhas 102, 103)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples água. Não registram esta forma composta.

4. ÁGUAS DE LANÇAMENTO Ncf [Spl + (prep + Ssing)] _____ 01 OCORRÊNCIA

Porque essas água de lançamento, que são as água grande já... águas de agosto, setembro, se alavancando de água... (Ent. 6, linhas 125, 126)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples água. Não registram esta forma composta.

5. ALAGAR [V] _____ 4 OCORRÊNCIAS

O sujeito tem uma canoinha dessas... boca aberta... vai pescá... vamos supô... some daqui da praia... não viu mais nada... mar prum lado... não viu mais nada... bota a rede... aí a maré vazô você vai tirá a rede ...o cara fala tira a rede... tira a rede... naquele momento pode acontecê uma marisia dessa que ela vai pro fundo... mesmo que você fique se agarrando nela... você afundá... // você vai ficá em cima d'água... solto... o peixe... come... de se alagá... puxando peixe... (Ent. 4, linhas 170, 171, 172, 173, 174)

Aí nos alaguemo era umas nove hora do dia... quando foi umas três da tarde nos fomo agarrado na taba...que vei' o socorro. (Ent. 8, linhas 157, 158)

Eu já me alaguei assim nas boca da barra...mas perto (Ent. 9, linha 80)

...daí a gente já se alagô mais no..na..aqui..aqui é porque o má é mais muito manso (Ent. 9, linha 89)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Alagar. Encher, ou cubrir de agoa. Inundare

2. Moraes:n/e
3. Laudelino Freire:

Alagar v.r.v De a+lago+ar. Transformar em lago, inundar (TR.dir;pr): Quando o Paraíba alaga tudo, Peri, para salvar Cecília, arranca uma palmeira a poder de grandes esforços” (Machado de Assiz)

4. Aurélio:

Alagar [De a^{-2} + *lago* + $-ar^2$.] Verbo transitivo direto. 1. Tornar como que em lago; cobrir de água; inundar: “A chuva cai, alaga o chão, encharca os ventos” (Joaquim Cardoso, *Poesias Completas*, p. 8); “A onda investia furente, alagava o bote” (Herman Lima, *Tijipiô*, p. 123). 2. Cobrir ou encher de qualquer líquido: A chuva alagou a baixada.
5. Cunha:
Lago s.m. ‘porção de água circundada por terras’ XIII. Do lat. *Lacus* [...] Alagar XIV [...].
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

6. ALANDRUÁ Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Quando o siri vinha... agarrava na linha pra cumê... a gente só via que tava vindo... suspende o alandruá assim que de baixo... já agarrô ele (Ent. 6, linhas 65 e 66)
Alandruá é o que procura lá... aí faz que fica aquele fundozinho...ta entendo? (Entrevista 6, linha 69)
Aí esse aqui é que é o alandruá... (Entrevista 6, linha 70)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

7. ANAUFRAGAR [V] _____ 6 OCORRÊNCIAS

Ahh ... bastante... já anaufraquei várias vêis no má...passei mais de vinte e quatro hora boiando em cima d'água... (Ent. 3, linhas 140, 141)
Me marcô foi essa primeira vez que me anaufraquei, foi eu mais outros companhero (Ent. 3, linhas 145, 146)
Já andei risco de canoa se anaufragá comigo.... (Ent. 4, linha 174)
Só teve uma no ceará de se anaufragá, (Ent. 4, linha 175) eu não, ainda não. Eu já tinha me anaufragado, mas é perto de berada...é agora pouco... foi ano passado.. foi esse ano já... (Ent. 7, linha 105)
Morrero quatro pessoas anaufragada... (Ent. 7, linha 106)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:
- Anaufragar**, v.intr. De a+naufragar. Ficar incapaz de servir, estropiar-se.
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Laudelino (que registra anaufragar) e de Santos (que não registra nenhuma das formas), todos os demais autores registram naufragar.

8. ANCHOVA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Anchova...anchova... lá é anchova...tainha (Ent. 3, linha 401)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Anchova, anchova. Peixinho do mar, do comprimento de hum dedo, sem espinhas&sem escamas.

2. Moraes:

Anchòva, s.f. Peixe. V, Enxova

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Anchova (ô) Substantivo feminino. 1.Zool. V. *enchova*.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

9. ANZOL Nm [Ssing] _____ 10 OCORRÊNCIAS

Espinhel é cinco... seis linha no anzol... (Ent. 2, linha 270)

Foi...eu vi nesse tempo eu pescava de anzol mais meu irmão... (Ent. 2, linha 296)

... aí nós foi pescá de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós deiscemo (Ent. 2, linhas 296, 297)

Eles fica o anzol com camarão e a sardinha... (Ent. 2, linha 482)

A sardinha... no anzol.. eles compram a sardinha e corto todinha os pedacinho... (Ent. 2, linha 484)

Vão iscando no anzol... (Ent. 2, linha 485 *O espinhel é um cabo.. põe os anzol num cabo... assim... três... cinco mil anzóis* (Ent. 2, linhas 498, 499)

Eles amarram os anzóis nela... agora eu sei que tem o impum (Ent. 2, linha 503)

Só o peixe o espinhel... o camarão só ta no anzol... (Ent. 2, linha 517)

Aí vai... quando é na hora de puxá você suspende pela linha daquela bóia ali... lá e sai desmariscando e o peixe tá num anzol, que nem pra cume... lá mesmo ele se vira... (Ent. 6, linhas 55 e 56)

Aí, na parte de espinhel...o espinhel é uma corda que agente faz... aí vai botando os anzol, tudinho nisso tudo... (Ent. 6, linhas 23 e 24)

Pega... a cordazinha para pegar os anzol... tá entendendo...aí coloca os anzol aqui na ponta... aí istira ela... (Ent. 6, linhas 27 e 28)

Certo... com os anzolzinho com a ponta dela subindo (Ent. 6, linha 34)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

ANZOL, He hum pequeno gancho de ferro, q Fe acta na extremidade da fedela, com isca, para a panhar peixe. Hamus, i. Mafe. Cic.

2. Moraes:

Anzól, s.m. Croque ou gancho de ferro agudo, com barba, na qual se enfia a isca para pescar á linha.

3. Laudelino Freire:

Anzol, s.m. Lat hamiciolus, dim. De hamus. Pequeno gancho metálico e recurvo, terminado em farpa, a que se prende a isca para apanhar o peixe.

4. Aurélio:

Anzol [Do lat. vulg. **hamiciolu*, dim. de *hamus*, ‘gancho’.] Substantivo masculino. Pequeno gancho para pescar.

5. Cunha:

Anzol s.m. ‘pequeno gancho para pescar’ /XVI, ezollo, XV, anzolo XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Anzol s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Instrumento de aço, de forma curvada, que serve para fisgar os peixes.

10. ANZOL DE IMPUM NCm [Ssing + (prep + Ssing)] _____ 01 OCORRÊNCIA

Agora eu sei que tem o impum... o impum ... o anzol de impum que é pra amarrá no cabo preto...
(Ent. 2, linha 503, 504)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples anzol. Não registram esta forma composta. Ver anzol, ficha 9. Ver impum, ficha 110.

11. ANZOL ESTROVADO NCm [Ssing + Adjsing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Um anzol estrovado...e bota as cordas e cinco em cinco braços uma bóia e solta no meio do mar...
(Ent. 4, linha 29)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples anzol. Não registram esta forma composta. Ver anzol, ficha 9. Ver impum, ficha 110.

12. A PANO Loc. Adj [Prep + Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Pra eles é bote lá no Ceará... só o que é bote é a pano (Ent. 1, linha 140)
Que se você fô lá você vai encontrá uma centena de canoas a pano (Ent. 1, linha 201)
...lá tudo é a pano...tem uma ou duas canoa a motô... (Ent. 1, linha 201, 202)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Pano, ou Panno, s. m. Do lat. pannus. Qualquer tecido de linho, algodão, lã, etc. 4. As velas de um navio.

4. Aurélio:

Pano1 [Do lat. *pannu.*] Substantivo masculino. 7. Marinh. Vela

5. Cunha:

Pano. s.m. 'qualquer tecido, fazenda' XIII. Do lat. *pānnus* – i.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

13. APROFUNDAR [V] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Que é pra aprofundá ele... daqui acolá a gente bota uma que é pra tudo que a gente vê essa aqui da ponta... aí sai botando o espinhel... (Ent. 6, linha 52)

Aí sai daqui até aqui...sai botando as pedra pra aprofundá... (Ent. 6, linha 53)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Aprofundar, v.r.v. De a+profundo+ar. Fzer fundo ou tornar mais fundo (tr.dir;pr): “não cessarão de aprofundar o seu álveo, e alargar as suas margens” (Rui.)

4. Aurélio:

Aprofundar [De a⁻⁴ + *profundar*.] Verbo transitivo direto. 1.Tornar fundo ou mais fundo; escavar: *aprofundar um buraco, uma trincheira*. 2.Meter muito para dentro; enterrar: *As marteladas aprofundaram a estaca*.

5. Cunha:

Fundo adj. sm. ‘profundo’ ‘ a parte mais interior de um objeto, cavidade etc, âmago’, ‘capital’, lastro XII. Do lat. findus.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

14. APURRINHAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí a turma aqui apurriho os outro né (Ent.1, linha 153)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Aporrinhar, v. tr. dir. Afligir // 2. Apoquentar, aborrecer: “E gritou que eu não o aporrinhasse” (J.A. de Almeida)

4. Aurélio:

Aporrinhar [De a⁻² + *porra* + *-inhar*.] Verbo transitivo direto. Verbo pronominal. 1.Pop. V. *apoquentar*.

5. Cunha:

Porra s.f, ‘ ant. clava com saliência arredondada num dos extremos ‘ XIII. De etimologia obscura. // Aporrinhar vb. ‘ apoquentar ‘

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

15. ARATU [Nm] _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQUISADORA: chieu que tem ali... bem pequenininho... parece uma ilha... bem pretinho...INFORMANTE 1: é chiéu o nome dele... agora o aratu é gosto... você como assim... o melhor que tem é o aratu... melhor que siri... (Ent. 4, linhas 233).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Aratu [Do tupi; tax. *Aratus*.] Substantivo masculino. Bras. Zool. 1.Gênero de artrópodes, crustáceos, malacostráceos, decápodes, braquiúros, grapsídeos. 2.Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a *Aratus pisoni* de carapaça trapezoidal e coloração acinzentada. Ocorre nos mangues, porém não mora em buracos, preferindo viver em arbustos. Tem os nomes populares de *aratu-marinheiro*, *aratu-da-pedra*, *araturpinima*, *aratupeba*, *carapinha* e *marinheiro*. 3.P. ext. Denominação de outras espécies dos gêneros *Goniopsis* e *Sesarma*, de hábitos semelhantes. 4.Qualquer espécime desses gêneros.

5. Cunha:

Aratu, sm. ‘Variedade de caranguejo’ // 1587, aratu c 1584, aratu 1789 // Do tupi *ara’tû* //.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Aratu s.m TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Espécie de caranguejo pequeno de cor vermelha.

15. ARRAIA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

O uçá não vendi... a arraia não vendia... o cação não vendia... (Ent. 8, linha 337)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Arraia, s.f. De a+raia. Zool. Peixe do mar cartilaginoso, da secção dos candropterígios; raia.

4. Aurélio:

Arraia1 [De *ar*⁻² + *raia*².] Substantivo feminino. 1.Raia² (2 e 3): “A arraia possui um dente no céu da boca, agudo e penetrante, que arranca o xaboque da carne da pessoa atacada” (Hélio Galvão, *Cartas da Praia*, pp. 22-23).

5. Cunha:

Raia s.f ‘designação comum aos peixes elasmobrânquios hipotremados de corpo achatado, boca e fendas branquiais situadas na face ventral, nadadeiras peitorais muito desenvolvidas, em forma de asas’ XVI, arraya XV/Do lat. *raia* –ae.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Arraia s.f. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Espécie de peixe de grande porte que tem duas nadadeiras laterais e calda fina que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 6 metros de comprimento e chega a pesar até 50 quilos. De cor cinza e de carne branca é um pescado que não tem boa aceitação no mercado.

16. ARRASTAR [V] _____ 01 OCORRÊNCIA

Aí pode as vezes dormi..., pode se quisé arrastá o camarão dali, pode ... (Ent. 6, linhas 54 e 55)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Arrastar. Levar os rastos, puxar de uma cousa pelo chão. Aliquid trabere.

2. Moraes:

Arrastár. V. at. Levar de rastos, com força, violência, dificuldade:v.g:os pés apenas me arrastáo á sepultura.

3. Laudelino Freire:

Arrastar, v.r.v. De a+rasto+ar.Levar ou trazer rastos ou de rojo (tr.dir;bitr; com prep.a,de,para,por, com) : “cantavam-se por dezenas, os que arrastavam algemas, os que faziam gargalheiras” (C.Netto).

4. Aurélio:

Arrastar [De *ar*⁻¹ + *rasto* + *-ar*².] Verbo transitivo direto. 1.Levar ou trazer de rastos ou de rojo; arrojar: A mãe arrastava a criança birrenta.

5. Cunha:

Rasto, rastro ‘vestígio, sinal’/rasto XIII, rastro XIV/Do lat *rāstrum* //arrastado 1813//arrastamento 1871//arrastar / XIV etc.

6. Amadeu Amaral: n/e

17. ARRUDEAR [V] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Aqui nessa esteira arrudeia aqui na salinha... arrudeia de novo na mesma estera. (Ent. 8, linha 151)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Arrodear, v.r.v. De a+rodear. O mesmo que rodear: “E sobre este tumulto arrodeando ou aremossando –se impetuoso na esteira de destroços (E. da Cunha).

4. Aurélio:

Arrodear [De *a*⁻⁴ + *rodear*.] Verbo transitivo direto. Verbo pronominal. 1.V. *rodear*: “Toda espécie de gente arrodeava as mesas.” (Ciro Martins, *Paz nos Campos*, p. 10.) [M. us. na ling. pop. Conjug.: v. *frear*.]

5. Cunha:

Arrodear [De *a*⁻⁴ + *rodear*.] Verbo transitivo direto. Verbo pronominal. 1.V. *rodear*: “Toda espécie de gente arrodeava as mesas.” (Ciro Martins, *Paz nos Campos*, p. 10.) [M. us. na ling. pop. Conjug.: v. *frear*.]

6. Amadeu Amaral: n/e

18. ASSENTAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

É...vai soltando ele...dá tem umas pedra que vai fazendo ele assentá lá no fundo (Ent. 6, linha 46)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Assentar. Por em algum lugar. Aliquidi alicubi ponere.

2. Moraes:

Assentár, v. at; Por em assento, base.

3. Laudelino Freire:

Assentar, v.r.r. De assento + ar. Pôr sobre o assento, fazer sentar (tr.dir; itr; com prep.em) : “Sobe, co’ a filha ao carro, e ao lado a assenta” (Filinto Elísio)

4. Aurélio:

Assentar [Do lat. vulg. **adsedentare* < lat. *sedere*, ‘estar sentado’.] Verbo transitivo direto. 1.Flexionar, ou fazer flexionar, os membros inferiores, apoiando as nádegas e coxas em assento (1); assentar-se, sentar: *Cansada de carregar a filha, assentou-a.* 2.Colocar ou dispor de modo que fique seguro: assentar um tijolo. 3.Armaz, instalar: assentar barracas; assentar uma cabana. 4. Estabelecer, fixar, firmar: *Ainda não teve tempo para assentar suas idéias sobre o assunto.*

5. Cunha:

Assentar vb. ‘pôr sobre’ ‘apor, anotar, ‘, ‘sentar’ /XIII etc/Do lat. vulg. *adsentãre*, de *sedere* (estar sentado).

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

19. ATRAVESSADÔ Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Aí se o dono da embarcação não tem... é onde atravessadô entra... arranja o dinheiro pra dá pra cada pessoa (Ent. 3, linhas 358 e 359)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Atravessadór, s.m. O que compra toda mercadoria ou viveres, para regatear e vender, a seu arbítrio, elle só.

3. Laudelino Freire:

Atravessador. s.m. De atravessar+dor. O que atravessa.// 2. O que compra por atacado e em geral, antes que sejam postos no mercado gêneros de primeira necessidade, para os revender com grande lucro; açambarcador, monopolizador.

4. Aurélio:

Atravessador (ô) [De *atravessar* + *-dor*.] Substantivo masculino. 1. Aquele que atravessa. 2. Intermediário (4): “— Quem ganha menos é o produtor, prosseguiu o senhor de engenho. O lucro vai todo para os revendedores, para os atravessadores” (Eduardo Frieiro, *O Mameluco Boaventura*, pp. 73-74).

5. Cunha:

Través s.m ‘esguelha, soslaio, bliquidade’ XVI. Do lat. *trâsverse*. //atravessador 1844 //

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Atravessador s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Vendedor de peixes que atua entre o pescador e o consumidor.

20. BAGRE Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

O peixe que vem pra cá o espinhel chega na hora...esses peixinho que hoje dá mais é guaravira... que antes dava muita guaravira e pescada... bagre muito... (Ent. 4, linhas 74 e 75)

PESQ.: Vamo lá...tem guaravira... que mais? INF. 1: Tem o bagre...(Ent. 8 linhas 343 e 344)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Bagre [De or. controversa.] Substantivo masculino. 1. Pop. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, siluriformes, taquissurídeos e pimelodídeos, em geral de corpo mole, pele totalmente nua, barbilhões desenvolvidos. Marinhos e de água doce, vivem no fundo e se alimentam de toda espécie de substâncias. [Sin.: *jundiá*.]

5. Cunha:

Bagre s.m ‘designação comum a varias espécies de peixes teleósteos, das fam. Dos taquisurídeos e dos pimelodídeos.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

21. BAGUINHO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

O baguinho não vendi... o gó não vendia. O uçá não vendia... a arraia não vendia... o cação não vendia... (Ent. 8, linha 337)

O rapaz chegô aqui... rapaz “vem fazer um favô”. Eu digo “o que é rapaz? “ pra tu ser tistimunha que eu sou pescaô..... vai ali no fórum...ai eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe... o ...o...rapaz foi...”que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele?” Eu comecei a dizê assim: olha ele pega baguinho... gurijuba... uritinga... quando eu disse uritinga... ela disse... venha cá... tem esse ainda...eEu disse... senhora não qué sabê a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? Quando cheguei no uritinga... eu falei baguinho... banderado... o gurijuba... o cambéu... Lea disse: “mais já chega”. Mas e agora? (Ent. 8, linhas 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Diminutivo de bagre, ver ficha 20.

22. BANDERADO Nf [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

O rapaz chegô aqui... rapaz “vem fazer um favô”. Eu digo “o que é rapaz? “ pra tu ser tistimunha que eu sou pescaô..... vai ali no fórum...aí eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe... o ...o...rapaz foi...”que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele?” Eu comecei a dizê assim: olha ele pega baguinho... gurijuba... uritinga... quando eu disse uritinga... ela disse... venha cá... tem esse ainda...eEu disse... senhora não qué sabê a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? Quando cheguei no uritinga... eu falei baguinho... banderado... o gurijuba... o cambéu... Lea disse: “mais já chega”. Mas e agora? (Ent. 8, linhas 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359)
INF.:é tem pescadô que se belisca... as vês eles pegam o peixe e jogam assim pra saí de uma vez ... o peixe sai em outro pescadô... já aconteceu. PESQ.: vixi. INF.: a maior parte é mais de esporão... é o banderado é o uritinga (Ent. 2, linhas 509, 510, 511, 512, 513)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Bandeirado. [De *bandeira* + *-ado*¹.] Substantivo masculino. 1.Bras. Zool. V. *bagre-bandeira*.

23. BARQUERO Nm [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

INF. 1: É o barquero que passa né...ele...tava bêbado... (Ent. 10, linha 154)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
Barqueiro.O que governa o barco. *Navicularius, ij.*
2. Moraes:
Barqueiro, s.m. Homem de barco, que o governa.
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:
Barqueiro [De *barco* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Indivíduo que governa um barco.
5. Cunha:
Barco Do lat. tardio *barca*, de origem hispância [...] Barqueiro, 1813.
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

24. BAXA Nf [Ssing] _____ 01 OCORRÊNCIA

Ainda existe... Por isso chamava pedra e chama pedra até hoje...chamo o... uma chamo os pedra, Araçagi, olho de porco, é....é....baxa (Ent. 1, linhas 179 e 180)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Baxa ou Baixa. Dimuição. Baxa do ouro, ou da prata, quando se funde. Auri, Argentive interimentum, i.

2. Moraes: n/e

Báxa, s.f. Dimuição, abatimento de preço, que tem as mercadorias de qualquer gênero. “que pagassem 30. por cento e ainda depois lhe fazião baxa”.

3. Laudelino Freire:

Baixa, s.f. De baixo. Dimunuição em altura, abaixamento. //4. Lugar baixo//5. Depressão de terreno//7. Lugar de ,ar, rio, etc; onde há pouca altura de água.

4. Aurélio:

Baixa [F. subst. de *baixo*.] Substantivo feminino. 1. Depressão de terreno; baixos. .Lugar baixo. 3. Parte pouco funda de mar ou de rio. 4. Campo alagado.

5. Cunha:

Baixo adj. SM. Pouco elevado. “a parte inferios” X111. Do lat. *bassus* (do séc VIII//baixa XV

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

25. BAXA MAR NCf [ADJ + Sf] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Você bota o curral agora, pega a rede, na maré...na baxa má...na baixa má você tem que tá lá a mode tirá a rede..(Ent. 2, linha199)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Baxa ou Baixa. Dimuição. Baxa do ouro, ou da prata, quando se funde. Auri, Argentive interimentum, i.

2. Moraes: n/e

Báxa, s.f. Dimuição, abatimento de preço, que tem as mercadorias de qualquer gênero. “que pagassem 30. por cento e ainda depois lhe fazião baxa”.

3. Laudelino Freire:

Baixa, s.f. De baixo. Dimunuição em altura, abaixamento. //4. Lugar baixo//5. Depressão de terreno//7. Lugar de ,ar, rio, etc; onde há pouca altura de água.

4. Aurélio:

Baixa-mar [Do f. de *baixo* + *mar* (voc. fem., outrora).] Substantivo feminino. 1. Nível mínimo da curva da maré; maré baixa; maré vazia. [Antôn.: *preamar*. Pl.: *baixa-mares* e *baixas-mares*.]

5. Cunha:

Baixo Do lat. *bassus* (do sec. VIII) [...] *baixa-mar sf*. ‘nível mínimo da curva da maré’ / *baxa mar XV*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Baixa-mar s.f. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Quando a maré atinge o seu nível mínimo. VAR. *maré seca ou baixa*. fácil comercialização

6. Amadeu Amaral: n/e

26. BENZIMENTO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Nada de ajuda. Eu falei lá com ele e ele me pôs bonzinho. (Inaudível entre 14:41 e 15:03) ...hoje não... mas amanhã...ele fez um benzimento (Ent. 5, linhas 119 e 120)

Ele mesmo fez o benzimento em mim e no outro dia eu amanheci aliviado (Ent. 5, linha 122)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Benzimento Fazer hum benzimento Segundo a regra de S. Bernardo he benzer o Abbade, ou geral o habito das freiras & fazer outras cerimônias quando depois de professias renovão os votos.

2. Moraes:

Benzimento s.m. Acção de benzer.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

27. BERADA Nf [Ssing] _____ 7 OCORRÊNCIAS

São... e lugá que mora pescadô...hoje tem lugá que não mora mais....so aquele pescadorzin' de berada mas ainda continua pescando.. (Ent. 1, linhas 182 e 183)

Eu não, ainda não. Eu já tinha me anaufragado, mas é perto de berada...é agora pouco... foi ano passado... foi esse ano já...(Ent. 7, linhas 105 e 106)

Aí nos conseguimos voltar pra berada... perdemo os peixe todo... (Ent. 2, linha351)

Os colega tudo na berada já... que não tiveram coragem de subir pra tirar a rede... que senão a rede ia rasgá todinha... perdê material (Ent. 2, linha 364, 365)

Não... que a rede saiu do barco... pegou nas berada na muruada... as muruada é onde eles bota puçá pra pegá camarão (Ent. 2, linha 369, 370)

Camarão e siri... esse negócio de siri que dá na berada (Ent. 2, linha 426)

Essas casa que tem nessa berada aí não tinha nada.. caminho não tinha (Ent. 5, linha 199)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Beira, borda. *Margo, ints.*Fem. Ripa, *ae.* Fem. Encalhado à Beira do, rio. *Successos Militar.* pag. 49.verS. Beira dos telhados. A extremidade das ultimas telhas. *Extremarum imbricum margines, um.* Diz o adágio portuguez, Andar, Andar, vir a morrer à beira; isto he na praya, ou costa do mar. Diz-se dos que, depois de muitas, & grandes viagens do mar, se vem a perder perto da terra.

2. Moraes:

Beira, sf. Borda, ribanceira, do mar, do rio: margem, aba do telhado, as telhas que saem fora do corpo do edificio.

3. Laudelino Freire:

Beirada, s.f. O mesmo que beiral.//2.Beira, margem.//3. Cercanias, arredores

4. Aurélio:

Beirada [De *beira* + *-ada*¹.] Substantivo feminino. 1.Beira, margem, borda. 2.V. *beiral*.

5. Cunha:

Beira s.f. 'borda, margem, orla' XV. De origem incerta [...] *beirada* 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

28. BERA DA COSTA Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

É muito diferente , as coisa era muito difícil, era difícil chegar ali na Raposa... era só uns pauzinho colocado, ó... aí pra ir pra cidad..., era pela bera da costa (Ent. 3, linhas 23 e 24)

Raposa que dizem é por causa que teve uma raposa que morreu na bera da costa e os pescadô fico se encontrando lá... se encontrando...(Ent. 3, linhas 85 e 86)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Beira, borda. *Margo, ints.Fem. Ripa, ae. Fem. Encalhado à Beira do, rio. Successos Militar.* pag. 49.verS. Beira dos telhados. A extremidade das ultimas telhas. *Extremarum imbricum margines, um.* Diz o adágio portuguez, Andar, Andar, vir a morrer à beira; isto he na praya, ou costa do mar. Diz-se dos que, depois de muitas, & grandes viagens do mar, se vem a perder perto da terra.

2. Moraes:

Beira, sf. Borda, ribanceira, do mar, do rio: margem, aba do telhado, as telhas que saem fora do corpo do edificio.

3. Laudelino Freire:

Beira, sf. Borda, margem, riba, orla.

4. Aurélio:

Beira. [De or. incerta.] Substantivo feminino. 1.Borda, margem, orla: *a beira do rio.* 2.Proximidade, vizinhança: *Sentia-se à beira da morte.*

5. Cunha:

Beira, sf. 'Borda, margem, orla' XV. De origem incerta, talvez redução de *ribeira* que por etimologia popular teria sido interpretada como rio + beira (beira do rio) ou, talvez, como re- + beira (cp. chão/rechão, canto/recanto)//**AbeirAR** 1858//**beirADA** 1899//**beirAL** 1858//**beirAR** 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

29. BIANA Nf [Ssing] _____ 13 OCORRÊNCIAS

Só muda de forma ((risos)) mas tudo de madeira ... proa fina... proa chata... biana... é bote lancha né (Ent. 1, linhas 134 e 135)

PESQ.: Antigamente era só barco a pano... que era as biana/ INF. 1: Antigamente é... só biana (Ent. 4, linhas 97 e 98)

PESQ.: Certo...e agora tem biana/ INF. 1: tem biana... tem muitas ainda (Ent. 4, linhas 99 e 100)

PESQ.: Era só biana nessa época?/ INF. 1:era biana e garité (Ent. 4, linhas 119 e 120)

Garité é umas canoa que é a proa dela é lá e a ponta dela é lá ... e o pano é só um pau la ponta e bota lá no pé e é só uma prancha.. as biana são duas prancha (Ent. 4, linha 124)

Ela não é nem tanto... ela é até mais potência... as biana (Ent. 4, linha 125)

A diferença é que a garité não tem a cara... não tem nada... e a biana é toda cortada... é bonitinha (Ent. 4, linha 133)

Aí eu tirei a visão das duas pessoa e quando eu olhei de novo já não tarra as duas pessoa...só tarra uma canoa... uma biana... (Ent. 8, linhas 148 e 149)

Uma biana é uma canoa que o pescadô chama. ...a biana é pequena... viu...(Ent. 8, linha 149)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

30. BITOLA Nf [Ssing] _____ 5 OCORRÊNCIAS

A gente tem a bitola tamanho do chumbo certo que pega... (Ent. 2, linha 233)

Bitola nove... a gente chega com a bóia bem aqui (Ent. 2, linhas 233 e 234)

Pega duas bitola da bóia... bota bem aqui... do chumbo... (Ent. 2, linha 236)

Bitola a gente chama é o entralhamento de uma bitola pra outra...(Ent. 2, linha 238)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Bitôla. Termo do povo. Governase pela tua bitôla, id est, pelo teu parecer.

2. Moraes:

Bitola, s.f Medida por onde alguma obra se há-de regular, padrão, modelo

3. Laudelino Freire:

Bitola, s.f. Medida por onde alguma obra deve ser feita/Pequena régua ou cilindro de madeira que se usa na fabricação das redes e tarrafas para uniformidade das malhas, malheira.

4. Aurélio:

Bitola [De or. controversa.] Substantivo feminino. 1. Medida reguladora; padrão, estalão, modelo, norma, craveira.

5. Cunha:

Bitola s.f ‘medida reguladora’/padrão, modelo, norma’/XVI, vitolla 1603/ De origem controvertida.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

31. BOCA DA BARRA Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns peixe que nós...(Ent. 2, linhas 296 e 297)

Na época tava pescando numa embarcação a pano... logo no começo tinha pouco motorizado... meteu na boca da barra... (Ent. 2, linhas 340, 341)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Boca da barra exp. TND (DHLP; MMDLP; NALP). Canal de entrada das embarcações no Rio Potengi. VER. canal da Barra.

32. BOCA DO CORRAL Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Por causa da boca do corral é pequena assim... é mei' assim (Ent. 2, linha 44)

Você tem que ir lá com uma rede... um sobe na boca do corral ... dois cinto na boca... bota o culão lá na frente... sobe em cima... bota o calão (Ent. 4, linhas 93 e 94)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

Obs: Os dicionários registram boca e curral searadamente, ver ficha 72.

33. BOCA MOLE Ncf [Ssing + ADJ] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: *Ahhh... é a merma gó?/INF. 1: É a merma gó...boca mole (Ent. 7, linhas 83 e 84)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Boca mole s.f. TND (DHLP; MMDLP; NALP). Espécie de peixe de pequeno porte, que tem um defeito na boca e que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor branca e nadadeiras amarelas é um peixe bem aceito no mercado. [*O <boca mole> tem esse nome porque ele tem um defeito na boca*].

34. BOIA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

E a noite, pegava uma puçá... ia pro rio... ia pegar o camarão pra já botar bóia em casa... deixar o negócio em casa (Ent. 5, Inhas 366 e 367)

Aí vai entralhando... num sabe... que é botando as bóia... que tem o lugar das bóia e das bichinha (Ent. 2, linhas 209 e 210)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Boya, bóia. Pao que ainda fobre e agoa, & e o final do lugar em que está a ancora. *Transverjus anchora stipes fluitans.*

2. Moraes:

Boia, s.f. pedaço de madeira leve que anda sóbreaguada e atada á ancora, para mostrar onde ella está surgida.

3. Laudelino Freire:

Bóia, s.f. Lat boja. Pedaço de Madeira, barril ou qualquer corpo flutuante.

4. Aurélio:

Bóial [Do francês **baukan*, 'sinal', por uma var. ant. ou dial. do fr. *bouée*.] Substantivo feminino. 1.Mar. Flutuador cilíndrico, esférico, cônico, etc., usado para vários fins, tais como balizamento, amarração de navios, e outros, e agüentado no seu lugar fundeado ou amarrado.

2.Peça de material flutuante (cortiça, isopor, etc.) adaptada às redes de pesca para que não afundem.

3.Cortiça ou outro material flutuante ligada à corda em que se apóiam aqueles que aprendem a nadar.

4.P. ext. Qualquer objeto flutuante sobre a água e que auxilie a natação. 5.Peça flutuante existente nas caixas-d'água, que serve para vedar a entrada do líquido quando o reservatório se enche. 6.Bras.

Etapa (1) de soldados. 7.Comida, refeição, rancho.

5. Cunha:

Bóia, sf. 'flutuador usado para balizamento/amarração de navios, etc. e aguentando no seu lugar, amarrado ou fundeado./*boya* XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

35. BONANÇA Nf [Ssing] ~ **BONÂNCIA** Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

Na bonância... que o povo diz na bonança tá um má liso tá bom demais navegá... aí fala assim na bonança...(Ent. 2, linhas 558 e 559)

O vento forte... que as vês a pessoa tá la fora na bonança e vai passá a noite e aí se forma um vento do sul ou do norte: escurece tudo (Ent. 2, linhas 566, 567)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Bonança [Do lat. vulg. **bonancia*, alter. do lat. *malacia* < gr. *malakía*, ‘brandura’, ‘calmaria’, ‘bonança’, ‘malacia’, deve-se esta alter. ao fato de julgar-se que em *malacia* existisse o el. *malus*.] Substantivo feminino. 1. Bom tempo no mar; tempo favorável à navegação. 2. Fig. Sossego, tranqüilidade, serenidade.

5. Cunha:

Bonança s.f ‘bom tempo no mar’/calmaria/ *bonança* XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

36. BOQUERO Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

...a gente conta a história ninguém acredita não... eu sempre trabalhei de boquero... boquero é o cara que leva até a boca do curral botar os homem (Ent. 4, linhas 183 e 184)

Boquero pega a gente e larga a rede... a gente ... vai na rede...(Ent. 4, linha 186)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Boca. Boca do rio, por onde desagoa no mar. Fuminis oftium ,ij.

2. Moraes:

Boca, sf. A entrada. Boca: entrada, princípio.

3. Laudelino Freire:

Boca. Entrada mais ou menos larga.

4. Aurélio:

Boqueiro [De *boqu(i)*- + *-eiro*.] Substantivo masculino. Pop. 1.V. *boqueira*. 2.V. *maconheiro* (2).

5. Cunha:

Boca, sf. Abertura de costa marítima, rio ou canal. Do lat. *buccam*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

37. BOTE LANCH NCm [Sm + Sf] _____ 01 OCORRÊNCIA

Só muda de forma ((risos)) mas tudo de madeira... proa fina...proa chata... biana... é bote lancha né (Ent. 1, linhas 134,135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

38. BRAÇA Nf [Ssing] _____ 02 OCORRÊNCIAS

Curral é perigoso...a gente mergulha...tem uns antes que fica raso... outros mais profundo... é três braça de maré cheia... seca... esse fica mais (Ent. 3, linhas 189, 190)

É... é isso aí... é que nós medimos pra butá de um espinhel pra outro... tanto a rede... é medida por braça (Ent. 6, linhas 151 e 152)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Braça [Do lat. *brachia*, pl. de *brachiu*, 'braço'.] Substantivo feminino. Metrol. 1. Antiga unidade de medida de comprimento equivalente a dez palmos [v. *palm* (2)], ou seja, 2,2m. 2. Unidade de comprimento do sistema inglês, equivalente a cerca de 1,8m.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Braça s.f. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Termo que compreende a 1 metro e meio de distância. [Aqui perto a gente pesca a 10 <braças>] (J.A / M1).

39. BUZO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

É o buzo né...marisco que tem por o nome buzo né...mais conhecido aqui como sarnambi (Ent. 10, linha 228)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Búzio [Do lat. *buccinu*.] Substantivo masculino. 1. Designação comum às conchas de moluscos gastrópodes, como, p. ex., a da espécie *Cassis tuberos*, distribuída desde a América do Norte até SP, e que é us. pelos pescadores e jangadeiros para o sopro com que anunciam sua chegada ao porto, ou transmitem notícias no mar. É uma concha piramidal, com linhas longitudinais e transversais, e três fiadas de nódulos na parte superior da espiral do corpo. Comprimento: até 18cm. A concha é usada para camafeus artísticos

5. Cunha:

Búzio s.m designação comum às conchas de moluscos gastrópodes, nas quais sopram os pescadores para anunciar sua chegada aoporto ou transmitir noticias do mar. / buzeo XIV/Do lt. *bucinum*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

40. CABO Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: não o espinhel não é uma rede... ó espinhel é um cabo.. põe os anzol num cabo... assim... três... cinco mil ... (Ent. 4, linhas 498, 499)

INF.: esse cabo mesmo preto... tipo uma linha desse cabo preto... linha três... quatro... seis ... (Ent. 4, linha 501)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cabo. Fim de alguma cousa. *Extremum*, *i*.

2. Moraes: n/e

Cabo, s.m. Peça de madeira, marfim, metal e outras matérias, em que se embebe o espigão de algum instrumento e pelo qual se lhe pega: v.g cabo da faca, da navalha e assim a parte de outros instrumentos que se empunha; v.g o cabo da espada.

3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Cabo 1[Do lat. *caput*, ‘cabeça’.] Substantivo masculino. 1.V. *hierarquia militar*. 2.Militar que detém a posição hierárquica de cabo. 3.Comandante, chefe, cabeça. 4.Término, fim, limite. 5.Ponta de terra que entra pelo mar; promontório, ponta.
5. Cunha:
Cabo, s.m. Fim, confim, arremate, extremidade. XIII. Do lat. *caput* ‘cabeça’.
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

41. CABO SEIS NCm [Ssing + Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: rabo de tatu é a corda?

INF.: é o cabo seis que a gente usa aqui... (Ent. 2, linhas 206, 207)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simplescabo. Não registram esta forma composta.

42. CAÇÃO Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

O baquinho não vendia ... o gó não vendia... o uçá não vendia... a arraia não vendia... o cação não vendia... (Ent. 8, linhas 336, 337)

INF.: é aqui deu muito cação. ... no ano que cheguei... um cação matou um rapaz aqui na Raposa (Ent. 8, linha 380)

INF.: aqui são de todos tipo de peixe...do cação...ao serra..uritinga...pescada...é o o..Maranhao ele é considerado o segundo maior pescado do Brasil../ e em relação a aqui Raposa que aqui fais parte (Ent. 10, linhas 177,178)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Cação, s.m. Peixe de pelle, vulgar, da espécie do tubarão.

3. Laudelino Freire:

Cação, sm. Nome genérico dos peixes plagiostomos pleurotremas da sub-ordem dos esquadros; tubarão.

4. Aurélio:

Cação¹. [De *caçar* + *-ão*¹.] Substantivo masculino. 1.Zool. Designação comum a todos os peixes elasmobrânquios com fendas branquiais laterais e corpo de forma alongada, de tamanho médio ou pequeno, e cuja carne, embora de má qualidade, é consumida pelo povo. [Cf. *tubarão*¹ (1).]

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Cação s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Espécie de peixe de grande porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e 60 centímetros de comprimento e chega a pesar até 50 quilos. De cor branca, cauda fina e sem espinhas é um pescado que tem boa aceitação no mercado.

43. CALOMBETA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: Essa que elas estão fazendo aqui... qual rede é essa aqui. INF.: Aí é para pegar é o cambéu... é a uritinga...é a cururuca é a calombeta..é... esses peixe miúdo... (Ent. 5, linhas 166, 167)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

44. CAMARÃO Nm [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

As muruada é onde eles bota puçá pra pegá camarão... (Ent. 2, linhas 369, 370)

Precisa pôr rede não... pra pegá camarão é assim. ... (Ent. 2, linhas 381)

...e peixe não faltava... peixe tinha muito aí... camarão tinha muito.. (Ent. 4, linha 115)

PESQ.: puçá...puçá a gente usa pra camarão também né. INF.: é pra camarão. (Ent. 9, linhas 29, 30)

INF.:puçá é só pra camarão (Ent. 9, linha 31)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Camarão, s. m. Lat. *cammarus*. Pequeno crustáceo decápode, da família dos peneidas.

4. Aurélio:

Camarão [Do gr. *kámmaros*, pelo lat. *cammaru*, poss. pelo lat. vulg. **cammarone*.] Substantivo masculino. 1.Zool. Animal artrópode, crustáceo, decápode, peneídeo, macruro, com 10 patas. Sua evolução consta de cinco fases. Várias espécies são conhecidas, todas de importância comercial. [Sin. (bras. desus.): *poti*.]

5. Cunha:

Camarão s.m. Animal artrópode, crustáceo, da fam. Dos peneídeos, de grande consumo na alimentação' 1500. De um lat.**cammarõne* (cláss. *Cammarus*~i), deriv. do g. *kámmaros*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Camarão s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Crustáceo bastante pescado na costa do Estado do Rio Grande do Norte. Tanto é comercializado internamente como é exportado para as mais diversas regiões do Mundo.

45. CAMARÃO BRANCO NCm [Ssing + Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

É, aqui tem só camarão branco (Ent. 8, linha 382)

Esse...tem o pituicaia...e tem o camarão branco (Ent. 9, linha145)

Os dois (risos)..tudo é bom /...mas o camarão branco é o melho...que diz que não é venenoso né (Ent. 9, linhas 149, 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Camarão branco, s.m. Variedade de camarão. (*Penaeos brasilienses*)

4. Aurélio:

Camarão [Do gr. *kámmaros*, pelo lat. *cammaru*, poss. pelo lat. vulg. **cammarone*.] Substantivo masculino. 1.Zool. Animal artrópode, crustáceo, decápode, peneídeo, macruro, com 10 patas. Sua evolução consta de cinco fases. Várias espécies são conhecidas, todas de importância comercial. [Sin. (bras. desus.): *poti*.]

5. Cunha:

Camarão s.m. Animal artrópode, crustáceo, da fam. Dos peneídeos, de grande consumo na alimentação' 1500. De um lat.**cammarõne* (cláss. *Cammarus*-i), deriv. do g. *kámmaros*.

6. Amadeu Amaral:

Camarão s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Crustáceo bastante pescado na costa do Estado do Rio Grande do Norte. Tanto é comercializado internamente como é exportado para as mais diversas regiões do Mundo.

7. Santos: n/e

46. CAMAROERA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

PESQ.: E camarão? INF.: Outro tipo de nailo PESQ.: Mas tem o nome também? INF.: Camaroera (Ent. 8, linhas 94, 95, 96, 97)

INF.: Eu vi duas pessoa arrastano uma rede de camaroera... uma rede de puçá... o puçá que pega o camarãopitiucaia... o branco. (Ent. 8, linhas 146, 147)

PESQ.: me fala uma coisa voces...a sua família pesca mais de curral ne...mas quem pesca de ..quem pesca de...é...rede... quais os tipos de rede que tem? INF.: serrera...tem as gozera... a pescadera...a pitiuzera...camaroera..sajubeira.. (Ent. 10, linhas 171, 172, 173)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Camaroeiro, s.m. De camarão+eiro. Rede para pesca de camarões, camareiro, candombe.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

47. CAMBÉU Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

*INF.: Aí é para pegar é o campé... é o (inaudível). É esses peixes miúdos (Ent. 5, linha 165)
O rapaz chegou aqui... rapaz "vem fazer um favor". Eu digo "o que é rapaz? " pra tu ser tistimunha que eu sou pescadô... vai ali no fórum...aí eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe... o ...o...rapaz foi..."que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele?" Eu comecei a dizê assim: olha ele pega baguinho... gurijuba... uritinga... quando eu disse uritinga... ela disse... venha cá... tem esse ainda. Eu disse... senhora não quer saber a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? Quando cheguei no uritinga... eu falei baguinho... banderado... o gurijuba... o campé... Lea disse: "mais já chega". Mas e agora? (Ent. 8, linhas 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:
Cambeba1. [Do tupi = ‘cabeça’, + *-beba*; var. de *cambeva*.] Substantivo feminino. Bras. Zool.
 1.V. *cambeva* (1). 2.V. *peixe-martelo*.
 5. Cunha: n/e
 6. Amadeu Amaral: n/e
 7. Santos: n/e

48. CAMURIM Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Não ... pega croaçú... pega o camurim... esses peixe assim (Ent. 2, linha 83)
Tinha a tainha, carapeba... tinha camurim... traíra... esses peixes aí (Ent. 5, linha 27)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Camurim, sm. ‘Peixe da fam. dos centropomídeos’/1817, *camuri* 1587. *Camorim* 1618. Do tupi *kamu’ri*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Camurim s.m. TDSE (MMDLP) TND (DHLP; NALP). Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 20 quilos. De cor cinza e peito amarelo e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local. VAR. *camorim*.

49. CAMURUPIM Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: pescada... xaréu... muriquina... cação... cruazú... camurim... camurupim (Ent. 3, linha 388)
INF.: camurupim que é aquele grandão.../ e cada lugar é um modo de falá (Ent. 3, linha 390)
*INF.: que lá no Ceará é camurupim e aqui é *Perapema** (Ent. 3, linha 392)
Só de Camurupim. ... chegando lá o rapaz falou: Só você voltando de ônibus. Eu falei: mas como é que eu vou? Antes de eu terminar apareceu três que falaram: vamos para Camurupim. ... a terra lá é um lugá que a gente arruma um dinheiro. (Ent 5, linhas 65, 67, 68)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Camurupim s.m. ‘Peixe da fam. dos megalopídeos’/1817, *camboropim* 1576, *camurupig* c 1584 etc./ Do tupi *kamuru’pi*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Camurupim s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Espécie de peixe de grande porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 80 quilos. De cor prata e de carne branca é um peixe de fácil comercialização.

50. CAMURUPINZERA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: *Aí, outra coisa que me chamou a atenção aqui foi rede. ... lá..lá...lá na capital faz a rede de pesca só... aqui não, pra pescar peixe de gó tem a gozera...quais são os tipos de rede que tem, seu Valdemar?* INF.: *Tem a camurupinzera...o mesmo nailo... viu.* (Ent. 8, linhas 84, 85, 86).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

51. CANOA Nf [Ssing]

8 OCORRÊNCIAS

INF.: *é... minha mulhé teceu muita rede pra mim... gozera... na época eu pescava gozera... agora já tenho uma canoa que pega zero cinquenta... peixe maió.* (Ent. 2, linhas 97, 98)

Veio pra cá e aqui também que nós chegamo aqui dava peixe demais... essas canoas aqui voltava cheo de peixe. (Ent. 2, linhas 167, 168)

Eu pesquei mais ou menos uns dez anos em barco... aí depois eu passei pra canoa menor... sair todo dia e voltar... saía de manhã... voltava de tarde .. (Ent. 2, linhas 253 ,254)

INF.:*aí nos conseguimos voltar pra berada... perdemo os peixe todo... eu quase morro ainda... que a nossa rede saiu toda da canoa enganchou numa muruada muito alto... né? ..* (Ent. 2, linhas 351, 352, 353)

Eles tiram. Sempre tiram um caranguejo. Porque, aí por fora eles acabam com o caranguejo. É canoa... esses tipo (Ent. 5, linhas 188, 189)

Tem canoas que ela vai pescá aqui. Um dia de viagem, se ela for de motor. (Ent. 5, linha 191)

PESQ.: *o que seria a proa?* INF.: *a proa é essa aqui... é a frenteira da canoa* (Ent. 5, linhas 266, 267)

INF.: *aí, daí nasce o convéis, que é justamente essa parte que vem aqui que é cumprida... PESQ.: certo... INF.: ...na canoas...* (Ent. 5, linhas 269, 270, 271)

Essa parte daqui chama mesmo a canoas... (Ent. 5, linha 285)

INF.: *aqui forma o purão... o purão a gente desce...na canoa que nois fazia antigamente era assim... ..* (Ent. 5, linhas 289, 290)

Hoje em dia ta sendo o seguinte... faz o partilhão da canoa pá puder fazer (Ent. 5, linha 301)

É porque se esse motô dé problema... essa vela é que vai trazê a canoa pro porto... se não quisé que reboque ela... tem essa vela...só que não é grandona como era antigamente...é uma proteção da canoas. (Ent. 5, linhas 318, 319, 320)

Não... o leme era uma parte que tinha aqui que justamente faz o governo da canoa pro lado que a gente qué. (Ent. 7, linhas 306, 307)

INF.: *a popa da canoa aqui... .* (Ent. 7, linha 309)

INF.: *aí essa é que dominava a canoa pro lado que a gente queria.* (Ent. 7, linha 313)

É porque se esse motor der problema, essa vela é que vai trazer a canoa pro porto. (Ent. 7, linhas.. 318, 319)

é a salvação da canoa, porque se o motor dé problema no mar, você tem que tê essa vela pra colocá pra puder corrê.... (Ent. 7, linhas 323, 324)

Antigamente pelo menos essas canoa que sai daqui, vai ... sai daqui de manhã vai pescá e vem... não tem negócio de vezero... . (Ent. 7, linhas 335, 336)

Esse que escapou foi puquê viu uma embarcação... a canoa que tava fora aí caçou... nadou... nadou...teve a sorte . (Ent. 7, linhas 352, 353)

Isso aqui é uma canoas...outro dia peguei uma daquele e deu um talho de sangue no dedo . (Ent. 8, linha 147)

Aí eu tirei a visão das duas pessoa e quando eu olhei de novo já não tarra as duas pessoas...só tarra uma cano... uma biana...uma biana é uma cano que o pescador chama... (Ent. 9, linhas 148, 149)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canoa, canoa. Embarcação de que ufaõ os Gentios da América para a Guerra, de que mais se aproveitao os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade com q. navegaõ. *Scapha*.Fem

2. Moraes: n/e

Canòa, s.f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o cotsado e bordas.

3. Laudelino Freire:

Canoa, s.f. Cast. *cano*a. Embarcação pequena.

4. Aurélio:

Canoa1 (ô) [Do aruaque, pelo esp. *cano*a.] Substantivo feminino. 1.Embarcação sem quilha, formada de um casco, grande ou pequeno, com borda falsa ou sem ela, aberto ou coberto.

5. Cunha:

Canoa s.f. embarcação sem quilha, formada de um casco, XVI. Do cast. *Canoa*, deriv, do aruaque//canoeiro 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Canoa s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Embarcação de pequeno porte movida a remo.

52. CANOA A PANO Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Que se você fô lá você vai encontrá uma centena de canoas a pano..la tudo é a pano...tem uma ou duas canoa a motô... (Ent. 1, linhas 202, 203)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canoa, canoa. Embarcação de que ufaõ os Gentios da América para a Guerra, de que mais se aproveitao os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade com q. navegaõ. *Scapha*.Fem

2. Moraes: n/e

Canòa, s.f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o cotsado e bordas.

3. Laudelino Freire:

Canoa, s.f. Cast. *cano*a. Embarcação pequena.

4. Aurélio:

Canoa1 (ô) [Do aruaque, pelo esp. *cano*a.] Substantivo feminino. 1.Embarcação sem quilha, formada de um casco, grande ou pequeno, com borda falsa ou sem ela, aberto ou coberto.

5. Cunha:

Canoa s.f. embarcação sem quilha, formada de um casco, XVI. Do cast. *Canoa*, deriv, do aruaque//canoeiro 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Canoa s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Embarcação de pequeno porte movida a remo.

53. CANOA A MOTÔ Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Que se você fô lá você vai encontrá uma centena de canoas a pano..la tudo é a pano...tem uma ou duas canoa a motô... (Ent. 1, linhas 202, 203)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canoa, canoa. Embarcação de que ufaõ os Gentios da América para a Guerra, de que mais se aproveitao os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade com q. navegaõ. *Scapha*.Fem

2. Moraes: n/e

Canòa, s.f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o cotsado e bordas.

3. Laudelino Freire:

Canoa, s.f. Cast. *canoá*. Embarcação pequena.

4. Aurélio:

Canoa1 (ô) [Do aruaque, pelo esp. *canoá*.] Substantivo feminino. 1.Embarcação sem quilha, formada de um casco, grande ou pequeno, com borda falsa ou sem ela, aberto ou coberto.

5. Cunha:

Canoa s.f. embarcação sem quilha, formada de um casco, XVI. Do cast. Canoa, deriv, do aruaque//canoeiro 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

BARCO A MOTOR

54. CANOA A VELA Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

É..é...essas continuam...pescando..canoá a vela..tudo coisa rústica...você tem..tem acolá tem um... um... um... um local...que se você fô lá você vai encontrá uma centena de canoas a pano

(Ent. 1, linhas 201, 202)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canoa, canoa. Embarcação de que ufaõ os Gentios da América para a Guerra, de que mais se aproveitao os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade com q. navegaõ. *Scapha*.Fem

2. Moraes: n/e

Canòa, s.f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o cotsado e bordas.

3. Laudelino Freire:

Canoa, s.f. Cast. *canoá*. Embarcação pequena.

4. Aurélio:

Canoa1 (ô) [Do aruaque, pelo esp. *canoá*.] Substantivo feminino. 1.Embarcação sem quilha, formada de um casco, grande ou pequeno, com borda falsa ou sem ela, aberto ou coberto.

5. Cunha:

Canoa s.f. embarcação sem quilha, formada de um casco, XVI. Do cast. Canoa, deriv, do aruaque//canoeiro 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

BARCO A VELA

55. CANOA DE BATÊ A MÃO Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing} ____ 1 OCORRÊNCIA

Só na viagem..na viagem praque eu vim por Parnaíba atravessado por Parnaíba, ..atravessamo de nado... no rio Parnaíba tinha uma passagem muito perigosa mas a gente trevessô de canoá de batê a mão...(Ent. 1, linhas 71, 72, 73)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canoa, canoa. Embarcação de que ufaõ os Gentios da América para a Guerra, de que mais se aproveitao os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade com q. navegaõ. *Scapha*.Fem

2. Moraes: n/e

Canòa, s.f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o cotsado e bordas.

3. Laudelino Freire:

Canoa, s.f. Cast. *canoá*. Embarcação pequena.

4. Aurélio:

Canoa1 (ô) [Do aruaque, pelo esp. *canoá*.] Substantivo feminino. 1.Embarcação sem quilha, formada de um casco, grande ou pequeno, com borda falsa ou sem ela, aberto ou coberto.

5. Cunha:

Canoa s.f. embarcação sem quilha, formada de um casco, XVI. Do cast. *Canoa*, deriv, do aruaque//canoeiro 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Canoa s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Embarcação de pequeno porte movida a remo.

56. CANOERO Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

*Nesse dia que chegô o canoero que a gente chama é canoero né... (Ent. 10, linha152)
É o barquero que passa né...ele...tava bêbado...e os pescadores quando o canoero não pode passá eles passo por água né.. (Ent. 10, linhas 154, 155)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Canoeiro, s.m. De canoa + eiro. Indivíduo que dirige uma canoa.

4. Aurélio:

Canoeiro 1 [De *canoá*¹ + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Aquele que dirige uma canoa. [Sin. (bras., Amaz.): *igariteiro*, *igaruana*.] 2.Fabricante de canoas.

5. Cunha:

Canoa, s.f. 'Embarcação sem quilha, formada de um casco XVI. Do cast. *canoá*, deriv. do aruaque //canoeiro 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

57. CANOINHA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Só aquele pescadorzin' de berada mas ainda continua pescando...é mais é...bar, restaurante porque virou ponto turístico né...mas ainda continua pescador ainda continua as canoinha ainda continua (.....) (Ent. 1, linhas 182, 183, 184)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Canoa, canoa. Embarcação de que ufaõ os Gentios da América para a Guerra, de que mais se aproveitao os moradores para o serviço, pela pouca agoa, que demandaõ, e pela facilidade com q. navegaõ. *Scapha*.Fem

2. Moraes: n/e

Canòa, s.f. Embarcação sutil de uma só peça de madeira cavada, inteiriça; ou com acrescentamento no fundo, entre as duas peças, que formam o cotsado e bordas.

3. Laudelino Freire:

Canoinha, s.f. Pequena ave dos campos banhados.

4. Aurélio:

Canoa1 (ô) [Do aruaque, pelo esp. *canoá*.] Substantivo feminino. 1.Embarcação sem quilha, formada de um casco, grande ou pequeno, com borda falsa ou sem ela, aberto ou coberto.

5. Cunha:

Canoa s.f. embarcação sem quilha, formada de um casco, XVI. Do cast. *Canoa*, deriv, do aruaque//canoeiro 1899.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Canoa s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Embarcação de pequeno porte movida a remo.

Obs: diminutivo de canoa, ver ficha 54.

58. CARANGUEJO Nm [Ssing] _____ 10 OCORRÊNCIAS

PESQ.: caranguejo ...caranguejo tem outros tipos de nome de caranguejo ou só caranguejo mesmo? INF.: só caranguejo... (Ent 2, linhas 427, 428)

PESQ.: e essa placa que ta falando desse tipo de caranguejo de uca? INF.:é o guaiamom. PESQ.: Guaiamom? INF.:é o caranguejo guaiamon... mas aqui quase não tem desse tipo de caranguejo... caranguejo uça é outro tipo... (Ent. 2, linhas 468, 469, 470, 471, 472)

Eu só conheço um caranguejo que tem aqui... é o caranguejo... é o sir... , é o camarão (Ent. 4, linha 223)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Caranguejo, s.m. Animal crustáceo, decápode, braquiúro, que tem o corpo coberto por uma concreção calcária.

4. Aurélio:

Caranguejo. (ê) [Do esp. *cangrejo* < lat. *cancer, cancri*.] Substantivo masculino. 1.Zool. Designação comum às espécies de crustáceos decápodas, braquiúros, de pernas terminadas em unhas pontudas. São todos caranguejos, salvo aqueles cujas últimas pernas terminam em nadadeiras (v. *siri*). Terrestres ou aquáticos, marinhos ou de água doce, vivem, na maioria, em tocas, que eles mesmos escavam, alimentam-se de toda sorte de detritos orgânicos, e são utilizados na alimentação humana. [Sin.: *auçá, guaiá, uaçá*.]

5. Cunha:

Caranguejo s. m. Designação comum às espécies de crustáceos decápodas, baquiúrus, de pernas terminadas em unhas pontudas./ cangrego XIII, cangrejo XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

59. CARAPEBA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: O senhor era capaz de enumerÁ os tipos de peixe que tinha? INF.: Tinha tainha... carapeba... tinha camurim... traíra... esses peixe aí... (Ent. 5, linhas 26, 27)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais:

Carapeba, s.f. Peixe do Brasil, chato, e largo, múi saboroso.

3. Laudelino Freire:

Carapeba, s.m. Peixe costeiro, muito saboroso, de escamas brilhantes, da família dos encinostômidas (*Diapterus rhomboeus*).

4. Aurélio:

Carapeba. [Var. de *acarapeba*.] Substantivo feminino. 1.Bras. Zool. Peixe actinoptérigo, teleósteo, perciforme, gerrídeo (*Moharra rhombea*), de corpo ovalado, maxilar rostriforme, boca pequena desprovida de dente, e com apenas dois raios ósseos na nadadeira anal. Comprimento: até 0,30m.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Carapeba s.f. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 60 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor branca e de carne branca é um pescado carregado, mas de fácil comercialização.

60. CARGA DE PEIXE Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Eu vim daquela época lá do Ceará. Cheguei num lugar chamado Praia das Águas, encontrei um rapaz que falou que ia buscar uma carga de peixe. (Ent. 5, linhas 58, 59)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carga. Peso. *Onus, Oris*.

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Carga, s.f. O que é ou pode ser transportado por homem, animal, carro, combóio, navio, etc.

4. Aurélio:

Carga. [Dev. do ant. *cargar*, f. sincopada de *carregar*.] Substantivo feminino. 1.Aquilo que é ou pode ser transportado ou suportado por alguém ou por alguma coisa. 2.Aquilo que pesa sobre alguém ou algo; fardo. 3.O peso que alguém ou alguma coisa pode transportar ou suportar; carregamento, carregação. 4.Ato ou efeito de carregar; carregação, carregamento: *a carga e a descarga dos caminhões*. 5.Grande quantidade; carregação:

5. Cunha:

Carga s.f. 'Aquilo que é ou pode ser transportado em carro ou suportado por alguém ou alguma coisa.' /XIV, carrega XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

61. CARRO PEXERO NCm [Ssing + Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: É...ia pega o ônibus as vezes no Olho D'água...seis hora da manha...meio dia...ou seis da tarde...se não tivesse esse ôniibu'...voce pegarra um carro pexero num...num...ponto chamado Olho de Porco... PESQ.: Carro pexero que o senhor chama é... INF.: De pesca...né...é...exatamente isso (Ent. 1, linhas 105, 106, 107, 108)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

62. CASQUINHA~CASQUIN' Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

E hoje a gente ainda comenta muito porque a gente chega no bar do Carlo senta ali né...e aí vai indo...né...aí o outro diz assim... "ah rapá tu tava pra onde?"..."ah eu tava pescano lá pro Maruim"...vem cá... me diz uma coisa... diz que o Casquinha foilá? "Aí o Casquinha diz que é um ...uma lenda...o espírito de uma lenda que tem lá...que diz que quando o cara ta lá que ele se engraça do cara, ele vai dormir com o cara...aí a turma aqui aporrinho os outro né ...diz assim..."ih meu filho qué dizê que tu dormiu com o Casquinh'...qué dizê...aí essa lenda vem há cinquenta anos (Ent. 1, linhas 149, 150, 151, 152, 153)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Casca A parte exterior da arvore, que a cobre, & lhe serve como pelle, ou capa. *Cortex, icis.*

2. Moraes:

Casca, sf. A cortiça das árvores, a pele ou forro externode certas frutas.

3. Laudelino Freire:

Casca, sf. Invólucro exterior das plantas, frutos, dos ovos, dos tubérculos, das sementes, etc. Exterioridade, aparência / Pop. Amuo ou zanga, causada por zombaria.

4. Aurélio:

Casquinha. [De *casca* + *-inha*.] Substantivo feminino. 1. Casca delgada; película. 2. Folha delgada, de madeira fina, metal precioso, etc., que reveste obra de material comum. 3. Bras. Pop. Vantagem, proveito.

5. Cunha:

Cascar vb. 'tirar a casca de' XVI. Do lat. *quassicãre, de quassãre 'sacudir', 'quebrar' // casca, sf. Invólucro exterior de vários órgão vegetais ' ext. qualquer revestimento ou invólucro em geral' XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

63. CHIQUERO Nm [Ssing] _____ 7 OCORRÊNCIAS

INF.:no curral tem a espia... no curral bota uma espia assim... o peixe vem aí quando vê a espia corre pra dentro do chiquero (Ent. 2, linhas 38, 39)

INF.:Aí quando vem... já ta dentro do chiquero (Ent. 2, linha 42)

Por causa da boca do corral é pequena assim... é mei' assim.. é mais assim assim... aí tem o chiquero... o peixe vai... só encontra o fundo... aí eles... ele...fica só rodeando assim direto... nunca que acerta assim direto... (Ent. 2, linhas 44, 45, 46)

PESQ.: uma coisa que eu não entendo ... como é que o peixe entra no curral e não sai? INF.: é difícil... porque ele dentra no curral pela sala e não sai, depois entra dentro da espia, depois ele cai dentro da sala grande, depois ele cai dentro da salinha ... depois ele cai dentro do chiquero... e depois que ele ta dentro do chiquero(Ent. 4, linhas 89, 90, 91, 92)

PESQ.: Aí o curral é formado de quais partes? Tem a entrada dele? INF.: Aí a gente enfia uma madeira lá todinha... que fica em pé... e trás outra cumprida... e amarra assim todinha. Faz uma parte redonda do chiquero. Faz uma parte, faz de 20, faz de 30. Aí faz uma salinha. De um lado e de outro as duas salinhas. E o chiquero é acolá mais no fundo. (Ent.5, linhas 147, 148, 149, 150)

Pega aqui a espia do curral e sai ali, olhe. Passou aqui na sala grande ... entrou aqui na salinha e vem morrer no chiquero...(Ent. 8, linhas 212, 213)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Chiquero de porcos. *Suile, is.*

2. Moraes

Chiquêiro, s.m, vulg. V.

2. Moraes:

Chiquêiro, s.m, vulg. V. Possilga

3. Laudelino Freire:

Chiquero, s.m. Lugar onde se criam ou recolhem porcos; pocilga, curral de porcos. 4. O segundo dos compartimentos do curral de pescaria, donde não pode sair o peixe que lá entrou.

4. Aurélio:

Chiquero. [De *chico*³ + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Pocilga ou curral de porcos; enxurdeiro. 2.Fig. Casa (1) imunda. 3.Lugar imundo. 4.Um dos compartimentos de um curral-de-peixe (q. v.), donde não pode mais sair o peixe que lá entrou. 5.Bras. Tapagem que se faz num riacho a fim de impedir que por ele desça o peixe tingujado.

5. Cunha:

Chiquero s.m. curral de porcos. XVII. Do cast. *chiquero*, derivado do moçárabe *sirkãir* ‘cabana’, de origem incerta.

6. Amadeu Amaral:

Chiquero, s. m. - um dos compartimentos do curral de peixe

7. Santos: n/e

64. CINTO Nm [Ssing] ~ CINTA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Pra sair é só dentro da mão da gente... você tem que ir lá com uma rede... um sobe na boca do curral... dois cinto na boca... bota o culão la na frente... sobe em cima boa o calão (Ent. 4, linhas 93, 94)

Cinta... cinta é uma vara... vamos supô... uma vara dessa grossura... quando vai fazer uma cinta bota umas varas assim... (Ent. 4, linhas 99, 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Cinto. Correa com dous ferros q fechaõ nas extremidades. *Cingulum e corio fibulis Constrictum.*

2. Moraes:

Cinto, s. m. Corroya que se cinge e fecha com duas chapas.

3. Laudelino Freire:

Cinto, s.m. Lat. *cinctus*. Correia ou tira que cerca a cintura com uma só volta.

4. Aurélio:

Cinto [Do lat. *cinctu*, ‘cingido’.] Substantivo masculino. 1.Faixa ou tira de tecido, couro, etc., que cinge o meio do corpo, em geral com uma só volta. [Sin. (desus.): *cingidouro*.] 2.V. *cós* (2). 3.V. *cintel* (3 e 4). 4.Cerco¹ (2).

5. Cunha:

Cinta s.f. ‘faixa para apertar a cintura.’ XIII. Do lat. *cincta*, parto de *cingere*. Cinto s.m. faixa ou tira que cinge o meio do corpo com uma só volta. XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

65. CONVÊIS Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Aí...daí nasce o convêis...que é justamente essa parte que vem aqui que é cumprida...(Ent. 5, linha 269)

O convéis já é essa parte...PESQ.: que a gente pisa..Ent. 5, linha 287)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Convez. Convez de não. A superfície exterior da primeira coberta. *Fori, ororum*.

2. Moraes:

Convés, s.m. A área da primeira coberta da não, navio.

3. Laudelino Freire:

Convés, ou Convez. s.m. Lat. *conversus*. Náut. Parte da coberta superior do navio compreendida entre o mastro do traquete e o grande , onde os passageiros passeiam e conversam. . 2. Área da primeira coberta do navio. E. Segunda coberta dos navios de linha.

4. Aurélio:

Convés. [De **convesso* < *converso*¹, ‘local em que os tripulantes ger. conversam’.] Substantivo masculino. Constr. Nav. 1.Designação comum aos pavimentos, a bordo. 2.O piso desses pavimentos, esp. o dos pavimentos descobertos, ou cobertos apenas com toldo; deque. [Pl.: *conveses*.]

5. Cunha:

Convés s.m ‘ (Const. Nav) o piso dos pavimentos, a bordo, especialmente o dos pavimentos descobertos, ou cobertos apenas com um toldo. XVI. Do cast. *combés*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

Convés s.m. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Parte da embarcação que começa no comando e termina na proa.

66. CORPO DA AGULHA NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: aí isso aqui que o senhô tá fazendo? INF.: é pra consertá rede. PESQ.: ah foi rasgada...aí leva faca e como é o nome desse instrumento aqui? PESQ.: agulha ...INF.: é o corpo da agulha (Ent. 9, linhas 60,61,62,63,64,65 e 66)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

67. COSTA Nf [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: tarioba é até mais go... PESQ.: mais gostoso INF.: ela já dá na costa (Ent. 2, linhas 463, 464, 465)

Já andei risco de canoa se anaufragá comigo.... só teve uma no ceará de se anaufragá, alis de se afogá... de pegá uma marisia a costa tava bem pertinho... ele virou... virou e .. isso no Ceará... aqui não (Ent. 4, linhas 174, 175, 176)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Cósta. Terreno que se vái erguendo, e fazendo ladeira. A terra que fica junta com o mar, que de ordinario é mais baixa á beira.

3. Laudelino Freire:

Costa, s.f. Ant. Anat. Costela. 2. Região próxima do mar; borda do mar, litoral, praia.

4. Aurélio:
Costa. [Do lat. *costa*.] Substantivo feminino. 1. Ant. Anat. Costela (1). 2. Litoral (2). 3. Porção de mar próxima da terra.
 5. Cunha:
Costa s.f. ‘ (no pl.) ‘ espaduas’ XIII; ‘ costela XIII, ‘ litoral’ XIV. Do lat. *costa*, *costela*, *ilharga*, *lado*, *flanco*’.
 6. Amadeu Amaral: n/e
 7. Santos:
Costa. s.f. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Extensão do litoral.

68. COSTA BAXA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: É... saía de costa baxa...ia pegar PESQ.: costa baxa é quando a maré ta baixa? INF.: é...é (Ent. 3, linhas 27, 28, 29)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
 2. Moraes:
Cósta. Terreno que se vái erguendo, e fazendo ladeira. A terra que fica junta com o mar, que de ordinario é mais baixa á beira.
 3. Laudelino Freire:
Costa, s.f. Ant. Anat. Costela. 2. Região próxima do mar; borda do mar, litoral, praia.
 4. Aurélio:
Costa. [Do lat. *costa*.] Substantivo feminino. 1. Ant. Anat. Costela (1). 2. Litoral (2). 3. Porção de mar próxima da terra.
 5. Cunha:
Costa s.f. ‘ (no pl.) ‘ espaduas’ XIII; ‘ costela XIII, ‘ litoral’ XIV. Do lat. *costa*, *costela*, *ilharga*, *lado*, *flanco*’.
 6. Amadeu Amaral: n/e
 7. Santos:
Costa. s.f. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Extensão do litoral.

69. COSTERO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

É a mesma coisa... Eu chamo mais pesquero eu vou dizê porque...pra melhorá pra ti e pra quem fô depois fazê a pergunta...eu chamo pesquero em dois sentido porque vamo dizê assim...os barco que pesca em alto pesca eles chama os barco pesquero...certo...os que pesca em alto má...na realidade aqui no Maranhao chamamos o outro de...costero, que é o que pesca cientificamente..eu tô lhe falando cientificamente mediante capitania dos portos e tal...porque ele pesca só na costa...(Ent. 1, linhas 112, 113, 114, 115, 116)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
Costeiro. Costa ou ladeira do mote. *Clivus, i. Mafc. Cic.V.*
 2. Moraes:
Costeiro. Costa de monte, ou encosta. “Sabirão do outro costeiro”
 3. Laudelino Freire:
Costeiro, adj. De *costa* + *eiro*. Relativo à costa do mar. 2. Que navega junto a costa, ou de pôrto a pôrto na mesma costa.
 4. Aurélio:
Costeiro [De *costa* + *-eiro*.] Adjetivo. 1. Relativo a costa. 2. Que navega junto à costa, ou de porto a porto na mesma costa. ~ V. *baixio* —, *mar* — e *navegação* —a.
 5. Cunha:

Costa s.f. ‘(no pl.) ‘espadas’ XIII; ‘costela XIII, ‘litoral’ XIV. Do lat. costa, costela, ilharga, lado, flanco’. Costeiro. XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

70. COVINA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

A gozera é uma malha menor que pega pescadinha gó... a covina que chama... já é maior já usa a rede zero cinquenta... já é a serrera também.. (Ent. 2, linhas 72, 73)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Corvo, sm. ‘Ave passeriforme da fam. dos corvídeos’ XIII. Do lat. corvus~i // corvina sf. ‘designação comum aos peixes teleósteos, marinhos, da fam. dos cianídeos’ XIV. Do cast. *corvina*, de cuervo ‘corvo’.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Corvina. s.f. TDSE (DHLP; MMDLP; NALP). Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor branca.

71. CROAÇU Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Não ... pega croaçu... pega o camurim... esses peixe assim (Ent. 2, linha 83)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

72. CULÃO ~ CALÃO Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

Pra sair é só dentro da mão da gente... você tem que ir la com uma rede... um sobe na boca do curral... dois cinto na boca... bota o culão la na frente... sobe em cima da boca o calão (Ent. 4, linhas 93, 94)

Calão é uma peça de pau que vai na rede... se o curral for fundo você pega na ponta... mergulhando por baixo... até encontrá calão por calão// ...até ficá assim...leva pra canoa (Ent. 4, linhas 96, 97)

INFORMANTE 1: Vai arrastando por aqui... daqui a pouco já está pondo o fundo dela que vem atrás. Vem um calãozinho desse lado... Ent. 5, linhas 183, 184

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

73. CURRAL ~ CORRAL ~ CURRALZINHO Nm [Ssing] _____ 63 OCORRÊNCIAS

Não... foru pra Ribamar...aí chegaru lá e disseru “rapaz nós vamo embora pra praia de Raposa botá os curral lá...lá tem muito peixe”...(Ent. 1, linhas 28, 29)

Não tinha estresse...esses costume eles ainda continua... o barco de madeira a gente quer conservá porque ele não acaba...é tradição da gente né...fazendo já aqui mesmo né...os currais... (Ent. 1, linhas 130, 131)

Tinha corral... tinha rede também... mas era poca..... mas a pescaria mais que tinha aqui era corral. (Ent. 2, linhas 24, 25)

INF.: por causa da boca do corral é pequena assim... é mei' assim.. é mais assim assim... aí tem o chiquero (Ent. 2, linhas 44, 45)

Ele só sai se a maré cobrí o corral por cima (Ent. 2, linha 51)

Lá não... lá era só o corral (Ent. 2, linha 64)

Só o corral ... (Ent. 2, linha 66)

..... aí nós foi pescá de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns pexes que nós... tinha deixado lá perto do curral... certo.... (Ent. 2, linhas 296, 297, 298)

Aí passei a trabalhar... que eu vim lá do Ceará ... eu era garoto... vim trabalhar de curral... trabalhei vinte e poucos anos de curral (Ent. 4, linhas 14, 15)

Era só curral e negócio de gozera... gozera que a gente chamava aqui... cê pegava uma corda... mais grossinha que esse coisa pendurada aí...dez anzol... um pau... e botava lá no negócio do tarimã (Ent. 4, linhas 17, 18)

E foram caçando no mangue para fazer rancho... curral... mataram demais... agora coisa mais difícil... de vez em quando no ano passado passava um guaxinim aqui... passava bem prum lado e pro outro... eu dava carrera nele... ele saía e dia desses um cara matou e tirou até o côro dele... tá ali dependurado...//... tirou o coro...// e foi fracassando o negócio de curral, né... fracassando negócio de curral e indo prejuízo... curral ficando caro. (Ent. 4, linhas 61, 62, 63, 64, 65)

Isso tem uns quinze ano pra cá... dezesseis ano, dezessete ano que foi fracassano o curral . (Ent. 4, linhas 67)

...passa quatro cinco seis méis pra tirar... pega esses pexes pequenininho... essas guaravira que não vale nada... pouca gente põe o curral... tinha quase sessenta curral, hoje se tem quase 10 curral, tem muito. . (Ent. 4, linhas 76, 77, 78)

ahh minha filha, se o cara soubesse quantas pesca pegava um curral ele não butava um curral . (Ent. 4, linhas 80)

...é difícil, porque ele dentra no curral pela sala e não sai, depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha... depois ele cai dentro do chiquero, e depois que ele ta dentro do chiquero . (Ent. 4, linhas 89, 90, 91)

...pra sair é só dentro da mão da gente... você tem que ir lá com uma rede... um sobe na boca do curral, dois cinto na boca... bota o culão la na frente... sobe em cima boa o calão . (Ent. 4, linhas 93, 94)

Calão é uma peça de pau que vai na rede... se o curral fô fundo... você pega na ponta... mergulhando por baixo... até encontrá calão por calão,// ...até ficar assim... leva pra canoa. . (Ent. 4, linhas 96, 97)

... só que o curral é de água... só que a cinta tem que sê grande pra ela dá a volta... . (Ent. 4, linhas 100, 101, 102)

Nós somos três combinando de ir para lá levar um bocado de gente. Levar muito arame para ficar amarrado na praia... lá trabalha chão de pé enxuto. Você vai ao curral... fica lá no curral... morrendo lá na seca. (Ent. 5, linhas 67, 68, 69)

... toda pesca ia mais pro pesquero...toda mar... nunca pesquei foi de curral . (Ent. 7, linha 29)

... rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora, tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinha e o curral . (Ent. 7, linhas 35, 36 e 37)

... curral... os mais velho aqui era só curral de primeiro... agora ... (Ent. 7, linha 39)

... ahh... porque o espinhel ele o... o curral é o seguinte ... o curral bota ele no lugar... ele se acaba lá . (Ent. 7, linha 44)

... é... curral butou lá... ele se acaba lá... se deu... bem... se não deu . (Ent. 7, linha 50)

É... quando eu cheguei aqui a pescaria era curral...pegarra muito peixe...depois foi que surgiu a pescaria de rede...de nailo (Ent. 7, linhas 79 e 80)

PESQ.: Nunca correu perigo? O senhor fazia mais que tipo de pesca? INF.: Curral. PESQ.: Sempre curral? INF.: Curral curral. PESQ.: E a pescaria de curral, como é que era a pescaria? Custosa? Sacrificante? INF.: A pescaria do curral é difícil...é muito difícil, até porque, se a pessoa tivé o dinheiro ele vai comprar a madeira que chama murão. ...trezentos e cinquenta, quatrocentos murão. ..se ele tivé o dinhêro..ele compra....se não tiver o dinheiro, ele vai tirar no manguê. (Ent. 8, linhas 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181)

INF.: É...ele trabalhô no curral, o serviço dele todo é pago.... PESQ.: AH entendi. Ele não toma conta do curral, ele só vai lá botá... INF.: O dono do curral sou eu, aí contrato dois vaquero. ..todo o serviço dele é pago. Agora, da produção ele tem um quarto do que der. 178, 179, 180, 181

INF.: pega aqui a espia do curral e sai ali, olhe. Passou aqui na sala grande, entrou aqui na salinha e vem morrer no chiquero (Ent. 8, linhas 212, 213)

: pois é...é pá tece o fio, a estera pra butá o curral (Ent. 8, linhas 234)

isso aqui é pena de pegá o curral que já é. Isso aqui é de buta no chiquero, é. Encaixa aqui e bota aqui no chiquero(Ent. 8, linhas 244, 245)

: ahh você, ce me tocou agora, viu? Hoje, agora, quatro hora da tarde , cinco hora, o curral ta fechado 278, 279)

INF.: aí depende, tem uns lugar melhor pra segurar o chão, pra segurar o curral (Ent. 8, linhas 288

PESQ.: agora vamos supor que o curral no fundo. Aí como é que eu vou mergulhar pra tirar esses pexes? INF.: é facinho. Vai chega um e bota a rede na bota. Fica assim, viu. Fica uma pessoa um home bem aqui (Ent. 8, linhas 295, 296, 297, 298)

PESQ.: curralhera INF.: curralera..curralera..curralera...curralera eles boto os corral só pra esperá os peixe chegá entrá...aí eles vão só despesca na hora...(Ent. 9, linhas 35, 36, 37)

INF.: não eu não entendo muito os tipos do corral não né.../...aí tem os cara que são os craque mesmo que já trabalho nos corral (Ent. 9, linhas 45, 46)

INF.: eles fazi o corral e faz aquela lateral pro peixe ficá dentro..o cerco né...é tem lá o cara que já sabe marcá o corral bem direitin' ele bota o corral mas não pega peixe que ele não sabe marcar (Ent. 9, linhas 48, 49)

INF.:ele é o marcado do corral...o marcado certo...quando eles / sentá o corral tem que tê o marcadô pra marcá certin'...eles pago o cara pra ir marcá o corral deles (Ent. 9, linhas 51, 52)

INF.: eles despesco o curral..o curral a gente despeças o curral é andando..água aqui na cintura...só que antes de ir tem uma embarcação que se passa...a gente/..eu acho que vocês já pássaro por ela (Ent. 10, linhas 147, 148)

INF.: a minha profissão de pescadô de curral a gente não tem cole (Ent. 10, linhas 279)

PESQ.: manzuá? Só que a diferença do curral... esse curral que a gente vê ali... pro manzuá qual é?

INF.: é porque o manzuá é pequeno... PESQ.: como se fosse um curralzinho INF.: como se fosse um curralzinho... num sabe... porque ele é iscado... aí a pessoa vai... isca ele bem... ele come a isca... consegue sair (Ent. 2, linhas 32, 33, 34, 35, 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Curral, Currál. Receptáculo para guardar qualquer gênero de gado com cancellas ao redor, sem telhado, no que se diferente de corte, que he casa com telhado. *Septum*, *i*.

2.

Morais:

Currál, s.m. Cercado de pires para recolher gado e apanhar peixe.

3. Laudelino Freire:

Curral, s.m. De curro. Casa, pátio, lugar, em que se junta e recolhe o gado.

Curral de peixe, s.m. Armadilha de pesca, com três compratimentos, de que há vários tipos, com denominações e formas diversas; cacuri, caiçara, camboa, cercada, chiquero, coração, almadrava.

4. Aurélio:

Curral [De or. controversa; poss. do lat. vulg. **currale* < lat. *curru*, ‘carro’.] Substantivo masculino.

1. Lugar onde se junta e recolhe o gado; arribana, corte, malhada. [Cf. *cercado* (5).] 2. Bras. Armadilha para apanhar peixe; caiçara. [Sin. no N.: *cacuri*.]

5. Cunha:

Curral s.m. ‘lugar onde se junta e recolhe o gado’. XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

74. CURRALERA Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

Tem as curralera (Ent. 9, linha 34)

PESQ.: curralhera? INF.: curralera..curralera..curralera...curralera... eles boto os corral só pra esperá os pexe chegá entrá..aí eles vão só dispescá na hora... (Ent. 9, linhas 35, 36, 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Curraleiro, adj. Gado Curraleiro, que dorme em curral e não andante. subst. O guarda do curral.

3. Laudelino Freire:

Curraleiro, adj. Que é recolhido em curral: “gado curraleiro”.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

75. CURRALZINHO ~ CURRAL ~ CORRAL Nm [Ssing] _____ 53 OCORRÊNCIAS

Não... foru pra Ribamar...aí chegaru lá e disseru “rapaz nós vamo embora pra praia de Raposa botá os curral lá...lá tem muito pexe”...(Ent. 1, linhas 28, 29)

Não tinha estresse...esses costume eles ainda continua... o barco de madeira a gente quer conservá porque ele não acaba...é tradição da gente né...fazendo já aqui mesmo né...os currais... (Ent. 1, linhas 130, 131)

Tinha corral... tinha rede também... mas era poca..... mas a pescaria mais que tinha aqui era corral. (Ent. 2, linhas 24, 25)

INF.: por causa da boca do corral é pequena assim... é mei’ assim.. é mais assim assim... aí tem o chiquero (Ent. 2, linhas 44, 45)

Ele só sai se a maré cobrí o corral por cima (Ent. 2, linha 51)

Lá não... lá era só o corral (Ent. 2, linha 64)

Só o corral ... (Ent. 2, linha 66)

..... aí nós foi pescá de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns pexes que nós... tinha deixado lá perto do curral... certo.... (Ent. 2, linhas 296, 297, 298)

Aí passei a trabalhar... que eu vim lá do Ceará ... eu era garoto... vim trabalhar de curral... trabalhei vinte e poucos anos de curral (Ent. 4, linhas 14, 15)

Era só curral e negócio de gozera... gozera que a gente chamava aqui... cê pegava uma corda... mais grossinha que esse coisa pendurada aí...dez anzol... um pau... e botava lá no negócio do tarimã (Ent. 4, linhas 17, 18)

E foram caçando no mangue para fazer rancho... curral... mataram demais... agora coisa mais difícil... de vez em quando no ano passado passava um guaxinim aqui... passava bem prum lado e pro outro... eu dava carrera nele... ele saía e dia desses um cara matou e tirou até o côro dele... tá ali

dependurado...//... tirou o coro...// e foi fracassando o negócio de curral, né... fracassando negócio de curral e indo prejuízo... curral ficando caro. (Ent. 4, linhas 61, 62, 63, 64, 65)

Isso tem uns quinze ano pra cá... dezesseis ano, dezessete ano que foi fracassano o curral. (Ent. 4, linhas 67)

...passa quatro cinco seis méis pra tirar... pega esses pexes pequenininho... essas guaravira que não vale nada... pouca gente põe o curral... tinha quase sessenta curral, hoje se tem quase 10 curral, tem muito. (Ent. 4, linhas 76, 77, 78)

ahh minha filha, se o cara soubesse quantas pesca pegava um curral ele não butava um curral. (Ent. 4, linhas 80)

...é difícil, porque ele dentra no curral pela sala e não sai, depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha... depois ele cai dentro do chiquero, e depois que ele ta dentro do chiquero. (Ent. 4, linhas 89, 90, 91)

...pra sair é só dentro da mão da gente... você tem que ir lá com uma rede... um sobe na boca do curral, dois cinto na boca... bota o culão la na frente... sobe em cima boa o calão. (Ent. 4, linhas 93, 94)

Calão é uma peça de pau que vai na rede... se o curral fô fundo... você pega na ponta... mergulhando por baixo... até encontrá calão por calão, // ...até ficar assim... leva pra canoa. (Ent. 4, linhas 96, 97)

... só que o curral é de água... só que a cinta tem que sê grande pra ela dá a volta... (Ent. 4, linhas 100, 101, 102)

Nós somos três combinando de ir para lá levar um bocado de gente. Levar muito arame para ficar amarrado na praia... lá trabalha chão de pé enxuto. Você vai ao curral... fica lá no curral... morrendo lá na seca. (Ent. 5, linhas 67, 68, 69)

... toda pesca ia mais pro pesquero...toda mar... nunca pesquei foi de curral. (Ent. 7, linha 29)

... rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora, tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinha e o curral. (Ent. 7, linhas 35, 36 e37)

... curral... os mais velho aqui era só curral de primeiro... agora ... (Ent. 7, linha 39)

... ahh... porque o espinhel ele o... o curral é o seguinte ... o curral bota ele no lugar... ele se acaba lá. (Ent. 7, linha 44)

... é... curral butou lá... ele se acaba lá... se deu... bem... se não deu. (Ent. 7, linha 50)

É... quando eu cheguei aqui a pescaria era curral...pegarra muito peixe...depois foi que surgiu a pescaria de rede...de nailo (Ent. 7, linhas 79 e 80)

PESQ.: Nunca correu perigo? O senhor fazia mais que tipo de pesca? INF.: Curral. PESQ.: Sempre curral? INF.: Curral curral. PESQ.: E a pescaria de curral, como é que era a pescaria? Custosa? Sacrificante? INF.: A pescaria do curral é difícil...é muito difícil, até porque, se a pessoa tivé o dinheiro ele vai comprar a madeira que chama murão. ...trezentos e cinquenta, quatrocentos murão. ..se ele tivé o dinhêro..ele compra....se não tiver o dinheiro, ele vai tirar no mangue. (Ent. 8, linhas 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181)

INF.: É...ele trabalhô no curral, o serviço dele todo é pago.... PESQ.: AH entendi. Ele não toma conta do curral, ele só vai lá botá... INF.: O dono do curral sou eu, aí contrato dois vaquero. ..todo o serviço dele é pago. Agora, da produção ele tem um quarto do que der. 178, 179, 180, 181

INF.: pega aqui a espia do curral e sai ali, olhe. Passou aqui na sala grande, entrou aqui na salinha e vem morrer no chiquero (Ent. 8, linhas 212, 213)

: pois é...é pá tece o fio, a estera pra butá o curral (Ent. 8, linhas 234)

isso aqui é pena de pegá o curral que já é. Isso aqui é de buta no chiquero, é. Encaixa aqui e bota aqui no chiquero(Ent. 8, linhas 244, 245)

: ahh você, ce me tocou agora, viu? Hoje, agora, quatro hora da tarde, cinco hora, o curral ta fechado 278, 279)

INF.: aí depende, tem uns lugar melhor pra segurar o chão, pra segurar o curral (Ent. 8, linhas 288)

PESQ.: agora vamos supor que o curral no fundo. Aí como é que eu vou mergulhar pra tirar esses pexes? INF.: é facinho. Vai chega um e bota a rede na bota. Fica assim, viu. Fica uma pessoa um home bem aqui (Ent. 8, linhas 295, 296, 297, 298)

PESQ.: curralhera INF.: curralera..curralera..curralera...curralera eles boto os curral só pra esperá os peixe chegá entrá..aí eles vão só despesca na hora...(Ent. 9, linhas 35, 36, 37)

INF.: não eu não entendo muito os tipos do corral não né.../...aí tem os cara que são os craque mesmo que já trabalho nos corral (Ent. 9, linhas 45, 46)

INF.: eles fazi o corral e faz aquela lateral pro peixe ficá dentro..o cerco né...é tem lá o cara que já sabe marcá o corral bem direitin' ele bota o corral mas não pega peixe que ele não sabe marcar (Ent. 9, linhas 48, 49)

INF.:ele é o marcado do corral...o marcado certo...quando eles / sentá o corral tem que tê o marcadô pra marcá certin'...eles pago o cara pra ir marcá o corral deles (Ent. 9, linhas 51, 52)

INF.: eles despesco o curral..o curral a gente despeças o curral é andando..água aqui na cintura...só que antes de ir tem uma embarcação que se passa...a gente/..eu acho que vocês já pássaro por ela (Ent. 10, linhas 147, 148)

INF.: a minha profissão de pescadô de curral a gente não tem cole (Ent. 10, linhas 279)

PESQ.: manzuá? Só que a diferença do curral... esse curral que a gente vê ali... pro manzuá qual é?

INF.: é porque o manzuá é pequeno... PESQ.: como se fosse um curralzinho INF.: como se fosse um curralzinho... num sabe... porque ele é iscado... aí a pessoa vai... isca ele bem... ele come a isca... consegue sair (Ent. 2, linhas 32, 33, 34, 35, 36)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Curral, Currál. Receptáculo para guardar qualquer gênero de gado com cancellas ao redor, sem telhado, no que se differente de corte, que he casa com telhado. *Septum, i.*

2. Moraes:

CURRÁL, s.m. Cercado de pires para recolher gado e apanhar peixe.

3. Laudelino Freire:

Curral, s.m. De curro. Casa, pátio, lugar, em que se junta e recolhe o gado. Curral de peixe, s.m. Armadilha de pesca, com três compratimentos, de que há vários tipos, com denominações e formas diversas; cacuri, caiçara, camboa, cercada, chiquero, coração, almadrava.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Curral s.m. 'lugar onde se junta e recolhe o gado'. XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

76. CURURUCA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: Essa que elas estão fazendo aqui... qual rede é essa aqui. INF.: Aí é para pegar é o cambéu... é a uritinga...é a cururuca é a calombeta..é... esses pexes miúdos (Ent. 5, linhas 166, 167)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

77. DEFLORAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: Não. Acaba essas que essas mata daqui ta tudo acabado por causa do pessoal. Esses bairro de Ribamar para cá, nunca vi de apanhar as coisa direitinho, dos cajuro. Eles querem é quebrá os galho das coisa. Deflorá... aí acaba, né (Ent. 5, linhas 210, 211, 212)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Deflorar. Vid. Deshonrar. Se de huma torre, falta de entrada, se deflorou Danae. Metaphoric.

2. Moraes:

Deflorar, v.at. Tirar a flor, fig. Deshonrar a donzella

3. Laudelino Freire:

Deflorar, v. r. v. Lat. deflorare. Tirar a flor a. (tr. dir.). 2. Violar a virgindade de (uma mulher) (tr. dir.).

3. Fazer perder a candura, a inocência, a ingenuidade (tr. dir.).

4. Aurélio:

Desflorar [De *des-* + *flor* + *-ar*².] Verbo transitivo direto. 1. Tirar as flores a; deflorar: “O vento desflorava os laranjais em roda...” (Vicente de Carvalho, *Versos da Mocidade*, p. 81.) 2. V. *estuprar*.

3. Bras. RS Tirar a (o gado ou a tropa) as melhores reses

5. Cunha:

Flor, sf. ‘Orgão de reprodução das plantas fanerogâmicas’. // XIII, frol XIII // Do lat. flōs ~ ōris //

Deflorar XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

78. DISIGANCHAR[V] _____ 3 OCORRÊNCIAS

INF.: aí nos conseguimos voltar pra berada... perdemo os pexe todo... eu quase morro ainda... que a nossa rede saiu toda da canoa enganchou numa muruada muito alto... né? Ficou enganchada eu fui subí pra desinganchá... eu terminei de desingachá o pau pegou nisso aqui meu me jogou la do outro lado... quase não torno mas... (Ent. 5, linhas 351, 352, 353, 354)

INF.: ninguém... acho que eles pensaro que era uma brincadera... tipo uma pegadinha... quando eu subi lá fiquei desinganchando... quando a rede saiu do pau... que o pau tava torto... ele saiu de lá... pegou isso aqui meu... cá... e era lá em cima... muito longe (Ent. 5, linhas 358, 359, 360)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Desenganchar, v. tr. dir. De *des* + *enganchar*. Separar, soltar, (aquilo que estava preso por gancho). 2. Desprender.

4. Aurélio:

Desenganchar. [De *des-* + *enganchar*.] Verbo transitivo direto. 1. Soltar, desprender (o que estava enganchado).

5. Cunha:

Gancho sm. ‘Peça recurvada de metal ou outro material que serve para suspender pesos’ XVI. Provavelmente do céltico **ganskio*//Desenganchado 1899 // Enganchado XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

79. DISALAGAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: eu já me alaguei assim nas boca da barra mas perto...á lá.../disalagá a embarcação e vai pro seco (Ent. 9, linhas 80, 81)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Desalagar. Tirar a agoa de hum lugar alagado della, desalagar huma lagoa, hun tanque. *Aquam flagno emitterem*.

2. Morais:

Desalagar, v. at. Tirar de debaixo d'água o que estava coberto della.

3. Laudelino Freire:

Desalagar . v. r. v. De des+alagar. Livrar da água (aquilo que estava alagado por ela) (tr. dir)

4. Aurélio:

Desalagar[De *des-* + *alagar*.] Verbo transitivo direto. 1.Livrar da água (aquilo que estava alagado ou inundado).

5. Cunha:

Lago, sm. 'Porção de água circundada por terras'. XIII. Do lat. *lacus*. Alagadiço XVI // Alagamento XV // Alagar XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

80. DISCARRERAR [V] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Todas..todas..tem essas parte toda...so não tem a vela...// e borda...não é mais como antigamente pra descarrerar... descarrerar ...é porque se esse motô dé problema... essa vela é que vai trazê a canoa pro porto... se não quisé que reboque ela... tem essa vela...só que não é grandona como era antigamente...é uma proteção da canoa. (Ent. 5, linhas 321, 322, 3323, 324)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Carreira O movimento de quem corre certo espaço de lugar. *Curriculum, i. Neut. Cic.*

2. Morais:

Carreira, s.f. O lugar por onde se corre a pé, ou a Cavallo. Mandou-o levar a carreira do seu paco. *Flos. Sancto. S. LXXXI.*

3. Laudelino Freire:

Carreira, sf. Corrida veloz // caminho de carro // Estrada pouco larga; carril, carreiro.

4. Aurélio:

Descarreirar [De *des-* + *carreira* + *-ar²*.] Verbo transitivo direto. 1.Tirar ou desviar da carreira ou carreiro; desencaminhar, descaminhar, desencarreirar.

O guia era inapto e descarreirou a expedição..

5. Cunha:

Carro. sm. 'Veículo de transporte terrestre' XIII. DO lat. *carrus*// carreado XVI//carrear vb. 'conduzir em carro' 1813/ carreira sf. 'caminho'/XIII, ~eyra XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

80. DISMAIAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: igual tem uma ilha aqui cheio de caranguejo pequenininho... ahh... deixa eu ver mais uma coisa... chegou a hora de chegar o peixe do má... como chama a hora de tirá o peixe do má? INF.: a gente vai dispescá a rede. INF.: a gente pega... tira... PESQ.: dispescá a rede. INF.:aí a gente vai dismaiando a rede (Ent. 2, linhas 474. 475, 476, 477, 478, 479, 480)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Desmaiar. Perder os sentidos. *Animo linqui.*

2. Morais:

Desmaiar, v.at. Causar desmayo.

3. Laudelino Freire:

Desmaiar, v. r. v. De des + lat maculare. Fazer perder a cor (tr. dir).

4. Aurélio:

Desmaiar [De *desmaiar*, com mudança de pref.] Verbo transitivo direto. 1.Fazer perder a cor; descorar; desbotar: *A velhice desmaiou-lhe a pele.* 2.Empanar, deslustrar: *Pequenos defeitos não chegam a desmaiar seu excelente caráter.* Verbo intransitivo.Verbo pronominal. 3.Perder a cor; descorar, desbotar: “Vivo há pouco, de púrpura, sangrento, / Desmaia agora o ocaso.” (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 94). 4.Perder os sentidos; desfalecer, esmorecer: *A dor, intensíssima, fê-lo desmaiar.* 5.Perder ou diminuir o brilho; obscurecer-se:

5. Cunha:

Desmaiar vb. Perder a cor, perder os sentidos, desfalecer? / -mayar XIII/ De *esmaiar*, com mudança de prefixo.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

81. DISMARISCAR[V] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: que é pra aprofundá ele... daqui acolá a gente bota uma que é pra tudo que a gente vê essa aqui da ponta... aí sai botando o espinhel... aí sai daqui até aqui sai botando as pedra pra aprofundá... aí tanto que quando chegar no fim...no final bota outra boia... ta entendendo? Aí pode as vezes durmi... pode se quisé arrastá o camarão dali ... pode ... aí vai ... quando é na hora de puxá você suspende pela linha daquela boia ali lá e sai desmariscando e o peixe está num anzol... que nem pra cumê... lá mesmo ele se vira... (Ent. 6, linhas 52, 53, 54, 55, 56)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Desmariscar, v. r. v. O mesmo que despescar.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Mar s.m ‘ Porção relativamente extensa de um oceano’ ‘grande massa de água situada no interior de um continente’ ‘ fig. grande quantidade, abismo, imensidão’ XIII. Do lat. *mare* ~is. *Maré* / *maree* XIV / Do fr. *marée*, deriv. antigo de *mer*//. *Mariscar* XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

82. DISPESCAR[V] _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQ.: igual tem uma ilha aqui cheio de caranguejo pequenininho... ahh... deixa eu ver mais uma coisa... chegou a hora de chegar o peixe do má... como chama a hora de tirá o peixe do má? INF.: a gente vai dispescá a rede. INF.: a gente pega... tira... PESQ.: dispescá a rede. INF.:aí a gente vai dismaiano a rede (Ent. 2, linhas 474. 475, 476, 477, 478, 479, 480)

INF.: curralera..curralera..curralera...curralera eles boto os corral só pra esperá os peixe chegá entrá..aí eles vão só dispescá na hora né (Ent. 9, linhas 36, 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Despescar, v. r. v. De des + pescar. Retirar do curral, camboa, viveiro, rede, espinhel ou covó. (o peixe) (tr. dir).

4. Aurélio:

Despescar [De *des-* + *pescar.*] Verbo transitivo direto. Bras. 1. Colher com a rede ou tarrafa (os peixes dos açudes, viveiros ou currais).
 5. Cunha: n/e
 6. Amadeu Amaral: n/e
 7. Santos: n/e

83. DIVIDIÇÃO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: hoje em dia tem...é...então... essa ...esse pano aqui... nós dividimo ela em três parte... PESQ.: quer dizer que ela nasce daqui assim em três partes...INF.: certo ... Tres partes aqui mode é que pode butar ela pra ela poder correr no mar direitinho. PESQ.: entendi... INF.: a dividição dela... (Ent. 5, linhas 295, 296, 297, 298, 299)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

84. EMBARCAÇÃO Nf [Ssing] _____ 8 OCORRÊNCIAS

INF.: Por que mesmo eu tendo minhas embarcação... tenho duas embarcação... eu recebo meu peixe apesar que eu nem tiro comissão assim... apesar que as vês eu tiro minhas comissão... pra não prejudicá o pescadô... que o pescadô que é o sofrido (...) (Ent. 2, linhas 114, 115, 116)

INF.: Minha filha... melhorô bem pouco... O melhoramento foi bem pouco porque as embarcação agora... muitas já são movida a motô... um motorzinho agora... não são movida a pano/...tão mais equipado... tão mais nesse...era mais sorte...você chegava para pescá... jogava a rede... era mais sorte... hoje não... já tem uns barco que troxero equipamento... pega cardume...(Ent. 3, linhas 93, 96)

INF.: E ele pode passá era de barco... de embarcação... ele disse que viu essa arrumação aí... eu mesmo é um que não...é mentira... agora eu é que nunca vi... (Ent. 3, linhas 174, 175)

INF.: deixa eu vê...nós temo a proa da embarcação... (Ent. 5, linha 61)

PESQ.: Essa é a parte do espinhel... só uma coisa... é uma pessoa que leva o espinhel... não?

INF.:leva... a gente vai na embarcação... aí chega um já vai remando aqui... o outro já vai soltando o... PESQ.: o espinhel... (Ent. 6, linhas 39, 40, 41, 42)

INF.: Aí que eu fiquei com medo....se tivesse ao menos água pra embarcação viajá... tudo bem. Mas tarra seco... num tinha ao menos um palmo d'água... (Ent. 8, linhas 155, 156)

INF.: A embarcação arranco uma taba...arrancou uma taba e afundô (Ent. 8, linha 165)

INF.: eu já me alaguei assim nas boca da barra mas perto...aí lá../disalagá a embarcação e vai pro seco... (Ent. 9, linhas 80, 81)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Embarcaçam. Embarcação. Qualquer gênero de vaso, em que a gente se embarca. Vid. Barca, Barco, Fragata, Navio, &c.

2. Moraes:

Embarcação, s.m. O acto de embarcar, v.g: ocupado na embarcação da gente e matimento. Qualquer barco que transporta gente, ou mercadorias, &c á vela, ou á remo: vaso náutico em geral.

3. Laudelino Freire:

Embarcação, s.f. Ato de embarcar. 2. Navio, barco. 3. Qualquer construção destinada a navegar.

4. Aurélio:

Embarcação [De *embarcar* + *-ção*.] Substantivo feminino. 1.P. us. V. *embarque*. 2.Ant. Bras. Designação comum a toda construção destinada a navegar sobre água. 3.Lus. Restr. Em geral, qualquer embarcação de pequeno porte.

5. Cunha:

Barca s.m. ‘tipo de embarcação’ XIII. Do lat. tard. *barca*, de origem hispânica.// Embarcação s.f. ‘qualquer construção destinada a navegar sobre a água.’ XVII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Embarcação s.f. tdse (dhlp; mmdl; nalp). a mesma coisa que transporte marítimo.

85. EMBORCAR[V] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: eu nunca vi visagem... pirigo no má ... eu enfrentei muito temporal... já vi rasgá pano... se emborcá... vi daí... mas...(Ent. 3. Linhas 184, 185)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Emborcar. Entornar. *Aliquid invertere*.

2. Moraes:

Emborcar, v. at. Voltar o vaso com a boca para baixo. Leão, orig. 203. Emborcou o frasco, navio, jangada.

3. Laudelino Freire:

Emborcar, v. r. v. De em + borco + ar. Virar de fundo para o ar. (tr. dir.)

4. Aurélio:

Emborcar [De *em*² + *borcar*.] Verbo transitivo direto. 1.Pôr de boca para baixo, virar de borco (uma vasilha, uma canoa, etc.). [Sin.: *emborquilhar* (bras., S.) e *borcar* (lus.).]

5. Cunha:

Revolcar vb. ‘fazer mover como uma bola’. ‘revolver, virando 1881’. Do lat. vulgar *revolvicare*, de *revolvere*. // Emborcar / emborcar XIV, embrocar XV. / De * reborcar (var. de revolcar), com troca de prefixo, provavelmente. // emborco XX.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

86. ENCHENTE Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: é quando ela vem passando... que ela dá enchente... passando no igarapé... tá entendendo... aí nós chamamos do começo da enchente... do começo da enchente... a gente bota pra começá a pescar... quando ela dava meia maré de enchente é que ela dava meia maré no igarapé... a gente ia sabê que tava meia maré de enchente... aí podia largá a pescaria que não dava mais... porque a maré de dia é a maré de enchente... já era siri... já era pra otro lugar... já procurava outro ali... já não dá mais aquela quantia que a gente qué... agora no começo da enchente... aí tá certo aí... (Ent. 6, linhas 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Enchente. Maré enchente, & vazante. Vid. Maré.

2. Moraes:

Enchente, S.F. O acto de encher: v.g na enchente da maré, da Lua

3. Laudelino Freire:

Enchente, adj. P. pres. de encher. Que enche, que se enche.

4. Aurélio:

Enchente [De *encher* + *-nte.*] Substantivo feminino. 1. Grande quantidade de água que se acumulou em rio, lago, etc., esp. em decorrência de chuva forte, e que, ao transbordar, provoca inundação de terras adjacentes; cheia: *A enchente deste ano foi terrível.*

5. Cunha:

Cheio adj. 'Pleno, completo, repleto'. XVI, *cheo* XIII, *cheo* XIII. Enchente XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

87. ENGANCHAR [V] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: Aí nos conseguimos voltaápra berada... perdemo os peixe todo... eu quase morro ainda... que a nossa rede saiu toda da canoa... enganchou numa muruada muito alto... né? Ficou enganchada ... eu fui subí pra desenganchá... eu terminei de desengachá o pau pegou nisso aqui meu me jogô lá do outro lado... quase não torno mais... (Ent. 2, linhas 352, 353, 354, 355)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Enganchar, v. r. v. De en + gancho + ar. Prender ou apanhar com gancho (tr. dir) . 4. Ficar preso como em gancho, travar-se.

4. Aurélio:

Enganchar [De *en*-² + *gancho* + *-ar*².] Verbo transitivo direto. 1. Segurar ou prender com gancho: *O açougueiro enganchou a carne.* 2. Apanhar ou pegar com gancho; ganchar. 3. Dar a forma de gancho a. Verbo pronominal. 4. Travar-se; enlaçar-se.

5. Cunha:

Gancho s.m Peça recurvada de metal ou outro material que serve para suspender pesos'. XVI. Provavelmente do céltico *ganskio // Enganchar 1844.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

88. ENTRALHAMENTO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: bitola a gente chama é o entralhamento de uma bitola pra otra... PESQ.: o espaço... INF.: o espaço... PESQ.: o espaço aqui é uma bitola aqui já é otra bitola. (Ent. 2, linhas 239, 240, 241)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Entralhamento, s.m. De entralhar + mento. Pesc. Armação de rês em cabos à superfície da água.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

Tralha, sf. 'Rede pequena, que pode ser lançada ou armada por um só homem.' 'malha de rede' XV. Do lat. *trāgula* // Entralhar XVII // Tralhar 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

89. ENTRALHAR [V] _____ 13 OCORRÊNCIAS

PESQ.: é mesmo? E agora o senhô vive assim... tem esses barcos... as pessoas pescam pro senhô... INF.: trabalho ajuntando as coisa pra eles.. INF.:é... não pode é pescá... PESQ.: de uma maneira diferente...ajeitando os instrumentos de pesca. INF.: rede... entralhando rede... remendo rede..

PESQ.: entralhar redes é o trabalho mesmo de tecê... né INF.: entralhá é diferente... que hoje em dias as pessoas quase não tão mandando mais fazê redes... hoje tá mandando da fábrica. (Ent. 2, linhas 191, 199)

INF.: aí depois a gente vai entralhá. (Ent. 2, linha 204)

INF.: aí vai entralhando... num sabe... que é botando as bóia... que tem o lugar das bóia e das bichinha... (Ent. 2, linhas 209, 210)

INF.: primero a gente entralha... depois bota o chumbo... vai entralhá... né? Só deixa o local de botá o chumbo... PESQ.: entralhá eu posso dizer que é costurar? INF.: costurá é um... entralhá é outro... é entralhá mesmo o nome.. (Ent. 2, linhas 214, 215, 216, 217)

INF.: entralhá é aquilo que tava aqui... certo... PESQ.: sei...INF.: a gente pega o começo da rede que tava aqui vai entralhando... certo... todo entralho desses tem que botá duas malha.. (Ent. 2, linhas 224, 225)

INF.: aí quando termina de entralhá tá no ponto de butá n'água... (Ent. 2, linha 230)

INF.: aí dá trinta braça entralhada... (Ent. 2, linha 245)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Entralhar. Termo de redes. Tralhas se chamaõ os nós das redes, e entralhar he pôr estes nós.

2. Moraes:

Entralhar, v. at. Tecer, ou fazer as malhas da rede. Vieira. Prender nas malhas: ficar entralhado; preso, enlejado.

3. Laudelino Freire:

Entralhar, v.r.v. De em + tralha + ar. Tecer ou fazer as tralhas (de rêde) (tr. dir). 2. Prender nas malhas das rêdes (tr. dir).3. Náut. Coser a tralha a (o pano); guarnecer o pano (de tralhas) (tr. dir).

4. Aurélio:

Entralhar [De *en*-² + *tralha* + *-ar*².] Verbo transitivo direto. 1.Tecer as tralhas [v. *tralha* (2)] de. 2.Prender na tralha (1); enredar. 3.Marinh. Coser tralha (3 e 4) em (vela, bandeira, toldo). Verbo intransitivo. 4.Ficar preso; prender-se; enredar-se, embaraçar-se.

5. Cunha:

Tralha s.f. rede pequena, que pode ser lançada ou armada

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

90. EROSÃO Nf [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INFORMANTE 2: o primeiro curral que o cearense colocou a rolação que é aquele mais forte ... né? Levou né? E ele disse que nunca mais que aquilo enganava ele. Mas ele veio e tornô de novo, né PESQ.: botou curral? a rolação é a mesma coisa né? INFORMANTE 2: é erosão PESQ.: erosão...INFORMANTE 2: erosão que chama (Ent. 8, linhas 227, 228, 229, 230, 231, 232)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Erosão, s.f. Lat. *erosio*; *erosionem*. Ato ou efeito de carcomer, de corroer lentamente.

4. Aurélio:

Erosão [Do lat. *erosione*.] Substantivo feminino. 1.Ato de um agente que erode, que corrói a pouco e pouco; o resultado desse ato. 2.Geol. Trabalho mecânico de desgaste realizado pelas águas correntes, e que também pode ser feito pelo vento (*erosão eólica*), pelo movimento das geleiras e, ainda, pelos mares.

5. Cunha:

Erosão, s.f. 'Ato de carcomer e corroer a pouco e pouco'. 1844. Do lat. *erosio* ~ *onis*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

91. ESCARDIAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

Se essa maré era uma base dumas deis hora pra onze hora da noite pra madrugada aí o rapaz saiu daqui...isso...o moradô daqui... e tão vivo...saiu o Z. B, saiu o C. M e..V...V. morava no...no Olho de Porco mas era compradô de peixe....levava o peixe no...em jumento né?...escardiando o jumento... (Ent. 1, linhas 172, 173, 174)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Escardear, v. tr. dir. De es + cardo + ar. Limpar de cardos (a terra); varrer ou cortar urzes e ervas daninhas em (sementeiras). 2. Limpar. 3. Roçar (a pele) ferindo.

4. Aurélio:

Escardear1 [De es- + cardo + -ear².] Verbo transitivo direto. 1.Limpar de cardos. 2.Varrer ou cortar ervas daninhas em (sementeiras). 3.P. ext. Limpar (1). 4.Roçar (a pele), ferindo-a. [Conjug.: v. *frear*.]

5. Cunha:

Cardo, sm. 'planta da fam. das compostas, considerada praga da lavoura' 1813. Do lat. *carduus* ~ *i* //.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

92. ESPEQUE Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Eu ia pescá nessa época... mas eu ia pescá amarrado... ia pescá... me amarravam... passavam uma corda aqui... tinha uma coisa chamada espeque...bota os pexes PESQ.: espec INF.:espeque... e eu ia pescá... (Ent. 4, linhas 142, 143, 144, 145)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Espeque. Pao comprido, que serve de sustentar alguma cousa, que não caya. *Ligneum fulcimentum* ou *Fulcrum*, *i*. Neut.

2. Moraes:

Espéque, s.m. Espécie de alavanca que serve de mover pesos, v.g na Artilharia.

3. Laudelino Freire:

Espeque, s.m. Germ. spaak. Peça de madeira, com que se escora alguma cousa; escora. 2. Amparo, apoio. 3. Paliativo. 4. Tórno de madeira das jangadas em que se amarram, na proa, a corda do tauaçu ou itaaçu, que serve de âncora, e, na pôpa, a escota da vela.

4. Aurélio:

Espeque [Do fr. *anspect* < neerl. ant. *handspaecke* (atual *handspaak*).] Substantivo masculino. 1.V. *escora* (1). 2.Fig. Apoio, arrimo, amparo. 3.Bras. N.E. Torno de madeira das jangadas, no qual se amarram, na proa, a corda do tauaçu, que serve de âncora, e na popa, a escota da vela.

5. Cunha:

Espeque, s.m. 'Alavanca' 'peça de madeira com que se escora qualquer objeto'. XVI. Do fr. *Anspect*, deriv. do neerl. Ant. *handspaecke* (hoje *handspaak*).

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

93. ESPIA Nf [Ssing] _____ 7 OCORRÊNCIAS

No curral tem a espia... no curral bota uma espia assim... o peixe vem aí quando vê a espia corre pra dentro do chiquero (Ent. 2, linhas 39, 40)

É...aqui que não faz muito... mas no Ceará.. aqui que... chiquero falso... tem o chiquero falso... tem o chiquero grande... tem a salinha... tem a sala grande e a espia... isso depende do material (Ent. 3, linhas 217, 218)

É difícil... porque ele entra no curral pela sala e não sai... depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha... depois ele cai dentro do chiquero... e depois que ele tá dentro do chiquero (Ent. 4, linhas 89, 90, 91)

Chiquero... salinha... sala grande e espia (Ent.8, linha196)

Aqui a sala grande... isso aqui a espia. (Ent. 8, linha 204)

Pega aqui a espia do curral e sai ali... olhe. Passô aqui na sala grande... entro aqui na salinha e vem morrê no chiquero (Ent. 8, linhas 212, 213)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Espia, Espía. O que anda desconhecido entre os inimigos, para descobrir os seus intentos & dar aviso aos seus. *Explorator*, ou *speculator*, *oris*.

2. Moraes:

Espia, s.c. Pessoa, que anda espiando. O precursor, que vai diante do exército espiar. Corda que se prende em terra e que serve de amarrar navios. Corda que se ata na extremidade de algum mastro, ou páo alto erguido, e outra ponta em terra, juntamente com outras cordas atadas pelo mesmo modo, para que o vento não o derribe. Espias, cabos do cabrestante, com que lançam as naos ao mar.

3. Laudelino Freire:

Espia s.m. De espiar. Mar. Cabo lançado de um navio para a terra ou para outro navio afim de o fazer mudar de direção. 2. Mar. Cabo do cabrestante com que se lançam as naus ao mar.

4. Aurélio:

Espia1 [Do gót. **spaiha*.] Substantivo de dois gêneros. 1. Pessoa que às escondidas observa ou espreita as ações de alguém; espião. 2. Sentinela, vigia. 3. Bras. Lugar, na costa, onde os pescadores sabem que hão de passar os cardumes de peixes, em suas migrações. [Cf. *curral-de-peixe*.] 4. Certa parte do curral-de-peixe (q. v.).

5. Cunha:

Espia s.f. (Marinh.) cabo que se passa de um navio para um cais, uma boia ou outro navio, a fim de segurá-lo. Espya XV. De etimologia obscura, provavelmente relacionado com *espia* / *espiar* vb. ‘segurar o navio com espias’ 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

94. ESPINHEL Nm [Ssing] _____ 7 OCORRÊNCIAS

PESQ.: o senhô pesca mais de rede? *INF.*: é... anzol não... espinhel eu nunca... (Ent. 3, linhas 311, 312)

INF.: de rede... pode sê também de espinhel *PESQ.*: espinhel como é? *INF.*: espinhel é cinco... seis linhas no anzol... (Ent. 2, linhas)

INF.: as isca tudin' bota na corda aí chega bota os espinhel ...joga na água... (Ent. 2, linhas)

Se chama pescaria de espinhel... (Ent. 2, linhas 269, 270, 271)

Espinel tem muito ali... lá na praia espinhel... onde ele mostrô aqui ... D. ... eles pesca mais aqui de espinhel... (Ent. 2, linhas 282, 283)

PESQ.: ah então posso pedir pra eles... pra tirar uma foto...*INF.*: pescaria de espinhel... ... (Ent. 2, linhas 284, 285)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Espinhel, s. m. O mesmo que espinel.

Espinel, s.m. Aparelho de pesca, composto de uma linha comprida, e mais ou menos grossa, que têm presas, de espaço a espaço, outras linhas mais curtas, com anzóis, que se iscam, para pesca de fundo.

4. Aurélio:

Espinhel [De *espinel*, com infl. de *espinha*.] Substantivo masculino. 1. Aparelho de pesca formado por uma extensa corda na qual se prendem, de espaço em espaço, linhas armadas de anzóis. [Var. de *espinel*. Pl.: *espinhéis*. Cf. *espinheis*, do v. *espinhar*.]

5. Cunha:

Espinhé(1), s. m. - aparelho de pesca, que consiste num fio ao qual se ligam a espaços diversas linhas com anzóis. | Port. *espinel*

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Espinhel s.m. tdse (dhlp; mmdlp; nalp) rede de pescar que contém vários anzóis.

95. ESPORÃO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: é... tem pescadô que se belisca... as vês eles pegam o peixe e jogam assim pra saí de uma vês ... o peixe sai em outro pescadô... já aconteceu. PESQ.: vixi. INF.: a maior parte é mais de esporão... é o banderado... é o uritinga (Ent. 2, linhas 509, 510, 511, 512, 513)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Esporam. Bico, ou ponta dura, que sahe aos Gallos de traz das pernas. Chama columella a estes esporoens. *Gallinacei calcaria, ium*. Neut. Plur.

2. Morais:

Esporão, s.m. Pua óssea, que nasce nos pés do gallo e outras aves. O extremo da prôa do navio, ou galé, o qual remata em ponta. Entrarem-lhe pelo esporão della. O mesmo que contraforte.

3. Laudelino Freire: n/e

Esporão, s.m Ant. alt. AL. Sporon. Zool. Apófise ou saliência córnea, que se encontra na parte posterior do traso no machodas galináceas (galo, parú, pavão, etc). 8. Parte superior da proa de um navio, em que se pode assentar uma figura de ornato.

4. Aurélio:

Esporão [Do provenç. ant. *esporon*.] Substantivo masculino. 1. Zool. Saliência córnea do tarso de alguns machos galináceos. 2. Bot. V. *cravagem*. 3. Arquit. Contraforte de uma parede. 4. Constr. Nav. Protuberância muito resistente que certos navios de guerra antigos tinham na parte exterior da roda de proa, para romper a carena de navios adversários, quando contra eles investissem; aríete. 5. Med. Formação (5) saliente, como pode ocorrer a partir de osso.

5. Cunha:

Espora sf. 'Instrumento de metal que se põe no tacão do calçado para incitar o animal que se monta' / XIII, espola XIV / Do gót. *spaura // esporada XIV //.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

96. ESTERA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Pois é...é...é pá tecê o fio... a estera pra butá o curral (Ent. 8, linha 234)

Bota aqui nessa estera... arrudeia aqui na salinha... arrudeia de novo na mesma estera (Ent. 8, linha 251)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Esteira. Estéira. He hum tecido de junco, da tábuia, ou de palma, com que se alcatiaõ estrados & casas inteiras. *Matta*, *ie*. Fem.

2. Moraes:

Estèira, s.f. Tecido de junco, tabuas e d'outras palhas para cobrir o pavimento, e muitos usos. A aberta, ou rasto, que deixa a quilha do navio no mar.

3. Laudelino Freire:

Esteira, s.f. Esp. *Ester*. Rasto escumoso que deixa o navio na água quando navega.; sulco.. 9. Tecido de junco, tabua, esparto, etc., feito de hastes entrelaçadas.

4. Aurélio:

Esteira² [Do esp. *estera* < esp. **estuera* < lat. *storea*.] Substantivo feminino. 1. Tecido de junco, esparto, taquara, etc., feito de hastes entrelaçadas, usado para tapete, revestimento de paredes, etc. [Sin. (bras., N.E.): *sofá-de-arrasto*, *sofá-rasteiro*.] 2. Marinh. A parte inferior de uma vela. [Cf., nesta acepç., *gurutil*, *testa* (4) e *valuma*.]

5. Cunha:

Esteira, s.f. 'Tecido de junco, tabua, esparto, taquara, etc., feito de hastes entrelaçadas, usado para tapetes etc'. XIII. Tal como o cast. *estera*, o voc. port. se prende ao lat. *storea*, com troca de sufixo.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

97. FALARIO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: Do medo...aí ... lá vem outros pescadô...outros pescadô carregadô de peixe já vinhu da Raposa e lá vem naquele falario né... a turma vinho de noite conversando... pererê e parará uns cantando toada de boi... pererê e aí eles ...ouviro...isso né ... que quando eles ouviro isso e que no negócio ouviu aí o negócio desapareceu... (Ent. 1, linhas 238, 239 240, 241)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Falario, s.m. De falar. Falácia, falatório.

4. Aurélio: n/e

Falario [De *falar* + *-io*².] Substantivo masculino. 1.V. *falatório* (1).

5. Cunha:

Falar vb. 'Dizer, exprimir por palavras' XIII. Do lat. *fabulāri*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

98. FRENTEIRA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: o que seria a proa? INF.: a proa é essa aqui... é a frentera da canoa. (Ent. 5, linhas 269, 270)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

Frenteiro, s.m. O que vai à frente da boiada a cavalo, guiando-a.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

99. GAIOLONA~GAIOLA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

É outra gaiola que o peixe fica... que o peixe entra e sai... assim que o chiquero falso ele fica... (Ent. 3, linhas 210, 211)

INF.: o chiquero falso dá uma volta /... no chiquero falso...bota aqui... abre uma porta entra pra dentro do manzuá... a gaiolona PESQ.: mas é outra gaiolona? INF.: outra gaiola (Ent. 3, linhas 212, 213, 214, 215)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Gaiola s.f. Lat. cavelola. Espécie de casinha portátil feita ordinariamente de cana ou madeira com fio de arame que serve para nela se encerrarem aves vivas.

4. Aurélio:

Gaiola [Do lat. *caveola*, com hiperbibasmo.] Substantivo feminino. 1. Pequena clausura onde se encerram aves, feita de cana, junco, verga ou arame: “na sua gaiola de cana, dois melros novos ensaiavam assobios hesitantes, numa modulação fresca de primavera” (Conde de Ficalho, *Uma Eleição Perdida*, p. 13). [Dim. irreg.: *gaiolim*.] 2. Prisão para feras; jaula. 3. Fig. V. *cadeia* (3).

5. Cunha:

Gaiola s.f. ‘Pequena clausura para encerro de aves./ gayola XVI, olla XIV. / Do baixo lat. *caveola*, de *cávea*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

100. GARITÉ Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

PESQ.: era só biana nessa época? INF.: era biana e garité... PESQ.: garité como é? INF.: garité é umas canoa que é a proa dela é lá e a ponta dela é lá... e o pano é só um pau na ponta... e bota lá no pé e é só uma prancha... as biana são duas prancha... (Ent. 4, linhas 119, 120, 121, 122, 123)

INF.: essa é garité... mas... só tem mais agora Ribamar pra lá, pra cá tem mais não... acabou ... PESQ.: se eu olhá uma biana o que eu vô vê de diferença? INF.: a diferença é que a garité não tem a cara... não tem nada... e a biana é toda cortada... é bonitinha... (Ent. 4, linhas 131, 132, 133)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Igarité, s.m. Do tupi. Canoa feita de só um tronco. 2. Galeota com tôlda de madeira. 3. Embarcação de um só mastro e dez a quinze palmos de boca.

4. Aurélio:

Igarité [Do tupi.] Substantivo feminino. 1. Bras. Amaz. Embarcação de tamanho entre montaria² (6) e galeota (3), capacidade de carga de 1 a 2 toneladas, impulsionada a remo, varejão, sirga ou motor: “Canoa havia, uma bela igarité grande, com tolda de japá, fixa e cômoda” (Inglês de Sousa, *O Missionário*, p. 194).

5. Cunha:

Igara. sf. ‘canoa dos índios do Brasil’ 1817. Do tupi *ĩ’ara*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

101. GARRA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Só pra gente tá se adivertindo...inclusive agora, você viu tava dentro de casa que eu num...num trabalho com negócio de comércio não... quando as garra diminuiu ... as força diminuiu... que eu

não pude mais tá permanecendo debaixo de uma embarcação... na lama... num ou notro... foi que eu inventei botá esse comércio... (Ent. 5, linhas 376, 377, 378, 379)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Garra, ou Garras. Unhas das aves de rapina, ou das feras. Leoens, Tigres &c. *Fascula, e*.

2. Moraes:

Garra, s.f. As unhas das aves de rapina ou das feras, como o leão, tigre.

3. Laudelino Freire:

Garra, s.f. Unha em forma de ganho e agUÇÁda de alguns quadrúpedes e das aves de rapina.

Garrar, v.r.v Náut. Diz-se do navio que estando no ancoradouro é levado pelo impulso das ondas em consequência de não estar a ancora bem fixa ou rebentarem as amarras. (intr.). 2. Vogar á marcê das ondas. 3. Desprender (as amarras)

4. Aurélio:

Agarrar [De a^{-2} + $garra^1$ + $-ar^2$.] Verbo transitivo direto. 1. Prender com garra¹ (1); garrear (q. v.). 2. Pegar em; apanhar, tomar: "Dobrou-se, agarrou uma caixa que deixara sobre a cadeira e tentou entregar-lha" (Ferreira de Castro, *A Tempestade*, p. 260). 3. Prender, segurar com força.

5. Cunha:

Garra, s.f. 'Unha agUÇÁda e curva das feras e aves de rapina' 'ext. unhas, dedos, mãos' 'fig. Ânimo forte, fibra XVII. De um célt. **garra*.

6. Amadeu Amaral:

Garrá(r), agarrar, v. t. - principiar;- tomar (uma direção, um caminho); entrar, enveredar: "... *garrei* o mato porque num gosto munto de guerreá..." (C. P.) - "I nós ia rezano, e Sinhá, no meio da reza, *garrava* chingá nós..." (C. P.) "I tudo in roda daquêle *garrava* gritá..." (C. P.) - "*Garrei*

7. Santos: n/e

102. GATO DE BOTAS [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

INF.: Não... tu tá falando do Gato de Botas menina... PESQ.: DO GATO DE INF.: Ô... DO CÉU! ((risos)). PESQ.: A do João de Una ainda existe né... é que eu lembro da lenda do gato de botas que é um anãozinho né INF.: É... (Ent 1, linhaS 160 166)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

103. GELERO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Um ajudano o otro... não tem nada disso não... agora nesses barco grande tem o que conserva o peixe... que a gente chama o gelero... via pra que ... lá pra gelá (Ent. 3, linhas 300, 301)

Ele ganha... ele é gelero... mas também na uma parte na... (Ent. 3, linhas 305)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Geleiro, s. m. Fabricante ou vendedor de gelo. 2. O mesmo que atravessador.

4. Aurélio:

Geleiro. [De *gelo* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Bras. Fabricante, vendedor ou entregador de gelo. 2.Bras. AM PA Alcinha dada ao pescador português. 3.Bras. PA Aquele que em geleira (5) transporta para a cidade o pescado adquirido em diversos centros de pesca.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

104. GÓ ~ PESCADINHA ~ PESCADINHA GÓ Nf [Ssing] _____ 10 OCORRÊNCIAS

INF.: a sessenta pega um peixe maió...serra...a gó... setenta... oitenta... essa daqui é oitenta, pega um peixe maior... essa daqui é cem (Ent. 3, linhas 240, 241)

INF.: a boca mole é a gó (Ent. 3, linha 415)

INF. 1: a pra pescada é zero cem... pra serra é a sessenta... e pra gó é a quarenta e sajuba é a zero trinta... trinta e cinco (Ent. 7, linhas 65, 66)

INF.: rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora... tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinha e o curral (Ent. 7, linhas 35, 36, 37)

Aqui é pela safra... né? Tem tempo que essa pescaria aqui dá muito... que é a pescadinha gó que chama... dá muito mesmo que fica baratinho (Ent. 2, linhas 416, 417)

É um amarelinho...a gó PESQ.: a gó? INF.: gó... é... pescadinha... a outra também é peixe pedra... covina... dá bastante ...(Ent. 2, linhas 419, 420, 421)

PESQ.: AH...S...então tá certo...Seu D. por exemplo... essa rede que o senhor tá fazendo aqui qual o nome dela? INF.: essa aqui é a zero quarenta...pra pescadinha gó (Ent. 9, linhas 10, 11, 12)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Gó, s.m. Do jap. Medida japonesa, igual a dois decilitros.

4. Aurélio:

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

105. GOZERA Nf [Ssing] _____ 21 OCORRÊNCIAS

A gozera é uma malha menor que pega pescadinha gó... a covina que chama... já é maior já usa a rede zero cinquenta... já é a serrera também (Ent. 2, linhas 73, 74)

Tem uma diferença que a malha dela é menor um pouquinho... mas pega o mesmo tipo de peixe...

PESQ.: e a pequenininha? INF.:a gozera (Ent. 2, linhas 89, 90, 91)

É... minha mulher teceu muita rede pra mim... gozera... na época eu pescava gozera... agora já tenho uma canoa que pega zero cinquenta... peixe maior (Ent. 2, linhas 98, 99)

Querida te gozera pra pegar outro tipo de peixe... peixe mais grande (Ent. 2, linha 101)

Aqui tem a gozera, que é zero quarenta, tem a cinquenta que é mais grossa, tem a sessenta (Ent. 3, linhas 236)

Era só curral e negócio de gozera, gozera que a gente chamava aqui... cê pegava uma corda, mais grossinha que esse coisa pendurada aí...dez anzol, um pau... e botava lá no negócio do Carimã (Ent. 4, linhas 17, 18)

Então chamava de gozera era isso, era a rede de pesca (Ent. 4, linha 24)

Foi ficando cheio de redes...// muita gozera... PESQ.: gozera... essa rede gozera (Ent. 4, linha 69)

Aqui tem geralmente tem a pescadera... depois serrera... depois gozera... depois sajubera... depois pitiu (Ent. 4, linhas 198, 199)

PESQ.: Mas, aqui para pescar peixe go aqui é gozera. Essa daí tem algum nome, essa rede?(Ent. 5, linhas 169)

Pescadera, serrera, gozera. Esses tipos, sabe (Ent. 5, linhas 174)

Porque a rede ta na malha e no nailo... porque a gozera é um tipo de malha, a pescadera já é outro tipo de malha, malha maior, que é pro peixe graúdo... a camaroera, já é pro camarão... (Ent. 6, linhas 162, 163)

Tanto pega camarão... quanto pega gó... mas agora já... agora também que a gozera que nos chamamos que as malhas são menor... porque os peixe é miúdo... de acordo com o tamanho do peixe que o cara quer que é a malha da rede... (Ent. 6, linhas 165, 166, 167)

PESQ.: diz uma coisa... que isso é uma coisa que eu só vi aqui na Raposa... por exemplo... pra peixar peixe gó... o senhor falou que é gozera... né? Para pescar pescada? (Ent. 7, linhas 56, 57)

Rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora... tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinhas e o curral. (Ent. 7, linhas 35, 36, 37)

É a... a serrera...a gozera é essa daqui...ai tem a serrera, a pescadera né...tem a zero cinquenta...que pesca serra também (Ent. 9, linhas 23, 24)

Me fala uma coisa ...voces...a sua família pesca mais de curral ne...mas quem pesca de ..quem pesca de..é...rede... quais os tipos de rede que tem? INF.: serrera...tem as gozera... a pescadera...a pitiuzera...camaroera... (Ent. 9, linhas 171, 172, 173)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

106. GUARAVIRA Nf [Ssing] _____ 5 OCORRÊNCIAS

INF.: Guaravira... e assim vai indo... lá eles chamam cabeça dura e aqui é caropeba (Ent. 3, linha 397)

O peixe que vem pra cá o espinhel chega na hora... esses peixinhos que hoje da mais é guaravira... que antes dava muita guaravira e pescada... bagre muito...hoje em dia... hoje as pescaria de curral da essas pescadinha...// da muita coisa não... ..passa quatro cinco seis meses pra tirar... pega esses peixes pequenininhos... essas guaravira que não vale nada... pouca gente põe o curral... tinha quase sessenta curral... hoje se tem quase deis curral... tem muito (Ent. 4, linhas 73, 78)

INF.: ahh melhorou... ate porque aqui na Raposa... quando eu cheguei aqui... o peixe... a guaravira não viria. O baguinho não vendia...o uca não vendia... a arraia não vendia... o cação não vendia (Ent. 8, linha 336, 337)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Guaravira, s.f. ‘peixe da fam. dos gimnotídeos’/ *guoara emuira* c 1631. Do tupi *üara ‘mira < ua ‘ra ‘ guará + *mira (= i’ mira ‘ fibra, filamento’).

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

107. GUAXINIM Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

E era raposa ... guaxinim... camaleão... tinha demais...tinha raposa que ia pro barranco... tinha uns pés de angelco... assim baixinho nessa casa aí...(Ent. 4, linhas 54, 55).

INF.:é uma arvore do mato... ela tem uma cera que a gente faz aqueles fumador de igreja... tinha tanto camaleão que se você passava eles tavam pendurados no rabo assim... se fosse pegar camaleão você enchia essa sala assim só de camaleão... camaleão demais... e raposa e guaxinim...PESQ.: tai de camaleão e guaxinim eu não tinha ouvido...INF.:e foram caçando no mangue para fazer rancho... curral... mataram demais... agora coisa mais difícil... de vez em quando no ano passado passava um guaxinim aqui... passava bem prum lado e pro outro... eu dava carreira nele... ele saia e dia desses um cara matou e tirou até o couro dele... ta ali dependurado...//... tirou o coro... (Ent. 4, linhas 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Guaxinim, s.m. Pequeno mamífero plantígrado, que se sustenta de caranguejos (*Procuon cancrivorus*)

4. Aurélio:
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

108. GURIJUBA Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: tem o cambéu... lá é cambéu... aqui é cambeba... não tem a gurijuba... lá no Ceará não tem a gurijuba (Ent 2 , linhas 405, 406)

O rapaz chegou aqui... rapaz “vem fazer um favor”. Eu digo “o que é rapaz? “ pra tu ser tistimunha que eu sou pescador... vai ali no fórum. Aí eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe... o ...o...rapaz foi...”que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele?” Eu comecei a dizer assim: olha ele pega baguinho... gurijuba... uritinga... quando eu disse uritinga... ela disse... venha cá... tem esse ainda. Eu disse... senhora não quer saber a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? Quando cheguei no uritinga... eu falei baguinho... banderado... o gurijuba... o cambéu... Lea disse: “mais já chega”. Mas e agora? (Ent. 8, linhas 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Gurijuba, s.m. *Ictiol.* O mesmo que bagre amarelo.

4. Aurélio:
5. Cunha:

Gurijuba, s.m. ‘peixe siluriforme da fam. dos arídeos’ / gorujúba 1817. Do tupi *üiri’ iuua* (< *üi* ‘ri’ + *iuua* ‘amarelo’)

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

109. IGARAPÉ Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

É quando ela vem passando... que ela dá enchente... passando no igarapé... ta entendendo... aí nos chamamos no começo da enchente... no começo da enchente... a gente bota pra começar a pescar...

quando ela dava meia maré de enchente é que ela dava meia maré no igarapé... a gente ia saber que tava meia maré de enchente... (Ent. 6, linhas 87, 88, 89, 90)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Igarapé, s.m. Pequeno canal, que apenas dá passagem a igaras ou a outros pequenos barcos. 2. Rio pequeno ou riacho navegável.

4. Aurélio:

Igarapé. [Do tupi.] Substantivo masculino. 1. Bras. Amaz. MS Rio pequeno que tem as mesmas características dos grandes e que é ger. navegável; os maiores denominam-se *igarapés-açus* e os menores, *igarapés-mirins*.

5. Cunha:

Igarapé, s.m. 'pequeno rio que corre entre duas ilhas ou entre uma ilha e a terra firme' 1963. Do tupi *iara'pe < i'ara 'canoa' + 'pe 'caminho'.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

110. IMPUM NCm [Ssing + (prep + Ssing)] _____ 03 OCORRÊNCIAS

Agora eu sei que tem o impum... o impum ... o anzol de impum que é pra amarrá no cabo preto... (Ent. 2, linha 503, 504)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Ver anzol, ficha 9.

111. ISCA Nf [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

De linha é a gente leva a isca daqui e leva pra fora... põe a linha n'água e o peixe pega a isca (Ent. 2, linha 265)

As isca tudin' bota na corda aí chega bota os espinhel ...joga na água (Ent 2, linha 275)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Isca de tomar peixes. Esca, &. Fem. Cic. Liv. *Illicium*, ij. Neut. Varro.

2. Moraes:

Isca, s.f. O peixe, ou carne, que se põe no anzol para tomar peixe.

3. Laudelino Freire:

Isca, s.f. Lat. esca. Tudo o que se põe no anzol para atrair o peixe e pescá-lo.

4. Aurélio:

Isca1. [Do lat. *esca*, 'alimento'.] Substantivo feminino. 1. Engodo que se põe no anzol para pescar. [Sin. (no RS): *carnada*.]

5. Cunha:

Isca. s.f. ‘engodo que se põe no anzol para pescar’, engodo’ ‘o que serve para alimentar o fogo, pavio’. *ysca* XIV. Do lat. *esca-ae* ‘nutrição, alimento’, de *edere* ‘comer’, através de um incoativo **edescere* (daí **edsca*).

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

112. ISCAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: a sardinha... no anzol.. eles compram a sardinha e cortam todinha os pedacinho... vão iscando no anzol (Ent 1, linhas 485, 486)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Isçar o anzol. Porlhe a isca. *Hamum illicio inferere*, ou *hamum esca inferaere*

2. Morais:

Isçar, v. at. Por isca. v.g. “iscar o anzol.” Bern. Lima, f. 75. cevar.

3. Laudelino Freire:

Isçar, v. r.v Lat. *escare*. Pôr isca em. (tr. dir): “Isçar o anzol”.

4. Aurélio:

Isçar. [De *isca*¹ + *-ar*².] Verbo transitivo direto. 1.Pôr isca em; cevar.

5. Cunha:

Isçar. suf. Verb., de *-isc* (o) + *-AR*¹, formado por analogia com a terminação *-isc.ar* de verbos do tipo *chuvisc-ar* (*chuvisc.o* + *-ar*), *petisc.ar* (< *petisc.o* + *-ar*) etc., que deu origem à formação de alguns outros verbos portugueses com sentido frequentativo-diminutivo, como *mord.iscar* (*mord.er* + *-iscar*), por exemplo.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

113. JANGADA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: primeiramente eles chegaru numa jangada...eles vinhero do Ceará duma cidade de Acaraú e quando eles chegaro aqui encontraro uma raposa morta né (Ent. 10, linhas 6,7)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Jangada. Jangâda. Paos boyantes, ligados entre si. Ratis, is. Fem.

2. Morais:

Jangada, s.f. Grade de paos mui leves, bem unidos, talvez com taboado por cima, sobre ellas se navega á vela.

3. Laudelino Freire:

Jangada, s.f. Armação feita de madeira e tábuas de um navio, para recolher a gente e o mais que se pode salvar em ocasião de naufrágio. 2. Construção em forma de grade de madeira, que é uma espécie de barco de transporte, sobre que muitas vezes se assenta tabuado e se levanta um mastro com vela.

4. Aurélio:

Jangada. [Do malaiala *changadam*, de or. sânscr.] Substantivo feminino. 1.Armação feita com as madeiras de um navio para salvamento de náufragos. 2.Conjunto de pequenas embarcações ligadas umas às outras. 3.Construção ligeira, em forma de grade, para transportes sobre água; caranguejola. 4.Bras. N.E. Embarcação típica, us. para pescaria, com linha constituída de seis paus roliços de jangadeira, unidos por três ou quatro cavilhas de madeira dura, que atravessam os quatro paus do centro, sendo os dois de fora mais grossos, encavilhados nos que lhes ficam imediatamente juntos, de modo a situarem-se em plano ligeiramente superior ao deles. Os dois paus do centro chamam-se meios; os dois seguintes, mimburas; e os dois de fora, bordos. Sobre essa estrutura erguem-se dois bancos, constituídos, cada um, de quatro hastes de madeira dura presas verticalmente às mimburas, e

sobre as quais se fixa horizontalmente uma tábua: o mais de vante, o banco de mastro, serve de apoio do mastro da jangada; e o mais de ré, o banco do mestre, serve de apoio a quem dirige a jangada por meio dum remo que se encaixa entre a mimbura e o meio de boreste. Entre os dois meios, a ré, há uma fenda, pela qual se enfia verticalmente a tábua de bolina, uma prancha de madeira dura, comprida e estreita, destinada a reduzir o caimento da jangada quando navega à bolina. A vela é de baioneta, com retranca ou sem ela.

5. Cunha:

Jangada, s.f. 'tipo de embarcação construída com paus leves e bem unidos'. XVI. Do malaiala changãdam 'balsa'.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Jangada s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). embarcação reta, feita de madeira, com aproximadamente 3 metros de comprimento. possui vela, um banco de vela na parte da frente e um banco de governo na popa.

114. JOÃO DE UNA Nm [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

INF.: Não... tu ta falando do Gato de Botas menina PESQ.: DO GATO DE INF.: Ô...DO CÉU! ((risos)). PESQ.: A do João de Una ainda existe né...é que eu lembro da lenda do gato de botas que é um anãozinho né INF.: É... (Ent 1, linhaS 160 166)

E aí eu tenho certeza que ele existe... não é? O cara é meio homem... cara que só tem a coluna. Só tem PESQ.: O João de Una ?INF.: O João de Una... o chapéu dele é grande PESQ.: Foi assim que o pessoal lá descreveu ele também... (Ent. 5 , linhas 110, 111, 112,113)

O Z. M. M mais antigo conta história... ele falou que tem a lenda do João de Una... tem outra lenda... o senhor conhece alguma lenda dessas aí que eles contam? João de Una... de não sei o que... INF.: rapaz... eu ouvi falar que os mais velhos tem aí o João de Una... mais eu nunca vi assim... é que... (Ent. 7, linhas 91, 92, 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

115. LEME Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

É...daí é o seguinte... é quando já amontoou....era o leme que nós tinha...ta entendendo? Na popa da canoa (Ent 5 , linhas 303, 304)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Leme Pao que anda junto do cadaste, que quebra, e aparta as ondas para huma e outra parte & o total governo da não. *Clavus,i.*

2. Moraes: n/e

Leme, s.f. Governalho, peça de madeira grossa, plana de certa largura, que vai em gonzos no meio da popa do navio e outros vasos a navegar, dalto a baixo, e serve de os fazer voltar á proa a diversos rumos, voltando o leme.

3. Laudelino Freire:

Leme, s.m. B. lat. *limo*. Aparelho situado na parte traseira do barco e que serve para lhe dar direção.

4. Aurélio:

Leme. [De or. obscura.] Substantivo masculino. 1.Constr. Nav. Peça ou dispositivo instalado na popa da embarcação, e que serve para lhe dar direção, para governá-la. 2.Dispositivo instalado na cauda do avião e que regula a direção do aparelho. 3.Ferro que se embebe no vão da fêmea e sobre o qual se move a porta ou a janela. 4.Fig. Direção, governo, governança.

5. Cunha:

Leme. sm. ‘aparelho usado na parte traseira do barco e do avião e que serve para lhes dar direção’ XV. De origem obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Leme s.m. tdse (dhlp; mmdl; nalp). peça de madeira integrada ao timão que governa a embarcação.

116. LINHA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: esse cabo mesmo preto... tipo uma linha desse cabo preto... linha três... quatro... seis (Ent 2 , linhas 502)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Linha, s.f. Lat. línea. Fio de linha de consistência e grossura variável, que serve para os trabalhos de costura

4. Aurélio:

Linha. [Do lat. linea, ‘fio’, ‘corda’; ‘limite’.] Substantivo feminino. 1.Fio de fibras de linho torcidas usado para coser, bordar, fazer renda, etc. 2.Qualquer fio de algodão, seda, fibra sintética, etc., usado para os mesmos fins. 3.Qualquer cordel, guita, ou barbante grosso, utilizado para diversos fins: O operário estendeu a linha para marcar o meio-fio;O menino deu mais linha ao papagaio. 4.Qualquer fio com anzol para pescar. 5.Sistema de fios ou de cabos que conduzem energia elétrica, ou estabelecem comunicações a distância por meio elétrico: linhas de alta tensão

5. Cunha:

Linha. s.f. ‘fio de linho, de algodão, de metal’ XIV, linna, XIII, lyna XIII. Do lat. med. ã lineã ‘ à linha’, expressão usada para indicar que o escriba devia partir do início da linha seguinte.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Linha s.f. tdse (dhlp; mmdl; nalp). fio de náilon preso à vara de pescar. também é utilizada na confecção de redes de pescaria.

117. MAÇARICO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: xi...e...u PESQ.: xiéu? INF.: esse não se come, né PESQ.: não, ta muito pequenininho? INF.: é..o maçarico...nem come... (Ent. 3, linhas 436, 437, 438, 439, 440)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Maçarico, s.m. O macho da lebre, que tem uma mancha branca na testa.

3. Laudelino Freire:

Maçarico, s.m. Zool. Ave aquática da ordem das pernaltas, de bico comprido e rabo curto.

4. Aurélio: **Maçarico.** [De or. obscura.] Substantivo masculino. 1.Tubo por onde se sopra a

chama para lhe dar poder oxidante ou redutor; maçarico bucal. 2.Aparelho que permite obter chama a uma temperatura muito elevada, por combustão do hidrogênio (ou do acetileno) com o oxigênio. 3.Lâmpada de pressão us. pelos funileiros. 4.Bras. N.E. Nos engenhos de bangüê, a parte do

assentamento que conduz as chamas à chaminé. 5.Bras. Zool. Designação comum às aves caradriiformes, caradriídeas, escolopacídeas e recurvirrostrídeas, gêneros *Charadrius*, *Arenaria*, *Capella*, que têm pernas e bicos muito longos, dedos livres, com três anteriores e um posterior. Vivem nas praias marítimas, margens de rios e lagoas do interior. São comuns nas duas Américas. [Sin., nesta acepç.: *batuíra*, *otuituí*, *ituituí*, *tarambola*, *pesca-em-pé*. Cf. *batuíra-do-campo*.]

5. Cunha

Maçarico, s.m. 'tubo por onde se sopra a chama para lhe dar poder oxidante ou redutor' 1813. De origem obscura.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

118. MALHA Nf [Ssing] _____ 8 OCORRÊNCIAS

Foi por causa do tipo de malha... é cada uma malha um tipo de peixe... (Ent 2 , linhas 70, 71).

Tem uma diferença que a malha dela é menor um pouquinho... mas pega o mesmo tipo de peixe (Ent 2 , linha 89).

Porque a rede ta na malha e no nailo... porque a gozera é um tipo de malha... a pescaderna já é outro tipo de malha... malha maior... que é pro peixe graúdo... a camaroera... já é pro camarão INF.: tanto pega camarão... quanto pega gó... mas agora já... agora também que a gozera que nos chamamos que as malhas são menor... porque os peixe é miúdo... de acordo com o tamanho do peixe que o cara quer que é a malha da rede (Ent 6 , linhas 162, 163, 164, 166).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Malha Espécie de anel em tecido de rede. *Macula*, a.

2. Moraes:

Malha, s.f. A abertura que fica no tecido das redes de pescar: daqui passar pela malha; coar-se o peixe por ela, e fig. Escapar á nossa observação ou da memória.

3. Laudelino Freire:

Malha, s.f. De *malhar*. Cada um dos nós ou voltas que formam o fio da seda, da lã, da linha ou de qualquer fibra têxtil, quando entrançados ou tecidos por certos processos, quer sejam bastante apertados como nas meias, quer largos nas rêdes de pescar.

4. Aurélio:

Malha1. [Do lat. *macula*, pelo fr. *maille*.] Substantivo feminino. 1.Cada uma das alças ou voltas de um fio (de lã, seda, algodão, etc.) quando trabalhado por certos processos manuais ou mecânicos. 2.Tecido feito à mão ou à máquina, cujas malhas se ligam entre si formando carreiras superpostas, e que, por ser feito, em geral, com um só fio, se desfia facilmente. [A malha feita à máquina pode não ser sujeita a desfiar-se mediante o emprego de um segundo fio no sentido transversal. Cf. *jersei* e *tricô*.] 3.Roupa colante, feita de malha, que ger. consiste em uma só peça (de calças compridas, e com mangas ou sem elas), e que, por sua elasticidade, é us. por bailarinos, acrobatas, ginastas, etc. 4.Tecido de malha com fios metálicos, us. na Idade Média, como proteção, em vestimentas de combate: "vibrada [a espada] com ânsia, colhera pelo ombro esquerdo o velho fronteiro e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrara na carne até o osso." (Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, II, p. 94). 5.Espaço aberto entre os nós de rede ou de tecido similar.

5. Cunha:

Malha sf. 'Choça' XVI. Do lat. *magalia* ~ium 'cabana, choupana' 'nome de um bairro na antiga Cartago (África do Norte)' // *malhada* sf. 'cabana de pastores' 'curral de gado' XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Malha s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). espessura da rede.

119. MANZUÁ Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

Manzuá que eles botavo também (Ent 2 , linha 29)

PESQ.: Manzuá? Só que a diferença do curral... esse curral que a gente vê ali... pro manzuá qual é
INF.: é porque o manzuá é pequeno (Ent 2 , linhas 33, 34)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:

Manzuá. Substantivo masculino. 1.Bras. Armadilha enredada para pescar lagosta.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

120. MARACONIM Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: ah tá, deixa eu te perguntá uma coisa...se a gente faz esse passeio de barco, tem uma ilha, tipo uma ilha que eu chamo, uma ilhota pra lá que tem um monte de caranguejinho bem pequenininho assim... como é que chama esse caranguejinho? INF.: ali tem o maraconim...chama os espera maré (Ent 3 , linha 426, 427, 428, 429)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

121. MAR CAVADO NCm [Ssing + Ssing] _____ 5 OCORRÊNCIAS

INFORMANTE 1 :quando tá de rolamento é que o má ta muito brabo *PESQ.:* certo *INF.:* ele vem rolando aí faz aquela marisia *PESQ.:* má rolando... aí chama de rolamento... esse que chama de chavado? *INF.:* má cavado (Ent 2 , linhas 542, 543, 544, 545, 546)

INF.: é quase esse mesmo má... má cavado... que as vezes ele vem e faz aquela máisia assim... ele faz assim... olha.. (Ent 2 , linhas 548, 549)

PESQ.: Mar chavado, mar chapéu. É o desenho da onda? INF.: Mar cavado. *PESQ.:* CAVADO.

INF.: É quando o vento... a marisia tá muito forte que o mar agita, viu...aí pega aquela parte de...de...de quando a marisia suspende... agita... ela desce...aí o mar ta cavado...ninguém vai...

PESQ.: Aí... além do má cavado... qual outro que tem? (Ent. 8, linhas 124, 125, 126, 127, 128, 129)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

122. MAR CHAPÉU NCm [Ssing + Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INFORMANTE 1; má chapéu *PESQ.:* que aí faz aquilo que parece um chapéu... ah esse nomes são na verdade os desenhos que o vento... que o efeito do vento faz no má? *INF.:* na bonança... que o

povo diz na bonança tá um má liso tá bom demais navegá... aí fala assim na bonança (Ent 2 , linhas 556, 557, 558, 559)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

123. MAR DE ROLAMENTO NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQ.: esse... o senhô falou nisso... até lembrou... tava conversando como senhô Z.M.P... má revoltoso... má chavado... depende da força do má... é? INF.: é o má quando ta de rolamento. PESQ.: quando ta de rolamento como é que é? INFORMANTE 1 :quando tá de rolamento é que o má ta muito brabo (Ent 2 , linhas 538, 539, 540, 541, 542)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

124. MARISQUERA Nf [Ssing] _____ 9 OCORRÊNCIAS

PESQ.: com certeza.../M...a gente conversando agora sobre as mulheres que ajudam os pescadores né..então as mulheres que trabalham com pesca elas trabalham de marisqueras é? INF.: é PESQ.: henhein INF.: o trabalho delas de marisquera elas trabalho mais é com frutos do má né? PESQ.: e como é esse trabalho de marisquera? (Ent 10 , linhas 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219)

PESQ.: aqui é mais sarnambi...e existe muitas marisqueras aqui? INF.: tem muitas aí que tem só o nome de marisquera (Ent 10 , linhas 233, 234)

Ah existe muito delas são mais de...mais de trezentas marisquera... (Ent 10 , linha 237)

Só pra participar da associação...mas tem as marisqueras mesmo(Ent 10 , linha 239)

Muitos não querem dizê que suas esposa são marisquera (Ent 10 , linha 242)

Ah...marido abandona e ela vão se virá.../...e...e essa profissão de marisquera de...de..pegá marisco..em termos de remuneração...é a mesma coisa da pesca...é não...é menos... INF.: é não...é menos...és filho ainda vão vendê...sai nas casa com uma bacia média sai nas casa oferecendo (Ent. 10, linhas 247, 248, 249, 250)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Marisqueira, s.f. Marisqueiro, s.m. Pessoa que está mariscando.

3. Laudelino Freire:

Marisqueiro, adj. De *mariscar*. Que marisca.

4. Aurélio:

Marisqueiro. [De *mariscar* + *-eiro*.] Adjetivo.Substantivo masculino. 1.Que ou aquele que marisca ou gosta de mariscar:
ave marisqueira.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Marisqueira s.f. tdsd (dhlp; mmdlp; nalp). pescadoras profissionais que pescam mariscos no mangue.

125. MAR LISO NCm [Ssing + ADJsing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Na bonância... que o povo diz na bonança tá um má liso tá bom demais navegá... aí fala assim na bonança (Ent 2 , linhas 559, 560)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todas as obras acima só registram a forma simples mar. Não registram esta forma composta.

126. MARÉ Nf [Ssing] _____ 10 OCORRÊNCIAS

...Eles foru pra cidade...na hora de maré da noite né...porque a gente ia na hora da maré...se essa maré era uma base dumas dez hora pra onze hora da noite pra madrugada e aí o rapaz saiu daqui...isso...(Ent. 1, linhas 171, 172, 173)

Ele só sai se a maré cobrí o corral por cima (Ent. 3 , linha 52)

Mas a gente bota altura que não dá para a maré cobrir... a estera (Ent 3, linha 54)

Muruada é assim um pau aqui... outro ali... bem aqui assim... aí eles vêm quando a maré começa a vazá eles vêm com as puçá (Ent 3, linhas 379, 380)

Chega lá a noite a maré sai baixa... aí quando sai a noite a gente vê aquelas pasta... tipo umas pasta... aí a gente vê só sarnambi (Ent 3, linhas 437, 438)

É muito diferente ... as coisa era muito difícil... era difícil chegar ali na Raposa... era só uns pauzinho colocado... ó... aí pra ir pra cidade... era pela beira da costa... ia pegar transporte lá... no Olho de Porco... Olho d'água...na hora da maré... PESQ.: pra maré não bater. Ent. 3, linhas 23, 24, 25)

Não... sai dali... sai daqui... depende da maré... a gente sai pra pescá...(Ent. 3, linha 443)

Já eu saía daqui ia pescar um siri... quando era na passagem da maré agarrava uma linha... amarrava uma isca podre... (Ent.6, linhas, 64, 65)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Maré Agoas do mar crescentes ou mingoantes

2. Moraes:

Maré, s.f. O crescimento, e míngua que se observa nas águas do mar, o seu fluxo e refluxo. O ensejo próprio de navegar, ajudado da maré que vasa ou enche, ou está estofa, segundo o para que estas mudanças do mar servem á navegação e outros usos.

3. Laudelino Freire:

Maré, s.f. Lat. *maré*. Fluxo e refluxo do mar; movimentosperiódicos das águas do mar pelos quais elas se elevam e se abaixam altetnativamente duas vezes por dia, correndo do equador para os pólos e se refluindo dos pólos para o equador, deixando assim a descoberto uma parte maior ou menor so solo submarino.

4. Aurélio:

Maré1. [Do fr. *marée*.] Substantivo feminino. 1.Geoffis. Movimento periódico das águas do mar, pelo

qual elas se elevam ou se abaixam em relação a uma referência fixa no solo. É produzido pela ação conjunta da Lua e do Sol, e, em muito menor escala, dos planetas; a sua amplitude varia para cada ponto da superfície terrestre, e as horas de máximo (*preamar*) e mínimo (*baixa-mar*) dependem fundamentalmente das posições daqueles astros.

5. Cunha:

Mar. s.m. ‘porção relativamente extensa de um oceano’ ‘grande massa de água situada no interior de um continente, abismo, imensidão’ XIII. Do lat. *maré* – is. *Maré*. *Maree* XIV. Do fr. *marée*, deriv. antigo de *mer*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Maré s.f. tdse (dhlp; mmdl; nalp). alterações do nível do mar.

127. MARÉ CHEIA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Curral é perigoso...a gente mergulha...tem uns antes que fica raso... outros mais profundo... é três braça de maré cheia... seca... esse fica mais (Ent. 3, linhas 189, 190)

PESQ.: bota lá na maré cheia... depois que vazô eu tiro (Ent. 3, linha 201)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

2. Moraes:

3. Laudelino Freire:

4. Aurélio:

5. Cunha:

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todas as obras acima só registram a forma simples maré. Não registram esta forma composta.

128. MARÉ DE CRESCIMENTO Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Porque essa maré de quarto não se dá maior problema ... e até no alto mar ela é mais branda... já a maré de crescimento é uma maré lançante que nos chamamo (Ent 6, linhas 117, 118)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todos os demais registram a forma simples maré. Ver ficha 129.

129. MARÉ DE ENCHENTE Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: é... quando dava meia maré de enchente... já tinha pegado cinquenta... sessenta siri... já dava pra vim embora pros menino cumer (Ent. 6, linhas 82, 83)

INF.: é quando ela vem passando... que ela dá enchente... passando no igarapé... tá entendendo... aí nos chamamos no começo da enchente... no começo da enchente... a gente bota pra começar a

pescar... quando ela dava meia maré de enchente é que ela dava meia maré no igarapé... a gente ia saber que tava meia maré de enchente... aí podia largar a pescaria que não dava mais... porque a maré de dia é a maré de enchente... já era siri... já era pra outro lugar... já procurava outro ali... já não dá mais aquela quantia que a gente quer... agora no começo da enchente... aí tá certo...aí... (Ent. 6, linhas 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todos os demais registram a forma simples maré. Ver ficha 129.

130. MARÉ DE LANÇAMENTO Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ OCORRÊNCIA

Ela não altera muito o mar... quer dizer que...as marés de lançamento vem aí... quase junto do quintal... já essas maré de quarto... não... não chega nem na metade (Ent. 6, linhas 105, 106)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todos os demais registram a forma simples maré. Ver ficha 129.

131. MARÉ DE LUA Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: tem os lugares que mais ou menos a gente... o bom pescadô ele sabe qual é a maré... hoje a maré é de lua... é de quarto... lugar fulano de tal... é bom de pexe hoje...bora pra lá (Ent. 3, linhas 315, 316)

Maré grande...é maré de lua (Ent. 7, linha 124)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Maré de lua exp. tnd (dhlp; mmdlp; nalp). maré de lua cheia.

132. MARÉ DE QUARTO Ncf [Ssing + {Prep + Num}] _____ 6 OCORRÊNCIAS

INF.: tem os lugar que mais ou menos a gente... o bom pescadô ele sabe qual é a maré... hoje a maré é de lua... é de quarto... lugar fulano de tal... é bom de peixe hoje... bora pra lá... (Ent. 3, 315, 316)

INF.: a maré de quarto que nos chamamo... PESQ.: de quarto? PESQ.: é... ela é de quarto ela é boa pra pescar... PESQ.: ela é cheia? INF.: num é... e a maré de quarto é boa... que ela represa muito... e é muito boa pra pescaria. (Ent. 6, linhas 94, 95, 96, 97, 98)

INF.: ela não altera muito o mar... quer dizer que...as marés de lançamento vem aí... quase junto do quintal... já essas maré de quarto não... não chega nem na metade... (Ent. 6, linhas 104, 105)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todos os demais registram a forma simples maré. Ver ficha 129.

133. MARÉ DE QUEBRAMENTO Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 3 OCORRÊNCIAS

PESQ.: ahhh as águas vão... e essas maré de quarto como é que...? INF.: maré de quebramento... as águas de quebramento (Ent. 6, linhas 101, 102)

INF.: Ela aumenta amanhã ainda... viu...aí ela diminui....o pescadô chama de quebramento...aí fica mió pra pega os peixe... PESQ.: E essa maré é boa pra pescá como é que chama ? INF.: Maré de quebramento (Ent. 8, linhas 118, 119, 120, 121)

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todos os demais registram a forma simples maré. Ver ficha 129.

134. MARÉ GRANDE Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: ahh outro coisa que me falaram... tem vários tipos de maré... quais são os tipos de maré que o senhô conhece? INF.: maré grande... é maré de lua... (Ent. 7, linhas 122, 123, 124)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Maré grande. exp. tnd (dhlp; mmdl; nalp). maré de força que deixa o mar agitado.**135. MARE LANÇANTE** Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: porque essa maré de quarto não se dá maior problema ... e até no alto mar ela é mais branda... já a maré de crescimento... é uma maré lançante... que nos chamamo (Ent. 6, linhas 116, 117)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todos os demais registram a forma simples maré. Ver ficha 129.

136. MARE SECA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Curral é perigoso...a gente mergulha...tem uns antes que fica raso... outros mais profundo... é três braço de maré cheia... seca... esse fica mais... (Ent. 3, linhas 189, 190)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Maré s.f. tdse (dhlp; mmdl; nalp). alterações do nível do mar.

Obs: Com exceção de Amadeu Amaral, todos os demais registram a forma simples maré. Ver ficha 129.

137. MAREZÃO ~ MAREZONA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Tá grandona... aquela marezona grande (Ent. 3, linhas 321)

Me marcô foi essa primeira vez que me anaufraguei... foi eu mais outros companheiro...trabalhava de curral... nós fizemo uma hora dessas aqui assim do porto... ai chegou no porto entrou numa a vela... a canoa quebrou o negócio do leme... isso eu amarro aqui uma corda... eu digo “rapaz... vou cortar aqui no que posso” ... “rapaz mas num guenta... você vai pará no má” ...mas a biana era frágil... era madeira...mas depois nós já não tem força já... aí fiquemo ao léo... marezão grande... marezão de lua...maré levou nós que sumimo no mar... aí quando foi lá no otro dia era / ...umas onze hora da noite foram pegá nós lá...lá fora...lá nos navio (Ent. 3, linhas 145, 146, 147, 148, 149, 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Maré Agoas do mar crescentes ou mingoantes

2. Moraes:

Maré, s.f. O crescimento, e minguagem que se observa nas águas do mar, o seu fluxo e refluxo. O ensejo próprio de navegar, ajudado da maré que vasa ou enche, ou está estofa, segundo o para que estas mudanças do mar servem à navegação e outros usos.

3. Laudelino Freire:

Maré, s.f. Lat. *maré*. Fluxo e refluxo do mar; movimentos periódicos das águas do mar pelos quais elas se elevam e se abaixam alternativamente duas vezes por dia, correndo do equador para os pólos e se refluindo dos pólos para o equador, deixando assim a descoberto uma parte maior ou menor do solo submarino.

4. Aurélio:

Maré1. [Do fr. *marée*.] Substantivo feminino. 1. Geofís. Movimento periódico das águas do mar, pelo qual elas se elevam ou se abaixam em relação a uma referência fixa no solo. É produzido pela ação conjunta da Lua e do Sol, e, em muito menor escala, dos planetas; a sua amplitude varia para cada ponto da superfície terrestre, e as horas de máximo (*preamar*) e mínimo (*baixa-mar*) dependem fundamentalmente das posições daqueles astros.

5. Cunha:

Mar. s.m. ‘porção relativamente extensa de um oceano’ ‘grande massa de água situada no interior de um continente, abismo, imensidão’ XIII. Do lat. *maré* – *is*. *Maré*. *Maree* XIV. Do fr. *marée*, deriv. antigo de *mer*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Maré s.f. tdse (dhlp; mmdl; nalp). alterações do nível do mar.

Obs: Aumentativo de maré. Ver ficha 129.

138. MAREZÃO DE LUA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Me marcô foi essa primeira vez que me anaufraguei... foi eu mais outros companheiro...trabalhava de curral... nós fizemo uma hora dessas aqui assim do porto... ai chegou no porto entrou numa a vela... a canoa quebrou o negócio do leme... isso eu amarro aqui uma corda... eu digo “rapaz... vou cortar aqui no que posso” ... “rapaz mas num guenta... você vai pará no má” ...mas a biana era frágil... era mader...mas depois nós já não tem força já... aí fiquemo ao léo... marezão grande... marezão de lua...maré levou nós que sumimo no mar... aí quando foi lá no otro dia era / ...umas onze hora da noite foram pegá nós lá...lá fora...lá nos navio (Ent. 3, linhas 145, 146, 147, 148, 149, 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

Obs: Aumentativo de maré de lua. Ver ficha 134.

139. MARIA-FARINHA NCm [Ssing + Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: ah tá... deixa eu te perguntá uma coisa...se a gente faz esse passeio de barco... tem uma ilha... tipo uma ilha que eu chamo... uma ilhota pra lá que tem um monte de caranguejinho bem pequenininho assim... como é que chama esse caranguejinho? INF.: ali tem o maraçonim...chama os espera maré PESQ.: espera maré INFORMANTE 2: é o ... amarelinho...da areia... né? INF.: maria farinha (Ent. 3, linhas 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Maria-farinha, s.f. Crustáceo da família dos ocapódidas (*Ocypode albicans*, Bosc.).

4. Aurélio:

Maria-farinha. [Do antr. *Maria* + *farinha*.] Substantivo feminino. 1. Bras. Zool. V. *espia-maré* (3). [Pl.: *marias-farinhas* e *marias-farinha*.]

5. Cunha:
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Maria farinha s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). espécie de caranguejo de pequeno porte, de pata grande e de cor amarelada. Essa espécie não tem valor comercial

140. MARISIA Nf [Ssing] _____ 8 OCORRÊNCIAS

Ele vem rolando ai faz aquela marisia... (Ent. 2, linha 544)

É quase esse mesmo má... má cavado... que as vezes ele vem e faz aquela marisia assim... ele faz assim... olha... (Ent. 2, linhas 548, 549)

O sujeito tem uma canoinha dessas... boca aberta... vai pescar... vamos supor... some daqui da praia... não viu mais nada... mar prum lado... não viu mais nada... bota a rede... aí a maré vazou você vai tirar a rede o cara fala tira a rede... tira a rede... naquele momento pode acontecer uma marisia dessa que ela vai pro fundo... mesmo que você fique se agarrando nela... você afunda... (Ent. 4, linhas 166, 167, 168, 169)

Comigo não...já andei risco de canoa se anaufragar comigo... só teve uma no Ceará de se anaufragá, aliás de se afogá, de pegar uma marisia a costa tava bem pertinho, ele virou, virou e .. isso no ceará, aqui não (Ent. 4, linhas 174, 175, 176)

É quando o vento... a marisia tá muito forte que o mar agita... viu...aí pega aquela parte de...de...de quando a marisia suspende... agita... ela desce...aí o má ta cavado...ninguém vai... (Ent. 8, linhas 127, 128)

INF.: Quando o vento bate, a marisia....como é que os homi que chama a marisia? Ela aumenta PESQ.: Mas a marisia ela... INF.: É o vento do má... o má (Ent. 8, linhas 134, 135, 136)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Maresia Cheiro do mar. *Teter* ou *gavis odor maris*. *Maris gravenlentia*.

2. Moraes:

Maresia, s.f. Mão cheiro do mar, principalmente onde há vasa, ou quando as suas águas estão detidas no fundo dos navios. O grande movimento da maré, o batel se perdeu com a maresia, com o cofre do dinheiro: marulhada.

3. Laudelino Freire:

Maresia, s.f. De maré. Mau cheiro do mar, na vazante. 2. Marejada, marulhada.

4. Aurélio:

Maresia. [De *maré*.] Substantivo feminino. 1. Cheiro característico vindo do mar, por ocasião da vazante, sobretudo em praias onde abundam algas ou onde há lama.

5. Cunha:
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

141. MASTRO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Ficá livre... porque ele chegano já qué logo ganhá o dinheiro dele... porque antes dele saí pro mastro da embarcação tem que deixá uma quantia xis pra ele deixar pra família.. (Ent. 3, linhas 355, 356)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Mastro, s. m. Páo direito das embarcações onde se abrem as velas, as quaes lhe comunicão o movimento, e elles ao vaso: há mastros de uma só peça, ou arvore, e de duas, ou de tres arvores.

3. Laudelino Freire:

Mastro, s.m. Al. Mast. Náut. Madeiro alto e direito sôbre o qual espigam os mastarêus e que é desyinado a sustentar as velas do navio. 2. Qualquer haste sôbre que se içã do naio.

4. Aurélio:

Mastro. [Do frâncico *mast*, pelo fr. ant. *mast*, atual *mât*, e pelo arc. *masto*.] Substantivo masculino. 1.Constr. Nav. Longa peça de madeira ou de ferro, de seção circular, que se ergue acima do convés, no plano diametral da embarcação, para suster as velas (nas embarcações à vela), antenas, paus de carga, luzes de posição e de marcha, e outros acessórios necessários aos serviços da embarcação

5. Cunha:

Mastro. s.m. ‘peça comprida, arvorada nas embarcações, para lhes sustentar as velas’ ‘ haste sobre a qual se içã a bandeira’. XV, masto XIII, maste XIII etc.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Mastro. s.m tdse (dhlp; mmdlp; nalp). estrutura de madeira que segura a vela da embarcação. [o <astro> é uma peça muito importante pois é o pau central que segura a vela do barco] (j.p.g / m5).

142. MERO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Aqui tem a serra... mas no mar o pexe... todo pexe tem... tem o mero... tem a carapeba... tem a tainha... tem bagre... tudo (Ent. 7, linhas 79, 80)

Ah eu pesco mero aqui perto..às vês a gente pede tenença de tá pescando aqui de frente aqui a ...Raposa a gente tá enxergando a Raposa todinha... (Ent. 9, linhas 129, 130)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Mero He palavra latina de *Merum*, que quer dizer vinho puro, & usamos della palavra mero, quando queremos significar alguma cousa pura, simplez, & tem circunstacia algua que altere a sua natureza.

2. Moraes:

Mero, adj. Puro, sem mistura: no fig. mera calumnia: foi odio mero, e sem mistura de zelo: morreu de mero gosto.

3. Laudelino Freire:

Mero, s.m. Peixe percóide. 2. Serranídeo vulgar, que atinge grandes dimensões e é muito freqüente nas costas brasileiras. (*Promicrops guttatus*, *Serranus gigas*).

4. Aurélio:

Mero1. [De or. incerta.] Substantivo masculino. Bras. Zool. 1.Peixe teleósteo, perciforme, serranídeo (*Promicropus itaiara*), do Atlântico tropical. O adulto é oliváceo-escuro, com pontos e faixas negros sobre o corpo e cabeça mais clara; comprimento: até 3m; peso: até 450kg. Vive em lugares rochosos, sendo pescado com linha de fundo, e alimenta-se de outros peixes. A carne é de primeira qualidade. [Sin.: *mero-preto*, *canapu*, *canapuguaçu*. Cf. *merote*.] 2.Peixe teleósteo, perciforme, serranídeo (*Acanthistius brasilianus*), da costa atlântica; senhor-de-engenho.

5. Cunha:

Mero. s.m. ‘peixe percoide’ 1881. Talvez do cast. *mero*, de origem desconhecida.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Mero s.m. tdsd (dhlp; mmdlp; nalp). espécie de peixe de grande porte que habita em águas rasas e profundas. na fase adulta. chega a medir até 2 metros de comprimento e chega a pesar até 30 quilos.

De cor preta e manchas brancas e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado. atualmente está em período de defeso. [o <mero> está em extinção e por isso é proibido pescar ele. Se ele vier na rede a gente tem que devolver para o mar] (j.c.p.s / m10).

143. MESTRE Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: tem// mas as veiz não da pra tirar nos não tira...no tempo que cheguei aqui não tinha esse negocio...depois que foi...se não for pescar não tiver sete venda pra cada um nós não volta PESQ.: ah é? INF.: //...e o mestre vende setessentos... (Ent. 7, linhas 193, 194, 195, 196)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Mestre Aquelle que sabe, e ensina qualquer arte, ou sciencia. Não pode ser um bom mestre, quem primeiro não for discípulo.

2. Moraes:

Mestre, s.m. O homem, que ensina alguma sciencia, ou arte. O que sabe bem qualquer coisa.

3. Laudelino Freire:

Mestre, s.m. Lat. *magister*. Homem que ensina qualquer arte ou ciência; professor. 9. 8. O indivíduo que nos navios de guerra tem sob sua imediata fiscalização o aparelho e velame. O marítimo que tem a seu cargo comandar um navio mercante de pouca consideração.

4. Aurélio:

Mestre. [Do esp. *maestre* ou do fr. ant. *maiestre*, pelo arc. *meestre*.] Substantivo masculino. 15. Capitão (4) de embarcação empregada na navegação de pequena cabotagem.

5. Cunha:

Mestre, s.m. ‘homem que ensina, professor, homem muito sabedor’ XIII, *meestre* XIII, *maestre* XIII. Do lat. *magister* – *tri*.

6. Amadeu Amaral:

7. Santos: n/e

144. MONTARIA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

.../ Bem...eu vim por terra...vim de montaria...sessenta e dois dia montado num burro (Ent. 1, linha 67)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Montaria, ou *Monteria*. Caça de montaria. Tomando largamente (como dizem os Logicos) o vocábulo, he a caça, que com caens, & armas mata os animaes do campo; porem mais propriamente, a montaria he só aquella que se faz a cavalo contra os animais silvestres, & ferozes, que são javali, veados, & outros que por serem de sua natureza mais bravos e çafaros, não descem ao razo e se escondem nos montes, por razão do lugar, se chamou a tal caça, *Montaria*. *Aprorum, & Cervorum, venatus, us*.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Montaria, s. f. De *montar*. 2. O mesmo que cavalgadura.

4. Aurélio:

Montaria2. [De *montar* + *-ia*¹.] Substantivo feminino. 1. Remonta (1). 2. Bras. Cavalgadura (1).

5. Cunha:

Monte sm. ‘Elevação considerável de terreno acima do solo que a rodeia’ ‘porção, acervo, ajuntamento’ XIII. Do lat. *mons*. *Montis*. // *Montaria*, sf. ‘Remonta, cavalgadura’. // *Montaria*, sf. ‘Lugar onde se corre caça grossa’ //.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

145. MORÃO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

() *Depois vem outro morão lá em cima... aí depois vem o arame lá de cima... uns pau... umas varona... e leva... e depois que tá pronto... tem a sala... as salinha aí começa a dá pexe...* (Ent. 4, linhas 86, 87)

() *assim eles coloco eles / o morão todinho ai os outro vão e cerco...com arame...* (Ent. 9, linha 54)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Mourão & Mouroens. (Termo de lavrador) São huas pedras altas, que se encravam dos lados das eiras, para se fazerem os azerves, para tomar o vento, quando he demasiado, pondo de mourão a mourão hum pão, no qual se encosta o mato. Nao sei que tenha nome próprio Latino.

2. Moraes:

Mourão, s.m. Estaca, ou cana direita em pé, em que se arrima a cepa.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Mourão1. Substantivo masculino. 1.Estaca na qual se sustenta a videira. 2.Bras. Esteio grosso, fincado firme no solo, e ao qual se amarram reses destinadas ao corte, ou, para tratá-las, as reses indóceis. 3.Bras. Vara enterrada à beira dos rios mansos, e à qual se prendem as canoas. 4.Bras. Pau que sustenta o arame, nos alambrados. [F. paral.: *moirão*.]

5. Cunha:

Mourão, s.m. Estaca na qual se sustenta a videira' ' esteio grosso ao qual se amarram reses' 1813. De origem incerta.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

146. MURICI Nm [Ssing] _____ 5 OCORRÊNCIAS

INF.: Tinha muito passarinho... cutia... que vinha comer muito murici..tinha muito murici... caju...

PESQ.: Que fruta que dava mais? Era murici? Caju INF.: Era murici e caju (Ent. 5, linhas 16, 17, 18)

PESQ.: O senhor falou também de fruta. Quando o senhor chegou aqui tinha muita fruta? Murici e...?

INF.: Murici e Caju (Ent. 5, linhas 205, 206)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Murici, s.f. O mesmo que *fruteira de perdiz*.

4. Aurélio:

Murici. [Do tupi.] Substantivo masculino. Bot. 1.Bras. Designação comum a várias espécies do gênero *Byrsonima* (v. *birsônima*), da família das malpighiáceas, árvores e arbustos que produzem um tipo de fruto drupáceo, do mesmo nome, de polpa edula, e que habitam maciçamente os cerrados; muricizeiro. 2.Esse fruto.

5. Cunha:

Murici, s.m. ' planta do gênero *Byrsonima*, da fam. das malpiguáceas'. 1857. *morosi*. 1618. *morecim* c 1631 etc. Do tupi *mori* 'si.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

147. MURIQUINGA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: então vamo lá... é pescada... INF.: pescada... xaréu... muriquina... cação... cruçu... camurim... camurupim (Ent. 3, linhas 387, 388)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

148. MURUADA Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

Aí nós conseguimos voltar pra berada... perdemo os peixe todo... eu quase morro ainda... que a nossa rede saiu toda da canoa enganchou numa muruada muito alto... né? (Ent. 2, linhas 352, 253)

Não .. que a rede saiu do barco... pegou nas berada na muruada... as muruada é onde eles bota puçá pra pegá camarão (Ent. 2, linhas 370, 371)

Muruada é pedaço de pau... e la o peso d'água é muito forte e a rede subiu num pedaço assim (Ent. 2, linha 373)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

149. PALESTRAR[V] _____ 2 OCORRÊNCIAS

E o certo é que não tinha tempo... nem pra palestrá... nem...o corrê do dia era no trabalho. E a noite... pegava uma puçá... ia pro rio... ia pegá o camarão pra já botá boia em casa... deixá o negócio em casa (Ent. 5, linhas 365, 366, 367)

PESQ.: então... não tinha tempo pra tá... INF.: não tinha de palestrá... nem de tá brincando...nesse tempo eu não tinha... (Ent. 5, linhas 371, 372)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Palestrar, v. r. v. De palestra + ar. Estar de palestra; conversar; cavaquear. (intr.; tr. ind., com prep. com)

4. Aurélio:

Palestrar. [Do lat. tard. *palaestrare*, ‘exercitar-se na palestra (3)’.] Verbo intransitivo. 1. Estar de, ou manter palestra; conversar, cavaquear. Verbo transitivo indireto. 2. Conversar, falar: “Herculano trabalha todo o dia, mas às refeições palestra longamente com Garrett.” (José Osório de Oliveira, *O Romance de Garrett*, p. 150.)

5. Cunha:

Palestra, sf. 'Conversa, conferencia' XVII. Do lat. *palaestra* ~*ae*, deriv. do gr. *palaístra* // palestrar / ~11~ 1842 //.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

150. PANO Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

Garité é umas canoa que é a proa dela é lá e a ponta dela é lá... e o pano é só um pau la ponta e bota lá no pé e é só uma prancha..... as biana são duas prancha (Ent. 4, linhas 125, 126)

Hoje tem poucas canoa com pano... é só motô (Ent. 5, linha 132)

Hoje em dia tem...é...então... essa ...esse pano aqui... nós dividimo ela em três parte (Ent. 5, linha 297)

...Que é pra formá o pano da rede (Ent. 6, linha 155)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Pano, ou Panno, s. m. Do lat. *pannus*. Qualquer tecido de linho, algodão, lã, etc. 4. As velas de um navio.

4. Aurélio:

Pano1. [Do lat. *pannu.*] Substantivo masculino. 7. Marinh. Vela¹ (1):

5. Cunha:

Pano. s.m. 'qualquer tecido, fazenda' XIII. Do lat. *pānnus* – *i*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

151. PARTILHÃO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: hoje em dia ta sendo o seguinte... faz o partilhão da canoa pá pudê fazê... PESQ.: o partilhão que o senhor fala é? INF.: é...daí é o seguinte... é quando já amontoou...era o leme que nós tinha...ta entendeno? Na popa da canoa (Ent. 5, linhas 304, 305, 306, 307)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

152. PECAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

() Aí desceru...quando chegaru lá nas pedra...aparece um molequin' na frente deles...desse tamanhin'...molequin'...na visão deles né... aquele moleque apareceu...e aí na negócio deu um pulo pra colá... e aí os animais vê primero...assombração animal vê primero...aí os animais pecaru com a carga...e aí eles...se assustaru...se ligaru...logo...que tinha a história do Jão de Uma... tinha a historia do corre berada... tinha a história de isso... tinha a historia daquilo...aí eles disseru assim.. "IXE"...todo mundo...ja moradô daqui... já conhecia as parada...não é? (Ent. 1, linhas 186, 187, 188, 189, 190, 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Peccar. Commetter hum peccado. Declinar da rectidaõ, o que o acto deve ter. Peccari, (*o, avi, atum*).

2. Moraes:

Pecár, v.n. Fazer-se peco. *Fazer-se a peco, vem a pecar o fruto de vicio* (viço). Barros. Dial.

3. Laudelino Freire:

Pecar, ou Peccar, v. r. v. Lat *peccare*. Transgredir (lei religiosa ou preceitos da igreja)

4. Aurélio:

Pecar1 [Do lat. *peccare*.] Verbo intransitivo. 1. Cometer pecado; transgredir lei religiosa ou preceito da Igreja

5. Cunha:

Pecado, sm. ‘Transgressão de preceito religioso’ ‘ falta, erro, culpa’ XIII. Do lat. *peccatum* ~ i // pecar XIII. Do lat. *peccãre*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

153. PERNA DE MOÇA Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Aqui tem a covina... a / que chama a pescadinha... a mole? Não é uma branca... lá chama perna de moça (Ent. 3, linhas 410, 411)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

154. PESCADA Nf [Ssing] _____ 7 OCORRÊNCIAS

Maió aqui é pescada... pescada amarela (Ent. 2, linha 423)

INF.: pescadera é cem... PESQ.: ah pra pegá pescada... INF.: pegá pescada... pegá camurim... (Ent.3, linhas 245, 246, 247)

Pescada... xaréu... muriquina... cação... cruçú... camurim... camurupim (Ent. 5, linhas 390)

PESQ.: Para pescar pescada? INF.: Tem a pescadera (Ent. 5, linhas 174, 175)

Aqui são de todos tipo de peixe...do cação...ao serra...uritinga...pescada...é o o..Maranhao ele é considerado o segundo maior pescado do Brasil (Ent. 10, linhas 177, 178)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescada Peixe conhecido. He hua segunda especie do peixe, que em latim se chama Asellus, i. Masc & por isso lhe chamam Asellus minor, querem alguns que seja o que Plinio chama calarias, e masc. Deste peixe diz o author do banquete esplendido:

A pescada

Por excellencia he chamada

Entre os pescados, pescada,

Inda os figados cozidos,

Frios, tao bem recebidos.

Tom. VI

Porèm no inverno he melhor,
Que no verão o sabor.

2. Morais:

Pescada, s.f. Peixe vulgar. Epecie do Asellus, lat.

3. Laudelino Freire:

Pescada, s.f. De *pescar*. Peixe malacoptérigeo. (*Gadus meluccius*)

4. Aurélio:

Pescada. [F. subst. de *pescado*.] Substantivo feminino. 1.Zool. Designação comum a várias espécies de peixes perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, especialmente a *C. steindachneri*, da costa brasileira, de coloração prateada, escurecida no dorso, onde as escamas são estriadas, e que é pescada com redes e arrastões de pesca. É a espécie mais comum no S. do Brasil. [Sin.: *pescada-comum*.]

5. Cunha:

Pescada. sf. 'espécie de peixe'. XV

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

155. PESCADA AMARELA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: *maió aqui é pescada... pescada amarela* (Ent. 2, linha 423)

INFORMANTE 2 : *a pescada de dente... a pescadinha... tem a...a gó que chama...* (Ent. 8, linha 349)

INF.: *eu ...o...o...a diferença do peixe... a pescada de dente é um preço pra se vendê e a pescada de gó é otro preço. A pescada amarela otro preço* (Ent. 8, linhas 364, 365)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescada Peixe conhecido. He hua segunda especie do peixe, que em latim se chama Asellus, i. Masc & por isso lhe chamam Asellus minor, querem alguns que seja o que Plinio chama calarias, e masc. Deste peixe diz o author do banquete esplendido:

A pescada

Por excellencia he chamada

Entre os pescados, pescada,

Inda os figados cozidos,

Frios, tao bem recebidos.

Tom. VI

Porèm no inverno he melhor,

Que no verão o sabor.

2. Morais:

Pescada, s.f. Peixe vulgar. Epecie do Asellus, lat.

3. Laudelino Freire:

Pescada, s.f. De *pescar*. Peixe malacoptérigeo. (*Gadus meluccius*)

4. Aurélio:

Pescada. [F. subst. de *pescado*.] Substantivo feminino. 1.Zool. Designação comum a várias espécies de peixes perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, especialmente a *C. steindachneri*, da costa brasileira, de coloração prateada, escurecida no dorso, onde as escamas são estriadas, e que é pescada com redes e arrastões de pesca. É a espécie mais comum no S. do Brasil. [Sin.: *pescada-comum*.]

5. Cunha:

Pescada. sf. 'espécie de peixe'. XV

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Pescada amarela. s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas. na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 12 quilos. de cor amarela é um peixe muito apreciado e de fácil comercialização.

156. PESCADA DE DENTE Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

A pescada de dente... a pescadinha... tem a...a gó que chama... (Ent. 8, linha 349)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescada Peixe conhecido. He hua segunda especie do peixe, que em latim se chama Asellus, i. Masc & por isso lhe chamam Asellus minor, querem alguns que seja o que Plinio chama calarias, e masc. Deste peixe diz o author do banquete esplendido:

A pescada

Por excellencia he chamada

Entre os pescados, pescada,

Inda os figados cozidos,

Frios, tao bem recebidos.

Tom. VI

Porèm no inverno he melhor,

Que no verão o sabor.

2. Morais:

Pescada, s.f. Peixe vulgar. Epecie do Asellus, lat.

3. Laudelino Freire:

Pescada, s.f. De *pescar*. Peixe malacoptérigeo. (*Gadus meluccius*)

4. Aurélio:

Pescada. [F. subst. de *pescado*.] Substantivo feminino. 1. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, especialmente a *C. steindachneri*, da costa brasileira, de coloração prateada, escurecida no dorso, onde as escamas são estriadas, e que é pescada com redes e arrastões de pesca. É a espécie mais comum no S. do Brasil. [Sin.: *pescada-comum*.]

5. Cunha:

Pescada. sf. 'espécie de peixe'. XV

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

157. PESCADA GRANDE Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

INF.: ai a outra tem a pescadera. *PESQ.*: pescadera... *INF.*: pega pescada grande *PESQ.*: pescada grande... pega algum outro tipo de peixe além da pescada grande? (Ent. 2, linhas 80, 81, 82, 83)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescada Peixe conhecido. He hua segunda especie do peixe, que em latim se chama Asellus, i. Masc & por isso lhe chamam Asellus minor, querem alguns que seja o que Plinio chama calarias, e masc. Deste peixe diz o author do banquete esplendido:

A pescada

Por excellencia he chamada

Entre os pescados, pescada,

Inda os figados cozidos,

Frios, tao bem recebidos.

Tom. VI

Porèm no inverno he melhor,

Que no verão o sabor.

2. Morais:

Pescada, s.f. Peixe vulgar. Epecie do Asellus, lat.

3. Laudelino Freire:

Pescada, s.f. De *pescar*. Peixe malacopterígeo. (*Gadus meluccius*)

4. Aurélio:

Pescada. [F. subst. de *pescado*.] Substantivo feminino. 1.Zool. Designação comum a várias espécies de peixes perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, especialmente a *C. steindachneri*, da costa brasileira, de coloração prateada, escurecida no dorso, onde as escamas são estriadas, e que é pescada com redes e arrastões de pesca. É a espécie mais comum no S. do Brasil. [Sin.: *pescada-comum*.]

5. Cunha:

Pescada. sf. 'espécie de peixe'. XV

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

158. PESCA DE CAMARÃO NCf [Ssing + Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: desmaiando... tipo desafogando o peixe da rede... né? Ah... deixa eu vê o que mais... a pescada de camarão que tem aqui... de espinhel... né (Ent. 2, linhas 481, 482)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pesca Officio, & arte de apanhar peixes no rio ou no mar com anzoas, &redes de muitas castas e outros instrumentos piscatorios. Os termos próprios das pesca são infiitos tocou p Pe. Antonio Vieira alguns delles, comparando as industrias da pesca com as traças da política &dizendo que muitas cousas há de saber o pescador, saber tecer a malha &segurar o nó, saber pesar o chumbo, & a cortiça, saber cercar o mar, para prover &sustentar a terra, saber estorvar o anzol, para que o peyxe não corte, &Encobrilho para que não veja, saber largar a sedela, ou tella em tezo. Saber aproveitar a isca &esperdiçar o engodo, &c. A acção de pescar. *Piscatus, us*.

2. Moraes:

Pesca, s.f. O acto de pescar: o officio do pescador. O peixe pescado.

3. Laudelino Freire:

Pesca, s.f. Ato ou arte de pescar.

4. Aurélio:

Pesca. [Dev. de *pescar*.] Substantivo feminino. 1.Ato ou prática de pescar; pescaria: *ir à pesca*.

2.Arte de pescar; pescaria.

5. Cunha:

Pescar vb. 'Apanhar na água um peixe' 'conseguir arditosamente' XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

159. PESCA DE CURRAL NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Outra coisa que eu queria lhe perguntar... que me chamou a atenção aqui na Raposa... foi a pescada de curral e os tipos de rede que tem. Me explica um pouquinho como é essa pesca de curral. *INF.*: Pescada de curral a gente...não dá para você ver ali não? (Ent. 5, linhas 134, 135, 136)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pesca Officio, & arte de apanhar peixes no rio ou no mar com anzoas, &redes de muitas castas e outros instrumentos piscatorios. Os termos próprios das pesca são infiitos tocou p Pe. Antonio Vieira alguns delles, comparando as industrias da pesca com as traças da política &dizendo que muitas cousas há de saber o pescador, saber tecer a malha &segurar o nó, saber pesar o chumbo, & a cortiça, saber cercar o mar, para prover &sustentar a terra, saber estorvar o anzol, para que o peyxe não corte, &Encobrilho para que não veja, saber largar a sedela, ou tella em tezo. Saber aproveitar a isca &esperdiçar o engodo, &c. A acção de pescar. *Piscatus, us*.

2. Moraes:			
<u>Pesca</u> , s.f. O acto de pescar: o officio do pescador. O peixe pescado.			
3. Laudelino Freire:			
<u>Pesca</u> , s.f. Ato ou arte de pescar.			
4. Aurélio:			
<u>Pesca</u> . [Dev. de <i>pescar</i> .] Substantivo feminino. 1.Ato ou prática de pescar; pescaria: <i>ir à pesca</i> .			
2.Arte	de	pescar;	pescaria.
5. Cunha:			
<u>Pescar</u> vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813.			
6. Amadeu Amaral: n/e			
7. Santos: n/e			

160. PESCADERA Nf [Ssing _____] 11 OCORRÊNCIAS

INF.: ai a outra tem a pescadera. PESQ.: pescadera... INF.: pega pescada grande (Ent. 2, linhas 80, 81, 82).

INF.: pescadera é cem... PESQ.: ah pra pegá pescada... INF.: pegá pescada... pegá camurim... (Ent.3, linhas 245, 246, 247)

INF.: aqui tem geralmente tem a pescadera... depois serrera... depois gozera... depois sajubera... depois pituzera... (Ent. 4, linhas 203, 204)

INF.: é o tamanho... as grossura e a naila... que tem as naila dela é ... serrera é mais.. a pescadera é isso aqui... vamos supor que é daqui pra cá... a serrera é três dedos... tres dedos de malha... a pituzera é dois dedos de malha e a sajubera nem dois dedos (Ent. 4, linhas 208, 209, 210)

PESQ.: Para pescar pescada? INF.: Tem a pescadera (Ent. 5, linhas 172, 173)

INF.: Pescadera... serrera... gozera. Esses tipos... sabe? (Ent. 5, linhas 176)

INF.: por que a rede ta na malha e no nailo... porque a gozera é um tipo de malha... a pescadera já é outro tipo de malha... malha maior... que é pro peixe graúdo... a camaroera... já é pro camarão... (Ent.6, linhas 163, 164)

INF.: rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora... tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinhas e o curral (Ent. 7, linhas 35, 36, 37)

PESQ.: diz uma coisa... que isso é uma coisa que eu só vi aqui na Raposa... por exemplo... pra peixar pexe gó... o senhor falou que é gozera... né? Para pescar pescada... INF.: é pescadera...(Ent. 7, linhas 59, 60, 61)

INF.: É...serrera/..serrera...pescadera...(Ent. 9, linha 91)

Serrera...tem as gozera... a pescadera...a pituzera...camaroera..sajubeira (Ent. 10, linha 173)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Pescadeira, s.f. Pescadeiro, s.m. Pessoa que vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescadeiro, s.m. Ant. Vendedor de pescado; peixeiro.

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

161. PESCA DE REDINHA Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: pra pescá camarão tem alguma também... não? INF.: tem...tem... tem na pesca de redinha... pra pegá camarão...é pequena...(Ent. 7 linhas 70, 71)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pesca Officio, & arte de apanhar peixes no rio ou no mar com anzoes, &redes de muitas castas e outros instrumentos piscatorios. Os termos próprios das pesca são infiitos tocou p Pe. Antonio Vieira alguns delles, comparando as industrias da pesca com as traças da política &dizendo que muitas cousas há de saber o pescador, saber tecer a malha &segurar o nó, saber pesar o chumbo, & a cortiça, saber cercar o mar, para prover &sustentar a terra, saber estorvar o anzol, para que o peyxe não corte, &Encobrilho para que não veja, saber largar a sedela, ou tella em tezo. Saber aproveitar a isca &esperdiçar o engodo, &c. A acção de pescar. *Piscatus, us.*

2. Morais:

Pesca, s.f. O acto de pescar: o officio do pescador. O peixe pescado.

3. Laudelino Freire:

Pesca, s.f. Ato ou arte de pescar.

4. Aurélio:

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

162. PESCADINHA ~ GÓ ~ PESCADINHA GÓ Nf [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

INF.: rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora... tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinha e o curral (Ent. 7, linhas 35, 36, 37)

INFORMANTE 1: a sessenta pega um peixe maior...serra...a gó... setenta... oitenta... essa daqui é oitenta, pega um peixe maior... essa daqui é cem (Ent. 3, linhas 240, 241)

INFORMANTE 1: a boca mole é a gó (Ent. 3, linha 415)

INFORMANTE 1: a pra pescada é zero cem... pra serra é a sessenta... e pra gó é a quarenta e sajoba é a zero trinta... trinta e cinco (Ent. 7, linhas 65, 66)

Aqui é pela safra... né? Tem tempo que essa pescaria aqui dá muito... que é a pescadinha gó que chama... dá muito mesmo que fica baratinho (Ent. 2, linhas 416, 417)

É um amarelinho...a gó PESQ.: a gó? INF.: gó... é... pescadinha... a outra também é peixe pedra... covina... dá bastante ...(Ent. 2, linhas 419, 420, 421)

PESQ.: AH...S...então tá certo...Seu D. por exemplo... essa rede que o senhor tá fazendo aqui qual o nome dela? INFORMANTE 1 essa aqui é a zero quarenta...pra pescadinha gó (Ent. 9, linhas 10, 11, 12)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescada Peixe conhecido. He hua segunda especie do peixe, que em latim se chama Asellus, i. Masc & por isso lhe chamam Asellus minor, querem alguns que seja o que Plinio chama calarias, e masc.Deste peixe diz o author do banquete esplendido:

A pescada

Por excellencia he chamada

Entre os pescados, pescada,

Inda os figados cozidos,

Frios, tao bem recebidos.

Tom. VI

Porèm no inverno he melhor,

Que no verão o sabor.

2. Morais:

Pescada, s.f. Peixe vulgar. Epecie do Asellus, lat.

3. Laudelino Freire:

Pescada, s.f. De *pescar*. Peixe malacopterígeo. (*Gadus meluccius*)

4. Aurélio:

Pescada. [F. subst. de *pescado*.] Substantivo feminino. 1.Zool. Designação comum a várias espécies de peixes perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, especialmente a *C. steindachneri*, da costa brasileira, de coloração prateada, escurecida no dorso, onde as escamas são estriadas, e que é pescada com redes e arrastões de pesca. É a espécie mais comum no S. do Brasil. [Sin.: *pescada-comum*.]

5. Cunha:

Pescar vb. 'Apanhar na água um peixe' 'conseguir arditosamente' XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813. Pescada. sf. 'espécie de peixe'. XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

163. PESCADINHA GÓ ~ GÓ ~ PESCADINHA ~ Nf [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

Aqui é pela safra... né? Tem tempo que essa pescaria aqui dá muito... que é a pescadinha gó que chama... dá muito mesmo que fica baratinho (Ent. 2, linhas 416, 417)

É um amarelinho...a gó PESQ.: a gó? INF.: gó... é... pescadinha... a outra também é peixe pedra... corvina... dá bastante ...(Ent. 2, linhas 419, 420, 421)

PESQ.: AH...S...então tá certo...Seu D. por exemplo... essa rede que o senhor tá fazendo aqui qual o nome dela? INFORMANTE 1 essa aqui é a zero quarenta...pra pescadinha gó (Ent. 9, linhas 10, 11, 12)

INFORMANTE 1: a sessenta pega um peixe maió...serra...a gó... setenta... oitenta... essa daqui é oitenta, pega um peixe maior... essa daqui é cem (Ent. 3, linhas 240, 241)

INFORMANTE 1: a boca mole é a gó (Ent. 3, linha 415)

INFORMANTE 1: a pra pescada é zero cem... pra serra é a sessenta... e pra gó é a quarenta e sajoba é a zero trinta... trinta e cinco (Ent. 7, linhas 65, 66)

INF.: *rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora... tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinha e o curral* (Ent. 7, linhas 35, 36, 37)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescada Peixe conhecido. He hua segunda especie do peixe, que em latim se chama Asellus, i. Masc & por isso lhe chamam Asellus minor, querem alguns que seja o que Plinio chama calarias, e masc.Deste peixe diz o author do banquete explendido:

A pescada

Por excellencia he chamada

Entre os pescados, pescada,

Inda os figados cozidos,

Frios, tao bem recebidos.

Tom. VI

Porèm no inverno he melhor,

Que no verão o sabor.

2. Moraes:

Pescada, s.f. Peixe vulgar. Epecie do Asellus, lat.

3. Laudelino Freire:

Pescada, s.f. De *pescar*. Peixe malacopterígeo. (*Gadus meluccius*)

4. Aurélio:

Pescada. [F. subst. de *pescado*.] Substantivo feminino. 1.Zool. Designação comum a várias espécies de peixes perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, especialmente a *C. steindachneri*, da costa brasileira, de coloração prateada, escurecida no dorso, onde as escamas são estriadas, e que é pescada com redes e arrastões de pesca. É a espécie mais comum no S. do Brasil. [Sin.: *pescada-comum*.]

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813.
Pescada. sf. ‘espécie de peixe’. XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

164. PESCADINHA MOLE NCf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: aqui tem a colvina... a / que chama a pescadinha... PESQ. : a mole? Não é uma branca... lá chama perna de moça (Ent. 3, linhas 40, 411)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescada Peixe conhecido. He hua segunda especie do peixe, que em latim se chama Asellus, i. Masc & por isso lhe chamam Asellus minor, querem alguns que seja o que Plinio chama calarias, e masc. Deste peixe diz o author do banquete esplendido:

A pescada

Por excellencia he chamada

Entre os pescados, pescada,

Inda os figados cozidos,

Frios, tao bem recebidos.

Tom. VI

Porèm no inverno he melhor,

Que no verão o sabor.

2. Morais:

Pescada, s.f. Peixe vulgar. Epecie do Asellus, lat.

3. Laudelino Freire:

Pescada, s.f. De *pescar*. Peixe malacopterígeo. (*Gadus meluccius*)

4. Aurélio:

Pescada. [F. subst. de *pescado*.] Substantivo feminino. 1. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes perciformes, cienídeos, gênero *Cynoscion*, especialmente a *C. steindachneri*, da costa brasileira, de coloração prateada, escurecida no dorso, onde as escamas são estriadas, e que é pescada com redes e arrastões de pesca. É a espécie mais comum no S. do Brasil. [Sin.: *pescada-comum*.]

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813.

Pescada. sf. ‘espécie de peixe’. XV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

165. PESCADOR DE CURRAL NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

A minha profissão de pescadô de curral a gente não tem colete (Ent. 10, linha 279)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescador O que tem por officio pescar. *Piscator*, is.

2. Morais:

Pescador, s.m. O que pesca, e vive disso.

3. Laudelino Freire:

Pescador, s.m. Aquele que pesca. 2. O que vive de pescar.

4. Aurélio:

Pescador. (ô) [Do lat. *piscatore*.] Adjetivo. 1. Que pesca. 2. Pesqueiro (2): *barco pescador*. Substantivo masculino. 3. Aquele que pesca: “Pescadores a pescar / Com a linha cheia de anzóis!” (Antônio Nobre, *Só*, p. 27.) [Sin.: em AL, *seribeiro*; no RJ e SP, *piraquara*.]
5. Cunha:
Pescar. vb. ‘apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. *piscare*. // pescador XIII.
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

166. PESCADORZIN’ Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

() *São... e lugá que mora pescadô...hoje tem lugá que não mora mais....só aquele pescadorzin’ de berada mas ainda continua pescando* (Ent. 1, linhas 181, 182)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescador O que tem por officio pescar. *Piscator, is*.

2. Moraes:

Pescador, s.m. O que pesca, e vive disso.

3. Laudelino Freire:

Pescador, s.m. Aquele que pesca. 2. O que vive de pescar.

4. Aurélio:

Pescador. (ô) [Do lat. *piscatore*.] Adjetivo. 1. Que pesca. 2. Pesqueiro (2): *barco pescador*. Substantivo masculino. 3. Aquele que pesca: “Pescadores a pescar / Com a linha cheia de anzóis!” (Antônio Nobre, *Só*, p. 27.) [Sin.: em AL, *seribeiro*; no RJ e SP, *piraquara*.]

5. Cunha:

Pescar. vb. ‘apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. *piscare*. // pescador XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

167. PESCAR DE ANZOL V [V+ {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Foi eu vi nesse tempo eu pescava de anzol mais meu irmão... chama Z. Aque mora ali..... aí nois foi pescá de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns pexes que nós... tinha deixado lá perto do curral... (Ent. 2, linhas 297, 298, 299)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescar com anzol, rede, covaos, nassas, teloens, leuçoens, trasmalhos, gabritos &c. A acção de pescar com anzol. *Piscatus amatilis. Plaut*.

2. Moraes:

Pescar, v. at. Tomar peixes com rede, anzóis, &c, nos rios, á beira mar ou no alto.

3. Laudelino Freire:

Pescar, v. r. v. Lat. *piscari*. Apanhar (peixe) à rede, com anzol, fiska ou por outro qualquer processo (tr. dir): “Pescar lambaris e jundiás”. 2. Ocupar-se com a pesca (intr.)

4. Aurélio:

Pescar. [Do lat. *piscare*.] Verbo transitivo direto. 1. Apanhar na água (peixe).

5. Cunha:

Pescar. vb. ‘apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. *piscare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

168. PESCAR DE ARRASTÃO V [V+ {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA*PESQ.: elas pescam sarnambi. INF.: elas pescam de arrastão* (Ent. 2, linhas 443, 444)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescar com anzol, rede, covaos, nassas, teloens, leuçoens, trasmalhos, gabritos &c. A acção de pescar com anzol. *Piscatus amatilis. Plaut.*

2. Moraes:

Pescar, v. at. Tomar peixes com rede, anzóes, &c, nos rios, á beira mar ou no alto.

3. Laudelino Freire:

Pescar, v. r. v. Lat. piscari. Apanhar (peixe) à rede, com anzol, fiska ou por outro qualquer processo (tr. dir): "Pescar lambaris e jundiás". 2. Ocupar-se com a pesca (intr.)

4. Aurélio:

Pescar. [Do lat. *piscare*.] Verbo transitivo direto. 1.Apanhar na água (peixe).

5. Cunha:

Pescar. vb. 'apanhar na água um peixe' 'conseguir arditosamente' XIII. Do lat. *piscare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

169. PESCARIA Nf [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS*Melhô a pescaria não é longe a pescaria é perto...a pescaria é essa redinha que eu trabalho.../...vai longe* (Ent. 9, linha 127)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescaria Vid. Pesca. Usamos dessa palavra particularmente, fallando dos lugares onde se pescaõ perolas. O lugar aonde se pesca. Ou se por pescaria se entende só a acção de pescar, dirse-há, *Piscatio, onis*.

2. Moraes:

Pescaria, sf. Pesca. Ribeira, ond4e se vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescaria, sf. Arte de pescar. 2. O mesmo que pesca.

4. Aurélio:

Pescaria. [De *pescar* + *-aria*.] Substantivo feminino. 1.Pesca (1 e 2). 2.Indústria da pesca. 3.Grande quantidade de peixe.

5. Cunha:

Pescar vb. 'Apanhar na água um peixe' 'conseguir arditosamente' XIII. Do lat. *piscãre*. // pesca 1813. // pescaria XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

170. PESCARIA COSTERA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA*Ele tem uma área de pescaria que é em baixo má...tem o alto pesca que é pescaria de alto...e tem a pescaria costera que fica na costa...como tem aqui uns que pescô muito nessa praia pescando camurupim com o pessoal dela...da onde a gente pesca a gente vê a terra* (Ent.1, linhas 117, 118, 119)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescaria Vid. Pesca. Usamos dessa palavra particularmente, fallando dos lugares onde se pescaõ perolas. O lugar aonde se pesca. Ou se por pescaria se entende só a acção de pescar, dirse-há, *Piscatio, onis*.

2. Moraes:

Pescaria, sf. Pesca. Ribeira, ond4e se vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescaria, sf. Arte de pescar. 2. O mesmo que pesca.

4. Aurélio:

Pescaria. [De *pescar* + *-aria*.] Substantivo feminino. 1. Pesca (1 e 2). 2. Indústria da pesca. 3. Grande quantidade de peixe.

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. *piscãre*. // pesca 1813. // pescaria XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

171. PESCARIA DE CARANGUEJO Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

Tudo isso... pescaria de caranguejo... de siri...essa coisa tudo eu ia pesca pra já deixa o alimento em casa pra quando eu saísse pra trabalhá... já ficava comido (Ent. 5, linhas 373, 374)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescaria Vid. Pesca. Usamos dessa palavra particularmente, fallando dos lugares onde se pescaõ perolas. O lugar aonde se pesca. Ou se por pescaria se entende só a acção de pescar, dirse-há, *Piscatio, onis*.

2. Moraes:

Pescaria, sf. Pesca. Ribeira, ond4e se vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescaria, sf. Arte de pescar. 2. O mesmo que pesca.

4. Aurélio:

Pescaria. [De *pescar* + *-aria*.] Substantivo feminino. 1. Pesca (1 e 2). 2. Indústria da pesca. 3. Grande quantidade de peixe.

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. *piscãre*. // pesca 1813. // pescaria XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

172. PESCARIA DE CURRAL Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQ.: E a pescaria de curral... como é que era a pescaria? Custosa? Sacrificante... INF.: A pescaria do curral é difícil...é muito difícil... até porque... se a pessoa tivé o dinheiro ele vai comprar a maderá que chama murão. ...trezentos e cinquenta... quatrocentos murão. ..se ele tivé o dindhêro..ele compra.....se não tiver o dinheiro... ele vai tirar no mangue... (Ent. 8, linhas 180, 181, 182, 183)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescaria Vid. Pesca. Usamos dessa palavra particularmente, fallando dos lugares onde se pescaõ perolas. O lugar aonde se pesca. Ou se por pescaria se entende só a acção de pescar, dirse-há, *Piscatio, onis*.

2. Moraes:

Pescaria, sf. Pesca. Ribeira, ond4e se vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescaria, sf. Arte de pescar. 2. O mesmo que pesca.

4. Aurélio:

Pescaria. [De *pescar* + *-aria*.] Substantivo feminino. 1.Pesca (1 e 2). 2.Indústria da pesca. 3.Grande quantidade de peixe.

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813. // pescaria XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

173. PESCARIA DE LINHA Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 3 OCORRÊNCIAS

INF.: agora tem a pescaria de linha que é um poco diferente... né PESQ.: como é que é essa de linha INF.: de linha é a gente leva a isca daqui e leva pra fora... Põe a linha n'água e o peixe pega a isca PESQ.: então quando você vai pescá de barco pode sê de linha INF.: de linha (Ent. 2, linhas 263, 264, 265, 266, 267)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescaria Vid. Pesca. Usamos dessa palavra particularmente, fallando dos lugares onde se pescaõ perolas. O lugar aonde se pesca. Ou se por pescaria se entende só a acção de pescar, dirse-há, *Piscatio, onis*.

2. Moraes:

Pescaria, sf. Pesca. Ribeira, ond4e se vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescaria, sf. Arte de pescar. 2. O mesmo que pesca.

4. Aurélio:

Pescaria. [De *pescar* + *-aria*.] Substantivo feminino. 1.Pesca (1 e 2). 2.Indústria da pesca. 3.Grande quantidade de peixe.

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813. // pescaria XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Pescaria de linha. de mão exp. tnd (dhlp; mmdlp; nalp). pescaria realizada através de linha ou fio de nylon 350.

174. PESCARIA DE REDE Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

É... quando eu cheguei aqui a pescaria era curral...pegarra muito peixe...depois foi que surgiu a pescaria de rede...de nailo (Ent. 2, linhas 79, 80)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescaria Vid. Pesca. Usamos dessa palavra particularmente, fallando dos lugares onde se pescaõ perolas. O lugar aonde se pesca. Ou se por pescaria se entende só a acção de pescar, dirse-há, *Piscatio, onis*.

2. Moraes:

Pescaria, sf. Pesca. Ribeira, ond4e se vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescaria, sf. Arte de pescar. 2. O mesmo que pesca.

4. Aurélio:

Pescaria. [De *pescar* + *-aria*.] Substantivo feminino. 1. Pesca (1 e 2). 2. Indústria da pesca. 3. Grande quantidade de peixe.

5. Cunha:

Pescar vb. 'Apanhar na água um peixe' 'conseguir arditosamente' XIII. Do lat. *piscãre*. // pesca 1813. // pescaria XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

175. PESCARIA DE SIRI Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: tudo isso...pescaria de caranguejo... de siri...essa coisa tudo eu ia pesca pra já deixa o alimento em casa pra quando eu saísse pra trabalhá... já ficava comido (Ent. 5, linhas 373, 374)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pescaria Vid. Pesca. Usamos dessa palavra particularmente, fallando dos lugares onde se pescaõ perolas. O lugar aonde se pesca. Ou se por pescaria se entende só a acção de pescar, dirse-há, *Piscatio, onis*.

2. Moraes:

Pescaria, sf. Pesca. Ribeira, ond4e se vende pescado.

3. Laudelino Freire:

Pescaria, sf. Arte de pescar. 2. O mesmo que pesca.

4. Aurélio:

Pescaria. [De *pescar* + *-aria*.] Substantivo feminino. 1. Pesca (1 e 2). 2. Indústria da pesca. 3. Grande quantidade de peixe.

5. Cunha:

Pescar vb. 'Apanhar na água um peixe' 'conseguir arditosamente' XIII. Do lat. *piscãre*. // pesca 1813. // pescaria XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

176. PESO D'ÁGUA Ncm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: muruada é pedaço de pau... e lá o peso d'água é muito forte e a rede subiu num pedaço assim (Ent. 2, linhas 373)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

177. PESQUERA Nf [Ssing]~ **PESQUERO** Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

INF.: pesquera era é isso aqui... isso aqui tá feito a pesquera. É uma casa velha cheia de rede... cheia de bagulho... cheia de...corda **PESQ.**: tipo um depósito... *INF.*: é ai chama pesquero (Ent. 4, linhas 161, 162, 163, 164)

INF.: rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora... tem a serrera... tem a ... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinhas e o curral (Ent. 7, linhas 35, 36, 37).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Pesqueira Lugar abundante de peixe e comodo para a pesca. *Piscaria, ae*

2. Morais:

Pesqueira, s.f. Pesqueiro, s.m, lugar onde há armações de pescar.

3. Laudelino Freire:

Pesqueira, s.f. Lugar em que há armações de pesca.

4. Aurélio:

Pesqueira. [De *pesca* + *-eira*.] Substantivo feminino. 1.Lugar onde há armações de pesca. 2.Armação de pesca.

5. Cunha:

Pescar vb. ‘Apanhar na água um peixe’ ‘ conseguir arditosamente’ XIII. Do lat. piscãre. // pesca 1813. // Pesqueiro / Pesqueira f. XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

178. PEXE Nm [Ssing] _____ 158 OCORRÊNCIAS

Saiu o C. M e..V...V. morava no...no Olho de Porco mas era comprador de pexe...levava o pexe no...em jumento né? (Ent. 1, linhas 174, 175)

INF.: Do medo...aí lá vem outros pescadô...outros pescadô carregadô de pexe já vinhu da Raposa e lá vem naquele falaria né... (Ent. 1, linhas 239, 240)

INF.:Aí depois ele foi buscá família pra cá... fazer curral...pescá de curral... foi muito bem... pescô muito pexe... (Ent. 2, linhas 10, 11)

INF.: é tipo um baldinho que eles botam... botam a isca pra dentro... o pexe vem comer a isca e aí não consegue sair (Ent. 2, linhas 30, 31)

INF.:no curral tem a espia... no curral bota uma espia assim... o pexe vem aí quando vê a espia corre pra dentro do chiquero (Ent. 2, linhas 39, 40)

INF.: por causa da boca do corral é pequena assim... é mei’ assim.. é mais assim assim... aí tem o chiquero... o pexe vai... só encontra o fundo... aí eles... ele...fica só rodeando assim direto... nunca que acerta assim direto (Ent. 2, linhas 45, 46, 47)

PESQ.: ahh entendi... é uma coisa que... eu acho incrível a história de curral... eles imaginaro... porque por exemplo... se o pexe quiser ele sai... mas como o pexe não pensa ele não consegue sair (Ent. 2, linhas 49, 50)

PESQ.: ahh lá era so o curral... ah e outra coisa que mudou também... das minhas conversas com o... com a minha conversa com vocês que eu to percebendo... é que aqui começou a ter esse monte de nomes pras redes... a por exemplo... vô usar a gozera pra pescá pexe gó INF.: foi por causa do tipo de malha... é cada uma malha um tipo de pexe (Ent. 2, linhas 68, 69, 70, 71)

PESQ.: a covina... a serreira usa para pescá pexe serra INF.: pexe serra... uritinga PESQ.: esses pexes assim INF.: pexe pedra PESQ.: pexe mais ou menos do mesmo tamanho... sei... aí qual outra que tem? (Ent. 2, linhas 75, 76, 77, 78, 79)

PESQ.: pescada grande... pega algum outro tipo de pexe além da pescada grande? INF.: não ... pega croaçõ... pega o camurim... esses pexe assim (Ent. 2, linhas 83, 84)

INF.: é... minha mulher teceu muita rede pra mim... gozera... na época eu pescava gozera... agora já tenho uma canoa que pega zero cinqüenta... pexe maior (Ent. 2, linhas 98, 99)

INF.: queria tê gozera pra pegar outro tipo de pexe... pexe mais grande (Ent. 2, linha 101)

INF.: por que mesmo eu tendo minhas embarcações... tenho duas embarcações... eu recebo meu pexe apesar que eu nem tiro comissão assim... (Ent. 2, linhas 114, 115)

INF.: isso aí também prejudicou muito aqui por causa que quando eles vinham pra cá deixavam muita renda praqui... pra Raposa... pro lugar... agora eles vão pra lá... quando eles vêm pra cá... vender peixe aqui (Ent. 2, linhas 133, 134, 135)

INF.: pinhada é assim... que as vezes eles dão peixe prum amigo... que eles tem conhecimento... eles vão e vendem pra outro... eles chamam pinhada PESQ.: por exemplo eu tenho um amigo... aí eu vendo peixe pro meu amigo INF.: é assim... você é amigo de um pescadô... pescadô chega do má... ele olha não precisa nem você pedir... se ele tiver consideração... ele olha e lhe dá um peixe (Ent. 2, linhas 141, 142, 143, 144, 145)

INF.: elas vem com um baldezinho... pede peixe... as vês tem umas que trás umas borrachinhas pra trocar..... com isso elas ganham a vida... né PESQ.: elas ganham o peixe... deixam alguma coisa... alguma coisa em troca... e aí... vai se embora... não sabia não 155, 156, 157, 158)

INF.: La no Ceará meu pai até que lá vivia bem no Ceará... que ele era pescadô também... lá na época dava muito peixe... dava muito peixe... mas aí quando chegou novo / veio pra cá e aqui também que nós chegamo aqui dava peixe demais... essas canoa aqui voltava cheo de peixe (Ent. 2, linhas 166, 167, 168, 169)

INF.: rapaz... de barco é mais sofrido que fica uns tempo la fora tratano direto... tirano rede... botano rede... quando dá conserta... salva peixe (Ent. 2, linhas 257, 258)

INF.: de linha é a gente leva a isca daqui e leva pra fora... Põe a linha n'água e o peixe pega a isca (Ent. 2, linhas 265)

INF.: ai se tivé bastante pexero... na hora que vai dando assim uma hora ou meia hora de pescaria pode metê a mão o peixe já ta lá (Ent. 2, linhas 277, 278)

INF.: foi eu vi nesse tempo eu pescava de anzol mais meu irmão... chama Z. Aque mora ali..... aí nois foi pesca de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns peixes que nós... tinha deixado lá perto do curral... certo... ele ficou reparando um pouco... eu voltei lá... quando eu tava pegando os peixe eu olhei pra cima eu vi uma pessoa toda de branco... um pano no ombro um pano bem grandão no ombro assim (Ent. 2, linhas 297, 298, 299, 300)

INF.: meu irmão não olhou... meu irmão é mais medroso que eu... depois que eu fui contá pra ele... que ele não atravessa... que eu fui contar com água bem aqui... que ele vinha atrás né... quando eu fui contá pra ele... aí afundô tudo... perdemo ate o peixe nesse dia (Ent. 2, linhas 329, 330, 331)

INF.: aí nos conseguimos voltar pra berada... perdemo os peixe todo... eu quase morro ainda (Ent. 2, linhas 352)

PESQ.: é a que não falha? Sempre tem peixe? INF.: sempre tem peixe... ou pouco ou muito mas trás PESQ.: certo.. uma coisa importante que eu queria saber... com os tipos de rede... quais os tipos de peixe que mais dá aqui (Ent. 2, linhas 412, 413, 414, 415)

INF.: gó... é... pescadinha... a outra também é peixe pedra... corvina... dá bastante (Ent. 2, linhas 421)

PESQ.: igual tem uma ilha aqui cheio de caranguejo pequenininho... ahh deixa eu ver mais uma coisa... chegou a hora de chegar o peixe do má... como chama a hora de tirar o peixe do má? (Ent. 2, linhas 474, 475)

PESQ.: desmaiando... tipo desafogando o peixe da rede... né? A deixa eu ver o que mais... a pesca de camarão que tem aqui... de espinhel... né (Ent. 2, linhas 484, 482)

INF.: é tem pescadô que se belisca... as vês eles pegam o peixe e jogam assim pra saí de uma vez ... o peixe sai em outro pescadô... já aconteceu (Ent. 2, linhas 509, 510)

INF.: serviço... as vês joga o peixe de uma vez ... a pessoa se vice (Ent. 2, linha 514)

INF.: é outra gaiola que o peixe fica... que o peixe entra e sai... assim que o chiquero falso ele fica ... (Ent. 3, linhas 211)

PESQ.: ahh ...então fica três compartimento pro peixe? Se não for pra um... vai pra outro ... (Ent. 3, linha 217)

PESQ.: e o peixe fica ali dentro? ... (Ent. 3, linhas 228)

PESQ.: e depois pra tirá o peixe dali? INF.: a rede é pra tirá o peixe... a rede você vai usá para tirá do arame... (Ent. 3, linhas 230, 231)

INF.: a sessenta pega um peixe maió... serra... a gó... setenta... oitenta... essa daqui é oitenta... pega um peixe maior... essa daqui é cem ... (Ent. 3, linhas 242, 243)

INF.: um ajudano o otro... não tem nada disso não... agora nesses barco grande tem o que conserva o peixe... que a gente chama o gelero. ... (Ent. 3, linhas.302, 303)

PESQ.: em relação a guardá peixe vocês guardam em isopô... salga o peixe? ... (Ent. 3, linhas 336)

PESQ.: diz que tem gente que vem de lá pra comprá direto? Direto daqui o peixe? ...(Ent. 3, linhas 349)

INF.: a vida de pescadô eu já lhe falei... é cansativa... é muito... sacrificada... porque você não queria saber passar oito... dez dia na embarcação... só vendo mar e céu... né... deixa a família da gente daqui... dormindo mal dormido... que ninguém não dorme ou sossega...que tá de noita a cabeça da gente é pra pescar aí puxa ela... puxa pra pegá aquele peixe... é desse jeito... é cansativo PESQ.: consertá o peixe é o peixe é pra pudê guardá...(Ent. 3, linhas 452, 453, 454, 456, 457)

INF.: pra conservá melhó...ele vem com aquela vista... com aquela vista... ta cheio de sardinha ali... os peixe fica fraco... aquele peixe apudrece ...(Ent. 3, linhas 460 461)

INF.: é... dura mais... não apodrece... que a barriga do peixe não fica mole...inclusive a cozinha aqui dentro é pra isso... pra amolecê a barriga...agora se tirá a barriga aqui... passá dia ou dois... não estraga não...agora esses pescadô que fica deis doze dia pescando ele durar no má ...(Ent. 3, linhas 462, 463, 464, 465)

INF.: lado bom é quando a gente tira uma safra... tem uma boa safra... né... aí todo mundo tira bastante peixe... barateia... os peixe barateia... mas aí de qualquer maneira a gente pegava muito... pegando muito você sabe que a gente cobrar pouco... o pescado barateia... mas de qualquer maneira você colheu muito peixe... nos ia pescar pra pegar uma mixaria de peixe... carecia um quilo... as vezes vai um colega seu atrás de um peixe fazer um cozinhado em casa... aí você não tem nem como dá... porque você pegou pouca quantidade de peixe. Não dá nem pra ...(Ent. 3, linhas 467, 468 469, 470, 471, 472, 473)

INF.:e botava lá... ia trazindo... tinha dia que não trazia o peixe PESQ.: de tanto peixe que é INF.: tinha dia que era oito pexes agarrados no anzol... nada nada... 10 anzol dava seis peixe... sete peixe... oito peixe... tudo peixinho...// eu tava caçando tubarão (Ent. 4, linhas 20, 21, 22, 23)

INF.: um anzol estrovado... e bota as cordas e cinco em cinco braços uma bóia e solta no meio do mar... depois puxa... recolher pra tirar o peixe e trazer todinho... trabalho...trabalho ...(Ent. 4, linhas 29, 30)

INF.:essas redes fininhas... pega pescadinha gó... e foi enchendo e espantando... o peixe vai se espantando... espinhel chegando pra fora... agora você vê. Raposa tem muito peixe... mas nem todo peixe você tem na Raposa... a maioria são pexes que vem da Austrália... MangUÇÁ... Porto Rico... lençol... dessas praias de baixo aí que vem pra cá... o peixe que vem pra cá o espinhel chega na hora... esses peixinhos que hoje da mais é guaravira... que antes dava muita guaravira e pescada... bagre muito...hoje em dia... hoje as pescaria de curral da essas pescadinha...// da muita coisa não... ..passa quatro cinco seis meses pra tirar... pega esses pexes pequenininhos... essas guaravira que não vale nada... pouca gente põe o curral... tinha quase sessenta curral... hoje se tem quase deís curral... tem muito ...(Ent. 4, linhas 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79)

INF.:com uma fita... depois vem outro morão lá em cima... aí depois vem o arame la de cima... uns pau... umas varona... e leva... e depois que ta pronto... tem a sala... as salinha aí começa a... a dá peixe PESQ.: uma coisa que eu não entendo como é que o peixe entra no curral e não sai ...(Ent. 4, linhas 88, 89, 90)

INF.: nós viemos de... caminhão pau de arara até Teresina... de Teresina pra 'cá nos viemos de trem... no tempo que trem era queimado a lenha... você pegava o trem aqui quando chegava os braços cheio de fumo...// queimava... mas é que aqui... depois que estreiou agora... já foi umas quinze veses pro Pará... de lá... pegou pra lá... peixe tinha muito... farinha tinha demais... quando farinha era cabresto... era barato... pexes tinha nos barcos... entrava aí e vendia toneladas de farinha pro rapaz... e peixe não faltava... peixe tinha muito aí...(Ent. 4, linhas 113 117)

INF.:hoje tem menino de rua... naquela época não tinha menino de rua porque eu ia mais era na rua... porque meus pais moravam no sitio... la no ceará e trabalhava o dia todinho... quando era de noite eu ia pra praia salgar peixe... lá chamava salgadeira ... salga peixe... pra tratar ... pra salgar... levar pra casa... comer com feijão... nessa época era muito feijão com batata...(Ent. 4, linhas 156, 156, 157, 158, 159)

O sujeito tem uma canoinha dessas... boca aberta... vai pescar... vamos supor... some daqui da praia... não viu mais nada... mar prum lado... não viu mais nada... bota a rede... aí a maré vazou você vai tirar a rede o cara fala tira a rede... tira a rede... naquele momento pode acontecer uma marisia dessa que ela vai pro fundo... mesmo que você fique se agarrando nela... você afunda... // você vai ficar em

cima dagua... solto... o peixe... come... de se alagar... puxando peixe...(Ent. 4, linhas 170, 171, 172, 173, 174)

PESQ.: na hora que vai tirar os pexes... boquero ...(Ent. 4, linhas 190)

INF.:o mar ta rolando... ta ruim de peixe... aí fala assim o mar ta rolando PESQ.: ta ruim de peixe ta fraco INF.:sai dali... tinha aquelas maresia brava... aquelas maresia alta... aquela maresia e aí fica meio ruim o peixe... mas ai fica aqueles vento... ventando muito o vento sempre é mais bravo... mas hoje ta uma beleza...(Ent. 4, linhas 218, 219, 220, 221, 222)

INF.: a vida de pescador é a vida de pobre... não era pra existir... pobre não era nem pra existir mesmo... porque o pescador só veve de matar... as vezes quando ele sai pro mar ele já sai devendo o patrão... quando ele chega do mar ele pega uma a pinhada de peixe... a pinhada é quando ele pega o peixe mais ajuntado... ele pega uma a pinhada e e tira a bóia dele... uns que é direito leva pra casa... uns que é errado vende... vai beber... ...(Ent. 4, linhas 251, 252, 253, 254, 255)

INF.:é porque vamos supor o cara compra mil quilos de peixe... ele abastece o barco... mas também tem um certo direito... gelo... óleo... farinha... aí eles dão os vale pros pescador... as vezes são seiscentos... as vezes oito mil... ai ele não tem dinheiro pra pagar o vale... ...(Ent. 4, linhas 263, 264, 265)

INF.: Ave Maria...nessa época aí... era o Sarney...a gente tinha muita coisa...inverno não era...no início não era não... no início da era nunca deu...tá dando hoje...que sempre dá um (inaudível) bom. Até que ficou uma parte seca...de tudo que existe...era peixe na lagoa PESQ.: O senhor era capaz de enumerar os tipos de peixe que tinha INF.: Tinha a tainha... carapeba... tinha camurim... traíra... esses pexes ... PESQ.: Tudo tinha? Serra...pescada/esses tipos de... serra... pescada? Pescada não ? INF.: Porque aquele tipo de peixe que ta aí ...(Ent. 5, linhas 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29)

INF.: Esses pexes aí eu quero que venha é com a chuva...lá mesmo onde eu morava passa chuva... era aquela limpeza ...(Ent. 5, linhas 31, 32)

INF.: Aí vinha descendo aí ..aí não tem fruto para criar peixinho...criou até demais ...(Ent. 5, linha 37)

INF.: Não... não. Eu vim daquela época lá do Ceará. Cheguei num lugar chamado Praia das Águas... encontrei um rapaz que falou que ia buscar uma carga de peixe ...(Ent. 5, linhas 59, 60)

PESQ.: E dá para pegar muito peixe? INF.: O peixe fica no rio e aí entra por aquela parede ...(Ent. 5, linhas 155, 156)

PESQ.: E dá para pegar mais peixe? INF.: E dá para pegar mais peixe PESQ.: E outra coisa. Já vi aqui que tem muito tipo de rede. Tem muita rede. Variedade de rede. Por exemplo... para pescar peixe go aqui... usa qual? ...(Ent. 5, linhas 159, 160, 161, 162)

INF.: Mas para cada pesca tem uma rede. Para pescar peixe go ...(Ent. 5, linha 164)

INF.: Aí é para pegar é o cambel... é o (inaudível). É esses pexes miúdos ...(Ent. 5, linha 167)

PESQ.: entendi...Deixa eu lhe perguntar uma coisa...aí o pescador sai pra pescar... aí quando ele volta pra pescar...alguns deles comentaram comigo que tinha... ou tem... uma pessoa que faz o pescador não vender o peixe direto pro consumidor... vende pra outra pessoa... essa pessoa quem é?

INF.: Não... antigamente vendia também pra quem era revendedor... mas eles vendia também pra população...hoje em dia... o dono das embarcação já tem o recebedor do peixe. PESQ.: tem algum nome especial esse recebedor do peixe? ...(Ent. 5, linhas 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333)

INF.: agora... já teve aí... já teve muitos alia poucos tempos... teve uma embarcação que o navio bateu ali afora... aí só escapou um...esse que escapou foi puquê viu uma embarcação... a canoa que tava fora aí caçou... nadou... nadou...teve a sorte. Um outro morreu...que resolveu nadar pro outro lado no remanso duma pedra eles só acharam a cabeça que mar comeu... um peixe comeu a outra parte...e o outro só acharam o corpo... ...(Ent. 5, linhas 354, 355, 356, 357, 358)

PESQ.: Sim...o senhô... o senhô estava falando sobre a pesca de puçá...uma coisa que me chamou a atenção aqui na Raposa foi que eu vi vários tipos de rede... por exemplo... ahh eu vou pescar peixe gó... uso gozeira... pescadeira... aí que queria que o senhô me falasse um pouquinho só mais de duas coisas: os tipos de pesca que o senhô conhece aqui... que o senhô sabe que tem aqui e os tipos de rede...(Ent. 6, linhas 1, 2, 3, 4)

INF.: e outro aqui... aí arrastando ela... arrastando... vai embora... vai embora... o cara... camarão vai chegando... vai entrando nela aqui...fica...PESQ.: peixe também ...(Ent. 6, linhas 12, 13, 14)

quando é na hora de puxar você suspende pela linha daquela boia ali lá e saí desmariscando e o peixe está num anzol... que nem pra cumer... lá mesmo ele se vira ...(Ent. 6, linhas 56, 57)

INF.: por que a rede ta na malha e no nailo... porque a gozera é um tipo de malha... a pescadera já é outro tipo de malha... malha maior... que é pro peixe graúdo... ..(Ent. 6, linhas 163, 164)

INF.: tanto pega camarão... quanto pega gó... mas agora já... agora também que a gozera que nos chamamos que as malhas são menor... porque os peixe é miúdo... de acordo com o tamanho do peixe que o cara quer que é a malha da rede...(Ent. 6, linhas 166, 167, 168)

PESQ.: diz uma coisa... que isso é uma coisa que eu só vi aqui na Raposa... por exemplo... pra pescar peixe gó... o senhor falou que é gozera... né? Para pescar pescada? (Ent. 7, linhas 58, 59)

PESQ.: ahh... aí dependendo do peixe que eu for pescar... vou levar a rede agora para aquele peixe ...(Ent. 7, linhas 65, 66, 67)

PESQ.: vou fazer outra pergunta envolvendo a pesca... o senhor falou que pesca... em termos de tipo de peixe... de camarão... de caranguejo... quais são os tipos de peixe que dá aqui? ...(Ent. 7, linhas 75, 76)

INF.: tem várias marcas... marcas... é só uma rede só... mas tem vários nomes...tem a pitiu... aquelas miudinhas... dá demais... né? Tem a sajuba... que é maior... tem umas tainha que vem lá do Pará... umas tainha desse tamanha...aquilo é quando chove... no mar mais que tem... PESQ.: de peixe... né? ...(Ent. 7, linhas 87, 88, 89, 90)

PESQ.: mas nesse barco a pessoa vai pra pescar peixe ou camarão? INF.: mai peixe... só peixe... camarão não tem pescaria...até tem... mas...pescaria grande não tem... pesca de camarão ...(Ent. 7, linhas 210, 211, 212)

INF.: Não... o C. N é...a mercadoria/ através dum dum dum rapaz que levarra o peixe pra fera. Levava setenta oitenta quilo de peixe e trazia /pra o mesmo peso peso de mercadoria de lá pra o comércio da Raposa ...(Ent. 8, linhas 24, 25, 26)

INF.: Era com ele era conhecido aqui... O nome dele eu não sei. Morava para o lado ali... mas arrumô uma família aqui na Raposa... veio aqui para a Raposa. Ele levava uma quantidade de peso de peixe para a fera e trazia de mercadoria: farinha... açúcar... sabão ...(Ent. 8, linhas 34, 35, 36)

O pessoal que viero na década de cinquenta butaram o curral... tarra pegando muito peixe... aí começô... A história se espalho ...(Ent. 7, linhas 68, 69)

PESQ.: O peixe lá é farto ...(Ent. 8, linha 74)

INF.: É. Quando eu cheguei aqui a pescaria era curral...pegarra muito peixe...depois foi que surgiu a pescaria de rede...de nailo ...(Ent. 8, linhas 79, 80)

PESQ.: Aí... outra coisa que me chamou a atenção aqui foi rede. La..la..la na capital fala a rede de pesca só. Aqui não... pra pescar peixe de gó tem a gozeira...quais são os tipos de rede que tem... seu Valdemar? INF.: Tem a camurupinzera... o mesmo nailo... viu ...(Ent. 8, linhas 84, 85, 86)

INF.: É...serrera/.serrera...pescadera PESQ.:Ah... pá pescar peixe de pesca... pesqueira...peixe de serra... serrera? Sajuba... por exemplo 71, 72

INF.: Pra perto do Ceará tem as maré melhó....se tem as maré maió...o pescadô quando tem as água grande... ele vai esperá das água pro peixe miorá ...(Ent. 8, linhas 108, 109)

INF.: É o seguinte...aí vai mexê com a lua... entendeu? Hoje é dia de lua...tá intendo? Aí você vai isperá hoje e amanhã para a maré diminuí pra miorá a pesca de peixe ...(Ent. 8, linhas 112, 113)

INF.: Ela aumenta amanhã ainda... viu...aí ela diminui....o pescadô chama de quebramento. Aí fica mió pra pega os peixe ...(Ent. 7, linhas 119, 120)

PESQ.: Exatamente....aí o senhô me explica como é que funciona o curral? O peixe chega ali e aí? ...(Ent. 8, linha 199)

INF.: o peixe vem por aqui ...(Ent. 7, linha 208)

PESQ.: agora uma pergunta que eu não fiz. Você botou ...você botou o curral. O curral ta botado. Ai depois de quanto tempo que eu vou lá para...pá...pá tirar os peixes de lá INF.: ahh você... ce me tocou agora... viu? Hoje... agora... quatro hora da tarde ... cinco hora... o curral ta fechado ...(Ent. 8, linhas 278, 279, 280, 281)

INF.: Quando for cinco horas a gente vai buscar um peixe ...(Ent. 8, linhas 283)

INF.: é... tem horário da maré... mas se você butar ele agora... cinco da tarde... quando for cinco hora da manhã você vai buscar o peixe ...(Ent. 8, linhas 287, 288)

PESQ.: agora vamos supor que o curral no fundo. Aí como é que eu vou mergulhar pra tirar esses peixes ...(Ent. 8, linhas 297, 298)

INF.: ahh melhorou... ate porque aqui na Raposa... quando eu cheguei aqui... o peixe... a guaravira não vendia... ...(Ent. 7, linhas 338, 339)

PESQ.: Ahh. Outra coisa... que agora eu vou precisar da sua ajuda. Eu tenho que enumerar...ui...todas..obrigado...todas os tipos de peixe ou que já deu aqui ou que ainda dá. Vamo lá. Tem guarabira... que mais? Pode lembrar aí ? ...(Ent. 8, linhas 344, 345, 346)

Aí eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe o ...o...rapaz foi...que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele? Eu comecei a dizer assim: olha ele pega baguinho... guriroba... guritinga... quando eu disse guritinga... ela disse venha cá tem esse ainda? Eu disse... senhora não quer saber a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? (Ent. 8, linhas 358, 359, 360, 361)

INF.: eu ...o...o...a diferença do peixe... a pescada de dente é um preço pra se vender e a pescada de gó é outro preço. A pescada amarela outro preço ...(Ent. 8, linhas 364, 365)

INF.: e tem a pituzera e tem a puçá e tem..varios tipo de rede né? PESQ.: é..pra cada tipo de...pra cada tipo de... INF.: de de de...de peixe né...(Ent. 9, linhas 26, 27, 28)

INF.: curralera..curralera..curralera...curralera eles boto os corral só pra esperá os peixe chegá entrá..aí eles vão só dispesca na hora né? ...(Ent. 9, linhas ...)(Ent. 9, linhas 36, 37)

INF.: eles fazi o corral e faz aquela lateral pro peixe ficá dentro..o cerco né...é tem lá o cara que já sabe marcá o corral bem direitin' ele bota o corral mas não pega peixe que ele não sabe marcar ...(Ent. 9, linhas 48, 49)

PESQ.: dá mais o que aqui pra pescá? Que tipo de peixe vocês pegam mais aqui? ...(Ent. 9, linha 133)

PESQ.: mas quais os tipo de peixe que dão aqui...é gó...que mais? INF.: aqui é a gó...serra...peixe pedra ...(Ent. 10, linhas 137, 138)

INF.: e antigamente eles levavo o peixe... carregavo no ombro né...atravessavo o Olho de Porco...(Ent. 9, linhas 13)

INF.: com o peixe nos ombro...olha a distância da Raposa a Maioba ...(Ent. 10, linha 21)

INF.: com a estrada melhorô...aí o peixe ainda não era transportado nessa época em carro.../carroça..aí mudou pra toiota..as toiota começaram a levá os peixe...e a pessoa pra ir a São Luís ia num certo mommento no carro de boi e pegarra a toiota mais na frente ...(Ent. 10, linhas 40, 41, 42, 43)

PESQ.: e quais os tipos de peixe INF.: aqui são de todos tipo de peixe...do cação...ao serra..uritinga...pescada...é o o..Maranhao ele é considerado o segundo maior pescado do Brasil../ e em relação a aqui Raposa que aqui fais parte ...(Ent. 10, linhas 175, 176, 177, 178)

PESQ.: e em relação a alimentação de vocês... vocês comem muito peixe... camarão? INF.: demais (risos) camarão..peixe ...(Ent. 10, linhas 179, 180)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Peixe ou peixe. Animal que nasce, & vive na agua, cuberto de pelle, ou escamas, com guelras, barbatanas, &c.

2. Moraes:

Pèixe, s.m. Animal, que vive, e se cria na agua com escama, ou sem ellas, com barbatanas para nadar, guelras, espinhas &c. *Piscis*, *is*.

3. Laudelino Freire:

Peixe, s.m. Lat. *piscis*. *Zool*. Animal vertebrado que nasce e vive na água, erespira por guelras, locomovendo-se por meio de barbatanas.

4. Aurélio:

Peixe [Do lat. *pisce*.] Substantivo masculino. 1.*Zool*. Animal cordado, gnatostomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias. 2.*Zool*. Espécime dos peixes (3).

5. Cunha:

Peixe. sm. '(Zool.) animal cordado, gnastomado, aquático, com nanadeiras, com prlr geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias' XIII. Do lat. *piscis* – *is*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

179. PEXE PEDRA NCm [Ssing + Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

PESQ.: esses pexes assim. *INF.:* pexe pedra (Ent. 2, linhas 77, 78)

Gó... é... pescadinha... a outra também é pexe pedra... covina... dá bastante... (Ent. 2, linha 421)

INF.: *aqui é a gó...serra...pexe pedra* (Ent. 9, linha 138)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Peixe ou peixe. Animal que nasce, & vive na agua, cuberto de pelle, ou escamas, com guelras, barbatanas, &c.

2. Moraes:

Pèixe, s.m. Animal, que vive, e se cria na agua com escama, ou sem ellas, com barbatanas para nadar, guelras, espinhas &c. *Piscis, is.*

3. Laudelino Freire:

Peixe, s.m. Lat. *piscis*. *Zool.* Animal vertebrado que nasce e vive na água, erespira por guelras, locomovendo-se por meio de barbatanas.

4. Aurélio:

Peixe [Do lat. *pisce*.] Substantivo masculino. 1.*Zool.* Animal cordado, gnatostomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias. 2.*Zool.* Espécime dos peixes (3).

5. Cunha:

Peixe. sm. '(Zool.) animal cordado, gnastomado, aquático, com nanadeiras, com prlr geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias' XIII. Do lat. *piscis – is.*

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

180. PEXERO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Aí se tivé bastante pezero... na hora que vai dando assim uma hora ou meia hora de pescaria pode metê a mão o pexe já ta lá... (Ent. 2, linhas 277, 278)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Peixe ou peixe. Animal que nasce, & vive na agua, cuberto de pelle, ou escamas, com guelras, barbatanas, &c.

2. Moraes:

Pèixe, s.m. Animal, que vive, e se cria na agua com escama, ou sem ellas, com barbatanas para nadar, guelras, espinhas &c. *Piscis, is.*

3. Laudelino Freire:

Peixeiro, s.m. Vendedor de peixe. 2. Indivíduo que apanha o peixe.

4. Aurélio:

Peixeiro. [De *peixe* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1.Vendedor de peixe.

5. Cunha:

Peixe. sm. '(Zool.) animal cordado, gnastomado, aquático, com nanadeiras, com prlr geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias' XIII. Do lat. *piscis – is.*

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

181. PEXE SERRA NCm [Ssing + Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: a gozera é uma malha menor que pega pescadinha gó... a covina que chama... já é maior já usa a rede zero cinquenta... já é a serrera também PESQ.: a covina... a serreira usa para pescá pexe serra INF.: pexe serra... uritinga (Ent. 2, linhas 73, 74, 75, 76)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Peixe ou peixe. Animal que nasce, & vive na agua, cuberto de pelle, ou escamas, com guelras, barbatanas, &c.

2. Moraes:

Pêixe, s.m. Animal, que vive, e se cria na agua com escama, ou sem ellas, com barbatanas para nadar, guelras, espinhas &c. *Piscis, is.*

3. Laudelino Freire:

Peixe, s.m. Lat. *piscis*. Zool. Animal vertebrado que nasce e vive na água, erespira por guelras, locomovendo-se por meio de barbatanas.

4. Aurélio:

Peixe [Do lat. *pisce*.] Substantivo masculino. 1.Zool. Animal cordado, gnatostomado, aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias. 2.Zool. Espécime dos peixes (3).

5. Cunha:

Peixe. sm. '(Zool.) animal cordado, gnastomado, aquático, com nanadeiras, com prlr geralmente coberta de escamas, que respira por brânquias' XIII. Do lat. *piscis – is.*

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

182. PINHADA Nf [Ssing] _____ 13 OCORRÊNCIAS

INF.: vinha outros comprar pinhada... pinhada que chama... né? PESQ.: pinhada o que que é? INF.: pinhada é assim... que as vezes eles dão peixe prum amigo... que eles tem conhecimento... eles vão e vendem pra outro... eles chamam pinhada... (Ent. 2, linhas 139, 140, 141, 142).

INF.: é assim... você é amigo de um pescadô... pescadô chega do má... ele olha não precisa nem você pedir... se ele tiver consideração... ele olha e lhe dá um peixe PESQ.: ah... é dado INF.: aí se você quisé vendê... você vende... se não quisé... põe pra comer PESQ.: é a pinhada INF.:pinhada... PESQ.: é de amizade mesmo... INF.: é de amizade... PESQ.: bacana... pinhada... nunca tinha ouvido falar PESQ.: bacana... pinhada... nunca tinha ouvido falar... (Ent. 2, linhas 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153).

Porque o pescador só veve de matar... as vezes quando ele sai pro mar ele já sai devendo o patrão... quando ele chega do mar ele pega uma a pinhada de peixe... a pinhada é quando ele pega o peixe mais ajuntado... ele pega uma a pinhada e e tira a bóia dele... uns que é direito leva pra casa... uns que é errado vende... vai beber... vai cumer. PESQ.: a pinhada é... ... INF.:a pinhada é a bóia dele... tira cinco seis caras é a bóia deles... e aí quando ele vai sair pro mar denovo ele tem que pedir um vale... porque o que ele ganhou já gastou tudo... (Ent. 4, linhas 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258 258).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

183. PITIU Nf [Ssing] _____ 5 OCORRÊNCIAS

- () *Que é a rede que pesca tainha a pitiu... tainhera... pode ser tainhera (Ent. 4, linha 206)*
 () *Tem várias marca... marca... é só uma rede só... mas tem vários nomes...tem a pitiu... aquelas miudinha... dá demais... né? Tem a sajuba... que é maior... tem umas tainha que vem lá do Pará... umas tainha desse tamanha...aquilo é quando chove... no mar mais que tem (Ent. 7, linhas 88, 89, 90)*
Não... tainha... a tainha... tem a sajuba... tema urissoca e tem a pitiu (Ent. 8, linhas 371)
Tãinha dá...dá muita tãinha...tainha...tãinha...tem essa tãinha e tem a pitiu que chama...que é a mais menor e tem a tãinha graúda... (Ent. 9, linhas 140, 141)
 () *É...a pituizera é a pitiu que é a tãinha média né...que é a urixoca que meu pai falô com você... (Ent. 10, linhas 175)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Pitiu, s.m. 3. Variedade de tainha.

4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Pitiú sm. 'Cheiro desagradável, característico de peixe cru'. / putiú a 1696 / ; 'espécie de tartaruga do Amazonas' XIX. Do tupi *piti'u*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

184. PITIUCAIA Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

- () *Tem o pitiucaia...e tem o camarão branco (Ent. 9, linhas 145)*
 () *É...o pitiucaia que / o pequeninim' que diz que é venenoso né... (Ent. 9, linhas 152)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

185. PITIUZERA Nf [Ssing] _____ 7 OCORRÊNCIAS

- INF.: aqui tem geralmente tem a pescadera... depois serrera... depois gozera... depois sajubera... depois pitiuzera PESQ.: pitiuzera (Ent. 4, linhas 200, 201, 202)*
INF.: é o tamanho... as grossura e as malha ... que tem as malha dela é ... serrera é mais.. a pescadera é isso aqui... vamos supô que é daqui pra cá... a serrera é três dedo... três dedo de malha... a pitiuzera é dois dedos de malha e a sajubera nem dois dedo (Ent. 4, linhas 208, 209, 210)
Vinte e cinco milímeti é a sajubera... a pitiuzera é vinte... tudo é... (Ent. 4, linha 212)
 () *e tem a pitiuzera e tem a puçá e tem..varios tipo de rede né... (Ent. 9, linha 26)*
INF.: serrera...tem as gozera... a pescadera...a pitiuzera...camaroera...sajubera.PESQ.: pra cada uma...por exemplo a sajubera eu vou pescá sajuba é isso? INF.: é...a pitiuzera é a pitiu que é a tãinha média né...que é a urixoca que meu pai falô com você (Ent. 10, linhas 173, 174, 175)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e

186. POPA Nf [Ssing] _____ 7 OCORRÊNCIAS

Aqui a popa (Ent. 6, linha 266)

PESQ.: ahh...a popa seria...INF.: a popa é aqui... o final dela PESQ.: ahhh...a popa... INF.: o final é a popa PESQ.: a frente pra mim... o que eu vejo é pro...o que eu vejo é a proa INF.: é a proa PESQ.: no final dela INFORMANTE: no final dela é a... PESQ.: popa... INFORMANTE: é a popa... (Ent. 6, linhas 277, 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
 2. Moraes:
- Pòpa, s.f. Parte do navio oposta á proa.
3. Laudelino Freire:
- Pôpa, s.f. Lat. *puppis*. Parte posterior do navio, oposta à proa.
4. Aurélio: n/e
 5. Cunha:
- Popa, s.f. 'parte posterior da embarcação' XV. Do lat. **puppa* (cláss. *puppis* – *is*)
6. Amadeu Amaral: n/e
 7. Santos:
- Popa s.f.tdse (dhlp; mmdl; nalp) parte traseira da embarcação.

187. PROA Nf [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

Deixa eu vê...nós temo a proa da embarcação... *PESQ.: a proa* (Ent. 5, linhas 264, 265)

PESQ.: o que seria a proa? INF.: a proa é essa aqui... é a freiteira da canoa (Ent. 5, linhas 269, 270)
PESQ.: ahh...a popa seria...INF.: a popa é aqui... o final dela PESQ.: ahhh...a popa... INF.: o final é a popa PESQ.: a frente pra mim... o que eu vejo é pro...o que eu vejo é a proa? INF.: é a proa.
PESQ.: no final dela INFORMANTE: no final dela é a... PESQ.: popa... INFORMANTE: é a popa... (Ent.5, linhas 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
- Proa A parte dianteira dos navios & a primeyra que corta as aguas do mar. *Prora, ae.*
2. Moraes:
- Proa, s.f. A parte dianteira dos navios, e vasos nauticos, a que primeiro corta os mares.
3. Laudelino Freire:
- Proa, s.f. Lat *prora*. Náut. A extremidade de avante de um navio, oposta à popa; a que primeiro corta as águas quando o navio segue.
4. Aurélio:
- Proa. (ô) [Do lat. *prora*, com dissimilação total.] Substantivo feminino. 1.A parte anterior da embarcação. [Sin., pop.: cabeça. Antôn.: popa (ô) (1).]
5. Cunha:
- Proa, s.f. 'parte anterior da embarcação' 'XIV.' Do lat. *prōra-ae* (gr. *prora-as*), com provável interferência do it. dial. *proa* (it. *prua*) ou do prov. *proa*.

6. Amadeu Amaral: n/e
 7. Santos:
Proa, s.f.tdse (dhlp; mmdlpl; nalp). parte da frente da embarcação.

188. PROA CHATA NCf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

() *Tem vários nome ...porque tem o bote... tem a lancha... tem a biana...ne...cada um né...e...tudo é de madeira...é como mulhé'...so muda de endereço né...so muda de forma ((risos)) mas tudo de madeira... proa fina... proa chata... biana... é bote lancha né?* (Ent. 1, linhas 133, 134, 135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Proa A parte dianteira dos navios & a primeyra que corta as aguas do mar. *Prora, ae.*

2. Moraes:

Proa, s.f. A parte dianteira dos navios, e vasos nauticos, a que primeiro corta os mares.

3. Laudelino Freire:

Proa, s.f. Lat prora. Náut. A extremidade de avante de um navio, oposta à popa; a que primeiro corta as águas quando o navio segue.

4. Aurélio:

Proa. (ô) [Do lat. *prora*, com dissimilação total.] Substantivo feminino. 1.A parte anterior da embarcação. [Sin., pop.: *cabeça*. Antôn.: *popa* (ô) (1).]

5. Cunha:

Proa, s.f. 'parte anterior da embarcação' 'XIV.' Do lat. *prōra-ae* (gr. *prora-as*), com provável interferência do it. dial. *proa* (it. *prua*) ou do prov. *proa*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Proa, s.f.tdse (dhlp; mmdlpl; nalp). parte da frente da embarcação.

189. PROA FINA NCf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

Tem vários nome ...porque tem o bote... tem a lancha... tem a biana...ne...cada um né...e...tudo é de madeira...é como mulhé'...so muda de endereço né...so muda de forma ((risos)) mas tudo de madeira... proa fina... proa chata... biana... é bote lancha né? (Ent. 1, linhas 133, 134, 135)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Proa A parte dianteira dos navios & a primeyra que corta as aguas do mar. *Prora, ae.*

2. Moraes:

Proa, s.f. A parte dianteira dos navios, e vasos nauticos, a que primeiro corta os mares.

3. Laudelino Freire:

Proa, s.f. Lat prora. Náut. A extremidade de avante de um navio, oposta à popa; a que primeiro corta as águas quando o navio segue.

4. Aurélio:

Proa. (ô) [Do lat. *prora*, com dissimilação total.] Substantivo feminino. 1.A parte anterior da embarcação. [Sin., pop.: *cabeça*. Antôn.: *popa* (ô) (1).]

5. Cunha:

Proa, s.f. 'parte anterior da embarcação' 'XIV.' Do lat. *prōra-ae* (gr. *prora-as*), com provável interferência do it. dial. *proa* (it. *prua*) ou do prov. *proa*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Proa, s.f.tdse (dhlp; mmdlpl; nalp). parte da frente da embarcação.

190. PUÇÁ Nf [Ssing]

22 OCORRÊNCIAS

INF.: na mudança... porque em todos mudaram a pesca pro mesmo lugar ... pescaria foi mudando...também... tem pescaria de rede... pescaria de camarão... aqui a puçá... também e varias coisas diferente... né.. (Ent. 2, linhas 61, 62, 63)

INF.:não... que a rede saiu do barco... pegou nas berada na muruada... as muruada é onde eles bota puçá pra pegá camarão (Ent. 2, linhas 370, 371)

INF.:muruada é assim um pau aqui... outro ali... bem aqui assim... aí eles vêm quando a maré começa a vazá eles vêm com as puçá (Ent. 2, linhas 379, 380)

PESQ.: aí chama pescaria de espinhel... ah entendi... deixa eu ver o que mais... só pra eu entender melhó essa pesca de espinhel... o senhô já tinha falado pra mim... tem vários pedaços de pau aqui esse... dois... esse aqui é muruada... vários pedaços de pau é uma coisa ... pedaços de pau aqui... jogo a rede por cima vô com meu pé INF.: é puçá que chama PESQ.: é puçá... vai com pé ...é puçá... afundando a puçá... dos lados são os pés... aí a puçá também pega o camarão INF.: pega a puçá que pega amarra aí e vai só afundando a puçá... a maré vai secando e vai afundando ela (Ent. 2, linhas 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495)

INF.: Camarão? Tem umas duas mil... se não tiver... tem umas onde mora o presidente da colônia. Tem umas duas mil. É a So puçá. // Tinha demais... dessa grossura assim PESQ.: Puçá é tipo um cesto INF.: Vai arrastando por aqui... daqui a pouco já está pondo o fundo dela que vem atrás. Vem um calãozinho desse lado... e daí a pouco já está pronto. PESQ.: Arrastando ela ? INF.: Arrastando ela (Ent. 5, linhas 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186)

E a noite... pegava uma puçá... ia pro rio... ia pegar o camarão pra já botar boia em casa... deixar o negócio em casa (Ent. 5, linhas 370, 371)

PESQ.: Sim...o senhô... o senhô estava falando sobre a pesca de puçá. (Ent. 6, linha 1)

INF.: olha... os tipos de pesca é assim...pra mim na minha época eu gostava de pescar era de puçá e de espinhel PESQ.: aí o senhô podia me contar um pouquinho como é que é essa pesca de puçá?

INF.: de puçá? PESQ.:é... INF.: é porque a puçá é o seguinte... a puçá é uma rede é essa barbinha... aí vai um deste lado... .. (Ent. 6, linhas 5, 6, 7, 8, 9, 10)

PESQ.: essa ... essa pesca que chamam de pesca de puçá .. INF.: tem muito também... puçá tem também... mas só pouco tempo... com tempo tem demais... com tempo tem que ver onde...só não tem muito... me parece... camarão... camarão falha (Ent. 7, linha 72, 73, 74)

INF.: Eu vi duas pessoa arrastano uma rede de camaroera. Uma rede de puçá... O puçá que pega o camarão pitiucaia... o branco. Só tava que tava bem aqui cobrindo o pé... aí eu disse “Meu deus essa rede não chega desse jeito?”. (Ent. 8, linhas 149, 50, 151)

INF.: e tem a pitiuzera e tem a puçá e tem..varios tipo de rede né (Ent. 9, linhas 26)

PESQ.: puçá...puçá a gente usa pra camarão também né? INF.: é pra camarão PESQ.: ahhh e puçá é so pra camarão? INF.:puçá é só pra camarão (Ent. 9, linhas 29, 30, 31, 32)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Puçá, s.m. Instrumento de pescar camarões (rêde com arco e haste de madeira); o mesmo que jeréré.

4. Aurélio:
5. Cunha: n//e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

191. PURÃO Nm [Ssing]

OCORRÊNCIA

INF.: aqui forma o purão... o purão a gente desce...na canoa que nois fazia antigamente era assim...fica aqui perto (Ent. 5, linhas 292, 293)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Porão A parte mais baixa do navio, aonde se carrega as mercancias. *Infimum navis tabulatum*.

2. Moraes:

Porão, s.m. t. de Naut. A parte mais funda do navio, onde vem o lastro, a carga.

3. Laudelino Freire:

Porão, s.m. Espaço no interior do navio, para conter comestíveis e outros objetos, situado entre a carlinga e o pavimento seguinte, ou espaço no interior do navio, abaixo do pavimento inferior, para conter carga, comestíveis, etc.

4. Aurélio:

Porão. [Do lat. *planu*, 'plano', pelo port. arc. *prão*, com suarabácti.] Substantivo masculino. 1. Constr. Nav. Qualquer espaço compreendido entre o convés mais baixo e o teto do duplo-fundo, ou entre o convés mais baixo e o fundo (quando a embarcação não tem duplo-fundo).

5. Cunha:

Porão. s.m. Qualquer espaço compreendido entre o convés mais baixo e o teto do duplo-fundo, ou entre o convés mais baixo e o fundo' ' parte inferior de uma casa, entre o chão e o primeiro pavimento'. *prão* XVI. Do ant. *prão*, deriv. do lat. *plānus*, -a -um.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

192. QUEBRAMENTO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: Vamo supô...hoje é dia de lua e a maré ta cheia. Cheia completa. PESQ.: Grande INF.: Ela aumenta amanhã ainda... viu...aí ela diminui...o pescadô chama de quebramento. Aí fica mió pra pega os peixe (Ent. 8, linhas 117, 118, 119, 120)

PESQ.: E essa maré é boa pra pescá como é que chama? INF.: Maré de quebramento (Ent. 8, linhas 121, 122)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Quebramento de cabeça. Ruido, estrondo importuno, & violento, que molesta a quem o ouve. *Tumultus*, ou *strepitus obtundens*, ou *obturbas animum*.

2. Moraes:

Quebramento, s.m. Quebradeira de cabeça. Quebramento de paz. Quebra, rompimento.

3. Laudelino Freire:

Quebramento, s.m De quebrar + mento. Ação ou efeito de quebrar.

4. Aurélio:

Quebramento. [De *quebrar* + *-mento*.] Substantivo masculino. 1. Quebra, rompimento.

5. Cunha:

Quebrar, vb. 'Reduzir a pedaços, fragmentar, despedaçar' XIII. Do lat. *crepãre*. // Quebrantamento XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

193. RABO DE TATU Ncm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQ.: entralhá usa que instrumentos? INF.:é uma agulha... maior... mais grosso... aí bota na corda... chama rabo de tatu PESQ.: rabo de tatu é a corda? INF.:é o cabo seis que a gente usa aqui. (Ent. 2, linhas 205, 206, 207, 208)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Rabo de tatu, s.m. Rebenque de couro entrançado, sem cabo de madeira ou ferro.

4. Aurélio:

Rabo-de-tatu. Substantivo masculino. 1.Bras. Bot. Planta da família das orquidáceas (*Cyrtopodium punctatum*). 2.Bras. Bot. V. *sumaré*. 3.Bras. S. Rebenque feito de couro trançado: “O tenente Galinha deu ordem pra meterem o rabo-de-tatu no preso, que apanhou até correr sangue.” (Francisco Marins, ... e a *Porteira Bateu!*, p. 157.) [Pl.: *rabos-de-tatu*.]

5. Cunha:
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

194. RANCHARIA Nf

1 OCORRÊNCIA

INFORMANTE 1: A raposa é que quando eu cheguei aqui já morava gente... tinha dezessete ranchos de pescaria... não era casa... era assim uma assim um rancho... umas casas velhas... feito de assoalho de pau tirado do mangue... fazia o assoalho e cobria de palha de madeira... fazia as parede de palha e o piso era de peça de pau... tinha vez você pisava aqui e o pé afundava ate aqui... de tão mal feito que era... a gente tinha umas dezessete famílias... a gente era os mais velhos que chegou na Raposa... que morreu e entrou na história... era o C.N... era os mais velho... foi Zé maria castelo... foi doutor lino... foi Z.M.C... doutorL... A.P... e...*PESQUISADORA*: por nome de L. também? *INFORMANTE 1*:L... esses era os home mais velho que chegaram na raposa... Z.M... Z.C... Z.M... era os home mais velho que chegaro aqui... do ceará... né? Do Maranhão tinha um cara aqui... Z.L... que era o chefe morador daqui... dessa Raposa que ... ai C.N quando chegou aqui arranhou uma questão com ele... questão foi essa que foi ino até que disputou e ficou como o chefe daqui da *PESQUISADORA*: ah rancharia que o senhô fala aqui era o rancho velho?*INFORMANTE 1*:era o rancho velho... aí ficou conhecido como o dono da Raposa... ele nunca foi dono... nem primeiro ele foi Ent. 5, linhas 35-48

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Rancho, s.m. da Milic. Naut. A divisão em que se juntam, comem e dormem os da mesma camarada. Brito, Viag. f. 139. As pessoas do rancho. Fig. Bando, facção, parcialidade de poucos: v. g. fci do rancho da carqueja. Casa, ou tenda movível, que se faz pelos caminhos.

3. Laudelino Freire:

Rancho, s.m. Esp. *rancho*. 12. Refeição. 14. Habitação tosca, de palhas.

4. Aurélio:

Rancharia [De *rancho* + *-aria*.] Substantivo feminino. Bras. S. 1.Arranchamento (1). 2.Povoado pobre. [F. paral. (no S.): *rancheria*. Sin. ger.: *rancherio*

5. Cunha:

Rancho, s.m. ‘grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho.’ ‘refeição para soldados ou presos’ XVI. Do cast. *rancho*, deriv. do verbo *rancharse* ou *ranchearse* e, este, do fr. *se ranger*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

194. RANCHO Nm [Ssing]

10 OCORRÊNCIAS

Isso foi os lugá que eles andaru logo...E vinhero pará na Raposa...E quando chegaru aqui...Se deru com a praia, praia muito boa com muito peixe muita qualidade de peixe, uma ilha deserta só com rancho de pescadô e aí ficaru... (Ent. 1, linhas 20, 21, 22)

Não...foru pra Ribamar...aí chegaru lá e disseru “rapaz nós vamo embora pra praia de Raposa botá os curral lá...lá tem muito peixe”...”qual raposa rapá?”...”praia da raposa que o rapaz disse que tinha so um ranchinho de pescadô”...aí eles vinheru e daí continuaru...ficaru e aí começô a imigração...(Ent. 1, linhas 28, 29, 30)

Da onde a gente pesca a gente vê a terra...vê os ranchos...né...hoje a gente as vezes a gente já puxa mais fora por causa do peixe...mas antigamente mermo e quano ta na safra a gente pesca vendo os ranchos, vendo algum gado que tem pela praia, sabe a gente vê aquelas coisa...(Ent. 1, linhas 119, 120, 121, 122).

Raposa que dizem é por causa que teve uma raposa que morreu na beira da costa e os pescadô fico se encontrando lá... se encontrando...lá na raposa, onde a raposa morreu... lá no coisa da raposa... no rancho, que diz que a raposa tem a ver com o rancho... que ia comer, e mataram essa raposa... e aí ficou esse nome de raposa... (Ent. 3, linhas 85, 86, 87, 88)

A Raposa é que quando eu cheguei aqui já morava gente... tinha dezessete ranchos de pescaria... não era casa... era assim uma assim um ranchos... umas casas velhas... feito de assoalho de pau tirado do mangue... fazia o assoalho e cobria de palha de madeira... fazia as parede de palha e o piso era de peça de pau... tinha vez você pisava aqui e o pé afundava ate aqui... de tão mal feito que era...(Ent. 4, linhas 35, 36, 37, 38)

PESQ.: ahh...rancharia que o senhô fala aqui era o ranchos velho? INF.:era o ranchos velho...aí ficou conhecido como o dono da Raposa... ele nunca foi dono... nem primeiro ele fo...(Ent. 4, linhas 46, 47, 48)

() E foram caçando no mangue para fazer ranchos... (Ent. 4, linha 61)

PESQ.: O senhor estava falando que tinha muito guaxinim e raposa...é daí que vem o nome Raposa? INF.: Foi o Maiobeiro... ele tinha um ranchozinho... aí pescava...Ent. 5, linhas 19, 20)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Rancho, s.m. da Milic. Naut. A divisão em que se juntam, comem e dormem os da mesma camarada. Brito, Viag. f. 139. As pessoas do rancho. Fig. Bando, facção, parcialidade de poucos: v. g. fci do rancho da carqueja. Casa, ou tenda móvel, que se faz pelos caminhos.

3. Laudelino Freire:

Rancho, s.m. Esp. *rancho*. 12. Refeição. 14. Habitação tosca, de palhas.

4. Aurélio:

Rancho. [Do esp. *rancho*.] Substantivo masculino. 1.Grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho: rancho de colonos;rancho deromeiros. 2.Acampamento ou barraca para abrigar rancho (1); ranchada. 3.Bando de gente, e, p. ext., de animais.4.Nos quartéis, refeitório. 5.Refeição para muitos. 6.Lugar onde os marinheiros comem. 7.Bras. Folcl. Grupo de pessoas, figurando vários personagens, que cantavam, dançavam e, às vezes, representavam verdadeiros reisados, durante as festas populares do ciclo do Natal. [Cf. *reisado* e *terno*¹ (3).] 8.Bras. Casa ou cabana no campo, nas roças, em canteiro de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores. 9.Bras. Casa pobre, da roça; choça, ranchinho.

5. Cunha:

Rancho, s.m. ‘grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho.’ ‘ refeição para soldados ou presos’ XVI. Do cast. *rancho*, deriv. do verbo *rancharse* ou *ranchearse* e, este, do fr. *se ranger*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

195. RANCHO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQUISADORA: o rancho é com ele ? INF.: o rancho é com ele... quando vai pra uma pescaria ele tira tudo ... despesa... o vale que ele deu para o pescadô... e tira uma comissão por cima... cada quilo de peixe... tem uns que ganham quinze por cento... quinze por cento né...(Ent. 2, linhas 125, 126, 127, 128)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes:

Rancho, s.m. da Milic. Naut. A divisão em que se ajuntam, comem e dormem os da mesma camarada. Brito, Viag. f. 139. As pessoas do rancho. Fig. Bando, facção, parcialidade de poucos: v. g. fci do rancho da carqueja. Casa, ou tenda móvel, que se faz pelos caminhos.

3. Laudelino Freire:

Rancho, s.m. Esp. *rancho*. 12. Refeição. 14. Habitação tosca, de palhas.

4. Aurélio:

Rancho. [Do esp. *rancho*.] Substantivo masculino. 1. Grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho: *rancho de colonos*; *rancho de romeiros*. 2. Acampamento ou barraca para abrigar rancho (1); ranchada. 3. Bando de gente, e, p. ext., de animais. 4. Nos quartéis, refeitório. 5. Refeição para muitos. 6. Lugar onde os marinheiros comem. 7. Bras. Folcl. Grupo de pessoas, figurando vários personagens, que cantavam, dançavam e, às vezes, representavam verdadeiros reisados, durante as festas populares do ciclo do Natal. [Cf. *reisado* e *terno*¹ (3).] 8. Bras. Casa ou cabana no campo, nas roças, em canteiro de obras, etc., para abrigo provisório ou descanso dos trabalhadores. 9. Bras. Casa pobre, da roça; choça, ranchinho.

5. Cunha:

Rancho, s.m. ‘grupo de pessoas em passeio, marcha, jornada ou trabalho.’ ‘refeição para soldados ou presos’ XVI. Do cast. *rancho*, deriv. do verbo *rancharse* ou *ranchearse* e, este, do fr. *se ranger*.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Rancho. s.m. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). alimentação utilizada na embarcação durante a pescaria.

196. RANCHO D’ÁGUA NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

INF.: Esses pexes aí eu quero que venha é com a chuva...lá mesmo onde eu morava passa chuva... era aquela limpeza...limpa e maravilhosa... aí quando a chuva passava tinha os peixinho naquele rancho d’água *PESQ.*: Rancho de água? *INF.*: É a água já no finzinho (Ent. 5, linhas 31, 32, 33, 34, 35)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

197. REBOCAR [V] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Todas..todas..tem essas partes todas...so não tem a vela...// e borda...não é mais como antigamente pra descarrerar. É porque se esse motor der problema... essa vela é que vai trazer a canoa pro porto... se não quiser que reboque ela... tem essa vela...só que não é grandona como era antigamente...é uma proteção da canoa. (Ent. 5, linhas 321, 322, 3323, 324)
É a salvação da canoa... porque se o motor der problema no mar... você tem que ter essa vela pra colocar pra puder correr...se não tiver quem reboque... tem que vir por essa proteção (Ent. 5, linhas 326, 327)

Registro em dicionários:

<p>1. Bluteau: <u>Reboque</u> A corda, que se ata ao navio, para o rebocar. Remulcus,i.</p> <p>2. Moraes: <u>Rebóque</u>, s.m. A toa, ou sirga com que se reboca o navio; o ato de rebocar.</p> <p>3. Laudelino Freire: Rebocar, v. tr. dir. Lat <i>remulcare</i>. Dar reboque a; levar a reboque: “e, para o pescador é só o trabalho de as rebocar à praia” (C. Neto).</p> <p>4. Aurélio: <u>Rebocar</u>¹. [Do lat. <i>revocare</i>, ‘chamar de novo, novamente (as paredes) ao primitivo estado de beleza’.] Verbo transitivo direto. 1.Revestir de reboco: <i>O pedreiro já rebocou a parede.</i></p> <p>5. Cunha: <u>Rebocar</u>². vb. ‘revestir de reboco’ 1813. Do lat. *<i>remulcare</i></p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p> <p>7. Santos: n/e</p>

<p>198. RECIFE Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA</p> <p>() e quando eles saíru chegaru num lugá chamado as pedra..aonde tinha um... uma..um <u>refice</u> de pedra que botava fora do mar que vinha as pedra pro seco né (Ent. 1, linhas 175, 176, 177)</p> <hr/> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: <u>Recife</u> Penedia seguida, mais, ou menos alta que a superfície do mar, ao longo da costa, deyxando entre si, & a terra firme hum esteiro. Muyta parte da costa do Brasil tem recifes. Tambem há recifes nas praias dos rios. Vid. Arrecife.</p> <p>2. Moraes: <u>Recife</u>, s.m. lanço de penedia ao longo da costa, mais ou menos alto que o nível do mar, entre o qual, e entre a praia, corre hum estreito de água, ou praia nua.</p> <p>3. Laudelino Freire: <u>Recife</u>, s.m. Ár. <i>ar</i> + <i>recif</i>. Um ou mais rochedos no mar, à flor da água ou perto da costa.</p> <p>4. Aurélio: <u>Recife</u>. [Do ár. <i>ra</i>, <i>Cf</i>, ‘sólido’, ‘firme’ (adj.); ‘caminho pavimentado’ (subst.)] Substantivo masculino. 1.Rochedo ou série de rochedos situados próximos à costa ou a ela diretamente ligados, submersos ou a pequena altura do nível do mar. [Os recifes podem ser constituídos de arenito, resultantes da consolidação de antigas praias, ou de formações coralíneas, resultantes do acúmulo de carapaças de certos animais marinhos associado a crostas de algas calcárias.]</p> <p>5. Cunha: <u>Recife</u>. s.m. ‘rochedo ou série de rochedos situados próximos à costa ou a ela diretamente ligados, submersos ou à pequena altura do nível do mar. XVI</p> <p>6. Amadeu Amaral: n/e</p> <p>7. Santos: n/e</p>

<p>199. REDE ~REDINHA Nf [Ssing] _____ 117 OCORRÊNCIAS</p> <p><i>Redes... entralhando redes... remendo redes PESQ.: entralhar redes é o trabalho mesmo de tecer... né INF.: entralhar é diferente... que hoje em dias as pessoas quase não tão mandando mais fazer redes... hoje tá mandando da fábrica (Ent. 2, linhas 196, 197, 198, 199)</i></p> <p><i>PESQ.: ahh ta pega essa rede... bota no rabo de tatu... aí pega a bóia... chumbo e vai (Ent. 2, linha 212)</i></p> <p><i>PESQ.: agulha com o náilon sessenta... aí esse entralhá é juntá uma rede na outra (Ent. 2, linha 221)</i></p> <p><i>INF.: a gente pega o começo da rede que tava aqui vai entralhando... certo... todo entralho desses tem que botá duas malha (Ent. 2, linhas 224, 225)</i></p>

PESQ.: ah entendi... é como se você estivesse costurando a rede de um jeito diferente... deixando mais forte... INF.: ai quando termina de entralhá ta no ponto de butá n'água (Ent. 2, linhas 228, 229, 230)

PESQ.: o chumbo como é que eu vô... a rede ta entralhada... como é que eu boto o chumbo (Ent. 2, linha 233)

INF.: rapaz... de barco é mais sofrido que fica uns tempo la fora tratano direto... tirano rede... botano rede... quando dá conserta... salva peixe (Ent. 2, linhas 258, 259)

PESQ.: então quando você vai pescá de barco pode sê de linha. INF.: de linha. PESQ.: pode ser de rede? INF.: de rede... pode ser também de espinhel (Ent. 2, linhas 266, 267, 268)

PESQ.: eu pego um anzol e boto uma rede... várias iscas nessa rede (Ent. 2, linha 279)

INF.: ai nos conseguimos voltar pra berada... perdemo os peixe todo... eu quase morro ainda... que a nossa rede saiu toda da canoa enganchou numa muruada muito alto... né? (Ent. 2, linhas 352, 353)

INF.: ninguém... acho que eles pensaro que era uma brincadera... tipo uma pegadinha... quando eu subi lá fiquei desenganchando... quando a rede saiu do pau... que o pau tava torto... ele saiu de lá... pegou isso aqui meu... cá... e era lá em cima... muito longe (Ent. 2, linhas 359, 360, 361)

INF.: não... que a rede saiu do barco... pegou nas berada na muruada... as muruada é onde eles bota puçá pra pegá camarão (Ent. 2, linhas 370, 371)

INF.: e a rede por lá... pela ponta do pau assim (Ent. 2, linha 375)

INF.: tirei a rede o pau deu um impacto de lá pra cá (Ent. 2, linha 377)

INF.: muruada é assim um pau aqui... outro ali... bem aqui assim... aí eles vêm quando a maré começa a vazá eles vêm com as puçá PESQ.: as redes INF.: precisa pôr rede não... pra pegá camarão é assim? (Ent. 2, linhas 379, 380, 381, 382)

INF.: não... 'cê põe uma rede mesmo com um rabão lá atrás... o peso afunda com /... os camarão vão entrando e não ficando... tem que tirar... que eles faz/ no norte que pesca (Ent. 2, linhas 384, 385)

PESQ.: com medo de ver... tá certo... deixa eu vê o que mais... ah eu queria saber como é que o senhô localiza o lugar que é bom pra pescá INF.: é bom pra pescá? Mas assim de rede ou qualqué pescaria (Ent. 2, linhas 407, 408, 409)

você chegava para pescá... jogava a rede... era mais sorte... hoje não... já tem uns barco que trouxero equipamento... pega cardume (Ent. 3, linhas 95,96)

INF.: mergulhá... e a rede em cima e outro lá mergulhano PESQ.: ahhh... é perigoso INFORMANTE 2: aí você pega a rede... PESQ.: e vocês esperam quanto tempo para pescá a rede? (Ent. 3... linhas 192, 293, 194, 195)

PESQ.: vamos supô... você bota o curral agora... bota a rede... daí a quanto tempo eu posso tirá?

INF.: você bota o curral agora... pega a rede... na maré...na baixa má...na baixa má você tem que tá lá a mode tirá a rede...mode tirá é qualquer maré... que fez...fez... volta lá no outro dia (Ent. 3, linhas 198, 199, 200)

é trinta braça... é cinco ou seis homem pra colocar o pau...porque a rede é muito é pesada... é um trabalho é muito é pesado (Ent. 3, linhas 204, 205)

PESQ.: quais são os materiais usados no curral? É madeira e arame? () INF.: mader e arame

PESQ.: rede não leva? INF.: não...não... rapaz... leva até um poquinho de rede a sala...pra substitui o arame (Ent. 3, linhas 221, 222, 223, 224)

INF.: a rede é pra tirá o peixe... a rede você vai usá para tirá do arame (Ent. 3, linha 230)

PESQ.: Em relação a rede... seu E.... quais são os tipos de rede que tem aqui... seu Elias... que eu já ouvi falar em gozera (Ent. 3, linhas 235, 236)

PESQ.: certo... a sua esposa é a única que eu vi que ajuda a tecê as redes INF.: meus filho tudo sabe pescá que eu ensinei eles a pescá bem... não tem nenhum filho formado que sabe fazê... só pescá

PESQ.: e a sua esposa lhe ajuda com as redes também? INF.: ela vai tecendo... ela tece... meus filhos tecem... ela faz renda... ela é rendera (Ent. 3, linhas 279, 280, 281, 282, 283, 284)

INF.: um ajudano o otro... não tem nada disso não... agora nesses barco grande tem o que conserva o peixe... que a gente chama o gelero... via pra que lá pra gelar PESQ.: ahhh INF.: mas ele também vai ajudá a puxá rede... PESQ.: ele também pesca...bota rede... (Ent. 3, linhas 302, 303, 304, 305, 306)

PESQ.: ah... já perguntei das redes... quais são os tipos de rede... eu queria saber também anzol... quais são os tipos de anzol? (Ent. 3, linhas 310, 311)

PESQ.: o senhor pesca mais de rede? (Ent. 3, linha 313)

PESQ.: não tinha necessidade disso... não tinha precisão? ah e outra coisa também... o tipo de rede o senhor já me falou e é o tipo de rede que tem aqui... o senhor saberia me listar? (Ent. 3, linhas 386, 387)

INF.: O F. já tem trinta e nove... outro tem trinta e oito... o F. tem trinta e três...são pescadô... documento de pescadô... tão pescando fora... na berada de rede na canoa... mas de qualquer jeito sobrevive da pesca... (Ent. 3, linhas 480, 481, 482)

PESQ.: então chamava de gozera era isso... era a rede de pesca (Ent. 4, linha 24)

INF.:foi ficando cheio de redes...// muita gozera... .. essa rede gozera? INF.:essas redes fininhas... pega pescadinha gó... e foi enchendo e espantando... o peixe vai se espantando... espinhel chegando pra fora... agora você vê. Raposa tem muito peixe... mas nem todo peixe você tem na Raposa (Ent. 4, linhas 70, 71, 72, 73, 74)

INF.:pra sair é só dentro da mão da gente... você tem que ir la com uma rede... um sobe na boca do curral... dois cinto na boca... bota o culão la na frente... sobe em cima boa o calão (Ent. 4, linhas 95, 96)

INF.: calão é uma peça de pau que vai na rede... se o curral for fundo... você pega na ponta... mergulhando por baixo... até encontrar calão por calão...// ...até ficar assim... leva pra canoa... (Ent. 4, linhas 98, 99)

INF.:pesquera era é isso aqui... isso aqui ta feito a pesquera. É uma casa velha cheia de rede... cheia de bagulho... cheia de...corda (Ent. 4, linhas 161,162)

O sujeito tem uma canoinha dessas... boca aberta... vai pescar... vamos supô... some daqui da praia... não viu mais nada... mar prum lado... não viu mais nada... bota a rede... aí a maré vazou você vai tirar a rede o cara fala tira a rede... tira a rede... naquele momento pode acontecer uma marisia dessa que ela vai pro fundo... mesmo que você fique se agarrando nela... você afunda... // você vai ficar em cima d'água... solto... o peixe... come... de se alagá... puxando peixe... (Ent. 4, linhas 170, 171, 172, 173, 174)

INF.: boquero pega a gente e larga a rede... a gente ... vai na rede... os dois enrola a rede... vai num... viral... viral é dois pau aqui... ali... bota a rede no meio... daí... (Ent. 4... linhas 191, 192)

PESQ.: deixe eu lhe perguntar uma coisa em relação aos tipos de rede seu Z... qual os tipos de rede que eu posso dizer que tem aqui? Gozera... é tijubeira ou sajubera? (Ent. 4... linhas 201, 202)

INF.:que é a rede que pesca tainha a pitiu... tainhera... pode ser tainhera (Ent. 4, linha 206)

PESQ.: Outra coisa que eu queria lhe perguntar... que me chamou a atenção aqui na Raposa... foi a pesca de curral e os tipos de rede que tem. Me explica um pouquinho como é essa pesca de curral...(Ent.5, linhas 124, 125)

PESQ.: E outra coisa. Já vi aqui que tem muito tipo de rede. Tem muita rede. Variedade de rede. Por exemplo... para pescar peixe go aqui... usa qual... (Ent.5, linhas 161... 162)

INF.: Mas para cada pesca tem uma rede. Para pescar peixe go... INF.: Se tiver pedaço de rede

PESQ.: Essa que elas estão fazendo aqui... qual rede é essa aqui? INF.: Aí é para pegar é o cambel... é o (inaudível). É esses pexes miúdos PESQ.: Mas aí tem algum nome especial para essa rede... que a gente chama? Chama essa rede por algum nome? Ou não... (Ent.5, linhas 164, 165, 166, 167, 168, 169)

PESQ.: Mas... aqui para pescar peixe go aqui é gozera. Essa daí tem algum nome... essa rede.(Ent.5, linha 171)

PESQ.: E para pescar camarão... tem alguma rede?...(Ent.5, linha 179)

PESQ.: Sim...o senhô... o senhô estava falando sobre a pesca de puçá...uma coisa que me chamou a atenção aqui na Raposa foi que eu vi vários tipos de rede... por exemplo... ahh eu vou pescar peixe gó... uso gozera... pescadêra... aí que queria que o senhô me falasse um pouquinho só mais de duas coisas: os tipos de pesca que o senhô conhece aqui... que o senhô sabe que tem aqui e os tipos de rede? (Ent. 6, linhas 1, 2, 3, 4)

INF.: é porque a puçá é o seguinte... a puçá é uma rede é essa barbinha... aí vai um deste lado (Ent. 6, linha 10)

INF.: é feito de nailo mesmo... dessas rede de pescar... PESQ.: mas ele é uma rede... não? PESQ.: mas ele é uma rede... não INF.: hein PESQ.: ele é uma rede... não INF.: é uma redinha... é uma redinha... agora... só que fica profunda.. a gente faz a finca (Ent. 6, linhas 73, 74, 75, 76, 77)

INF.: porque essas águas de lançamento... que são as águas grandes já... aguas de agosto... setembro... se alavancando de água... aí elas são pesadas... muitos pescador num qué nem pescar...

num vão nem pescar... eles ficam pra remendar rede... pra fazer isso... aquilo outro... pra ajeitar... que quando maré quebra... com três dias ... maré quebrou ... você pode ir pescar tranquilo (Ent. 6, linhas 126, 127, 128, 129)

INF.: é... é isso aí... é que nós medimos pra butá de um espinhel pra outro... tanto a rede... é medida por braça PESQ.: ahhh sei INF.: que é pra formar o pano da rede (Ent. 6, linhas 152, 153, 154, 155) PESQ.: e outra coisa... o que é que diferencia... qual é a diferença quando eu falo assim: “ ahh essa rede é gózera... essa rede é pescadera” o que é que diferencia uma pra outra? (Ent. 6... linhas 159... 160)

INF.: por que a rede ta na malha e no nailo... porque a gozera é um tipo de malha... a pescadera já é outro tipo de malha... malha maior... que é pro peixe graúdo... a camaroera... já é pro camarão (Ent. 6, , linhas 163, 164)

INF.: tanto pega camarão... quanto pega gó... mas agora já... agora também que a gozera que nos chamamos que as malhas são menor... porque os peixe é miúdo... de acordo com o tamanho do peixe que o cara quer que é a malha da rede (Ent. 6, linhas 166, 167, 168)

INF.: todo tipo de pesca de rede eu já... desde pequeno eu já..... doze anos (Ent. 7, linha 32)

PESQ.: quais são os tipos de pescaria...os tipos de rede que tem aqui... seu... (Ent. 7, linha 34)

PESQ.: ahh tipo rede... quando pesca e trás (Ent. 7, linha 50)

INF.: tem várias marcas... marcas... é só uma rede só... mas tem vários nomes...tem a pitiu... aquelas miudinhas... dá demais... né? Tem a sajuba... que é maior... tem umas tainha que vem lá do Pará (Ent. 7, linhas 88, 89)

INF.: É. Quando eu cheguei aqui a pescaria era curral...pegarra muito peixe...depois foi que surgiu a pescaria de rede...de nailo (Ent. 8, linhas 79, 80)

PESQ.: Aí... outra coisa que me chamou a atenção aqui foi rede. La..la..la na capital faz a rede de pesca só. Aqui não... pra pescar peixe de gó tem a gozeira...quais são os tipos de rede que tem... seu Valdemar? (Ent. 8, linhas 84, 85)

INF.: A rede era de fio..quando eu cheguei aqui era de fio... não era de nailo. Ai fazia essa rede de fio... tecia com esse fio de novelho aí fazia a rede...depois foi que chegaro... viero o nailo.. (Ent. 8, linhas 88, 89)

INF.: Eu vi duas pessoa arrastano uma rede de camaroera. Uma rede de puçá... O puçá que pega o camarão piticaia... o branco. Só tava que tava bem aqui cobrindo o pé... aí eu disse “Meu deus essa rede não chega desse jeito?” (Ent. 8, linhas 146, 147, 148)

PESQ.: de madeira mas tem alguma rede de um lado e de outro INF.: não... não tem rede (Ent. 8, linhas 216, 217)

INF.: só tem rede inté nessa linha (Ent. 8, linha 219)

PESQ.: ave Maria... gente. Porque a rede é o trabalho mais fácil... ne? Agora também isso dura... dura tempo um curral desse... né... (Ent. 8, linhas 272, 273)

INF.: é facinho. Vai chega um e bota a rede na bota. Fica assim... viu. Fica uma pessoa um home bem aqui (Ent. 8, linhas 297, 298)

INF.: bem aqui ele chega... ele abra a rede... chega outro ele tira. Você pega a rede aqui e sai por lá (Ent. 8, linha 300)

INF.: aí chega... derruba a rede... puxa com a canoa... cê bem aqui (Ent. 8, linha 304)

PESQ.: AH...S...então tá certo...Seu D. por exemplo... essa rede que o senhor tá fazendo aqui qual o nome dela (Ent. 9, linhas 10, 11)

PESQ.: AH...e se eu quiser pescá pescada? Aí já vai ter outra rede (Ent. 9, linha 15)

INF.: outra rede...pra pescada...pra pescada amarela já vai ser outro tipo de rede...zero cem...zero cem...essa aqui é a zero quarenta...aí tem a zero cem que é pra pescada...tem a zero noventa (Ent. 9, linhas 16, 17)

INF.: e tem a pituzera e tem a puçá e tem..varios tipo de rede né (Ent. 9, linha 26)

INF.: raspá com a rede (Ent. 9, linha 39)

INF.: raspá com a rede (Ent. 9, linha 43)

PESQ.: hum...e o senhô é mais...o senhô trabalha mais com rede (Ent. 9, linha 55)

PESQ.: e o senhô usa o que pra tecê essa rede (Ent. 9, linha 57)

INF.: não não...eu tenho uma rede na canoa porque tem umas aqui que a gente ia pra consertá sabe (Ent. 9, linha 68)

PESQ.: me fala uma coisa voces...a sua família pesca mais de curral ne...mas quem pesca de ..quem pesca de...é...rede... quais os tipos de rede que tem (Ent.10, linhas 171, 172)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rede instrumento de fios tecidos em malhas, do qual usaõ pescadores, & caçadores. Rede de vittola, & malhao, he a rede permitida aos pescadores. Telóes, Trasmalho, Lução, Gabrito, Chichorro &c, saõ outras redes, das quaes se fallarà nos seus lugares Alfabeticos. *Rete, is.*

Rede de pescar *Rete piscatorium.*

2. Moraes:

Rede, s. f. Tecido de malha mais, ou menos larga, para pescar peixes, tomar aves, que se enredão nella, e não podem trasmalhar-se. V. Telóes, Trasmalho, Lução, Gabrito, Chichorro, que são espécies de rede: e V. Varredoura. V. Tarrafa. V. Chumbeira, que são a mesma sorte de redes.

3. Laudelino Freire:

Rede, s.f. Lat retis. Tecido de malhas largas para apanhar peixes ou aves.

4. Aurélio:

Rede. (ê) [Do lat. *rete*.] Substantivo feminino. 1.Entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames, etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas [v. *malha*¹ (1)], formando uma espécie de tecido. 2.P. ext. Qualquer dos dispositivos feitos de rede, utilizados para apanhar peixes, pássaros, insetos, etc. 3.P. ext. Fig. Cilada, armadilha.

5. Cunha:

Rede. Sf. 'entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido'. XIII. *rrede* XIII. Do lat. *rete-is*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Rede s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). malhas utilizadas na pesca.

200. REDE DE PUÇÁ Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____1 OCORRÊNCIA

INF.: Eu vi duas pessoa arrastano uma rede de camaroeira. Uma rede de puçá... O puçá que pega o camarão pitiucaia.... o branco. (Ent. 8, linhas 146, 147)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Rede instrumento de fios tecidos em malhas, do qual usaõ pescadores, & caçadores. Rede de vittola, & malhao, he a rede permitida aos pescadores. Telóes, Trasmalho, Lução, Gabrito, Chichorro &c, saõ outras redes, das quaes se fallarà nos seus lugares Alfabeticos. *Rete, is.*

Rede de pescar *Rete piscatorium.*

2. Moraes:

Rede, s. f. Tecido de malha mais, ou menos larga, para pescar peixes, tomar aves, que se enredão nella, e não podem trasmalhar-se. V. Telóes, Trasmalho, Lução, Gabrito, Chichorro, que são espécies de rede: e V. Varredoura. V. Tarrafa. V. Chumbeira, que são a mesma sorte de redes.

3. Laudelino Freire:

Rede, s.f. Lat retis. Tecido de malhas largas para apanhar peixes ou aves.

4. Aurélio:

Rede. (ê) [Do lat. *rete*.] Substantivo feminino. 1.Entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames, etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas [v. *malha*¹ (1)], formando uma espécie de tecido. 2.P. ext. Qualquer dos dispositivos feitos de rede, utilizados para apanhar peixes, pássaros, insetos, etc. 3.P. ext. Fig. Cilada, armadilha.

5. Cunha:

Rede. Sf. 'entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, arames etc., com aberturas regulares, fixadas por malhas, formando uma espécie de tecido'. XIII. *rrede* XIII. Do lat. *rete-is*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:
Rede s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). malhas utilizadas na pesca.

201. REFUGAR [V] _____ **1 OCORRÊNCIA**

Que tinha a história do Jão de Uma, tinha a historia do corre berada, tinha a história de isso, tinha a historia daquilo...aí eles disseru assim..”IXE”...todo mundo...ja moradô daqui, já conhecia as parada...não é?...mas continuaru...aí o jumento refugaru que quando eles...eles..eles sempre levavu a lanterna sabe aquela colonização...aquele povo sem cultura...é...de..de letras (Ent. 1, linhas 190. 191, 192, 193)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Refugar deytar como cousa de refugo, ou rebotalho. Vid. Regeytar.

2. Moraes:

Refugar, v. at. Separar o máo, ou medíocre do bem; v.g. refugai essa telha; essa fruta; fig. Esses versos. V. Refogar.

3. Laudelino Freire:

Refugar, v. r. v. Lat *refugare*. 4. Separar, apartar (o gado) (tr. dir.). 5. Esquivar-se a entrar em (a mangueira, a porteira) (tr. dir.).

4. Aurélio:

Refugar. [Do lat. *refugare*.] Verbo transitivo direto. 1.Pôr de lado como inútil ou desinteressante; rejeitar, desprezar: *O merceeiro refugou a maior parte dos comestíveis recebidos*. 2.Bras. S. Separar, apartar (o gado, etc.). 3.Bras. S. Esquivar-se (o animal) a entrar em (a mangueira³). Verbo intransitivo. 4.Bras. Negar-se (o animal) a seguir, priscando ou fugindo para um dos lados: Verbo intransitivo. 4.Bras. Negar-se (o animal) a seguir, priscando ou fugindo para um dos lados: “a moça fustigou o cavalo, que refugou.” (José de Alencar, *Sonhos d’Ouro*, p. 113). [Conjug.: v. *largar*. Cf. *refogar*.]

5. Cunha:

Fuga sf. ‘Saída, escapatória, retirada, subetrfúgio’ XVII. Do lat. *fuga* / *Refugar* / *Rrefugar* XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Refugar v. tdse (dhlp; mmdlp; nalp) rejeitar a isca.

202. REMANSO Nm [Ssing] _____ **1 OCORRÊNCIA**

() Agora... já teve aí... já teve muitos alia poucos tempos... teve uma embarcação que o navio bateu ali afora... aí só escapou um...esse que escapou foi puquê viu uma embarcação... a canoa que tava fora aí caçou... nadou... nadou...teve a sorte. Um outro morreu...que resolveu nadar pro outro lado no remanso duma pedra eles só acharam a cabeça que mar comeu... um pexe comeu a outra parte...e o outro só acharam o corpo... (Ent. 5, linhas 354, 355, 356, 357)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Remanso, s.m. Nos rios, e no mar, chama-se remanso a porção d’aguas que banha alguma parte curva, e quase huma pequena enseiada, sem ter movimento sensível.

3. Laudelino Freire:

Remanso, s.m. Lat. *remansus*. Porção de água estagnada ou que não tem movimento sensível. 5. Porção de água que nos rios banha uma volta ou curva sem movimento sensível.

4. Aurélio:

Remanso [Do lat. *remansu*, ‘parado’.] Substantivo masculino. 1.Cessaçãõ de movimento; parada, pausa, repouso. 2.Paz, sossego, tranqüilidade, quietaçãõ. 3.Água estagnada. 4.Bras. Amaz.

Contracorrente junto às margens de um rio, causada por pontas de terra, fins de praias, enseadas, onde o ângulo morto produz uma espécie de refluxo fluvial. 5.Bras. PA Correnteza na margem oposta à do canal do rio. 6.Bras. MA Trecho em que o rio se alarga, diminuindo o ímpeto da correnteza.

5. Cunha:

Remanso, s.m 'cessação de movimento' 'paz, tranquilidade' XVI. Do lat. *remansus*, part. pass. de *remanere*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

203. REMER [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: redes... entralhando redes... remendo redes PESQ.: entralhar redes é o trabalho mesmo de tecer... né INF.: entralhar é diferente... que hoje em dias as pessoas quase não tão mandando mais fazer redes... hoje tá mandando da fábrica (Ent. 2, linhas 196, 197, 198, 199)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

204. REMOSO [ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: os dois (risos)..tudo é bom /...mas o camarão branco é o melho...que diz que não é venenoso né PESQ.: é o grande INF.: é..o pituicaia que / o pequeninim' que diz que é venenoso né PESQ.: é que é mais INF.: é mais remoso (Ent. 9, linhas 149, 150, 151, 152, 153, 154)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

205. REPRESAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: e a maré boa pra pescar como é que chama INF.: a maré de quarto que nos chamamos PESQ.: de quarto INF.: é... ela é de quarto ela é boa pra pescar PESQ.: ela é cheia? INF.: num é... e a maré de quarto é boa... que ela represa muito... e é muito boa pra pescaria (Ent. 6, linhas 95, 96, 97, 98, 99, 100)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Represar a água. Detella, que não passe adiante, como nos moinhos, diques & outras cousas semelhantes, que impedem o curso deste elemento. *Moles facta, aqua coercere*. Ouvid.

2. Moraes:

Represár, v.at. Deter o curso d'água, com dique &c.

3. Laudelino Freire:

Represar, v. r. v. De represa + ar. Fazer reprêsa em; deter o curso de; não deixar correr a vontade (falando de líquidos) (tr.dir; bitr.; com prep. com): "Represar um rio".

4. Aurélio:

Represar. [Do lat. *reprehensare*.] Verbo transitivo direto. 1.Deter o curso de (águas); fazer parar; reter: "Um açude tosco represava as águas, desviando-as para um canal aberto na margem." (Eduardo Frieiro, *O Mameluco Boaventura*, p. 38.)

5. Cunha:

Represar. vb. Deter o curso das águas ' reprimir, conter' XVI. Do lat. *raphepsãre*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

206. ROLAÇÃO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: o primeiro curral que o cearense colocou a rolação...que é aquele mar forte... né? Levou... né? E ele disse que nunca mais que aquele mar forte enganava ele...Mas ele veio e tornô de novo... né? PESQUISADORA: botou o curral? A rolação é a mesma coisa... né? INF.: é erosão. PESQUISADORA: erosão? INF.: erosão que chama (Ent. 8, linhas 230, 231, 232, 233, 234, 235)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Rolação, em vez de Relação. F. Mendes e outros antigos.

3. Laudelino Freire:

Rolamento, s.m. De rolar + mento. Ato de rolar ou de ser impelido pelo rolo das águas (falando-se de navio).

4. Aurélio: n/e

5. Cunha:

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

207. RUIDOR [ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: porque essa maré de quarto não se dá maior problema ... e até no alto mar ela é mais branda... já a maré de crescimento... é uma maré lançante... que nos chamamos PESQ.: ou lançamento... tudo a mesma coisa? INF.: ...essa aí é mais ruidor mesmo...é mais ruim de pesca (Ent. 6, linhas 118, 119, 120, 121)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

208. SAJUBA Nf [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

Anchova...anchova... lá é anchova...tainha...tem vários tipo de tainha... tem a sajuba tem a pitiu.. tem a curimã...tem esses tipos de tainha... (Ent. 3, linhas 401, 402)

Aí pra pescar vamos supor... sajuba (Ent.8, linha 63)

() Pra pescada é zero cem... pra serra é a sessenta... e pra gó é a quarenta e sajuba é a zero trinta... trinta e cinco (Ent.7, linhas 66, 67)

Tem várias marca... marca... é só uma rede só... mas tem vários nome...tem a pituu... aquelas miudinha... dá demais... né? Tem a sajuba... que é maior... tem umas tainha que vem lá do Pará... umas tainha desse tamanha...aquilo é quando chove... no mar mais que tem (Ent.7, linhas 88, 89, 90)

PESQ.:Ah... pá pescar peixe de pesca, pesqueira...peixe de serra, serrera? Sajuba por exemplo? INF.: Sajubera...é o nailo... quarenta mais cinquenta (Ent.8, linhas 92, 93)

() A tainha...tem a sajuba...tem a urixoca e tem a pituu (Ent.8, linha 368)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Sajuba, s.f. Varietidae de tainha, de olho amarelo.

4. Aurélio:
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

209. SAJUBERA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.:Ah... pá pescar peixe de pesca, pesquera...peixe de serra, serrera? Sajuba, por exemplo? INF.: Sajubera...é o nailo... quarenta mais cinquenta (Ent.8, linhas 92, 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

210. SALA Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

PESQ.: e deixa eu lhe perguntá umas coisa aí... e as partes do curral... é a sala...a sala (Ent. 3, linha 206)

INF.: é...aqui que não faz muito... mas no Ceará.. aqui que... chiquero falso... tem o chiquero falso... tem o chiquero grande... tem a salinha... tem a sala grande e a espia... isso depende do material (Ent. 4, linhas 217, 218)

INF.:é uma arvore do mato... ela tem uma cera que a gente faz aqueles fumadô de igreja... tinha tanto camaleão que se você passava eles tavam pendurado no rabo assim... se fosse pegá camaleão você enchia essa sala assim só de camaleão... camaleão demais... e raposa e guaxinim (Ent. 4, linhas 57, 58, 59)

INF.: é difícil... porque ele entra no curral pela sala e não sai... depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha ... depois ele cai dentro do chiquero... e depois que ele tá dentro do chiquero... (Ent. 4, linhas 90, 91, 92, 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Sala Casa, anterior & espaçosa, assim chamada do Hebraico sala, que val o mesmo que Descançar, porque na sala se costuma descansar, & esperar ate que venha a pessoa, com quem se há de falar, & tambem ha salas em PalAcios de Principes, em que descansão e dormem os guardas. Sala para comer.

Coenatio, onis

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Sala, s. f. Ant. alt. AL. saal. Compartimento principal de uma casa, geralmente destinado aos usos da vida externa e social. 8. Parte da caiçara onde permanece o gado.

4. Aurélio:

Sala. [Do germ. *sal*, 'habitação com apenas uma vasta peça de recepção', pelo provenç. *sala*.] Substantivo feminino. 1.O compartimento principal duma casa, dum apartamento. 2.O compartimento onde se fazem as refeições ou se recebem as visitas. 3.Qualquer compartimento, mais ou menos amplo, duma casa, dum apartamento. 4.Conjunto dos móveis e da decoração de uma sala: sala colonial. 5.Compartimento vasto, num edifício aberto ao público: sala de conferências; salas de aula; as salas de um museu. 6.Recinto apropriado para o exercício de alguma função: consultório com três salas; sala de audiências. [Dim. irreg.: *saleta*.] 7.Local onde um artista, uma orquestra, uma companhia teatral, etc., se apresenta ao público; sala de espetáculo: Sala Cecília Meireles (no RJ). 8.Bras. Sala de aula; classe: Na minha sala há vários estudantes com mais de 30 anos; Essa matéria não foi dada em sala. 9.Bras. Os alunos que a freqüentam; classe, turma: Toda a sala se retirou, em sinal de protesto. 10.Bras. N. O primeiro dos compartimentos de um curral-de-peixe (q. v.).

5. Cunha:

Sala, s. f. 'o compartimento principal duma casa, dum apartamento etc'. XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

211. SALA GRANDE Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 9 OCORRÊNCIAS

() *É...aqui que não faz muito, mas no Ceará.. aqui que... chiquero falso, tem o chiquero falso, tem o chiquero grande, tem a salinha, tem a sala grande e a espia... isso depende do material* (Ent. 4, linhas 217, 218)

É difícil... porque ele entra no curral pela sala e não sai... depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha ... depois ele cai dentro do chiquero... e depois que ele ta dentro do chiquero (Ent. 4, linhas 90, 91, 92, 93)

PESQ.: Aí o curral é formado de quais partes? Tem a entrada dele? INF.: Aí a gente enfia uma madeira lá todinha... que fica em pé... e trás outra cumprida... e amarra assim todinha. Faz uma parte redonda do chiquero. Faz uma parte... faz de 20... faz de 30. Aí faz uma salinha. De um lado e de outro as duas salinhas. E o chiquero é acolá mais no fundo. E aqui a gente faz uma sala grande

PESQ.: Sala grande INF.: De lá e acolá e aqui... quando elas terminar... de sala grande... aí de 30... de 40... de 50... 60 (Ent. 5, linhas 149, 150, 151, 152, 153, 154)

Chiquer...salinha...sala grande e espia (Ent. 8, linhas 196)

PESQ.: continuação da entrevista/ Agora o seu...seu Valdemar ta desenhanu um curral pra mim. Então, ali em cima o chiquero. INF.: aqui a salinha. PESQ.: salinha INF.: Aqui a sala grande... isso aqui a espia (Ent. 8, linhas 200, 201, 202, 203, 204)

É...passa aqui na sala grande...vem aqui na salinha e vem morrer aqui em cima (Ent. 8, linhas (Ent. 8, linha 208)

Pega aqui a espia do curral e sai ali, olhe. Passou aqui na sala grande...entrou aqui na salinha e vem morrer no chiquero (Ent. 8, linhas 212, 213)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Sala Casa, anterior & espaçosa, assim chamada do Hebraico sala, que val o mesmo que Descançar, porque na sala se costuma descansar, & esperar ate que venha a pessoa, com quem se há de falar, &

tambem ha salas em PalAcios de Principes, em que descansão e dormem os guardas. Sala para comer. *Coenatio, onis*

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Sala, s. f. Ant. alt. AL. saal. Compartimento principal de uma casa, geralmente destinado aos usos da vida externa e social. 8. Parte da caixara onde permanece o gado.

4. Aurélio:

Sala. [Do germ. *sal*, ‘habitação com apenas uma vasta peça de recepção’, pelo provenç. *sala*.] Substantivo feminino. 1.O compartimento principal duma casa, dum apartamento. 2.O compartimento onde se fazem as refeições ou se recebem as visitas. 3.Qualquer compartimento, mais ou menos amplo, duma casa, dum apartamento. 4.Conjunto dos móveis e da decoração de uma sala: sala colonial. 5.Compartimento vasto, num edifício aberto ao público: sala de conferências; salas de aula; as salas de um museu. 6.Recinto apropriado para o exercício de alguma função: consultório com três salas; sala de audiências. [Dim. irreg.: *saleta*.] 7.Local onde um artista, uma orquestra, uma companhia teatral, etc., se apresenta ao público; sala de espetáculo: Sala Cecília Meireles (no RJ). 8.Bras. Sala de aula; classe: *Na minha sala há vários estudantes com mais de 30 anos*; *Essa matéria não foi dada em sala*. 9.Bras. Os alunos que a frequentam; classe, turma: *Toda a sala se retirou, em sinal de protesto*. 10.Bras. N. O primeiro dos compartimentos de um curral-de-peixe (q. v.).

5. Cunha:

Sala, s. f. ‘ o compartimento principal duma casa, dum apartamento etc’ . XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

212. SALINHA Nf [Ssing] _____ 8 OCORRÊNCIAS

() *É...aqui que não faz muito, mas no Ceará.. aqui que... chiquero falso...tem o chiquero falso tem o chiquero grande...tem a salinha... tem a sala grande e a espia... isso depende do material* (Ent. 3, linhas 217, 218)

É difícil... porque ele entra no curral pela sala e não sai... depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha ... depois ele cai dentro do chiquero... e depois que ele ta dentro do chiquero (Ent. 4, linhas 90, 91, 92, 93)

PESQ.: Aí o curral é formado de quais partes? Tem a entrada dele? INF.: Aí a gente enfia uma madeira lá todinha... que fica em pé... e trás outra cumprida... e amarra assim todinha. Faz uma parte redonda do chiquero. Faz uma parte... faz de 20... faz de 30. Aí faz uma salinha. De um lado e de outro as duas salinhas. E o chiquero é acolá mais no fundo. E aqui a gente faz uma sala grande
PESQ.: Sala grande INF.: De lá e acolá e aqui... quando elas terminar... de sala grande... aí de 30... de 40... de 50... 60 (Ent. 5, linhas 149, 150, 151, 152, 153, 154)

Chiquero...salinha...sala grande e espia (Ent. 8, linhas 196)

PESQ.: continuação da entrevista/ Agora o seu...seu Valdemar ta desenhanu um curral pra mim. Então, ali em cima o chiquero. INF.: aqui a salinha. PESQ.: salinha INF.: Aqui a sala grande ... isso aqui a espia (Ent. 8, linhas 200, 201, 202, 203, 204)

É...passa aqui na sala grande...vem aqui na salinha e vem morrer aqui em cima (Ent. 8, linhas (Ent. 8, linha 208)

() *Butá aqui nessa estera...arrudeia aqui na salinha...arrudeia de novo na mesma estera* (Ent. 8, linha 251)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Sala Casa, anterior & espaçosa, assim chamada do Hebraico sala, que val o mesmo que Descançar, porque na sala se costuma descansar, & esperar ate que venha a pessoa, com quem se há de falar, & tambem ha salas em PalAcios de Principes, em que descansão e dormem os guardas. Sala para comer. *Coenatio, onis*

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Sala, s. f. Ant. alt. AL. saal. Compartimento principal de uma casa, geralmente destinado aos usos da vida externa e social. 8. Parte da caiçara onde permanece o gado.

4. Aurélio:

Sala. [Do germ. *sal*, ‘habitação com apenas uma vasta peça de recepção’, pelo provenç. *sala*.] Substantivo feminino. 1.O compartimento principal duma casa, dum apartamento. 2.O compartimento onde se fazem as refeições ou se recebem as visitas. 3.Qualquer compartimento, mais ou menos amplo, duma casa, dum apartamento. 4.Conjunto dos móveis e da decoração de uma sala: sala colonial. 5.Compartimento vasto, num edifício aberto ao público: sala de conferências; salas de aula; as salas de um museu. 6.Recinto apropriado para o exercício de alguma função: consultório com três salas; sala de audiências. [Dim. irreg.: *saleta*.] 7.Local onde um artista, uma orquestra, uma companhia teatral, etc., se apresenta ao público; sala de espetáculo: Sala Cecília Meireles (no RJ). 8.Bras. Sala de aula; classe: *Na minha sala há vários estudantes com mais de 30 anos*; *Essa matéria não foi dada em sala*. 9.Bras. Os alunos que a frequentam; classe, turma: *Toda a sala se retirou, em sinal de protesto*. 10.Bras. N. O primeiro dos compartimentos de um curral-de-peixe (q. v.).

5. Cunha:

Sala, s. f. ‘o compartimento principal duma casa, dum apartamento etc’. XVI.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

213. SARDINHA Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: de espinhel... eles fica o anzol com camarão e a sardinha PESQ.: a sardinha também vem no espinhel? INF.: a sardinha... no anzol.. eles compram a sardinha e cortam todinha os pedacinho... vão iscando no anzol (Ent. 2, linhas 483, 484, 485, 486)

Aí esse espinhel ele tanto fisga pexe... quanto camarão... quanto sardinha também INF.: só o pexe o espinhel... o camarão só ta no anzol (Ent. 2, linhas 517, 518)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Sardinha Peyxinho do mar, conhecido. Querem que se chamaste assim da Ilha de Sardenha, onde antigamente era famosa a pesca das sardinhas. *Sardinia, ae. Columel.*

2. Moraes:

Sardinha, s.f. Peixe vulgar (sardinia.).

3. Laudelino Freire:

Sardinha, s.f. Lat *sardina*. Pequeno peixe da família dos clúpeos (*Clupea sardina* ou *sprattus*). 2. Nome dado a outros peixes de outras famílias, de aspecto exterior semelhante ao do precedente.

4. Aurélio:

Sardinha. [Do lat. *sardina*.] Substantivo feminino. 1.Zool. Designação comum a várias espécies de peixes actinoptérgios, clupeiformes, isospôndilos, clupeídeos. Vivem aos cardumes e são utilizadas largamente, frescas ou industrializadas, na alimentação humana. Também se usam em óleos, farinhas e adubos. No rio Amazonas existem sete espécies de sardinhas verdadeiras. [Sin., lus.: *manjua*.]

5. Cunha:

Sardinha, s.f. ‘designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, isospôndilos, da fam. dos clupeídeos. XIV, *sardina* XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

214. SARNAMBI Nm [Ssing] _____ 12 OCORRÊNCIAS

Tem o sarnambi também que as mulher vê muito PESQ.: ah as mulheres... como é que é essa pesca de sarnambi pelas mulheres (Ent. 2, linhas 431, 432)

PESQ.: gente... que jóia... aí eu to aqui no barco... aí eu tenho um lugarzinho que eu já sei... aí só de batê o olho já sabe que tem sarnambi ali (Ent. 2, linhas 451, 452)

PESQ.: ah que delícia... adoro sarnambi... e tem outro aqui INF.: sarnambi e sururu PESQ.: sarnambi e sururu(Ent. 2, linhas 459, 460)

PESQ.: e sarnambi... como é que é a pesca de sarnambi? INF.: mais rapais que pesca sarnambi

PESQ.: como é que pesca sarnambi? INF.: //PESQ.: ah eles tiram com colher... o sarnambi (Ent. 7, linhas 219, 220, 221, 222, 223, 224)

É o buzo né...marisco que tem por o nome buzo né...mais conhecido aqui como sarnambi (Ent. 10, linha 231)

() É retirado sururu...aqui na praia da Raposa é mais é o sarnambi PESQ.: aqui é mais sarnambi...e existe muitas marisqueiras aqui (Ent. 10, linhas 235, 236)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Sarnambi, s.m. Molusco comestível, de concha bivalve; sernambí.

4. Aurélio:

Sarnambi. [Var. de *cernambi*.] Substantivo masculino. 1.Bras. V. *sambaqui*.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

215. SARNAMBI DE PASTA Ncm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: lá onde elas tão tem o sarnambi de pasta que elas chamam PESQ.: pasta? INF.:pasta... de pasta PESQ.: sarnambi de pasta INF.: chega lá a noite a maré sai baixa... aí quando sai a noite a gente vê aquelas pasta... tipo umas pasta... aí a gente vê só sarnambi (Ent. 2, linhas 433, 434, 435, 436, 437)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Sarnambi, s.m. Molusco comestível, de concha bivalve; sernambí.

4. Aurélio:

Sarnambi. [Var. de *cernambi*.] Substantivo masculino. 1.Bras. V. *sambaqui*.

5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

216. SECO Nm [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

() Consegui retornar e fui nadando ate chegar no seco (Ent. 2, linha 363)

() Não diz que no má tem mesmo as visão né? As visage no má..na terra seco..maisi eu nunca vi nada... eu nunca vi nada (Ent. 2, linhas 164, 165)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Seco ou Secco. O que predomina aquella das quatro primeyras qualidades, que he contraria a humido. *Siccus, a, um.*

2. Moraes:

Seco, adj. Não humido, não molhado, enxuto, sem água; v.g. fosso, rio seco, fonte seca.

3. Laudelino Freire:

Sêco, s.m. Baixio de areia, deixado a descoberto pela vazante.

4. Aurélio:

Seco. (ê) [Do lat. *siccu*.] Adjetivo. 1. Desprovido de umidade, ou de líquido; enxuto: *o leito seco de um rio: palha seca*. 18. Bras. N. Baixio de areia deixado a descoberto pela vazante. [Flex.: *seca* (ê), *secos* (ê), *secas* (ê). Cf. *seco*, *seca*, *secas*, do v. *secar*; *seca*, s. f., pl. *secas*; *ceco*, s. m., e *ceca*, el. s. f.] ~ V. *secos*

5. Cunha:

Seco, adj. 'desprovido de umidade ou de líquido, enxuto. XIII. Do lat. *siccus* – a – um.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

217. SENTAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

Ele é o marcadô do corral...o marcado certo...quando eles / sentá o corral tem que tê o marcadô pra marcá certin'...eles pago o cara pra ir marcá o corral deles (Ent. 9, linhas 51, 52)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes:

Sentár. V. Assentar; posto que de ordinario se diz senta-te, sente-se, sentei-me, &c.

3. Laudelino Freire:

Sentar, v. r. v. Lat hip. Sedentare, de sedéns, entis. Colocar em assento, assentar (tr. dir; bitr., com prep em).

4. Aurélio:

Sentar. [De *assentar*, com aférese.] Verbo transitivo direto. 1. Assentar (1).

5. Cunha:

Assentar. vb. 'por sobre' 'apor, anotar' 'sentar'. XIII. *asseentar* XIII etc.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

218. SERRA Nm [Ssing] _____ 5 OCORRÊNCIAS

A sessenta pega um peixe maió...serra ...a gó...setenta...oitenta...essa daqui é oitenta...pega um peixe maior... essa daqui é cem (Ent. 3, linhas 240, 241)

Ah...a pra pescada é zero cem... pra serra é a sessenta... e pra gó é a quarenta e sajuba é a zero trinta... trinta e cinco (Ent. 7, linhas 66, 67)

Aqui tem a serra... mas no mar o peixe... todo peixe tem... tem o mero... tem a carapeba... tem a tainha... tem bagre.. (Ent. 7, linhas 81, 82)

() *Aqui é a gó...serra...peixe pedra* (Ent. 9, linhas 138)

() *Aqui são de todos tipo de peixe...do cação...ao serra...uritinga...pescada* (Ent. 10, linhas 180)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Serra Termo da antiga milícia romana. Era hum esquadraõ com muitos angulos a modo de serra. Agmen ferratum. Peixe serra, de ordinário se cria no Oceano Occidental, & se chama assim porque lhe sahe do focinho, hua grande a larga espinha com muytos bicos, emparelhados de hua, & outra banda, a modo dos dentes de hua serra. Queren uns, que seja o Pristis dos Antigos, em que falla Plinio. No liv. II, cap. 6.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Serra, s.f. Lat *serra*. Lâmina de ferro, geralmente comprida e estreita, com dentes aguçados, que se emprega para cortar madeira, pedra, metal, etc. 9. Zool. Nome comum a dois peixes da família dos escómbridas (*Pelâmis sardas* e *Auxis rochei*).

4. Aurélio:

Serra. [Do lat. *serra*.] Substantivo feminino. Substantivo masculino. 7. Bras. Zool. Peixe teleósteo, actinoptérigo, perciforme, escombrídeo [v. *sarda*¹ (2)], do Atlântico, de dorso azul, abdome branco, comprimento de até 60cm, e peso entre 600 e 800g. A espécie é pelágica, e se caracteriza por ter seis a oito faixas oblíquas, azul-escuras, paralelas, e pínulas negras, dando aspecto de serra. [Sin., nesta acepç.: *serra-de-escama*, *sarda*.]

5. Cunha:

Serrar vb. ‘Cortar com serra’ / XIII, asserrar XIII, sarrar XIV / Do lat. *serrãre* // *serra* sf. ‘montanha’ XIII; ‘instrumento cortante’ XV. Do lat. *serra* ~ *ae*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Serra s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp) espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas e profundas. na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 5 quilos. de dentes (superiores e inferiores) parecidos com uma serra, de cor branca e azulada, de carne branca é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

219. SERRERA Nf [Ssing] _____ 13 OCORRÊNCIAS

INF.: a gozera é uma malha menor que pega pescadinha gó... a covina que chama... já é maior já usa a rede zero cinquenta... já é a serrera também PESQ.: a covina... a serrera usa para pescá peixe serra (Ent. 2, linhas 73, 74, 75)

PESQ.: Mas... aqui para pescar peixe go aqui é gozera. Essa daí tem algum nome... essa rede? INF.: Essa daí chama serrera (Ent. 5, linhas 171, 172)

PESQ.: Qual outro tipo que tem? É serrera... pescadera PESQ.: Qual outro tipo que tem? É serrera... pescadera...esses tipo sabe? (Ent. 5, linhas 174, 175)

INF.: rapaz... aqui... cada qual tem seu tempo...agora... tem a serrera... tem a pesquera... tem a serrera... tem a gozera... tem a pescadera... aqui a pescaria mais aqui mesmo é a serrera... a gozera que pega aquelas pescadinhas e ... (Ent.7 , linhas 35, 36, 37)

PESQ.: Ai tinha essa camurupinzera ...qual mais que o senhô lembra? INF.: É...serrera/..serrera...pescadera (Ent. 8, linhas 90, 91)

É a... a serrera...a gozera é essa daqui..aí tem a serrera... a pescadera né...tem a zero cinquenta...que pesca serra também (Ent. 9, linhas 23, 24)

() Serrera...tem as gozera... a pescadera...a pituizera...camaroera...sajubeira (Ent. 10, linhas 176

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

220. SERRINHA Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: a cinquenta pesca o que com ela? INF.: pesca serrinha...os peixes menores (Ent. 3, linhas 237, 238)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Serra Termo da antiga milícia romana. Era hum esquadraõ com muitos angulos a modo de serra. Agmen ferratum. Peixe serra, de ordinário se cria no Oceano Occidental, & se chama assim porque lhe sahe do focinho, hua grande a larga espinha com muytos bicos, emparelhados de hua, & outra banda, a modo dos dentes de hua serra. Queren uns, que seja o Pristis dos Antigos, em que falla Plinio. No liv. II, cap. 6.

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Serra, s.f. Lat *serra*. Lâmina de ferro, geralmente comprida e estreita, com dentes aguçados, que se emprega para cortar madeira, pedra, metal, etc. 9. Zool. Nome comum a dois peixes da família dos escômbridas (*Pelâmis sardas* e *Auxis rochei*).

4. Aurélio:

Serra Substantivo masculino. 7.Bras. Zool. Peixe teleósteo, actinoptérigo, perciforme, escombrídeo [v. *sarda*¹ (2)], do Atlântico, de dorso azul, abdome branco, comprimento de até 60cm, e peso entre 600 e 800g. A espécie é pelágica, e se caracteriza por ter seis a oito faixas oblíquas, azul-escuras, paralelas, e pínulas negras, dando aspecto de serra. [Sin., nesta acepç.: *serra-de-escama*, *sarda*.]

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

221. SESSENTA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

Aqui tem a gozera, que é zero quarenta, tem a cinquenta que é mais grossa, tem a sessenta (Ent. 3, linha 236)

A sessenta pega um peixe maió...serra, a gó, setenta, oitenta, essa daqui é oitenta, pega um peixe maior... essa daqui é cem (Ent. 3, linhas 240 241)

Tem a se'...a que pega serra...a zero sessenta (Ent.3, linha 21)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Sessenta. Termo numeral, composto de seis dezenas. *Sexaginta*.

2. Moraes:

Sessenta, adj. O mesmo que 6 dezenas, 60.

3. Laudelino Freire:

Sessenta, adj. Lat *sexaginta*. Seis vezes dez.

4. Aurélio:

Sessenta. [Do lat. *sexaginta*, pelo arc. *sessenta*, *sesseenta*.] Numeral. 1.Quantidade que é uma unidade maior que 59. 2.Número (4) correspondente a essa quantidade. [Nessas acepç., representa-se em algarismos arábicos por 60, e em algarismos romanos, por LX.]

5. Cunha:

Sessenta. Num. '60, LX'. *Sesaenta* XIII, *saseenta* XIV. *Seseeta* XIV etc. Do lat. *sexãginta*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

222. SIRI Nm [Ssing] _____ 12 OCORRÊNCIAS

Camarão e siri... esse negócio de siri que dá na berada (Ent. 2, linha 427)

Eu só conheço um caranguejo que tem aqui... é o caranguejo... é o siri... é o camarão (Ent. 4, linha 229)

É xiéu o nome dele... agora o aratu é gosto... você como assim... o melhor que tem é o aratu... melhor que siri (Ent. 4, linhas 234, 235)

Tem canoa que ela vai pescar aqui. Um dia de viagem... se ela for de motor. E trás o camarão que vem de lá... e trás o siri... e trás o caranguejo. E trás essas coisas só para vender do olho d'água pra lá (Ent. 5, linhas 193, 194).

Tudo isso...pescaria de caranguejo... de siri...essa coisa tudo eu ia pesca pra já deixa o alimento em casa pra quando eu saísse pra trabalhá... já ficava comido. (Ent. 5, linhas 372, 373)

() E outro aqui... aí arrastando ela... arrastando... vai embora... vai embora... o cara... camarão vai chegando... vai entrando nela aqui...fica PESQ.: peixe também INF.: se entrar um siri também fica dentro dela (Ent. 6, linhas 12, 13, 14, 15)

() Caiu um siri... caiu tudo ((Ent. 6, linha 20)

Já eu saía daqui ia pescar um siri... quando era na passagem da maré agarrava uma linha... amarrava uma isca podre... (Ent. 6, linhas 65, 66)

É...tipo um cestinho...aí quando o siri tá... você vai puxando aqui de vagarinho...deixa uma ponta qui... quando suspende aí ele ta dentro... aí só buta no fofo ou na canoa e procurar os outros (Ent. 6, linhas 79, 80)

É... quando dava meia maré de enchente... já tinha pegado cinquenta... sessenta siri... já dava pra vim embora pros menino cumer (Ent. 6, linhas 82, 83)

aí podia largar a pescaria que não dava mais... porque a maré de dia é a maré de enchente... já era siri...(Ent. 6, linhas 92, 93)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

4. Aurélio:

Siri. [Do tupi.] Substantivo masculino. 1.Bras. Designação comum a todas as espécies de crustáceos decápodes, braquiúros, portunídeos, caracterizados por terem nadadeiras no último par de pernas. Vivem na água mas podem sair para as praias, onde se enterram. Alimentam-se de detritos em geral. A carne é muito saborosa.

5. Cunha:

Siri, s.m. 'crustáceo decápode da fam. dos portunídeos. A 1696, *serizes* pl. 1587, *sery* 1618, *ceri* c 1631 etc. Do tupi *si'ri*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Siri s.m. tdse (dhlp; mmdlp; nalp) espécie de caranguejo de tamanho pequeno de natureza agressiva que é encontrado na praia. é um crustáceo muito apreciado e de fácil comercialização. [*o <siri> é como umcaranguejo, mas é mais brabo e muito gostoso. a gente vende ele rapidinho*] (t.f.n /f1).

223. SURURU Nm [Ssing] _____ 11 OCORRÊNCIAS

PESQ.: ah que delícia... adoro sarnambi... e tem outro aqui INF.: sarnambi e sururu PESQ.: sarnambi e sururu (Ent. 2, linhas 459, 460, 461)

PESQ.: agora o sururu que diz que tem muita mulher que diz que trabalha da pesca do sururu INF.: ah... o sururu pega o sururu aí...ahh marisco... vão pegar tarioba, sarnambi.. eu não gosto da tarioba... a tarioba ela é do chão...daí eles vem com a faca só que...só que... PESQ.: e fica tudo no mesmo lugar, as tarioba e o sururu INF.: as tarioba fica na costa enterrada... agora o sururu não... o sururu é tipo assim cor de lama (Ent. 3, linhas 255, 256, 257, 258, 259)

PESQ.: sururu também? INF.: sururu elas..é mais no município de São Jose de Ribamá PESQ.: hum hum...INF.: é retirado sururu...aqui na praia da Raposa é mais é o sarnambi (Ent. 10, linhas 232, 233, 234, 235)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Sururu, s.m. Do tupi. Espécie de molusco lamelibrânquio, da família dos mitilídeos; mexilhão (*Mytilus darwinianus*)

4. Aurélio:

Sururu. [Do tupi.] Substantivo masculino. 1.Bras. Zool. Molusco bivalve (*Mytilus falcatus*) mitilídeo que habita o litoral nordeste e sudeste do Brasil, e as lagoas Manguaba e Mundaú, em Alagoas, estado em que desempenha papel econômico de importância na alimentação humana. A concha tem uma camada nacarada, verde e violácea, externamente parda na frente e escura em sua maior parte. [Var.: *siriri*²; sin.: *sururu-de-alagoas*, *alastrim*.] 2.Bras. Zool. V. *mexilhão* (2).

5. Cunha:

Sururu sm. 'molusco bivalve da fam. dos mitilídeos, mexilhão' 1587. Do tupi seru'ru // sururuzeiro XX.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Sururu s.m. tdse (dhlp; mmdlp; nalp). é um marisco que vive dentro de uma concha. essa espécie também é encontrada na raiz, no caule e no tronco do mangue. [*o <sururu> é parecido com uma ostra mas não é. eu preparo ele no côco e o seu caldo é uma delícia*] (m.z.l.g / f2)

224. TAINHA ~ TĀINHA Nf [Ssing] _____ 11 OCORRÊNCIAS

Anchova...anchova... lá é anchova...tainha...tem vários tipo de tainha... tem a sajuba, tem a pituu, tem a curimã, tem esses tipos de tainha... tem ainda outros tipos de tainha... (Ent. 3, linhas 401, 402)

Tinha a tainha... carapeba... tinha camurim... traíra... esses pexes aí...INF.: aqui tem a serra... mas no mar o peixe... todo peixe tem... tem o mero... tem a carapeba... tem a tainha... tem a bagre... tudo (Ent. 7, linhas 80, 81, 82)

PESQ.: humhum...tainha dá? INF.: tãinha dá...dá muita tãinha...tainha...tãinha...tem essa tãinha e tem a pituu que chama...que é a mais menor e tem a tãinha graúda (Ent. 9, linhas 139, 140, 141)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tainha Peyxe do rio. He o nome, q lhe dão no Minho; na Extremadura chamamlhe Fataça, & no Ribatejo Tagana, de Tagus, porque se pescao muytas no Tejo.

2. Moraes:

Tainha, s.f. Peixe vulgar do rio, alias fataça ou tagana.

3. Laudelino Freire:

Tainha, s.f. Nome de vários peixes ciprinóides.

4. Aurélio:

Tainha.(a-í) [Do gr. *tagenías*, 'bom para frigir', pelo lat. **tagenia* (> **tagínia*.) Substantivo feminino. Zool. 1.Designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, perciformes, mugilídeos, gênero *Mugil*, do Atlântico. Têm as nadadeiras dorsal e anal desprovidas de escamas e o corpo com listras longitudinais escuras. [Sin.: *cambira*, *curimã*, *curumã*, *mugem*, *tapiara*, *targana*.]

5. Cunha:

Tainha, s.f. 'designação comum a varias espécies de peixes teleósteos, percomorfos, da fam. dos mugilídeos' XIV. Provavelmente do lat. ** tagenia* (> *taginia*, por metáfora), deriv. do gr. *tagenias* ' bom para frigir'.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Tainha. s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp) espécie de peixe de pequeno porte e habita em águas rasas. na fase adulta chega a medir até 80 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. de cores branca (laterais) e preta (dorso) é um pescado que tem boa aceitação no mercado.

225. TÃINHA MÉDIA Ncf [Ssing + ADJsing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: é...a pituizera é a pitiu que é a tãinha média né...que é a urixoca que meu pai falô com você 178)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tainha Peyxe do rio. He o nome, q lhe dão no Minho; na Extremadura chamamlhe Fataça, & no Ribatejo Tagana, de Tagus, porque se pescao muytas no Tejo.

2. Morais:

Tainha, s.f. Peixe vulgar do rio, alias fataça ou tagana.

3. Laudelino Freire:

Tainha, s.f. Nome de vários peixes ciprinóides.

4. Aurélio:

Tainha.(a-í) [Do gr. *tagenías*, ‘bom para frigar’, pelo lat. **tagenia* (> **tagínia*.)] Substantivo feminino. Zool. 1.Designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, perciformes, mugilídeos, gênero *Mugil*, do Atlântico. Têm as nadadeiras dorsal e anal desprovidas de escamas e o corpo com listras longitudinais escuras. [Sin.: *cambira*, *curimã*, *curumã*, *mugem*, *tapiara*, *targana*.]

5. Cunha:

Tainha, s.f. ‘designação comum a varias espécies de peixes teleósteos, percomorfos, da fam. dos mugilídeos’ XIV. Provavelmente do lat. ** tagenia* (> *tagínia*, por metáfora), deriv. do gr. *tagenias* ‘ bom para frigar’.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Tainha. s.f. tdse (dhlp; mmdlp; nalp) espécie de peixe de pequeno porte e habita em águas rasas. na fase adulta chega a medir até 80 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. de cores branca (laterais) e preta (dorso) é um pescado que tem boa aceitação no mercado.

226. TAINHERA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

() *Que é a rede que pesca tainha a pitiu... tainhera... pode ser tainhera* (Ent. 4, linha 206)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e

3. Laudelino Freire:

Tainheira, s.f. Rede usada no sul da Bahia para a pesca da tainha.

4. Aurélio:

Tainheira. (a-i) [De *tainha* (1) + *-eira*.] Substantivo feminino. Bras. 1.Redes us. na pesca da tainha.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

227. TALHO Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: isso aqui é uma canoa...outro dia peguei uma daquele e deu um talho de sangue no dedo (Ent.7, linha 150)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Talho No açougue, he o cepo ou o lugar, donde se corta, & se distribue a carne. *Mensa lanii*, ou *Mensa lanionia*, ae.

2. Moraes:

Tálho, s.m. Golpe com o fio, ou gume de faca, ou instrumento de cortar em geral. O cepo, em que cada cortador corta, e donde distribue a carne no açougue.

3. Laudelino Freire:

Talho, s.m. De talhar. Talhamento; golpe ou corte dado com o fio ou gume de qualquer instrumento cortante.

4. Aurélio:

Talho. [Dev. de *talhar*.] Substantivo masculino. 1.V. *talha*¹ (1). 2.Desbaste dos ramos das árvores; poda, talhadia.

5. Cunha:

Talho, s.m. ‘talhe, feito ou feição do corpo (de um homem ou de uma mulher)’. *Tallo*. XIV.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

228. TARIOBA Nf [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: ah... o sururu pega o sururu aí...ahh marisco... vão pegar tarioba, sarnambi.. eu não gosto da tarioba... a tarioba ela é do chão...daí eles vem com a faca só que...só que *PESQ.*: e fica tudo no mesmo lugar...as tarioba e o sururu? *INF.*: as tarioba fica na costa enterrada, agora o sururu não... o sururu é tipo assim cor de lama (Ent. 3, linhas 256, 257, 258, 259, 260)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Tarioba, s.f. Molusco acéfalo da família dos donacídeos. (*Ephigenia brasiliensis*)

4. Aurélio:

Tarioba. [Do tupi = ‘concha em forma de folha’.] Substantivo masculino. 1.Bras. Zool. Molusco bivalve, donacídeo (*Iphigenia brasiliensis*), distribuído desde as Antilhas até o S. do Brasil. É comestível, e pode conservar-se vários dias fora da água mercê do perfeito ajustamento das valvas. Vendem-se no mercado quando atingem tamanho superior a 5cm.

5. Cunha:

Tarioba, s.m. ‘Molusco bivalve da fam. dos donacideos’ / tarcoha (sic) 1587 / Do tupi *tari’oua*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Taioba s.f. tdsd (dhlp; mmdlp; nalp) espécie de búzio que dá na areia da praia oriunda do mar.

229. TENENÇA Nf [Ssing] _____ 1OCORRÊNCIA

Ah eu pesco mero aqui perto..às vês a gente pede tenença de tá pescando aqui de frebte aqui a ...Raposa a gente tá enxergando a Raposa todinha (Ent. 9, linhas 129, 130)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Tenencia O cargo, q se dà de algum Presidio, Fortaleza, ou Cidade, a quem a tenha, & mantenha com fidelidade. Ou officio, ou cargo de Tenente. Vid. Tenente.

2. Moraes:

Tenencia, s. f. O cargo de tenente, do que tem algum posto por outrem. A casa que habita quem tem a tenencia.

3. Laudelino Freire:

Tenencia, s. f. Cargo de tenente. 4. Vigor, firmeza, força: “esta é de sustância”! Mulher de tenência” (Afrânio Peixoto).

4. Aurélio:

Tenência. [Do lat. *tenentia*.] Substantivo feminino. 1.Ant. Cargo de tenente. 2.Ant. Habitação de tenente. 3.Antiga repartição do tenente-general de artilharia. 4.Bras. Pop. Vigor, firmeza. 5.Bras. Pop. Precaução, prudência. 6.Bras. S. Jeito, costume, hábito. Tomar tenência de. 1. Bras. Pop. Observar ou examinar prudentemente; tomar tento de; assuntar.

5. Cunha:

Tenencia, s. f. ‘cargo e/ou habitação de tenente’. XVII. Do fr. (*lieu*) *tenance*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

230. TESTERA DE CHIQUERO Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQ.: ahhh... e isso..essa estera de arame ela é tecida aqui (...) *INF.*: não, essa aqui é a testera de chiquero... *PESQUISADOR*: testera de chiquero... (Ent. 8, linhas 254, 261, 262)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Testeira do carro. A parte dianteira delle, fallando do carro triunfal, ou outro semelhante.

2. Moraes:

Testeira, s.f. A parte dianteira; v.g. testeira do carro.

3. Laudelino Freire:

Testeira, s.f. De *testa* + *eira*. A parte dianteira; a frente.

4. Aurélio:

Testeira. [De *testa* + *-eira*.] Substantivo feminino. 1.Testada (1). 2.Parte dianteira; frente.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

231. TRADO Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

PESQ.: ahh que, é da mesma maneira que ...que quer dizer, ela não é da mesma maneira que faz a rede, né? Não como é que chama esse instrumento aqui? *NFORMANTE 2*: /trado. *PESQ.*: ahn? *INFORMANTE 2*: trado (Ent. 8, linhas 235, 236, 237)

PESQ.: e isso aqui a gente chama de trado. *Inf.*: TRADO *PESQ.*: e isso aqui tudo também faz parte do trado? *INF.*: é...é o Trado (Ent. 8, linhas 264, 265, 266, 267, 268)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Trado Verrumão grosso de q usaõ carpinteiros , marceneiros, &c. *Terebra, ae*.

2. Moraes:

Trado, s.m. Verrumão grande de carpenteiro. O buraco feito com o trado.

3. Laudelino Freire:

Trado, s.m. Lat. *taratrum*. Utensílio usado especialmente por carpinteiros e tanoeiros, o qual tem a forma de grande verruma.

4. Aurélio:

Trado. [Do céltico, pelo lat. tard. *talatru*, com sonorização, síncope, crase e metátese: **taladro*, **taadro*, **tadro*.] Substantivo masculino. 1.Verruma grande, usada por carpinteiros e tanoeiros;

verrurão, gonete. 2.Furo aberto por ela. 3.Constr. Instrumento de forma helicoidal com que se fazem furos de sondagem nos solos.

5. Cunha:

Trado, s.m.'verrurama grande, usada por canoieiros ou tanoeiros'. *Traado* XIV. Do lat. tard. Talatru (>*taladro > *taadro > *tadro > trado), de origem céltica.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

232. TRAÍRA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: Tinha a tainha... carapeba... tinha camurim... traíra... esses pexes aí...INF.: aqui tem a serra... mas no mar o peixe... todo peixe tem... tem o mero... tem a carapeba... tem a tainha... tem a bagre... tudo (Ent. 5, linhas 80, 81, 82)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Traíra, s. f. Peixe fluvial e lacustre, da família dos caracínídeos (*Hoplias malabaricus*, *Erythrinus Erythrinus*)

4. Aurélio:

Traíra. [Var. de *taraíra*, do tupi.] Substantivo feminino. 1.Bras. Zool. Peixe teleósteo, caracídeo (*Hoplias malabaricus*), distribuído por todo o Brasil. Tem dorso negro, flancos pardo-escuros, abdome branco, manchas escuras irregulares pelo corpo, e é desprovido de nadadeira adiposa. Seus dentes são muito cortantes, é carnívoro e considerado um dos maiores inimigos da piscicultura. Comprimento: até 40cm. [Outras var.: *tararira* e *tarira*. Sin.: *dorme-dorme*, *maturaqué*, *robafo*, *rubafó*.]

5. Cunha:

Traíra, s. f. 'peixe da fam. dos caracídeos'. *Tareira* 1587, *taraíra* 1610, *tararira* 1618, *tarayra* c 1631. Etc. Do tupi *tare íra*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

233. URIXOCA Nf [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

PESQ.: e tainha? Tem só um tipo de tainha? INF.: não tainha // A tainha, tem a sajuba, tema urixoca e tem a pituu. PESQ.: ahh... INF.: é essa urixoca... PESQ.: a diferença é só no olho, tem o olho maior? INF.: É... PESQ.: a urixoca tem um olho? INF.: é (risos) (Ent. 8, linhas 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

234. URITINGA Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

O rapaz chegou aqui... rapaz "vem fazer um favor". Eu digo "o que é rapaz? " pra tu ser tistimunha que eu sou pescador... vai ali no fórum. Aí eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe... o

...o...rapaz foi..."que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele?" Eu comecei a dizer assim: olha ele pega baguinho... gurijuba... uritinga... quando eu disse uritinga... ela disse... venha cá... tem esse ainda. Eu disse... senhora não quer saber a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? Quando cheguei no uritinga... eu falei baguinho... banderado... o gurijuba... o cambéu... Lea disse: "mais já chega". Mas e agora? (Ent. 8, linhas 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359)

INF.: é tem pescadô que se belisca... as vês eles pegam o peixe e jogam assim pra sai de uma vez ... o peixe sai em outro pescadô... já aconteceu. PESQ.: vixi. INF.: a maior parte é mais de esporão... é o banderado é o uritinga (Ent. 2, linhas 509, 510, 511, 512, 513)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha:

Uritinga. sm. 'espécie de bagre' 1833. Do tupi *üiri'tina* < *üi'ri* 'bagre' + 'tina' 'branco'.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

235. VACAREZA Nf [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: A pescaria do curral é difícil...é muito difícil, até porque, se a pessoa tivé o dinheiro ele vai comprar a madeira que chama murão. ...trezentos e cinquenta, quatrocentos murão. ..se ele tivé o dinhêro..ele compra....se não tiver o dinheiro...ele vai tirar no mangue. PESQ.: sozinho? INF.: Não, ele vai com os companhero...são três vaquero...vaquero de cem real, ele tem o quarto...aí que chama vaquero. É história de pescadô. ...ele só tem a vacareza... (Ent. 8, linhas 179, 180, 181, 182, 183, 184)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
5. Cunha: n/e
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

236. VAQUERO Nm [Ssing] _____ 4 OCORRÊNCIAS

INF.: A pescaria do curral é difícil...é muito difícil, até porque, se a pessoa tivé o dinheiro ele vai comprar a madeira que chama murão. ...trezentos e cinquenta, quatrocentos murão. ..se ele tivé o dinhêro..ele compra....se não tiver o dinheiro...ele vai tirar no mangue. PESQ.: sozinho? INF.: Não, ele vai com os companhero...são três vaquero...vaquero de cem real, ele tem o quarto...aí que chama vaquero. É história de pescadô. ...ele só tem a vacaresa... (Ent. 8, linhas 179, 180, 181, 182, 183, 184) O dono do curral sou eu...aí contrato dois vaquero. ..todo o serviço dele é pago. Agora...da produção ele tem um quarto do que der (Ent. 8, linhas 190, 191)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vaqueiro Pastor de gado grosso como vacas, boys. *Bulbucus*, *ci*.

2. Moraes: n/e

Vaqueiro, s. m. Pastor, guardador de gado vácum.

3. Laudelino Freire:

Vaqueiro, s. m. Guarda ou condutor de vacas ou de gado vacum.

4. Aurélio:

Vaqueiro. [De *vaca* + *-eiro*.] Substantivo masculino. 1. Guarda ou condutor de vacas, ou de qualquer gado vacum. [Sin. bras.: *campeiro* (N.E.), *casaca-de-couro* (PE) e *chapadeiro* (MG).]

5. Cunha:

Vaca sf. ‘ a fêmea do touro’ XIII. Do lat. *vacca*//*vacagem* XX//*vaqueiro*/ -eyro XIII.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

237. VARETE Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: Melhorou. Melhorou porque não tinha caminho... não tinha gente... não tinha casa... não tinha nada. Essas casas que tem nessa berada aí não tinha nada. Caminho não tinha. Tinha uns varete de umas casinhas que até chegar aqui PESQ.: Varete são os caminhos forçados... não é? INF.: É. Aí é por onde a gente andava. A gente andava pela praia e tinham um safadinho que ele se senta na praia e acabava com o couro da gente. Daí a pouco parece que deu catapora. Quando eu cheguei aqui não existia praia. Existia praia... mas não existia era banho de praia. E ninguém não andava (Ent. 5, linhas 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

238. VAZADO _____ 2 OCORRÊNCIAS

PESQ.: AVE Maria...Aí o senhor veio vazado pra cá INF.: Vim vazado. Eu era casado já (Ent. 8, linhas 159, 160)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vasado Cousa de que se tirou todo o licor, que tinha. *Exhaustus, a, um.*

2. Moraes:

Vasádo, p. pass. de Vasar V.

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Vazado. [Part. de *vazar*.] Adjetivo. 1. Que se vazou.

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

239. VELA Nf [Ssing] _____ 2 OCORRÊNCIAS

Me marcô foi essa primeira vez que me anaufraquei...foi eu mais outros companheiro...trabalhava de curral... nós fizemo uma hora dessas aqui assim do porto, ai chegou no porto entrou numa vela, a canoa quebrou o negócio do leme, isso eu amarro aqui uma corda... eu digo “rapaz, vou cortar aqui

no que posso” ...“ rapaz mas num guenta, você vai pará no má” ...mas a biana era frágil, era madeira...mas depois nós já não tem força já, aí fiquemo ao léo... (Ent. 3, linhas 145, 146, 147, 148, 149)

Todas..todas..tem essas parte toda...so não tem a vela... Tefé e borda...não é mais como antigamente pra descarrerar. É porque se esse motor der problema... essa vela é que vai trazer a canoa pro porto... se não quiser que reboque ela... tem essa vela...só que não é grandona como era antigamente...é uma proteção da canoa (Ent. 5, linhas 321, 322, 323, 324)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vela Composição de sebo, ou de cera, no meio da qual fica envolto hum pavio, que se acende para alumear. *Candela, ae.* Vela de navio Panno grande, que preso nas vergas, & aberto, recebe o vento, & faz andar o navio. *Velum, i.*

2. Moraes:

Vela, s.f. Rolo de cebo, cera, espermacete, com pavio para dar luz. Vella do navio. O panno de treu, que se abre ao vento, e serve de impellir o navio, comunicando o impulso do vento aos mastros.

3. Laudelino Freire:

Vela, s.f. Lat velum. Náut. Pano largo de linho ou de outro qualquer tecido que se desfralda ao longo dos mastros ou das vêrgas para receber a ação do vento em virtude da qual é impelida a embarcação. 2. Embarcação movida por um conjunto dêsses panos.

4. Aurélio:

Vela1. [Do lat. *vela*, pl. de *velu*, ‘véu’.] Substantivo feminino. 1. Marinh. Peça de lona ou de brim destinada a, recebendo o sopro do vento, impelir embarcações ou movimentar moinhos. [Sin., no sing. ou no pl.: *pano*.] 2. Fig. Embarcação movida por vela: “Já do áureo Tejo vinham navegando / As velas entre as vagas cristalinas” (José Albano, *Rimas*, p. 82).

5. Cunha:

Velar vb. ‘Vigiar XIII. Do lat. *vigilare* // vela sf. Sentinela, vigia’ XIV. Deriv de velar //.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Vela. s.f. tdse (dhlp; mmdl; nalp) parte do barco confeccionada com lona que exposta ao vento movimenta a embarcação.

240. VENTO DO NORTE NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: é... não corre tanto perigo... que no inverno também é bom mas tem também as dificuldade das aguacera que chama...o vento forte... que as vês a pessoa tá la fora na bonança e vai passá a noite e aí se forma um vento do sul ou do norte: escurece tudo (Ent. 2, linhas 556, 557, 558)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

241. VENTO DO SUL NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] _____ 1 OCORRÊNCIA

INF.: é... não corre tanto perigo... que no inverno também é bom mas tem também as dificuldade das aguacera que chama...o vento forte... que as vês a pessoa tá la fora na bonança e vai passá a noite e aí se forma um vento do sul ou do norte: escurece tudo (Ent. 2, linhas 556, 557, 558)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire: n/e
4. Aurélio:
5. Cunha:
6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos:

Vento sul-oeste. s.m. tnd (dhlp; mmdlp; nalp) vento que começa na terra e segue em direção ao mar. acontece sempre nas madrugadas.

242. VEZERO Nm [Ssing] _____ 6 OCORRÊNCIAS

PESQ.: hum hum... hoje em dia ainda tem a figura do vezero na pesca? O senhô acha que melhora a situação do pescadô não? *INF.:* vezero... é ate pior um pouco o pescadô vezero... porque ele puxa muito do pescadô (Ent. 2, linhas 110, 111, 112)

INF.: o vezero ele faz é assim... ele faz a despesa do barco... sabe né? Trezentos... quatrocentos reais de despesa ai vai pra fora... e também dá um vale pros pescado (Ent. 2, linhas 123, 124)

INF.: é esse o vezero...é o mesmo que revende o peixe... recebe daquela embarcação... quando o pescador vai pro mar... o dono da embarcação... hoje em dia... dá o vale pra ele... pra ter o dinheiro em casa... sai pro mar... aí quando chega já entrega praquele certo... que é pra pude ser descontado tudo isso...antigamente pelo menos essas canoas que sai daqui... vai... sai daqui de manhã vai pescar e vem... não tem negócio de vezero...vende pra população... pra quem eles querem (Ent. 5, linhas 336, 337, 338, 339, 340)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vezeiro Acostumado a fazer muitas vezes. Vid. Useiro, & Veseiro.

2. Moraes: n/e
3. Laudelino Freire:

Vezeiro, adj. De vêzo + eiro. Que tem vezo ou costume de fazer alguma cousa, principalmente cousa condenável.

4. Aurélio:

Vezeiro. [De *vezo* + *-eiro*.] Adjetivo. 1. Que tem vezo; acostumado, habituado: “Dizem que esse tal de Vilanova era vezeiro em vender refugo de couro como couro bom.” (Herberto Sales, *Histórias Ordinárias*, p. 163.)

5. Cunha:

Vezo sm. ‘Costume vicioso ou criticável’ XVI. Do lat. vitium ~-ii // Vezeiro / 1836 sc.

6. Amadeu Amaral: n/e
7. Santos: n/e

243. VINGAR [V] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: se conheceram aqui... se casaram aqui...tem quantos filhos? *INF.:* nasceram oito vingaram sete (Ent. 3, linhas 291, 292)

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Vingar Offender o ofensor de alguem. Vingar a alguem. *Aliquem ulcifei*

2. Moraes:

Vingar, v. at. Offender, fazer mal ao ofensor de outrem; v.g vinguei-o, vinguei-me; i. é, fiz mal a quem mo fizera: vingar-se, satisfazer-se da injuria. Vingar, n.y.g. vingar o fruo, não cair do ramo, mas vegetar, e crescer.

3. Laudelino Freire:

Vingar, v. r. v. Lat. *vindicare*. Tirar desforra de; punir (tr. dir.). 19. Prosperar, medrar, crescer, desenvolver-se (vencendo obstáculos) (intr., tr. ind., com prep. em): Vinga a flor a pouco e pouco cada vez mais bem querida” (Gonçalves Dias). Nem todas as flores vingam me fruto (Bernardes).

4. Aurélio:

vingar

[Do lat. *vindicare*, por via popular.]

Verbo transitivo direto.

1. Tirar desforço ou desforra de; desforrar, desafrontar:

Soube vingar a honra ultrajada;

“decidiram ir ao encontro do imã de Zeila, impelidos mais que tudo pela tenção raivosa de vingar a morte do Gama e dos outros portugueses.” (Aquilino Ribeiro, *Portugueses das Sete Partidas*, p. 135).

2. Causar a punição de; castigar, punir:

A justiça vinga os crimes.

3. Promover a reparação de; reparar:

Cumpre vingar os agravos.

4. Chegar a; atingir, galgar:

“Eis do Tingui, porém, vingo a montanha! / Eis, de seu alto, abaixo o olhar agora” (Alberto de Oliveira, *Poesias*, 3ª série, p. 245).

5. Ultrapassar, vencer, transpor (uma distância).

6. Conseguir, lograr:

Vingou reparar a falta.

7. Vencer, dominar, subjugar.

8. Lutar por; defender, sustentar.

Verbo transitivo direto e indireto.

9. Indenizar, compensar, galardoar; consolar:

As vitórias futuras nos vingarão da derrota sofrida.

Verbo intransitivo.

10. Lograr bom êxito; sair a contento:

A empreitada vingou.

11. Chegar à maturidade:

As crias vingaram.

12. Prosperar, medrar, crescer:

As flores vingaram.

5. Cunha:

Vingar. vb. ‘desforrar, castigar’ XIII. Do lat. *vindicare*.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

244. VISAGE Nf [Ssing] _____ 10 OCORRÊNCIAS

PESQ.: aí eles falam e eu acredito que eles relatam com muita firmeza mesmo que quem faz esse tipo de pesca custuma tê visagem... essas coisas... algumas ate o senhô Z.M me falou de uma maneira muito clara assim... né ... eu queria sabê... o senhô já teve... já participô de alguma coisa? INF.:de visage? PESQ.: é INF.: eu já vi uma visão uma vez mas foi aqui em terra mesmo (Ent. 2, linhas 287, 288, 289, 290)

INF.: *foi eu vi nesse tempo eu pescava de anzol mais meu irmão... chama Z. Aque mora ali..... aí nois foi pesca de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns pexes que nós... tinha deixado lá perto do curral... certo... ele ficou reparando um pouco... eu voltei lá... quando eu tava pegando os peixe eu olhei pra cima eu vi uma pessoa toda de branco... um pano no ombro um pano bem grandão no ombro assim... todo de branco... noite de lua né... aí nessa hora meu cabelo cresceu né... que não tinha essa pessoa eu digo se existir visage... essa aí é uma... né? (Ent. 2, linhas 297, 298, 299, 300, 301, 302)*

PESQ.: *e o senhô viu alguma visage? INF.: visage toda hora eu vejo. Toda hora eu vejo visage... aqui aqui... pessoa diferente fazendo besteira... pra gente é uma visage... (risos) (Ent. 4, linhas 182, 183, 184)*

PESQ.: *...seu D...nas suas pesca visage o senhô nunca viu? INF.: visage? (Ent. 9, linhas 157, 158)*

INF.: *(risos) é / tem muita gente que vê visage demais...eu nunca vi (Ent. 9, linha 162)*

INF.: *não diz que no má tem mesmo as visão né as visage no má..na terra seco..maisi eu nunca vi nada... eu nunca vi nada (Ent. 9, linhas 164, 165)*

INF.: *diz que ele é alto...varios pescado já viru ele...diz que ele é alto tá intendeno...tem altura...eu pelo menos já vi várias coisas no má...mulhé se afogano...só visage (Ent. 10, linhas 102, 103)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau:

Visagem Deriva se do Francez Visage, que he Cara, e entre nos visagens taõ caras. Elgares ou mais propriamente visagem, he hua mudança do rosto, segundo a payxão ou disposição do animo. Mostrar com visagens a tua alegria. *Vultu maestitiã significare.*

2. Moraes:

Viságem, s.f. O rosto, cara, antiq. A visagem da celada, a cara ou a parte da armadura que cobria o rosto, e tinha aberta para se respirar.

3. Laudelino Freire:

Visagem, s.f. Fr. *Visage*. Trejeitos da cara; careta. 4. Fantasma; aparição sobrenatural.

4. Aurélio:

Visagem. [Do fr. *visage*.] Substantivo feminino. 1.V. *careta* (1). 2.Bras. V. *fantasma* (3). 3.Bras. Visão (4): “Caretta nunca me meteu medo. Quando alguém me vinha falar de visagem, de alma de outro mundo e de outras bobagens, eu ria” (Viriato Correia, *Novelas Doidas*, p. 135).

5. Cunha:

Visagem 1873. Do fr. *visage* (está na entrada de visar)

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

245. XARÉU Nm [Ssing] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: *então vamo lá, é pescada... INF.: pescada...xaréu...muriquina...cação...cruaçu... camurim, camurupim... (Ent. 3, linhas 387, 388)*

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio:

Xaréu1. Substantivo masculino. 1.Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de peixes actinopiterígios, perciformes, carangídeos, gênero *Caranx*, do Atlântico. São espécies migradoras. [Sin.: *guaracema*, *guaraçuma*, *guaricema*, *guricema*. Cf. *xaréu-branco*.]

5. Cunha:

Xaréu. sm. ‘designação comum a várias espécies de peixes teleósteos, percomorfos, da fam. dos carangídeos’ XVII. De origem obscura, talvez tupi.

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Xaréu, que habita em águas profundas. na fase adulta chega a medir até 40 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1quilo e meio. de cor preta e forma arredondada é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

246. XIÉU Nm [Ssing] _____ 3 OCORRÊNCIAS

PESQ.: Maria farinha? Isso mesmo... agora os que tem lá é desse tamaninho e pretinho? INF.: é o xiéu PESQ.: xéu? INF.: xi...e...u PESQ.: XIÉU (Ent. 3, linhas 432, 433, 434, 435, 436)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire:

Xiéu, s.m. O mesmo que *guaxe*.

4. Aurélio:

Xié. [Do tupi, poss.] Substantivo masculino. 1.Bras. Zool. V. *chama-maré*.

5. Cunha:

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos:

Xié s.m. tnd (dhlp; mmdlp; nalp) espécie de caranguejo de pequeno porte, de pata grande e de cor amarelada. Essa espécie não tem valor comercial.

247. ZERO QUARENTA Ncf [Num + Num] _____ 1 OCORRÊNCIA

PESQ.: AH...S...então tá certo...Seu D. por exemplo... essa rede que o senhor tá fazendo aqui qual o nome dela? INFORMANTE 1 essa aqui é a zero quarenta...pa pescadinha gó (Ent. 9, linhas 10, 11, 12)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Moraes: n/e

3. Laudelino Freire: n/e

4. Aurélio: n/e

5. Cunha: n/e

6. Amadeu Amaral: n/e

7. Santos: n/e

4.2 Análise quantitativa

Após a elaboração das fichas lexicográficas, apresentadas em 4.1, analisaremos os dados apresentados nas mesmas, a fim de melhor sistematizarmos as 250 lexias do nosso trabalho.

4.2.1 Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário e glossário

O GRAF. 1 exibe, em números absolutos, quantas lexias entre as 196 dicionarizadas estão presentes em cada dicionário: i) em Bluteau verificamos a presença de 114 vocábulos, o que corresponde a 58,16% do total dos 196 vocábulos dicionarizados; ii) no dicionário de Antonio de Moraes e Silva foram encontrados 122 vocábulos, o que corresponde a 62,24% dos 196 vocábulos dicionarizados; iii) os dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio, representados, respectivamente, pelas cores verde e lilás, tiveram uma grande representatividade entre os que mais apresentam aquelas lexias constantes do grupo das dicionarizadas, com 160 ou 81,63% o primeiro, e 161 ou 64,4% o segundo; iv) o dicionário de Antônio Geraldo da Cunha destacou-se como o que mais apresentou lexias entre aquelas dicionarizadas, um total de 164, o que representa um percentual de 83,67%; v) no dicionário de Amadeu Amaral, foram encontradas 2 unidades léxicas, ou seja, 1,02% do total das lexias que se encontram dicionarizadas; vi) no glossário de Wellington Lopes dos Santos verificamos a presença de 46 lexias, o que corresponde a 23,46% das 196 dicionarizadas.



GRÁFICO 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário

Entendemos que a baixa porcentagem das lexias de nossa pesquisa dicionarizadas na obra de Amadeu Amaral pode ser explicada: i) pela distância geográfica entre os estados de São Paulo do Maranhão; ii) pelas diferenças culturais presentes em ambas as regiões; iii) por nossos dados focarem lexias relacionadas a pesca.

4.2.2 Quanto à classificação gramatical

Ao avaliarmos as fichas, constatamos que os substantivos e os verbos somam 246 ocorrências, o que corresponde a 98,4% do *corpus*. Os substantivos se destacaram com 217 ocorrências, representando 86,8% das lexias selecionadas. Os verbos vêm a seguir com 29 ocorrências, totalizando 11,6% dos vocábulos. Os adjetivos abarcam 1,2% do total de vocábulos, com 3 ocorrências. As locuções adjetivas correspondem a 0,4% do *corpus*, visto ocorrerem somente uma vez.

A tabela abaixo apresenta a distribuição dos dados analisados, conforme a sua classificação morfológica:

TABELA 1 – Classificação gramatical

Classificação Morfológica dos dados analisados	Número de lexias	Percentual
Substantivo	217	86,8%
Verbo	29	11,6%
Adjetivo	3	1,2%
Locução Adjetiva	1	0,4%
Total	250	100%

4.2.3 Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

Depois de estudar as 250 fichas, encontramos diversos vocábulos que não foram localizados em nenhum dos dicionários examinados, representando 21,6% do total, ao passo que 78,4% de lexias foram encontradas em pelo menos um desses dicionários. Cabe ainda salientar que aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não dicionarizadas.

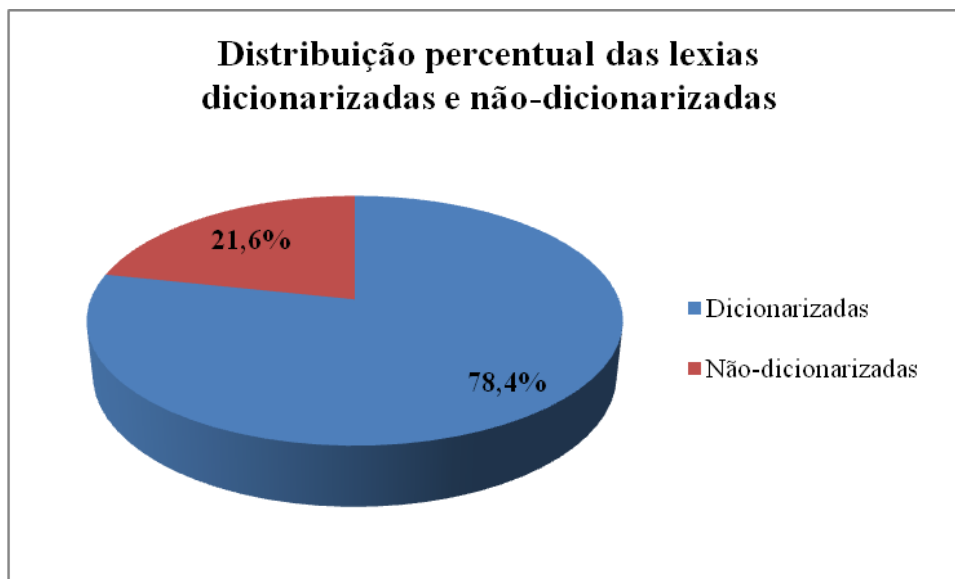


GRÁFICO 2 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não-dicionarizadas

4.2.3.1 Dicionarização segundo a classificação gramatical

Conforme visto em 4.2.2., as 250 lexias presentes em nosso *corpus* foram distribuídas em quatro grupos, os quais representavam as classes gramaticais dessas. Para que possamos conhecer o indicador de vocábulos dicionarizados ou não-dicionarizados em cada um desses grupos, fez-se necessária a confecção de outros dois exames quantitativos. O gráfico abaixo ilustra o percentual de unidades léxicas por classes gramaticais entre aquelas dicionarizadas.

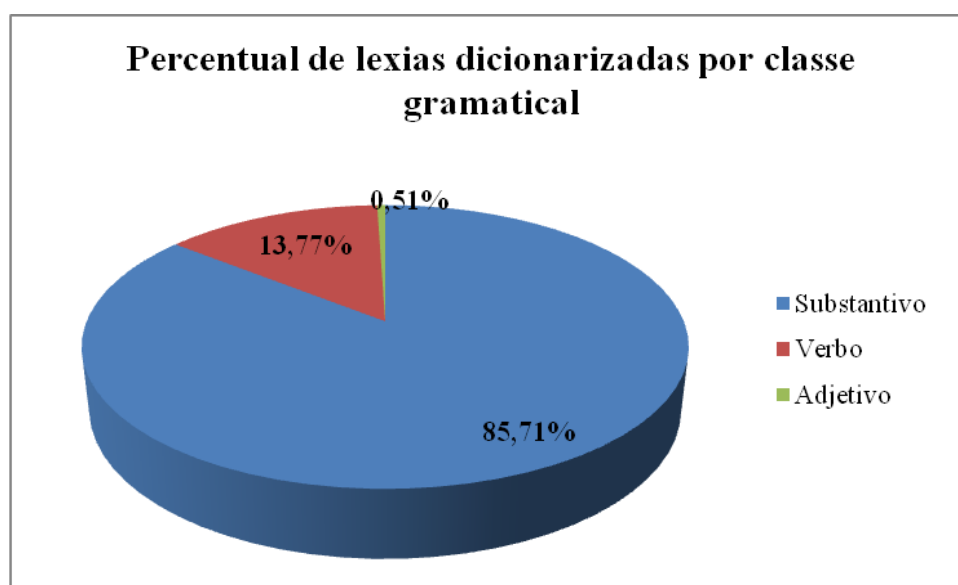


GRÁFICO 3 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical

Após a análise das lexias dicionarizadas, constatamos que 168 exerciam, nas frases, a função de substantivo, o que corresponde aos 85,71% indicados no gráfico acima. Os verbos reuniram 27 lexias, o que representa os 13,77% apontados no gráfico. Os adjetivos somaram 1 unidade lexical, o que compreende 0,51% dos vocábulos dicionarizados.

No gráfico 4, temos a distribuição por classe gramatical dentre as lexias não-dicionarizadas:

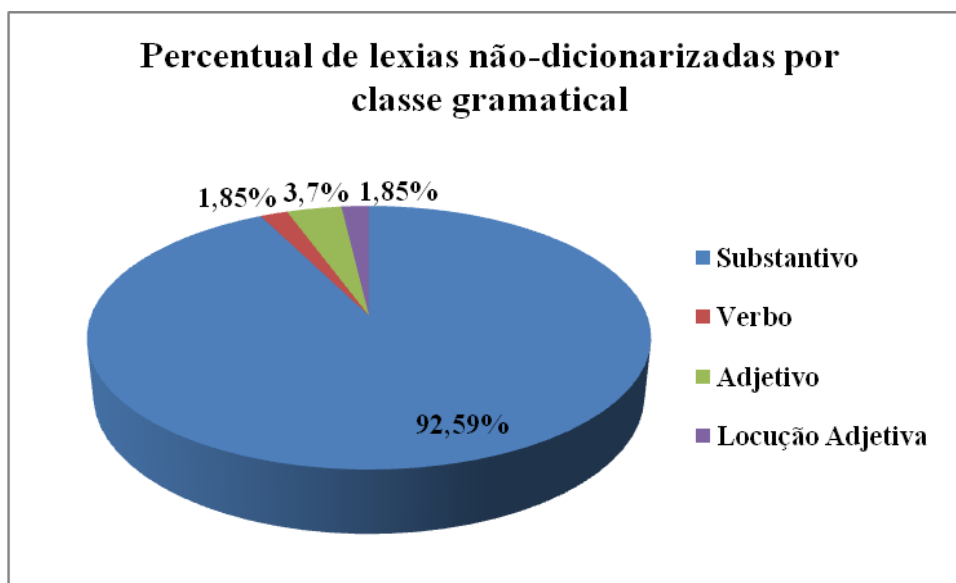


GRÁFICO 4 – Percentual de lexias não dicionarizadas por classe gramatical

Considerando os vocábulos não dicionarizados, os substantivos também se destacaram com 50 ocorrências, ou 92,59% do total. Os adjetivos, com 2 ocorrências, representam 3,7% do total das lexias não dicionarizadas. Os verbos e locuções adjetivas se igualam com 1 ocorrência cada, representando 1,85 % do total não-dicionarizado.

4.2.4 Lexias não-dicionarizadas relacionadas à pesca

Por meio da língua, o homem recria a realidade, interpretando-a e repassando-a aos demais. Aprisionado às suas estruturas, obediente às regras que lhe garantem a intercomunicação, preserva, inconscientemente, formas tradicionais, mas, sensível às modificações que se operam a sua volta, nela imprime suas marcas, renovando-a a cada apelo externo.

No caso de uma língua especial - um vocabulário regional - como a da pesca, apesar de haver pontos comuns entre as comunidades pesqueiras que se refletem no vocabulário inter-regional, inerente ao âmbito social/corporativo restrito em que é utilizada,

há, por outro lado, um contexto específico a cada uma delas e que decorre dos fatores naturais que condicionam a pesca.

O pescador tem de se adaptar ao meio em que atua, empregando uma determinada técnica em função do tipo de pescado que ali ocorre, das características geográficas e geomorfológicas do ambiente. A variedade vocabular (e por extensão, sua riqueza) vincula-se à variedade da fauna aquática, ao nível de dificuldade de captura das espécies, às condições climáticas.

A uniformidade de processos e implementos de pesca observada em determinadas regiões não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências.

Por essas razões, como a pesquisa aqui apresentada é resultado de “conversas” com pescadores, que vivenciam, em seu cotidiano, a pesca, achamos procedente verificar, dentre as lexias não dicionarizadas, quantas têm relação com esse universo.

O gráfico abaixo ilustra essa averiguação:

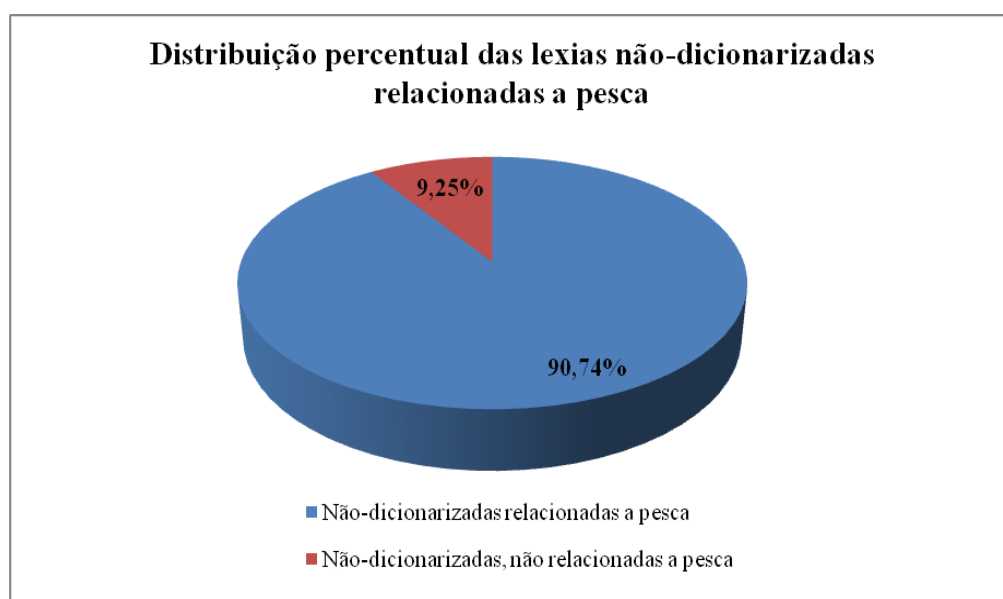


GRÁFICO 5 – Distribuição percentual das lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca

Como podemos observar no gráfico 5, de um total de 54 lexias não-dicionarizadas, 90,74% relacionam-se a pesca, o que corresponde a 49 lexias, enquanto que apenas 5 lexias não têm relação direta com a pesca, o que corresponde a 9,25% do total das lexias não-dicionarizadas. Quando falamos em *relação direta*, estamos nos remetendo aos vocábulos específicos da pesca. O que nos chamou a atenção nesses dados foi que, mesmo entre os vocábulos por nós não classificados como não relacionados à pesca, 3 deles, João de Una, Gato de Botas e visage, têm relação com as lendas dos pescadores; ou seja, não se

relacionam com a pesca especificamente, mas com um elemento presente na cultura dos pescadores: a contação de histórias.

Esse alto percentual de lexias não dicionarizadas que estão relacionadas à pesca, pode sugerir a grande capacidade criativa dos pescadores ao nomearem os instrumentos de suas atividades, assim como os fenômenos da natureza. Para que visualizemos esses dados com mais clareza, no próximo item abordaremos as lexias não dicionarizadas por classificação gramatical.

4.2.5 Classificação gramatical das lexias não-dicionarizadas relacionadas a pesca

No gráfico abaixo, as lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca (item 4.2.4) estão distribuídas conforme a sua classificação gramatical:

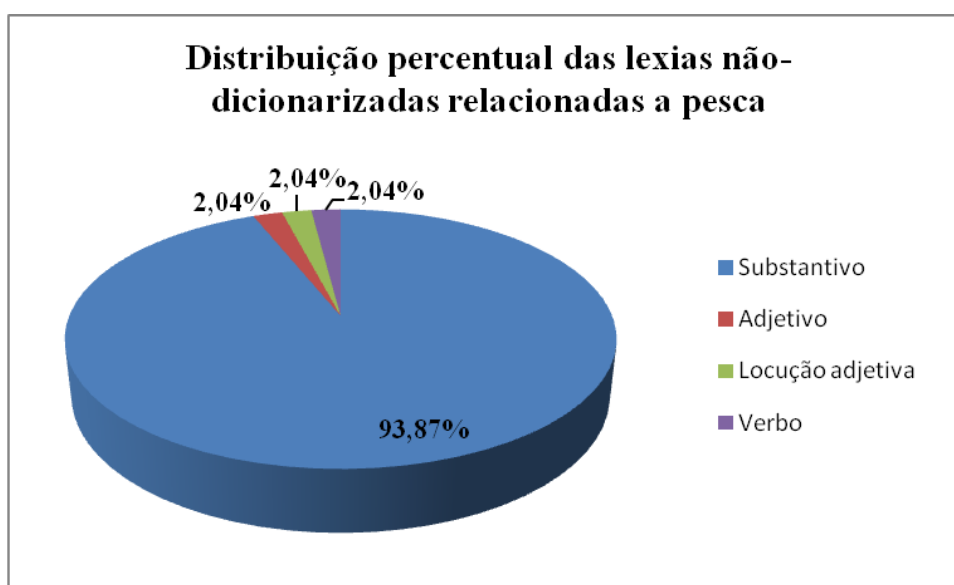


GRÁFICO 6 – Classificação gramatical das lexias não-dicionarizadas relacionadas a pesca

Como podemos verificar no gráfico acima, a grande maioria das lexias não dicionarizadas relacionadas à pesca são substantivos, com 46 ocorrências, correspondente a 93,87% do total de lexias; em seguida estão os adjetivos, locuções adjetivas e verbos, com 1 ocorrência cada, ou 2,04% desse total.

Esses dados podem indicar, como mencionamos no item 4.2.4, a alta capacidade criativa dos pescadores da Raposa, visto que os nomes de redes, formados com o sufixo -era (carumipinzera, gozera, pescadera, pituzera, serrera, tainhera) e dos nomes compostos das marés (maré cheia, maré de crescimento, maré de enchente, maré de lançamento, maré de quarto, maré de quebramento, maré lançante, maré seca e marezão de lua), que fazem parte

desse grupo, não se encontram dicionarizadas no glossário de Santos (2010), um trabalho recente que também versou sobre o léxico da pesca.

No que se refere aos nomes das redes, verificamos que os pescadores da Raposa nomeiam-nas de acordo com os peixes que elas se destinam a pescar (camurupim/camurupinzero; gó/gozero;; pescada/pescadera; pitiu/pitiuzera; serra/serra – serrera; tainha/tainhera), denominações estas não localizadas por nós na literatura.

4.2.6 Quanto à origem

No que se refere à origem das lexias, conforme se pode observar no GRAF. 7, a seguir, a região pesquisada apresenta 131 ocorrências, ou 52,4 % de lexias de origem latina > portuguesa. As de origem tupi somaram 21 ocorrências, representando 8,4% do total de lexias analisadas, assim como as híbridas. As de origem controversa somaram 6, o que corresponde a 2,4%. As de origem obscura 5, ou seja, 2%. As lexias de origem francesa e céltica somaram 4 ocorrências, correspondente a 1,6%. Lexias de origem grega, germânica, latina > castelhana, castelhana, de origem grega > latina > portuguesa e de origem incerta ocorreram 3 vezes em nosso *corpus*, o que corresponde a 0,12%. Lexias de origem árabe > castelhana somaram 2 ocorrências, correspondendo a 0,8% do total. As de origem latina > italiana; latina > genovesa > castelhana; latina > espanhola; inglesa > castelhana; aruaque > castelhana; assim como as de provável origem castelhana, provençal, espanhola, sânscrita, árabe; de origem desconhecida e de origem onomatopaica ocorreram somente 1 vez, o que representa 0,4 % do total das lexias dicionarizadas.

Um total de 26 lexias não tiveram sua origem encontrada, correspondente a 10,4% do total.

Podemos visualizar estes dados no gráfico a seguir:

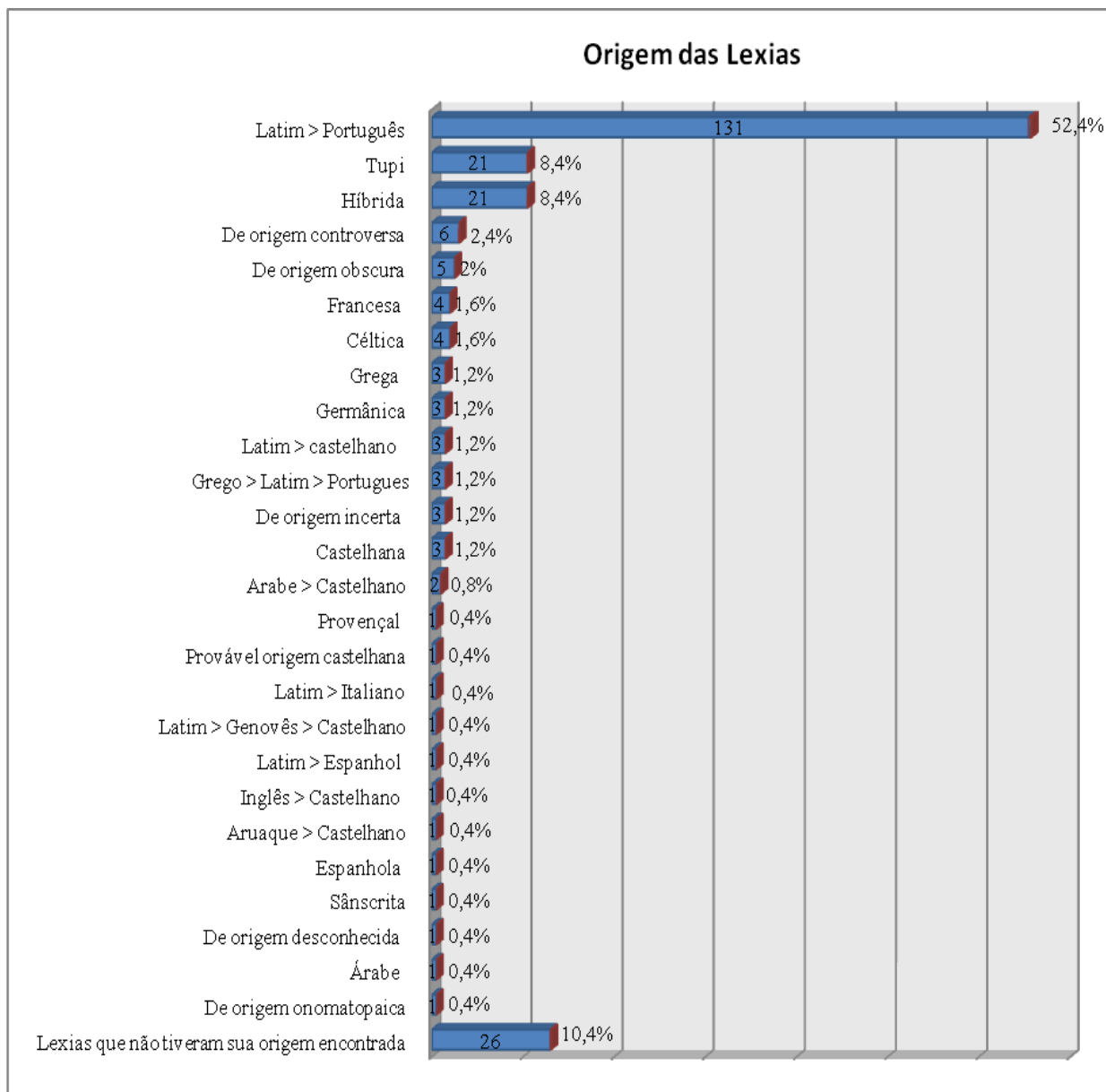


GRÁFICO 7 – Origem das lexias

4.2.6.1 *Brasileirismos*

Aurélio Séc. XXI define um número significativo de lexias presentes nas fichas como *brasileirismo*. Oliveira (1999, p. 96) classifica como *brasileirismo* “todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa”. Assim, para essa autora, enquadram-se como *brasileirismos* as seguintes categorias: os *indigenismos*, os *africanismos*, os *brasileirismos* semânticos, as formações e derivações brasileiras de base vernácula ou de base híbrida e as lexias de origem expressiva próprias dos brasileiros. O vocábulo *indigenismo*, usado por

Oliveira, se refere ao repertório lexical originado do conjunto das diversas famílias indígenas brasileiras que contribuíram para o português do Brasil. De forma semelhante, a lexia africanismo se refere ao conjunto dos vocábulos oriundos dos diversos falares africanos que também contribuíram para o português do Brasil.

Após a análise das 250 lexias, encontramos 45 lexias classificadas como brasileirismos no Aurélio Séc. XXI: aratu, banderado, boia, cambéu, canoero, carapeba, casquinha, chiqueiro, curral, deflorar, dispescar, embarcação, emborcar, espeque, espia, estera, garité, gelero, igarapé, jangada, maçarico, manzuá, maria-farinha, mero, montaria, morao, murici, rabo de tatu, rancharia, rancho, refugar, remanso, sala, sarnambi, seco, serra, siri, sururu, tainhera, tarioba, tenência, traíra, vaqueiro, visagem, xaréu.

O gráfico a seguir mostra o percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas:

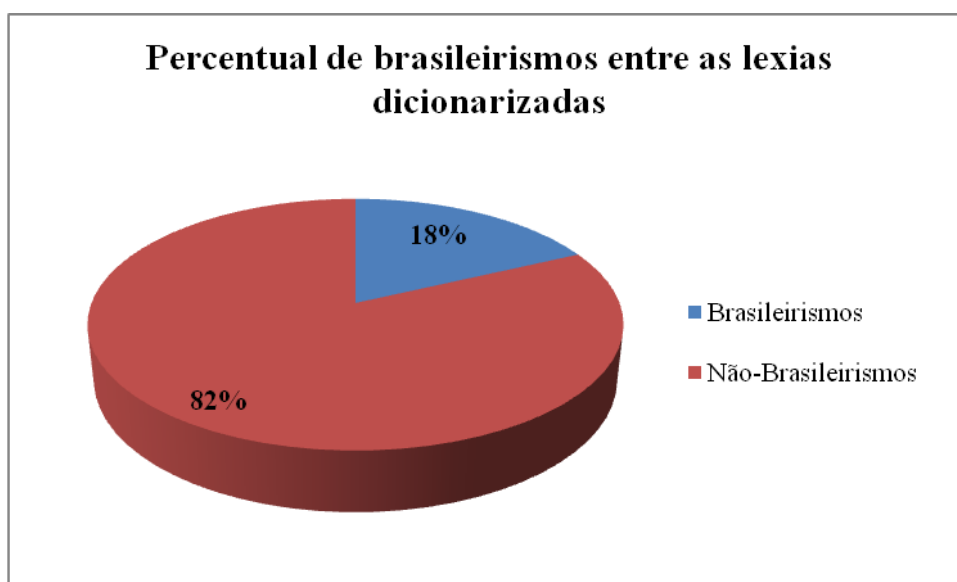


GRÁFICO 8 – Percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas

4.2.7 Quanto à forma e ao gênero das lexias

Nas 250 lexias analisadas, num universo de substantivos, o gênero feminino se sobressai com 110 ocorrências, o que corresponde a 50,92% dos dados presentes em nosso corpus. O gênero masculino ocorre em 106 lexias, correspondendo a 49,07% dos dados.

A quantificação total dos dados quanto ao gênero está ilustrada no GRAF. 9, a seguir:

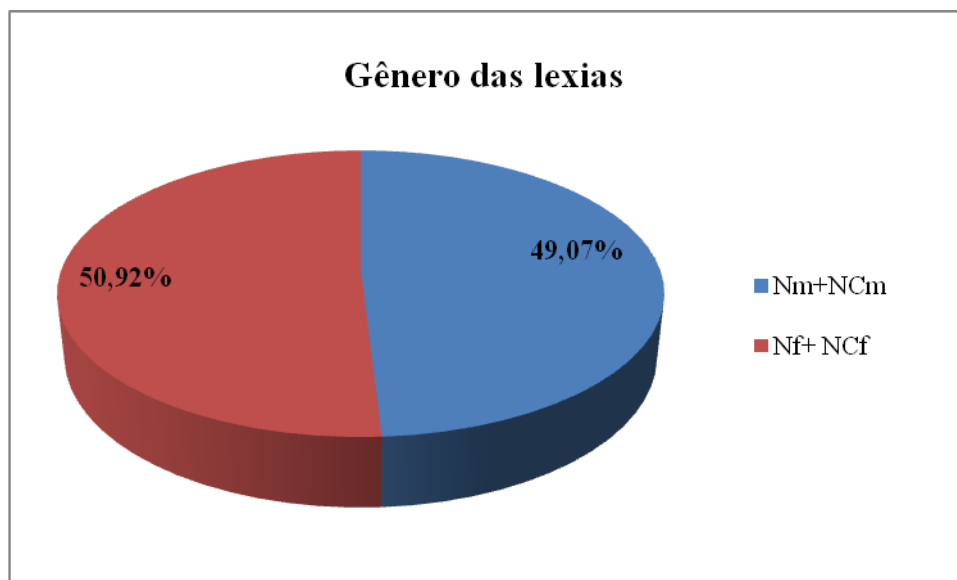


GRÁFICO 9 - Gênero das lexias

4.2.8 Quanto ao número de ocorrências das lexias

Nesta seção, apontamos aquelas lexias que tiveram um número de ocorrências expressivo – são 48 lexias que ocorreram entre 05 e 158 vezes, o que corresponde a 18,8% do total:

QUADRO 1 – Lexias que ocorreram entre 5 e 158 vezes

Nº ocorrências	Lexias
5	guaravira, mar cavado, murici, pitiu, serra,
6	anaufragar, camarão, gó, João de una, maré de quarto, pescadinha, pescadinha gó, proa, sajuba, vezero
7	berada, espinhel, pescada, pituizera, popa
8	canoa, embarcação, malha, marisia, salinha
9	marisquera, maré, sala grande
10	anzol, caranguejo, rancho, visage
11	pescadera, sururu
12	entralhar, sarnambi, siri
13	biana, pinhada, serrera
21	gozera
26	puçá
63	curral, curralzinho
117	rede
158	peixe

Observamos que todas as lexias acima, que ocorreram em um número expressivo, estão relacionadas à pesca. Considerando que, como explicitado nos procedimentos

metodológicos, as entrevistas não seguiam um roteiro fechado e os entrevistados tinham liberdade para conversar sobre diversos assuntos, como vida familiar, costumes, etc, esses dados podem indicar a importância que a pesca e tudo o que a envolve representa para o pescador.

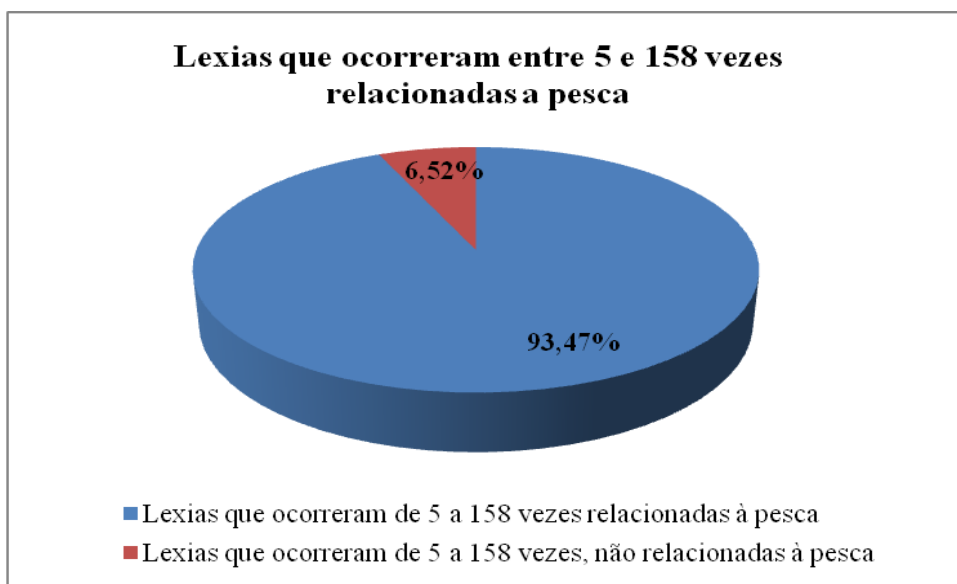


GRÁFICO 10 – Lexias que ocorreram entre 5 e 158 vezes relacionadas a pesca

4.2.9 O léxico da pesca comum na Raposa/MA e em Canto do Mangue/RN

Nesta seção, comparamos o resultado de nossa pesquisa com os dados apresentados por Santos (2010), que, por sua vez, investigou em sua dissertação de mestrado, intitulada *O léxico do Canto do Mangue*, as palavras usadas por uma comunidade de pescadores, denominada *Canto do Mangue*, situada no Bairro da Rocas, em Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

Apesar da distância que separa esses dois universos – o da Raposa e o de Canto do Mangue – eles têm também muito em comum. Ambos são comunidades de pescadores que abrigam centenas de profissionais cuja rotina é sair diariamente para pescar, voltar no mesmo dia ou passar dias pescando. Na volta, comercializam seus pescados, consertam suas redes de pesca com a ajuda das esposas e dos filhos, e ainda contam as proezas vivenciadas em alto mar.

Apesar de nomear um mundo que está em constante evolução, as palavras permitem que sociedades semelhantes, mesmo que em locais distintos, mantenham língua e cultura com muitas características similares. No caso dos pescadores, se por um lado há uma

uniformidade de processos e implementos de pesca observada em determinadas regiões, isso não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências.

Percebemos, por exemplo, que enquanto na Raposa há 15 lexias que estão relacionadas ao universo agropecuário (boca do curral, chiquero, curral, curralzinho, pesca de curral, pescaria de curral, rancho, rancharia, sala, sala grande, salinha, testera de chiquero, camurim, vacareza, vaquero), em Santos (2010) não encontramos lexia alguma relacionada a esse universo, certamente devido a essas lexias serem características do linguajar cearense e terem *migrado* do Ceará para o Maranhão.

Como mencionado no item 2.4.1, os cearenses fundadores da Raposa eram, em sua maioria, pequenos proprietários de terra que ao migrarem para o Maranhão, transplantaram as relações de produção e de trabalho da agricultura para a pesca, o que influenciou a nomeação de lexias da pesca. Segundo Chaves (apud OLIVEIRA, 1982, p.2), o curral (com o qual relacionam-se todas as lexias acima) é um instrumento de pesca instalado do mar cujas relações de trabalho inspiram-se em regras e categorias da terra (da pecuária) projetadas no mar. Da mesma forma, o peixe camurim remete a terra, por significar “boi do mar”.

Em relação ao léxico comum entre nosso *corpus* e o de Santos (2010), contabilizamos 51 lexias, o que representa 20,4% do total de dados coletados.

i) Nomes que apresentam a mesma forma e o mesmo significado²⁵:

anzol, aratu, arraia, atravessador, baixa-mar, boca da barra, boca mole, braça, cação, camarão, camurim, camurupim, canoa, carapeba, chama maré, convés, corvina, costa, cururuca, embarcação, espinhel, , jangada, leme, linha, malha, maré, maré grande, maré de lua, maria farinha, marisqueira, mastro, mero, pescada amarela, popa, proa, rede, refugar, serra, siri, sururu, tainha, vela, xaréu.

ii) Nomes que apresentam forma diferente, mas com o mesmo significado:

→ *barco a motor* (Canto do Mangue) - barco movido a motor que alcança alta velocidade. / *canoa a motô* (Raposa) - embarcação rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, podendo ser aberta ou fechada, movida por um motor.

²⁵ Não levamos em consideração as diferenças ortográficas entre as lexias *atravessador/ atravessadô, baixa-mar/ baxa-mar, convés/ convéis, corvina/covina marisqueira/marisqueira*, pois em nosso trabalho foi registrada a lexia conforme ocorreu na fala dos entrevistados.

→ *barco a vela* (Canto do Mangue) - embarcação de pesca movido à vela./ *canoas a vela* (Raposa) - Embarcação rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, aberta, movida por uma vela.

→ *garajuba* (Canto do Mangue) - espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 4 quilos. De cor amarela e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local.
/ *gurijuba* (Raposa) - Peixe de coloração acinzentada com contraste amarelo, cabeça grande e achatada. Considerado pelos pescadores da Raposa como um “peixe de segunda classe” devido a seu médio valor comercial.

→ *pescaria de arrastão* (Canto do Mangue) - pescaria feita com a rede de arrasto./ *pesca de arrastão* (Raposa) - Ato ou ação de pescar arrastando uma rede rente ao chão com o fim de capturar camarões.

→ *pesqueiro* (Canto do Mangue) - ponto bom de pesca. / *pexero* (Raposa) - local onde há grande quantidade de peixes.

→ *taioba* (Canto do Mangue) - espécie de búzio que dá na areia da praia oriunda do mar./ *tarioba* (Raposa) - Molusco bivalve, donacídeo (*Iphigenia brasiliensis*), distribuído desde as Antilhas até o S. do Brasil. É comestível, e pode conservar vários dias fora da água mercê do perfeito ajustamento das valvas. Vende-se no mercado quando atinge tamanho superior a 5cm.

→ *vento sul-oeste* (Canto do Mangue) - vento que começa na terra e segue em direção ao mar. Acontece sempre nas madrugadas. / *vento do sul* (Raposa) - Vento que vem da terra, considerado bom para pesca, pois o peixe, segundo os pescadores, se guia pelo vento sul.

→ *xié* (Canto do Mangue) - espécie de caranguejo de pequeno porte, de pata grande e de cor amarelada. Essa espécie não tem valor comercial./ *xiéu* (Raposa) – Caranguejo pequeno, sem valor comercial, de cor avermelhada e de patas em formato de tesoura, também conhecido como chama-maré, por sair do mangue quando a maré está próxima de encher

Esse exame nos permite afirmar que as palavras migram, sendo algumas alteradas ou substituídas por outras.

4.2.10 Variação das lexias

Retomando o que foi discutido no item 1.4.1, por ser a língua um sistema dinâmico, a variação e mudança linguística são inerentes a ela, ou seja, a estrutura da língua se altera no tempo continuamente e somos peças importantes nessa evolução linguística, pelo fato de sermos falantes e utilizarmos a língua constantemente. Ao estudarmos as 196 lexias dicionarizadas, observamos que alguns vocábulos cambéu (*cambeba* → *cambéu*), *espinhel* (*espiel* → *espinhel*), *igarité* (*igarité* → *garité*), *pecar* (*peccar* → *pecar* → *pecar*) e *xiéu* (*xié* → *xiéu*) tiveram sua forma um pouco mais alterada, do século XVIII até os dias atuais.

Averiguamos que a grande maioria conserva a mesma forma e o mesmo significado, desde a sua primeira dicionarização até hoje, apresentando, apenas, variações ortográficas e fonéticas, como em: *aguacero, alagar, anaufragar, anchova, anzol, a pano, aprofundar, aporrinhar, aratu, arraia, arrastar, arrudear, assentar, atravessadô, bagre, bandeirado, barquero, baxa, baxa mar, benzimento, berada, bera da costa, biana, bitola, boca da barra, boca do corral, boca mole, boia, bonança, boquero, braça, buzo, cabo, cação, camarão, camarão branco, camaroera, camurim, camurupim, canoa, canoa a pano, canoa a motô, canoa a vela, canoa de batê a mão, canoero, canoinha, caranguejo, carapeba, carga de peixe, casquinha, chiquero, cinto, convéigs, costa, costa baxa, costero, covina, curral, deflorar, desenganchar, disinganchar, disalagar, discarrerar, dismaiar, disarmiscar, dispescar, divisão, embarcação, emborcar, enchente, enganchar, entralhamento, entralhar, erosão, escardiar, espeque, espia, esporão, estera, falario, frentera, gaiolona, garra, gelero, gó, gozera, guaravira, guaxinim, gurijuba, igarapé, isca, iscar, jangada, leme, linha, maçarico, malha, manzuá, maré, maré cheia, maré de crescimento, maré de enchente, maré de lançamento, maré de lua, maré de quarto, maré de quebramento, maré grande, maré lançante, maré seca, marezão, maria-farinha, marisia, mastro, mero, mestre, montaria, morão, murici, muriquina, muruada, palestrar, pano, pecar, pescada, pescada amarela, pescada de dente, pescada grande, pesca de camarão, pesca de curral, pescadera, pesca de redinha, pescadinha, pescadinha mole, pescador de curral, pescadorzin', pescar de anzol, pescar de arrastão, pescaria, pescaria costera, pescaria de caranguejo, pescaria de curral, pescaria de linha, pescaria de rede, pescaria de siri, pesquera, peixe, peixe pedra, pexero, peixe serra, pituu, pituzera, popa, proa, proa chata, , proa fina, puçá, purão, quebramento, rabo de tatu, rancharia, rancho, rebocar, recife, rede, rede de puçá, refugar, remanso, represar, rolação, sajuba, sala, sala grande, salinha, sardinha, sarnambi, sarnambi de pasta, seco, sentar, serra, serrera, serrinha, sessenta, siri, sururu, tainha, tainha média, tainhera, talho,*

tarioba, tenença, testera de chiquero, trado, traíra, urixoca, uritinga, vaquero, vazado, vela, vento do sul, vezero, vingar, visage, xaréu, xiéu.

Essa manutenção se justifica pelo modo de vida, a cultura, os hábitos e os costumes das pessoas que moram em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é a *Raposa*. Por pertencerem a redes densas (MILROY, 1987), em função de interações sociais, o léxico se perpetua e vai passando, às vezes, com pequenas alterações, às gerações seguintes de falantes.



FOTO 6 – Rendeira tecendo – Raposa/MA
Fonte: Roberto Sobrinho

CAPÍTULO 5 - GLOSSÁRIO

Este glossário é parte do repertório lexical que compõe as 10 entrevistas que constituem o *corpus* desta dissertação, aqui já apresentado e analisado em fichas lexicográficas no capítulo 4. Divide-se em duas partes:

1. Quadro geral de classificação: seção em que sugerimos uma estrutura geral a partir das relações existentes entre grupos de palavras, ou seja, coleta das lexias afins, unidas por rede semântica – baseia-se no critério onomasiológico.

2. Glossário: parte que contém as palavras selecionadas e agrupadas no *Quadro geral de classificação* (item 1), acrescentadas de definições, abonações, estrutura gramatical e informações lexicográficas – trata-se da apresentação do vocabulário pelo critério semasiológico.

5.1 Quadro geral de classificação

a) Pesca

- **Produtos**

Objetos/Materiais/instrumentos usados na pesca de redes

Bitola, boia, corpo da agulha, linha, malha, rabo de tatu, rede.

Objetos/Materiais /instrumentos usados na pesca de anzol

Anzol, anzol de impum, anzol estrovado, cabo, cabo seis, espindel, impum, isca.

Objetos/Materiais /instrumentos usados na pesca de armadilhas

Alandruá, cinto, culão, espeque, estera, morão, muruada, puçá, trado.

- **Tipos de pesca**

Pesca com armadilha

Curral, curralzinho, manzuá, pesca de curral, pescaria de curral.

→Pesca com armadilha: Curral - Partes do curral

Boca do corral, chiquero, espia, gaiolona, sala, sala grande, salinha, testera de chiquero.

Pesca de linha

Pescar de anzol, pescaria de linha.

Pesca de rede

Pesca de camarão, pesca de redinha, rede de puçá, pescar de arrastão, pescaria costera

→Tipos de redes

Camaroera, carumipinzera, gozera, pescadera, pitiuzera, sajubera, serralhera, serrera, sessenta, tainhera, zero quarenta.

Pesca manual

Pesca de siri, pescaria de caranguejo.

- **Peixes e crustáceos**

Peixes

Anchova, arraia, bagre, baguinho, banderado, boca mole, calombeta, cambéu, camurim, camurupim, carapeba, covina, croaçu, cururuca, gó, guaravira, gurijuba, guriroba, mero, muriquina, perna de moça, pescada, pescada amarela, pescada de dente, pescada grande, pescadinha, pescadinha gó, pescadinha mole, peixe, peixe pedra, peixe serra, pitiu, sajuba, sardinha, serra, serrinha, tainha, tainha média, traíra, uritinga, urixoca.

Crustáceos

Aratu, buzo, camarão, camarão branco, caranguejo, maraconim, maria-farinha, pitiucaia, sarnambi, sarnambi de pasta, sururu, tarioba.

- **Fenômenos da natureza**

Marés

Baxa mar, enchente, maré, maré cheia, maré de crescimento, maré de enchente, maré de lançamento, marisia, represar.

Mares

Costa baxa, mar cavado, mar chapéu, mar de rolamento, mar liso, maré de lua, maré de quarto, maré de quebramento, maré grande, maré lançante, maré seca, marezão, marezão de lua, quebramento.

Ventos

Erosão, rolação, vento do Sul, vento do Norte,

Águas

Aguacero, águas grande, águas de quebramento, águas de lançamento, peso d'água, remanso,

- **Locais de pesca / relacionados à pesca**

Baxa, berada, bera da costa, boca da barra, costa, igarapé, pexero, rancho d'água, recife, seco.

- **Alimentação na pesca**

Rancho.

- **Transporte/Armazenamento de peixes**

Montaria, Carro pexero, gelero

- **Embarcações**

A remo

Canoa de batê a mão.

A vela

Biana, canoa a pano, canoa a vela, garité.

Motorizadas

Bote lancha, canoa a moto, costero, curralera.

A remo/ou a vela/ motorizadas

Canoa, canoinha, embarcação, jangada.

Partes da embarcação

Convéis, Frentera, leme, mastro, pano, partilhão, popa, proa, proa chata, proa fina, purão, vela.

Quantidade/ Medidas de comprimento

Carga de peixe, braça..

Divisão/ Lucro

Dividição, vacareza.

Ocupações

Atravessador, boquero, gelero, marisquera, mestre, pescador de curral, pescadorzin', vezero, vaquero.

Movimentos relacionados à pesca

Alagar, anaufragar, aprofundar, arrastar, desinganchar, disalagar, discarrerar, dismaiar, dismariscar, dispescar, entralhar, entralhamento, iscar, rebocar, remer, pescaria.

Características relacionadas à pesca

A pano, esporão, ruído.

b) Construções

Pesquera, rancho, rancharia, varete.

c) Crenças e costumes

Casquinha, Gato de Botas, João de Una, falaria, palestrar, pinhada.

d) Superstições

Benzimento, benzer, vingar, visage.

e) Conduta/Estado

Apurrinhar, tenença, garra, vazado.

f) Ação / Movimento

Arrudear, assentar, deflorar, emborcar, escardiar, pecar, refugar, sentar.

g) Alimentação/ Animais

Murici, guaxinim.

h) Cortes ou ferimentos

Talho.

5.2 Glossário

Foram adotados os seguintes procedimentos na organização dos verbetes:

- As entradas estão em ordem alfabética e impressas em versalete e em negrito.
- Os substantivos, adjetivos e locuções apresentam-se conforme se manifestaram nas entrevistas orais, ao passo que os verbos estão no infinitivo.
- Após a entrada, é indicado, entre parênteses, se o vocábulo é dicionarizado pelo *Aurélio* (Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa) (A); se não é dicionarizado por nenhum dos seis dicionários consultados (n/d); se não é dicionarizado no *Aurélio*, mas é em algum dos outros dicionários consultados (n/A).
- A categoria gramatical indica se a palavra é um substantivo, um verbo, um adjetivo, etc. Essas indicações vêm abreviadas e são apresentadas no capítulo III, Metodologia.
- Quando foi possível, indicamos a origem das lexias.
- Após esses procedimentos, apresentamos a definição da palavra construída a partir do significado que apresenta em nosso *corpus*. Em alguns verbetes, fazemos observações que se encontram entre parênteses.
- As abonações (em itálico) mostram como a palavra é usada na região estudada.

Abreviaturas e convenções

A – dicionarizado no *Aurélio*

ADJ – adjetivo

Cf - conferir

INF.: – Informante

Loc. Adj – locução adjetiva

n/A – não-dicionarizado no *Aurélio*

n/d – não-dicionarizado em nenhuma das obras consultadas

n/e – não encontrada

NCf – nome composto feminino

NCm – nome composto masculino

Nf – nome feminino

Nm – nome masculino

Num. – numeral

Prep. – preposição

PESQ.: – pesquisadora

Pl. – plural

S. – substantivo

Sing. – singular

Num. – numeral

V. – verbo

A

AGUACERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Chuva forte, normalmente acompanhada de muito vento. • *Aguacero é muito vento... também agita o má..* (Ent. 2, linha 575).

ÁGUAS GRANDE • (n/d) • NCf [Spl + Adjsing] • Latim > Português • Marés mais altas, que ocorrem em período de lua nova e de lua cheia. • *Pra perto do Ceará tem as maré melhó....se tem as maré maió...o pescadô quando tem as água grande, ele vai esperá das água pro peixe miorá...* (Ent. 8, linhas 107, 108).

ÁGUAS DE QUEBRAMENTO • (n/d) • NCf [Spl + (prep + Ssing)] • Latim > Português • Marés que ocorrem entre as luas nova e quarto crescente, entre as luas cheia e quarto minguante. • *PESQ.: ...e essas maré de quarto como é que? INF. 1: maré de quebramento, as águas de quebramento...* (Ent. 6, linhas 102, 103).

ÁGUAS DE LANÇAMENTO • (n/d) • NCf [Spl + (prep + Ssing)] • Latim > Português • (n/e) • Marés que ocorrem entre as luas quarto crescente e cheia e entre as luas quarto minguante e nova; ondas que crescem em amplitude à medida que se aproximam às marés de lua cheia ou nova. • *Porque essas águas de lançamento, que são as águas grandes já... águas de agosto, setembro, se alavancando de água...* (Ent. 6, linhas 125, 126).

ALAGAR • (A) • [V] • Latim > Português • Ação que ocorre quando a canoa naufraga, ou vira. • *Aí nos alaguemo era umas nove hora do dia... quando foi umas três da tarde nos fomo agarrado na taba...que vei' o socorro.* (Ent. 8, linhas 157, 158).

ALANDRUÁ • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Instrumento de pesca, de fabricação rudimentar, semelhante a uma peneira, que, dependendo do tamanho, necessita de duas pessoas para segurar. É introduzido por baixo das plantas aquáticas e suspenso em seguida. Quando levantado, as plantas são retiradas da peneira, ficando somente os peixes. • *Quando o siri vinha, agarrava na linha pra cumê, a gente só via que tava vindo, suspende o alandruá assim que de baixo... já agarrou ele* (Ent. 6, linhas 65 e 66).

ANAUFRAGAR • (n/A) • [V] • Nm [Ssing] • Latim > Português • Ser vítima de naufrágio. • *Ahh bastante... já anaufraquei várias vezes no má...passei mais de vinte e quatro hora boiando em cima d'água...* (Ent. 3, linhas 140, 141). • Dicionarizado: naufragar

ANCHOVA • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Genovês > Castelhana • Peixe de dorso cor de oliva, de ventre esbranquiçado, que apresenta várias escamas na sua lateral. É uma espécie migradora, que se alimenta de pequenos peixes e crustáceos. Atinge 1 metro de comprimento e 12 quilos de peso. Considerado pelos pescadores da Raposa como um “peixe de primeira” • *Anchova...anchova... lá é anchova...tainha* (Ent. 3, linha 401).

ANZOL • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Instrumento de pesca feito de arame de aço inoxidável de ponta curvada, onde há um gancho em que a isca é colocada; o peixe, ao comer a isca, fica com a boca presa nesse gancho, sendo fígado. • *Aí vai... quando é na hora de puxar você suspende pela linha daquela bóia ali... lá e saí desmariscando e o peixe tá num anzol, que nem pra cumer, lá mesmo ele se vira...* (Ent. 6, linhas 55 e 56).

ANZOL DE IMPUM • (n/d) • NCm [Ssing + (prep + Ssing)] • Latim > Português • Anzol de fabricação coreana, utilizado mais recentemente pelos pescadores do Maranhão. • *Agora eu sei que tem o impum... o impum ... o anzol de impum que é pra amarrá no cabo preto...* (Ent. 2, linha 503, 504).

ANZOL ESTROVADO • (n/d) • NCm [Ssing + Adjsing] • Latim > Português • Anzol que tem um estorvo, peso feito de chumbo ou de ferro fixado na linha que o prende. • *Um anzol estrovado...e bota as cordas e cinco em cinco braços uma bóia e solta no meio do mar...* (Ent. 4, linha 29).

A PANO • (n/d) • Loc. Adj [Prep + Ssing] • Latim > Português • Movida a vela • *...lá tudo é a pano...tem uma ou duas canoa a motô...* (Ent. 1, linha 201, 202).

APROFUNDAR • (A) • [V] • Latim > Português • Tornar mais fundo. • *Aí sai daqui até aqui...sai botando as pedra pra aprofundá...* (Ent. 6, linha 53).

APURRINHAR • (A) • [V] • Origem Obscura • Aborrecer, perturbar. • *Aí a turma aqui apurrinho os outro né* (Ent.1, linha 153).

ARATU • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Espécie de crustáceo de coloração acinzentada que ocorre nos mangues, porém não mora em buracos, preferindo viver em arbustos. • *PESQ.: que*

tem ali... bem pequenininho... parece uma ilha... bem pretinho...INF.: é chiéu o nome dele... agora o aratu é gostoso... você como asssim... o melhor que tem é o aratu... melhor que siri... (Ent. 4, linhas 233).

ARRAIA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peixe fora do desenho clássico, mas da mesma subclasse dos tubarões, dos quais difere pelo formato achatado de corpo e pela localização das fendas branquiais. As arraias marítimas, de 1,50 m a 1,90 m de comprimento, são relativamente comuns e podem alcançar 4 m. Considerado pelos pescadores da Raposa um “peixe de terceira”. • *O uçá não vendia... a arraia não vendia, o caçãõ não vendia...* (Ent. 8, linha 337).

ARRASTAR • (A) • [V] • Latim > Português • Puxar o camarão com a rede rente ao fndo do mar. • *Aí pode as vêis dormir, pode se quizé arrastá o camarão dali, pode ...* (Ent. 6, linhas 54 e 55).

ARRUDEAR • (A) • [V] • Latim > Português • Fazer a volta em torno de. • *Aqui nessa estera, arrudeia aqui na salinha,* (Ent. 8, linha 151).

ASSENTAR • (A) • [V] • Latim > Português • Fixar algo no fundo; pôr algo em assento. • *É...vai soltando ele...daí tem umas pedra que vai fazendo ele assentá lá no fundo* (Ent. 6, linha 46).

ATRAVESSADOR • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Indivíduo que tem o papel de mediar a venda de peixes, comprando a produção dos pescadores e a vendendo. • *Aí se o dono da embarcação não tem... é onde atravessadô entra... arranja o dinheiro pra dá pra cada pessoa* (Ent. 3, linhas 358, 359).

B

BAGRE • (A) • Nm [Ssing] • Origem controversa • Peixe que pode ser encontrado tanto em águas salgadas e salobras da costa leste brasileira, como nas águas interiores do nosso território. O nome bagre é genérico, já que existem muitas espécies diferentes. No mar podem atingir até um metro de comprimento e 15 quilos de peso. Considerado pelos pescadores da

Raposa como um “peixe de segunda” classe. • *O peixe que vem pra cá o espinhel chega na hora, esses peixinho que hoje dá mais é guaravira... que antes dava muita guaravira e pescada, bagre muito...* • (Ent. 4, linhas 74 e 75).

BAGUINHO • (n/d) • Nm [Ssing] • Origem controversa • Diminutivo de bagre. • *O baguinho não vendia, o galo não vendia. O uçá não vendia... a arraia não vendia...o caçãõ não vendia linha* (Ent. 8, linha 337).

BANDERADO • (A) • Nm [Ssing] • Provável origem castelhana • Espécie de bagre também conhecido no litoral sul do Brasil como bagre-bandeira. Atinge 50 centímetros de comprimento total e 730 gramas de peso. Peixe considerado pelos pescadores da Raposa como um peixe de segunda classe, ou seja, de valor comercial médio. • *O rapaz chegou aqui... rapaz “vem fazer um favor”. Eu digo “o que é rapaz? “ pra tu ser tistimunha que eu sou pescadô... vai ali no fórum. Aí eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe... o ...o...rapaz foi...”que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele?” Eu comecei a dizê assim: olha ele pega baguinho... gurijuba... uritinga... quando eu disse uritinga... ela disse... venha cá... tem esse ainda. Eu disse... senhora num qué sabê a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? Quando cheguei no uritinga... eu falei baguinho... banderado... o gurijuba... o cambéu... Lea disse: “mais já chega”. Mas e agora?* (Ent. 8, linhas 353 - 359).

BARQUERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Espanhol • Pescador responsável por governar a embarcação. • *É o barquero que passa né...ele...tava bêbado...* (Ent. 10, linha 154).

BAXA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Local no mar onde a altura da água é pequena. • *Ainda existe... Por isso chamava pedra e chama pedra até hoje... chamo o... uma chamo os pedra, Araçagi, Olho de porco, é...é...baxa* (Ent. 1, linhas 179 e 180).

BAXA MAR • (A) • Ncf [ADJ + Sf] • Latim > Português • Denominação dada à maré quando esta termina de vazar. • *Você bota o curral agora, pega a rede, na maré... na baxa má...na baixa má você tem que tá lá a mode tirá a rede..*(Ent. 2, linha199).

BENZIMENTO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Ato ou ação de benzer algo ou alguém. • *Ele mesmo fez o benzimento em mim e no outro dia eu amanheci aliviado* (Ent. 5, linha 122).

BERADA • (A) • Nf [Ssing] • De origem incerta • Beira do mar, do rio ou do canal. • *Não... que a rede saiu do barco... pegô nas berada na muruada... as muruada é onde eles bota puçá pra pegá camarão* (Ent. 2, linha 369, 370).

BERA DA COSTA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • De origem incerta • Praia. • *Raposa que dizem é por causa que teve uma raposa que morreu na bera da costa e os pescadô ficam se encontrando lá... se encontrando...*(Ent. 3, linhas 85 e 86).

BIANA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Embarcação regional, criada por pescadores cearenses, de tamanho pequeno, construção simplificada, quase sempre movida a vela. Pode ser totalmente aberta ou apresentar um convés e navegar em locais baixos, já que o leme pode ser adaptado para diversas alturas. • *Uma biana é uma canoa que o pescadô chama. ...a biana é pequena, viu...*(Ent. 8, linha 149).

BITOLA • (A) • Nf [Ssing] • Origem controvertida • Divisão entre uma boia e outra boia. • *Bitola a gente chama é o entralhamento de uma bitola pra outra...* (Ent. 2, linha 238).

BOCA DA BARRA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • Latim > Português • Local onde o canal deságua; encontro do igarapé ou de um rio com a sua foz. • *Aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns pexes que nós...*(Ent. 2, linhas 296 e 297).

BOCA DO CORRAL • (n/A) • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • Latim > Português + Origem controvertida • Entrada de armadilha de pesca. • *Você tem que ir lá com uma rede... um sobe na boca do corral, dois cinto na boca, bota o culão lá na frente, sobe em cima... bota o calão* (Ent. 4, linhas 93 e 94).

BOCA MOLE • (n/A) • Ncf [Ssing + ADJ] • Latim > Português • Peixe de água salgada cuja cabeça é similar a da pescada amarela e que pesa aproximadamente 1quilo. Considerado pelos pescadores da Raposa um “peixe de segunda” • *PESQ.: Ahhh... é a merma gó?/INF. 1: É a merma gó...boca mole.* (Ent. 7, linhas 83 e 84).

BOIA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Objeto de isopor colocado na rede para definir a divisão de um espaço para outro. • *Aí vai entralhando... num sabe... que é botando as bóia... que tem o lugar das bóia e das bichinha.* (Ent. 2, linhas 209 e 210).

BONANÇA~BONÂNCIA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Castelhana. • Calmaria. • *Na bonância... que o povo diz na bonança tá um má liso tá bom demais navegá...áí fala assim na bonança...*(Ent. 2, linhas 558 e 559).

BOQUERO •(A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Pescador responsável por levar a rede até a boca do curral • ... *a gente conta a história ninguém acredita não... eu sempre trabalhei de boquero, boquero é o cara que leva até a boca do curral ...botar os homem.* (Ent. 4, linhas 183 e 184).

BOTE LANCHA • (n/d) • NCm [Sm + Sf] • Inglês > Castelhana • Embarcação pequena a motor com a metragem de 8 metros de comprimento. • *Só muda de forma (risos) mas tudo de madeira... proa fina...proa chata, biana, é bote lancha né.* (Ent. 1, linhas 134,135).

BRAÇA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Medida antiga de comprimento que corresponde a 1,5 metros. • *É... é isso aí... é que nós medimos pra butá de um espinhel pra outro... tanto a rede... é medida por braça* (Ent. 6, linhas 151 e 152).

BUZO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Molusco gastrópode aquático, semelhante a um grande caracol de água. É predador, alimenta-se de animais como outros moluscos ou estrelas-do-mar. Tem a cor da alga onde se situa, para se camuflar. Tem formato redondo e é composto por duas conchas dentro das quais tem um líquido viscoso comestível •... *é o buzo né...marisco que tem por o nome buzo né...mais conhecido aqui como sarnambi* (Ent. 10, linha 228).

C

CABO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Corda composta de vários anzóis enfileirados, medindo de 30 a 40 metros, que serve de apetrecho de pesca, mais conhecido na Raposa como espinhel. • *Não...o espinhel não é uma rede... o espinhel é um cabo... põe os anzol num cabo... assim... três... cinco mil ...* (Ent. 4, linhas 498, 499).

CABO SEIS • (n/d) • NCm [Ssing +Num] • Latim > Português • Corda que serve de apetrecho de pesca. composta de vários anzóis enfileirados de comprimento entre 20 e 25 metros. • *PESQ.: rabo de tatu é a corda INF.: é o cabo seis que a gente usa aqui...* (Ent. 2, linhas 206, 207).

CAÇÃO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Nome genérico dado aos peixes marinhos cartilaginosos, dos gêneros *Odontaspis*, *Carchharodon*, *Scyliorhinus*, *Eulamia*, *Galeorhinus*, *Prionace*, *Mustelus*, *Scoliodon*, *Galeocernus*, *Squatina* e *Sphyrna*. Possui a aparência igual ao tubarão, mas em tamanho menor. Tem a pele áspera, por causa das suas escamas placóides, que servem como lixa. O olfato e a audição são desenvolvidos, mas o cérebro é pequeno, demorando para morrer mesmo depois de ferido, ao contrário do que ocorre com outra espécie de vertebrados. Acredita-se que existem cerca de 350 espécies de cações. Considerado pelos pescadores da Raposa um “peixe de segunda classe”. • *O baguinho não vendia, o galo não vendia. O uçá não vendia... a arraia não vendia...o cação não vendia...* (Ent. 8, linhas 336, 337).

CALOMBETA • (n/A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Espécie marinha de coloração verde-clara no dorso e prateada no ventre. Tem a boca pequena, a nadadeira caudal amarela e o dorsal branco. Também conhecido na Raposa como pilombeta ou favinha da água salgada. Considerado pelos pescadores da Raposa um peixe de terceira classe, devido a seu baixo valor comercial. • *PESQ.: Essa que elas estão fazendo aqui... qual rede é essa aqui. INF.: Aí é para pegar é o cambéu... é a uritinga...é a cururuca é a calombeta..é... esses peixe miúdo.* (Ent. 5, linhas 166, 167).

CAMARÃO • (A) • Nm [Ssing] • Grego > Latim > Português • Crustáceo artrópode, de dez patas, de grande consumo na alimentação. • *PESQ.: puçá...puçá a gente usa pra camarão também né. INF.: é pra camarão.* (Ent. 9, linhas 29, 30).

CAMARÃO BRANCO • (A) • Nm [Ssing] • Grego > Latim > Português • Crustáceo artrópode, de cor branca, de dez patas, de grande consumo na alimentação. • *Os dois (risos)..tudo é bom /...mas o camarão branco é o melhó...que diz que não é venenoso né...* (Ent. 9, linhas 149, 150).

CAMAROERA • (n/A) • Nf [Ssing] • Grego > Latim > Português • Rede de pesca cuja malha é menor que as demais, medindo 5 centímetros, utilizada pra pescar camarão. • *PESQ.: E camarão? INF.: Outro tipo de nailo. PESQ.: Mas tem o nome também? INF.: Camaroera.* (Ent. 8, linhas 94, 95, 96, 97).

CAMBÉU • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Peixe miúdo de aparência similar ao bagre, porém de cor amarela, considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de terceira classe” por ter

baixo valor comercial. • *INF.: Aí é para pegar é o cambéu, é o (inaudível é... esses peixe miúdo* (Ent. 5, linha 165).

CAMURIM • (n/A) • Nm [Ssing] • Tupi • Peixe conhecido na região sudeste como robalo. Considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de primeira classe”, por ter alto valor comercial. • *Não ... pega croaçú... pega o camurim... esses peixe assim.* (Ent. 2, linha 83).

CAMURUPIM • (n/A) • Nm [Ssing] • Tupi • Peixe de escamas grandes que pesa no mínimo 60 kg. Considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de primeira classe”. • *INF.: camurupim que é aquele grandão.../ e cada lugar é um modo de falar.* (Ent. 3, linha 390).

CAMURUPINZERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Híbrida (Tupi + sufixo português) • Rede de pesca utilizada para pescar camurupim. A sua malha mede entre 15 e 20 centímetros • *PESQ.: Aí, outra coisa que me chamou a atenção aqui foi rede. La..la...la na capital faz a rede de pesca só. Aqui não, pra pescar peixe de gó tem a gozeira...quais são os tipos de rede que tem, seu Valdemar? INF.: Tem a camurupinzera...o mesmo nailo... viu.* (Ent. 8, linhas 84, 85, 86).

CANOA • (A) • Nf [Ssing] • Aruaque > Castelhana • Embarcação rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, podendo ser aberta ou fechada. • *Aí eu tirei a visão das duas pessoa e quando eu olhei de novo já não tarra as duas pessoas...só tarra uma canoa, uma biana...uma biana é uma canoa que o pescado chama...* (Ent. 9, linhas 148, 149).

CANOA A PANO • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Aruaque > Castelhana > Português) • *embarcação* rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, aberta, movida por uma vela. • *Que se você fô lá Cocê vai encontrá uma centena de canoas a pano..la tudo é a pano...tem uma ou duas canoa a motô...* (Ent. 1, linhas 202, 203).

CANOA A MOTÔ • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Aruaque > Castelhana + Português) • *embarcação* rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, podendo ser aberta ou fechada, movida por um motor. • *Que se você fô lá você vai encontrá uma centena de canoas a pano..la tudo é a pano...tem uma ou duas canoa a motô...* (Ent. 1, linhas 202, 203).

CANOA A VELA • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Aruaque > Castelhana > Português) • *Embarcação* rudimentar formada de um casco, grande ou pequeno, com ou sem borda, aberta, movida por uma vela. • *É..é...essas continuam...pescando..canoa a vela..tudo*

coisa rústica...você tem...tem acolá tem um, um, um, um local...que se você fô lá você vai encontrá uma centena de canoas a pano...(Ent. 1, linhas 201, 202).

CANOA DE BATÊ A MÃO • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • Híbrida (Aruaque > Castelhana + Português) • Embarcação rudimentar formada de um casco, pequeno, com ou sem borda, aberta, a qual pode ter ou não uma vela, a remo. • *Só na viagem...na viagem praque eu vim por Parnaíba atravessado por Parnaíba, ..atravessamo de nado, no rio Parnaíba tinha uma passagem muito perigosa mas a gente trevessou de canoa de batê a mão...* (Ent. 1, linhas 71, 72, 73).

CANOERO • (A) • Nm [Ssing] • Híbrida (Castelhana + sufixo português) • Pescador. • *É o barquero que passa né...ele...tava bêbado...e os pescadores quando o canoero não pode passá eles passo por água né...* (Ent. 10, linhas 154, 155)

CANOINHA • (A) • Nf [Ssing] • Híbrida (Castelhana + sufixo português) • Embarcação rudimentar, pequena, formada de um casco, pequena, com ou sem borda, aberta, com ou sem vela. • *Só aquele pescadorzin' de berada mas ainda continua pescando...é mais é...bar, restaurante porque virou ponto turístico né...mas ainda continua pescador ainda continua as canoinha ainda continua....* (Ent. 1, linhas 182, 183, 184).

CARANGUEJO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Castelhana • Crustáceos decápodes, braquiúro, de pernas terminadas em unhas pontudas, terrestres ou aquáticos, marinhos ou de água doce, os quais vivem, na maioria, em tocas, que eles mesmos escavam. Alimentam-se de detritos orgânicos, e são utilizados na alimentação humana. • PESQ.: caranguejo ...caranguejo tem outros tipos de nome de caranguejo ou só caranguejo mesmo? INF.: só caranguejo... (Ent. 2, linhas 427, 428).

CARAPEBA • (A) • Nf [Ssing] • Tupi • Peixe da escama branca que dá mais na água limpa, sendo mais comum no estado do Ceará, considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe” PESQ.: *O senhor era capaz de enumerar os tipos de peixe que tinha?* INF.: *Tinha tainha, carapeba, tinha camurim, traíra, esses peixes aí...* (Ent. 5, linhas 26, 27).

CARGA DE PEIXE • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Grande quantidade de peixes. • *Eu vim daquela época lá do Ceará. Cheguei num lugar chamado Praia das Águas, encontrei um rapaz que falou que ia buscar uma carga de peixe...* (Ent. 5, linhas 58, 59).

CARRO PEXERO • (n/d) • NCm [Ssing + Ssing] • Latim > Português • veículo responsável pelo transporte do peixe . • *INF.:* *É...ia pega o ônibus as vezes no Olho Dágua...seis hora da manha...meio dia...ou seis da tarde...se não tivesse esse ôñibu'...voce pegarra um carro pexero num...num..ponto chamado Olho de Porco... PESQ.:* *Carro pexero que o senhor chama é... INF.:* *De pesca...né...é...exatamente isso.* (Ent. 1, linhas 105, 106, 107, 108).

CASQUINHA~CASQUIN' • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Lenda comum entre os pescadores da Raposa, segundo a qual, quando o pescador está em alto mar, em um local chamado Maruim, um espírito pode se aproximar e “tirar uma casquinha” dele, ou seja, abusar sexualmente desse pescador, enquanto ele dorme. • *E hoje a gente ainda comenta muito porque a gente chega no bar do Carlo senta ali né...e aí vai indo...né...aí o outro diz assim... “ah rapá tu tava pra onde?” ...”ah eu tava pescano lá pro Maruim” ...”vem cá, me diz uma coisa, diz que o Casquinha foilá? “Aí o Casquinha diz que é um ...uma lenda...o espírito de uma lenda que tem lá...que diz que quando o cara ta lá que ele se engraça do cara, ele vai dormir com o cara...aí a turma aqui aporrinho os outro né ...diz assim...”ih meu filho qué dizê que tu dormiu com o Casquinh'...qué dizê...aí essa lenda vem há cinquenta anos.* (Ent. 1, linhas 149, 150, 151, 152, 153).

CHIQUERO • (A) • Nm [Ssing] • Árabe > Castelhana • Última parte do curral, em formato de gaiola, onde o peixe fica preso definitivamente até se retirado pelo pescador. • *PESQ.:* *uma coisa que eu não entendo como é que o peixe entra no curral e não sai? INF.:* *é difícil, porque ele entra no curral pela sala e não sai, depois entra dentro da espia, depois ele cai dentro da sala grande, depois ele cai dentro da salinha, depois ele cai dentro do chiquero, e depois que ele ta dentro do chiquero...* (Ent. 4, linhas 89, 90, 91, 92).

CINTO~CINTA • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Madeira que fica atravessada na lateral da salinha do curral. • *Pra sair é só dentro da mão da gente... você tem que ir láacom uma rede... um sobe na boca do curral, dois cinto na boca, bota o culão la na frente, sobe em cima boa o calão.* (Ent. 4, linhas 93, 94).

CONVÉIS • (A) • Nm [Ssing] • Castelhana • Parte coberta do barco na qual os pescadores guardam seus apetrechos. • *Aí...daí nasce o convéis...que é justamente essa parte que vem aqui que é cumprida...*(Ent. 5, linha 269).

CORPO DA AGULHA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Asing + Ssing}] • Latim > Português • Parte comprida da agulha utilizada para tecer as redes. • *PESQ.:* *aí isso aqui que*

o senhô tá fazendo? INF.: é pra consertá rede. PESQ.: ah foi rasgada...aí leva faca e como é o nome desse instrumento aqui? PESQ.: agulha ...INF.: é o corpo da agulha. (Ent. 9, linhas 60,61,62,63,64,65,66).

COSTA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Região próxima do mar, borda do mar ou da praia. • *Já andei risco de canoa se anaufragar comigo... só teve uma no ceará de se anaufragar... de pegar uma marisia... a costa tava bem pertinho, ele virou, virou e .. isso no ceará, aqui não... (Ent. 4, linhas 174, 175, 176).*

COSTA BAXA • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Maré baixa • *INF.: é, saía de costa baxa...ia pegar PESQ.: costa baxa é quando a maré ta baixa? INF.: é... é... (Ent. 3, linhas 27, 28, 29).*

COSTERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Barco que pesca na costa • *É a mesma coisa... Eu chamo mais pesquero eu vou dizê porque...pra melhorar pra ti e pra quem for depois fazer a pergunta...eu chamo pesquero em dois sentido porque vamo dizê assim...os barco que pesca em alto pesca eles chama os barco pesquero...certo...os que pesca em alto má...na realidade aqui no Maranhao chamamos o outro de...costero, que é o que pesca cientificamente...eu to lhe falando cientificamente mediante capitania dos portos e tal...porque ele pesca só na costa...(Ent. 1, linhas 112, 113, 114, 115, 116).*

COVINA • (n/A) • Nf [Ssing] • Castelhana • Pescada de cor branca, do mesmo tamanho da pescada amarela • Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de primeira classe”. • *A gozera é uma malha menor que pega pescadinha gó... a covina que chama... já é maior já usa a rede zero cinquenta... já é a serrera também... (Ent. 2, linhas 72 e 73).*

CROAÇU • (n/d) • Nm [Ssing] • (Tupi) • Peixe redondo muito agressivo, cujas costas são cheias de esporão. • *Não ... pega croacu... pega o camurim... esses peixe assim (Ent. 2, linha 83).*

CULÃO~CALÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pedacos de paus que forram a rede utilizada para retirar os peixes do curral; servem para lhe dar mais sustentação. • *Calão é uma peça de pau que vai na rede... se o curral for fundo você pega na ponta... mergulhando por baixo... até encontrá calão por calão// ...até ficá assim...leva pra canoa... (Ent. 4, linhas 96 e 97).*

CURRAL~CORRAL~CURRALZINHO • (A) • Nm [Ssing] • Origem Controversa. • Armadilha de pesca característica do Ceará, composta de seis compartimentos: boca do curral,

espia, sala, sala grande, salinha e chiqueiro, que se baseia no ato do peixe entrar para “passsear” por vários compartimentos, terminando ficando preso no último deles que é o chiqueiro. • *Aí passei a trabalhar, que eu vim lá do ceará, eu era garoto... vim trabalhar de curral... trabalhei vinte e poucos anos de curral...* (Ent. 4, linhas 14 e 15).

CURRALERA • (n/A) • Nf [Ssing] • Origem Controversa • Canoas que vão até o alto mar retirar os currais que ficam mais distantes da terra, também conhecidos como currais de fora. • *PESQ.: curralhera? INF.: urrelora..curralera..curralera...curralera... eles boto os corral só pra esperá os peixe chegá entrá..aí eles vão só despescá na hora...* (Ent. 9, linhas 35, 36, 37).

CURRALZINHO • (A) • Nm [Ssing] • Origem Controversa • Armadilha de pesca característica do Ceará, composta de compartimentos: boca do curral, sala, sala grande, salinha, espia e chiqueiro, que se baseia no ato do peixe, atraído pelas sombras das varas, entrar para “passsear”, passando por vários compartimentos e terminando ficando preso no último deles, que é o chiqueiro. • *PESQ.: manzuá? Só que a diferença do curral... esse curral que a gente vê ali... pro manzuá qual é? INF.: é porque o manzuá é pequeno... PESQ.: como se fosse um curralzinho INF.: como se fosse um curralzinho... num sabe... porque ele é iscado... aí a pessoa vai... isca ele bem... ele come a isca... consegue sair.* (Ent. 2, linhas 32, 33, 34, 35, 36).

CURURUCA • (n/d) • Nf [Ssing] • Tupi • Peixe da água salgada, de escama grossa, pele avermelhada de pouco valor comercial, considerado por isso pelos pescadores da Raposa como um “peixe de terceira classe”. • *PESQ.:: Essa que elas estão fazendo aqui... qual rede é essa aqui. INF.: I: Aí é para pegar é o cambéu... é a uritinga...é a cururuca é a calombeta..é... esses pexes miúdos...* (Entrevista 5, linhas 166, 167).

D

DEFLORAR • (A) • [V] • Latim > Português • Devastar. • *INF.: Não. Acaba essas que essas mata daqui ta tudo acabado por causa do pessoal. Esses bairro de Ribamar para cá, nunca vi de apanhar as coisa direitinho, dos cajuro. Eles querem é quebrar os galho das coisa...deflorá... aí acaba, né...* (Ent. 5, linhas 210, 211, 212).

DISINGANCHAR • (A) • [V] • Céltica • Desprender o que estava enganchado. • *INF.: aí nos conseguimos voltar pra berada... perdemo os peixe todo... eu quase morro ainda... que a nossa rede saiu toda da canoa enganchou numa muruada muito alto... né? Ficou enganchada eu fui subí pra desinganchá... eu terminei de desingachá o pau pegou nisso aqui meu me jogou la do outro lado... quase não torno mas...* (Ent. 5, linhas 351, 352, 353, 354).

DISALAGAR • (A) • [V] • Latim > Português • Salvar-se após naufrágio. • *INF.: eu já me alaguei assim nas boca da barra mas perto...áí lá../disalagá a embarcação e vai pro seco.* (Ent. 9, linhas 80, 81).

DISCARRERAR • (A) • [V] • Latim > Português • Desacelerar • *Todas... todas..tem essas parte toda...so não tem a vela...//... e borda...não é mais como antigamente pra discarrerá. É porque se esse motô der problema... essa vela é que vai trazê a canoa pro porto... se não quiser que reboque ela... tem essa vela...só que não é grandona como era antigamente...é uma proteção da canoa.* (Ent. 5, linhas 321, 322, 323, 324).

DISMAIAR • (A) • [V] • Latim > Português • Livrar o peixe que ficou preso na rede. • *PESQ.: igual tem uma ilha aqui cheio de caranguejo pequenininho... ahh... deixa eu ver mais uma coisa... chegou a hora de chegar o peixe do má... como chama a hora de tirar o peixe do má? INF.: a gente vai dispescá a rede. INF.: a gente pega... tira... PESQ.: dispescá a rede. INF.:áí a gente vai dismaiando a rede...* (Ent. 2, linhas 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480).

DISMARISCAR • (A) • [V] • Latim > Italiano • Retirar os mariscos do mar. • *INF.: que é pra aprofundá ele... daqui acolá a gente bota uma que é pra tudo que a gente vê essa aqui da ponta, aí sai botando o espinhel... aí sai daqui até aqui sai botando as pedra pra aprofundá... aí tanto que quando chegar no fim...no final bota outra boia... ta entendendo? Aí pode as vezes dormir, pode se quiser arrastá o camarão dalí, pode ... aí vai, quando é na hora de puxar você suspende pela linha daquela boia ali lá e saí desmariscando e o peixe está num anzol, que nem pra cumer, lá mesmo ele se vira.* (Ent. 6, linhas 52, 53, 54, 55, 56).

DISPESCAR • (A) • [V] • Latim > Português • Retirar do mar. • *INF.: curralera..curralera..curralera...curralera eles boto os corral só pra esperá os peixe chegá entrá..áí eles vão só dispescá na hora né...* (Ent. 9, linhas 36, 37).

DIVIDIÇÃO • (/n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Divisão. • *INF.: hoje em dia tem...é...então, essa ...esse pano aqui, nós dividimos ela em três partes... INF.: quer dizer que ela nasce daqui*

assim em três partes... PESQ.: certo Tres partes aqui mode é que pode butar ela pra ela poder correr no mar direitinho. PESQ.: entendi... INF.: a dividição dela... (Ent. 5, linhas 295, 296, 297, 298, 299).

E

EMBARCAÇÃO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Designação dada a toda construção designada a navegar sobre a água. • *INF.: Minha filha... melhorou bem pouco... O melhoramento foi bem pouco porque as embarcação agora... muitas já são movida a moto... um motorzinho agora... não são movida a pano/...tão mais equipado... tão mais nesse...era mais sorte...você chegava para pescá... jogava a rede... era mais sorte... hoje não... já tem uns barco que trouxero equipamento... pega cardume... (Ent. 3, linhas 93, 96).*

EMBORCAR • (A) • [V] • Latim > Português • Virar. • *INF.: eu nunca vi visage... pirigo no mar... eu enfrentei muito temporal... já vi rasgá pano... se emborcá... vi daí, mas... (Ent. 3. Linhas 184, 185).*

ENCHENTE • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Fenômeno que acontece quando o nível da maré está muito alto, ou seja, quando a maré está enchendo. • *INF.: é quando ela vem passando... que ela dá enchente... passando no igarapé... ta entendendo... aí nos chamamos no começo da enchente... no começo da enchente... a gente bota pra começar a pescar... quando ela dava meia maré de enchente é que ela dava meia maré no igarapé... a gente ia saber que tava meia maré de enchente... aí podia largar a pescaria que não dava mais... porque a maré de dia é a maré de enchente... já era siri... já era pra outro lugar... já procurava outro ali... já não dá mais aquela quantia que a gente quer... agora no começo da enchente... aí ta certo aí... (Ent. 6, linhas 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93).*

ENGANCHAR • (A) • [V] • Céltica • Ficar preso sem conseguir se locomover, travar-se. • *INF.: Aí nos conseguimos voltar pra berada... perdemo os peixe todo... eu quase morro ainda... que a nossa rede saiu toda da canoa enganchou numa muruada muito alto... né? Ficou enganchada eu fui subí pra desenganchá... eu terminei de desengachá o pau pegou nisso aqui meu me jogou la do outro lado... quase não torno mais... (Ent. 2, linhas 352, 353, 354, 355).*

ENTRALHAMENTO • (n/A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Ato ou ação de colocar a corda, a boia e o chumbo na rede. • *INF.: bitola a gente chama é o entralhamento de uma bitola pra outra... PESQ.: o espaço... INF.:o espaço... PESQ.: o espaço aqui é uma bitola aqui já é outra bitola.* (Ent. 2, linhas 239, 240, 241).

ENTRALHAR • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Colocar a corda, a boia e o chumbo na rede. • *INF.: Primeiro a gente entralha... depois bota o chumbo... vai entralhá... né? Só deixa o local de botar o chumbo... PESQ.: entralhá eu posso dizer que é costurar? INF.: costurá é um... entralhá é outro... é entralhá mesmo o nome..* (Ent. 2, linhas 214, 215, 216, 217).

EROSÃO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Vento muito forte que muitas vezes destrói as armadilhas deixadas pelos pescadores no mar, também conhecido como rolação. • *INF.: o primeiro curral que o cearense colocou a rolação...que é aquele mar forte... né? Levou... né? E ele disse que nunca mais que aquele mar forte enganava ele...Mas ele veio e tornô de novo... né? PESQ.: botou o curral? A rolação é a mesma coisa... né? INF.: é erosão. PESQ.: erosão? INF.: erosão que chama...* (Ent. 8, linhas 230, 231, 232, 233, 234, 235).

ESCARDIAR• (A) • [V] • (n/e) • Guiar. • *Se essa maré era uma base dumas dez hora pra onze hora da noite pra madrugadae aí o rapaz saiu daqui...isso...o moradô daqui, e tão vivo...saiu o Z. B, saiu o C. M e..V....V. morava no...no Olho de Porco mas era comprador de peixe....levava o peixe no...em jumento né?...escardiando o jumento...* (Ent. 1, linhas 172, 173, 174).

ESPEQUE • (A) • Nm [Ssing] • Francesa • Vara comprida em que são colocadas as esteiras de arame para montar o curral. • *Eu ia pescar nessa época... mas eu ia pescar amarrado... ia pescar me amarravam... passavam uma corda aqui... tinha uma coisa chamada espeque...bota os pexes... PESQ.: espec INF.:espeque... e eu ia pescar.* (Ent. 4, linhas 142, 143, 144, 145).

ESPIA • (A) • Nf [Ssing] • Origem Obscura • Segundo compartimento do curral, logo após a “boca do curral”. • *É difícil... porque ele entra no curral pela sala e não sai... depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha... depois ele cai dentro do chiqueiro... e depois que ele ta dentro do chiquero* (Ent. 4, linhas 89, 90, 91).

ESPINHEL • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Aparelho de pesca composto por uma corda de nylon ao qual se ligam várias linhas com anzóis. • *INF.:* *de rede... pode ser também de espinhel* *PESQ.:* *espinhel como é? INF.:* *espinhel é cinco... seis linhas no anzol...* (Ent. 2, linhas).

ESPORÃO • (A) • Nm [Ssing] • Provençal • Saliência que ocorre na parte posterior de alguns peixes. O peixe de esporão mais conhecido é o bagre. • *INF.:* *é tem pescadô que se belisca... as vês eles pegam o peixe e jogam assim pra saí de uma vez ... o peixe sai em outro pescadô... já aconteceu.* *PESQ.:* *vixi.* *INF.:* *a maior parte é mais de esporão... é o beraba é o itinga...* (Ent. 2, linhas 509, 510, 511, 512, 513).

ESTERA • (A) • Nf [Ssing] • Espanhola • Tecido de junco colocado em volta do curral. • *Bota aqui nessa estera... arrudeia aqui na salinha... arrudeia de novo na mesma estera.* (Ent. 8, linha 251).

F

FALARIO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Conversa fiada, falação. • *INF.:* *Do medo...aí La vem outros pesacdô...outros pescadô carregadô de peixe já vinhu da Raposa e lá vem naquele falario né... a turma vinho de noite conversando... pererê e parará uns cantando toada de boi, pererê e aí eles ...ouviro...isso né que quando eles ouviro isso e que no negócio ouviu aí o negocio desapareceu..* (Ent. 1, linhas 238, 239 240, 241).

FRETERA • (n/A) • Nf [Ssing] • Castelhana • A parte de frente da embarcação • *PESQ.:* *que seria a proa? INF.:* *a proa é essa aqui... é a frentera da canoa.* (Ent. 5, linhas 269, 270).

G

GAIOLONA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • A última parte do curral, onde o peixe fica definitivamente preso; o mesmo que chiqueiro. • *INF.:* *o chiquero falso da uma volta /...*

no chiquero falso...bota aqui, abre uma porta entra pra dentro do manzuá... a gaiolona PESQ.: mas é outra gaiolona? INF.: outra gaiola... (Ent. 3, linhas 212, 213, 214, 215).

GARITÉ • (A) • Nf [Ssing] • Tupi • Embarcação rudimentar, feita só de um tronco, bastante comum no município de São José de Ribamar. • *PESQ.: era só biana nessa época? INF.:era biana e garité... PESQ.: garité como é? INF.:garité é umas canoas que é a proa dela é lá e a ponta dela é lá, e o pano é só um pau la ponta e bota lá no pé e é só uma prancha..., as biana são duas pranchas... (Ent. 4, linhas 119, 120, 121, 122, 123).*

GARRA • (A) • Nf [Ssing] • Céltica • Força, disposição. • *Só pra gente tá se adivertindo... inclusive agora, você viu tava dentro de casa que eu num...num trabalho com negócio de comércio não... quando as garra diminuiu, as força diminuiu, que eu não pude mais ta permanecendo debaixo de uma embarcação... na lama... num ou noutra... foi que eu inventei botar esse comércio. (Ent. 5, linhas 376, 377, 378, 379).*

GATO DE BOTAS • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Lenda segundo a qual um anão, denominado Gato de Botas, aparece em alto-mar para assombrar pescadores. Quando é tocado por um desses pescadores, o anão dobra de tamanho, até se tornar um gigante. • *INFORMANTE 1: Do medo...aí lá vem outros pescadô...outros pescadô... carregadô de peixe já vinhu da Raposa e lá vem naquele falario né... a turma vinho de noite conversando... pererê e parará uns cantando toada de boi... pererê e aí eles ...ouviro...isso né que quando eles ouviro isso e que no negócio ouviu aí o negocio desapareceu...mas ele... diz que ele era tão grande que as bota dele...o Zé Biapino diz que as bota dele já era maió do que ele, as BOTONA..aí pur isso que eles passaru a chamá gato de bota... (Ent 1, linhas 239, 240, 241, 242, 243).*

GELERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Depósito de isopor utilizado para conservar o peixe; pessoa responsável pela conservação dos peixes na volta da pesca. • *Um ajudano o otro... não tem nada disso não... agora nesses barco grande tem o que conserva o peixe... que a gente chama o gelero... via pra que lá pra gelá... (Ent. 3, linhas 300, 301).*

GÓ • (n/A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Pescada muito comum na Raposa, considerada pelos pescadores da Raposa como um “peixe de primeira classe” por seu alto valor comercial. • *É um amarelinho...a gó PESQ.: a gó? INF.: gó... é... pescadinha... a outra também é peixe pedra... corvina... dá bastante ...(Ent. 2, linhas 419, 420, 421).*

GOZERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Castelhanu • Rede utilizada especificamente para a captura do peixe gó. • *A gozera é uma malha menor que pega pescadinha gó... a covina que chama... já é maior já usa a rede zero cinquenta... já é a serrera também.* (Ent. 2, linhas 73, 74).

GUARAVIRA • (n/A) • Nf [Ssing] • Tupi • Peixe bastante comum na Raposa, considerado por seus pescadores como “peixe de terceira classe”, por ter baixo valor comercial • O peixe que vem pra cá o espinhel chega na hora... esses peixinhos que hoje da mais é guaravira... que antes dava muita guaravira e pescada... bagre muito...hoje em dia... hoje as pescaria de curral da essas pescadinha...// da muita coisa não... ...passa quatro cinco seis meses pra tirar... pega esses peixes pequenininhos... essas guaravira que não vale nada... pouca gente põe o curral... tinha quase sessenta curral... hoje se tem quase deis curral... tem muito... (Ent. 4, linhas 73, 78).

GUAXINIM • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Pequeno mamífero, de aparência similar à raposa. • *E era raposa ... guaxinim... camaleão... tinha demais...tinha raposa que ia pro barranco... tinha uns pés de angelco... assim baixinho nessa casa aí...* (Ent. 4, linhas 54, 55).

GURIJUBA • (n/A) • Nf [Ssing] • Tupi • Peixe considerado pelos pescadores da Raposa como um “peixe de segunda classe” devido a seu médio valor comercial. • *INF.:* tem o cambéu... lá é cambéu... aqui é cambeba... não tem a gurijuba... lá no Ceará não tem a gurijuba (Ent. 2, linhas 405, 406).

I

IGARAPÉ • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Rio pequeno que corre entre uma ilha e a terra firme, ou entre duas ilhas. • *É quando ela vem passando... que ela dá enchente... passando no igarapé... ta entendendo... aí nos chamamos no começo da enchente... no começo da enchente... a gente bota pra começar a pescar... quando ela dava meia maré de enchente é que ela dava meia maré no igarapé... a gente ia saber que tava meia maré de enchente...* (Ent. 6, linhas 87, 88, 89, 90).

IMPUM • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Material de que é feito o anzol coreano, recentemente utilizado pelos pescadores maranhenses. • *Agora eu sei que tem o impum... o impum ... o anzol de impum que é pra amarrá no cabo preto...* (Ent. 2, linha 503, 504).

ISCA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Alimento que é colocado no anzol, a fim de atrair o peixe e fisgá-lo. • *De linha é a gente leva a isca daqui e leva pra fora... põe a linha n'água e o peixe pega a isca* (Ent. 2, linha 265).

ISCAR • (A) • [V] • Latim > Português • Pôr a isca no anzol. • *INF.: a sardinha... no anzol.. eles compram a sardinha e cortam todinha os pedacinho... vão iscando no anzol* (Ent. 1, linhas 485, 486).

J

JANGADA • (A) • Nm [Ssing] • Sânscrito • Embarcação reta, feita com paus leves, bem unidos, que mede aproximadamente 3 metros de comprimento. Possui uma vela, um banco na frente e um banco em frente a popa. • *INF.: primeiramente eles chegaru numa jangada... eles vinhero do Ceará duma cidade de Acaraú e quando eles chegaro aqui encontraro uma raposa morta né...* (Ent. 10, linhas 6 e 7).

JOÃO DE UNA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • (n/e) • Lenda segundo a qual um senhor, denominado João de Una, que se veste todo de branco e usa chapéu, aparece na Praia do Pocal, levando os pescadores que tentarem retirar qualquer coisa da sua praia. Ele tem aspecto de um senhor calmo, educado, mas quem tentar pescar na sua praia. • *E aí eu tenho certeza que ele existe... não é? O cara é meio homem... cara que só tem a coluna. Só tem PESQ.: O João de Una ?INF.: O João de Una... o chapéu dele é grande PESQ.: Foi assim que o pessoal lá descreveu ele também...* (Ent. 5, linhas 110, 111, 112,113).

L

LEME • (A) • Nm [Ssing] • Origem Obscura • Peça de madeira colocada na parte posterior da canoa, com a função de orientar a direção que a canoa deve seguir. • *É...daí é o seguinte, é quando já amontoou...era o leme que nós tinha...ta entendendo? Na popa da canoa.* (Ent. 5, linhas 303 e 304).

LINHA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Fio de *nylon* transparente utilizado para tecer redes e também colocado em anzóis, para a pescaria de linha. • *INF.: esse cabo mesmo preto... tipo uma linha desse cabo preto... linha três... quatro... seis* (Ent. 2, linhas 502).

M

MAÇARICO • (A) • Nm [Ssing] • Origem Obscura • Ave aquática de bico pontiagudo, rabo curto, que se alimenta dentre outras coisas de caranguejos pequenos. • *INF.: xi...e...u PESQ.: xiéu? INF.: esse não se come, né PESQ.: não, ta muito pequenininho? INF.: é..o maçarico...nem come...* (Ent. 3, linhas 436, 437, 438, 439, 440).

MALHA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Cada um dos trançados da rede. • *Porque a rede ta na malha e no nailo... porque a gozera é um tipo de malha... a pescadera já é outro tipo de malha... malha maior... que é pro peixe graúdo... a camaroera... já é pro camarão* *INF.: tanto pega camarão... quanto pega gó... mas agora já... agora também que a gozera que nos chamamos que as malhas são menor... porque os peixe é miúdo... de acordo com o tamanho do peixe que o cara quer que é a malha da rede.* (Ent. 6, linhas 162, 163, 164, 166).

MANZUÁ • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Armadilha feita de rede ou de arame, utilizada para captura de bagre ou de siri. É similar ao curral, sendo que o que os diferencia é o tamanho. Mede 4 palmos de altura, é quadrada, em forma da frente de um chiqueiro do curral. • *PESQ.: Manzuá? Só que a diferença do curral... esse curral que a gente vê ali... pro manzuá qual é* *INF.: é porque o manzuá é pequeno.* (Ent. 2, linhas 33, 34).

MARACONIM • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Crustáceo quando ainda está em tamanho pequeno. • *PESQ.: ah tá, deixa eu te perguntá uma coisa...se a gente faz esse passeio de*

barco, tem uma ilha, tipo uma ilha que eu chamo, uma ilhota pra lá que tem um monte de caranguejinho bem pequenininho assim... como é que chama esse caranguejinho? INF.: ali tem o maraconim...chama os espera maré. (Ent 3 , linha 426, 427, 428, 429).

MAR CAVADO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJ sing] • Latim > Português • Mar de ondas bastante altas. • *INF.: 1 :quando tá de rolamento é que o má ta muito brabo PESQ.: certo INF.: ele vem rolando ai faz aquela marisia PESQ.: má rolando... aí chama de rolamento... esse que chama de chavado? INF.: má cavado. (Ent. 2 , linhas 542, 543, 544, 545, 546).*

MAR CHAPÉU • (n/d) • NCm [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Mar no qual as ondas, ao baterem na água, desenham o formato de um chapéu. • *INF.: 1; má chapéu PESQ.: que aí faz aquilo que parece um chapéu... ah esse nomes são na verdade os desenhos que o vento... que o efeito do vento faz no má? INF.: na bonança... que o povo diz na bonança tá um má liso tá bom demais navegá... aí fala assim na bonança... (Ent. 2 , linhas 556, 557, 558, 559).*

MAR DE ROLAMENTO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Mar de ondas revoltosas, muito fortes. • *PESQ.: esse... o senhô falou nisso... até lembrou... tava conversando como senhô Z.M.P... má revoltoso... má chavado... depende da força do má... é? INF.: é o má quando ta de rolamento. PESQ.: quando ta de rolamento como é que é? INF.: 1 :quando tá de rolamento é que o má ta muito brabo... (Ent. 2, linhas 538, 539, 540, 541, 542).*

MARISQUERA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Pescadores - no Maranhão, sempre mulheres - que trabalham retirando mariscos do mangue. • *Ah...marido abandona e ela vão se virá.../...e...e essa profissão de marisquera de...de..pegá marisco..em termos de remuneração...é a mesma coisa da pesca...é não...é menos... INF.: é não...é menos...és filho ainda vão vendê...sai nas casa com uma bacia média sai nas casa oferecendo... (Ent. 10, linhas 247, 248, 249, 250).*

MAR LISO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJ sing] • Latim > Português • Mar calmo, sem ondas. • *Na bonância... que o povo diz na bonança tá um má liso tá bom demais navegá... aí fala assim na bonança... (Ent. 2, linhas 559 e 560).*

MARÉ • (A) • Nm [Ssing] • Francesa • O crescimento e a diminuição que se observa nas águas do mar. • *Muruada é assim um pau aqui... outro ali... bem aqui assim... aí eles vêm quando a maré começa a vazá eles vêm com as puçá... (Ent 3, linhas 379 e 380).*

MARÉ CHEIA • (n/d) • Ncf [Ssing + Ssing] • Híbrida (Francês + Português) • O crescimento máximo das águas do mar. • *Curral é perigoso...a gente mergulha...tem uns antes que fica raso... outros mais profundo... é três braça de maré cheia... seca... esse fica mais...* (Ent. 3, linhas 189 e 190).

MARÉ DE CRESCIMENTO • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Francês + Português) • Fenômeno que ocorre quando o nível das águas do mar está aumentando. • *Porque essa maré de quarto não se dá maior problema ... e até no alto mar ela é mais branda... já a maré de crescimento é uma maré lançante que nos chamamo.* (Ent. 6, linhas 117 e 118).

MARÉ DE ENCHENTE • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Francês + Português) • Fenômeno que ocorre quando o as águas do mar alcançam o seu nível máximo. • *INF.: é quando ela vem passando... que ela dá enchente... passando no igarapé... tá entendendo... aí nos chamamos no começo da enchente... no começo da enchente... a gente bota pra começar a pescar... quando ela dava meia maré de enchente é que ela dava meia maré no igarapé... a gente ia saber que tava meia maré de enchente... aí podia largar a pescaria que não dava mais... porque a maré de dia é a maré de enchente... já era siri... já era pra outro lugar... já procurava outro ali... já não dá mais aquela quantia que a gente quer... agora no começo da enchente... aí ta certo...aí...* (Ent. 6, linhas 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93).

MARÉ DE LANÇAMENTO • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Francês + Português) • Fenômeno que ocorre quando o nível das águas do mar está tão alto que as águas invadem o quintal das casas localizadas perto do mar. • *Ela não altera muito o mar... quer dizer que...as marés de lançamento vem aí... quase junto do quintal... já essas maré de quarto... não... não chega nem na metade* (Ent. 6, linhas 105 e 106).

MARÉ DE LUA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Francês + Português) • Elevação do nível do mar em época de lua cheia. • *Maré grande...é maré de lua.* (Ent. 7, linha 124).

MARÉ DE QUARTO • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Francês + Português) • Alteração do nível do mar em época de lua de quarto crescente. • *INF.: a maré de quarto que nos chamamo... PESQ.: de quarto? PESQ.: é... ela é de quarto ela é boa pra*

pescar... PESQ.: ela é cheia? INF.: num é... e a maré de quarto é boa... que ela represa muito... e é muito boa pra pescaria. (Ent. 6, linhas 94, 95, 96, 97, 98).

MARÉ DE QUEBRAMENTO • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Francês + Português) • Nível do mar considerado ideal para a pesca. • *INF.: Ela aumenta amanhã ainda... viu...aí ela diminui...o pescadô chama de quebramento...aí fica mió pra pega os peixe... PESQ.: E essa maré é boa pra pescá como é que chama ? INF.: Maré de quebramento. (Ent. 8, linhas 118, 119, 120, 121).*

MARÉ GRANDE • (n/A) • NCm [Ssing+ADJsing] • Híbrida (Francês + Português) • Elevação do nível do mar em época de lua cheia. • *PESQ.: ahh outro coisa que me falaram... tem vários tipos de maré... quais são os tipos de maré que o senhor conhece? INF.: maré grande... é maré de lua... (Ent. 7, linhas 122, 123, 124).*

MARÉ LANÇANTE • (/n/d) • NCm [Ssing+ADJsing] • Híbrida (Francês + Português) • Fenômeno que ocorre quando o nível das águas do mar está aumentando. • *INF.: porque essa maré de quarto não se dá maior problema ... e até no alto mar ela é mais branda... já a maré de crescimento... é uma maré lançante... que nos chmamo... (Ent. 6, linhas 116 e 117).*

MARÉ SECA • (n/d) • NCm [Ssing+ADJsing] • Híbrida (Francês + Português) • Diminuição drástica do nível do mar. • *Curral é perigoso...a gente mergulha...tem uns antes que fica raso... outros mais profundo... é três braço de maré cheia... seca... esse fica mais... (Ent. 3, linhas 189 e 190).*

MAREZÃO • (A) • Nm [Ssing] • Híbrida (Francês + Português) • Elevação do nível do mar. • *Me marcô foi essa primeira vez que me anaufraguei... foi eu mais outros companheiro...trabalhava de curral... nós fizemo uma hora dessas aqui assim do porto... ai chegou no porto entrou numa a vela... a canoa quebrou o negócio do leme... isso eu amarro aqui uma corda... eu digo “rapaz... vou cortar aqui no que posso” ...“ rapaz mas num guenta... você vai pará no má” ...mas a biana era frágil... era madera...mas depois nós já não tem força já... aí fiquemo ao léo... marezão grande... marezão de lua...maré levou nós que sumimo no mar... aí quando foi lá no otro dia era / ...umas onze hora da noite foram pegá nós lá...lá fora...lá nos navio (Ent. 3, linhas 145, 146, 147, 148, 149, 150).*

MAREZÃO DE LUA • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Francês + Português) • Elevação do nível do mar em época de lua cheia. • *Me marcô foi essa primeira*

vez que me anaufraguei... foi eu mais outros companheiro...trabalhava de curral... nós fizemo uma hora dessas aqui assim do porto... aí chegou no porto entrou numa a vela... a canoa quebrou o negócio do leme... isso eu amarro aqui uma corda... eu digo “rapaz... vou cortar aqui no que posso” ...“ rapaz mas num guenta... você vai pará no má” ...mas a biana era frágil... era maderá...mas depois nós já não tem força já... aí fiquemo ao léo... marezão grande... marezão de lua...maré levou nós que sumimo no mar... aí quando foi lá no outro dia era / ...umas onze hora da noite foram pegá nós lá...lá fora...lá nos navio... (Ent. 3, linhas 145, 146, 147, 148, 149, 150).

MARIA-FARINHA • (A) • NCm [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Caranguejo de pequeno porte, de pata grande e cor amarelada, sem valor comercial. • *PESQ.: ah tá... deixa eu te perguntá uma coisa...se a gente faz esse passeio de barco... tem uma ilha... tipo uma ilha que eu chamo... uma ilhota pra lá que tem um monte de caranguejinho bem pequenininho assim... como é que chama esse caranguejinho? INF.: ali tem o maraçonim...chama os espera maré PESQ.: espera maré INF.: 2: é o ... amarelinho...da areia... né? INF.: maria farinha (Ent. 3, linhas 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432).*

MARISIA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Movimento abrupto das ondas do mar, que pode virar uma embarcação. • *É quando o vento... a marisia tá muito forte que o mar agita... viu...aí pega aquela parte de...de...de quando a marisia suspende... agita... ela desce...aí o má ta cavado...ninguém vai... (Ent. 8, linhas 127, 128).*

MASTRO • (A) • Nm [Ssing] • Francesa • Peça de madeira que sustenta a vela da embarcação. • *Ficá livre... porque ele chegano já qué logo ganhá o dinheiro dele... porque antes dele saí pro mastro da embarcação tem que deixá uma quantia xis pra ele deixar pra família... (Ent. 3, linhas 355, 356).*

MERO • (A) • Nm [Ssing] • De origem desconhecida • Peixe proibido pra pesca, protegido pelo IBAMA. Não é apreciado pelos pescadores, pois ele é conhecido por comer restos mortais. Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de terceira classe”. • *Ah eu pesco mero aqui perto..às vês a gente pede tenença de tá pescando aqui de frente aqui a ...Raposa a gente tá enxergando a Raposa todinha... (Ent. 9, linhas 129, 130).*

MESTRE • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Pescador responsável por orientar os demais pescadores na pesca. • *INF.: tem// mas as vez não da pra tirar nos não tira...no tempo que cheguei aqui não tinha esse negocio...depois que foi...se não for pescar não tiver sete*

venda pra cada um nós não volta PESQ.: ahh é? INF.: //...e o mestre vende setessentos... (Ent. 7, linhas 193, 194, 195, 196).

MONTARIA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Cavalgadura. • .../ *Bem...eu vim por terra...vim de montaria...sessenta e dois dia montado num burro...* (Ent. 1, linha 67).

MORÃO • (A) • Nm [Ssing] • De origem incerta • Tronco de madeira utilizado para fixar o curral. • () *Depois vem outro morão lá em cima... aí depois vem o arame la de cima... uns pau... umas varona... e leva... e depois que ta pronto... tem a sala... as salinha aí começa a a dá peixe...* (Ent. 4, linhas 86, 87).

MURICI • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Fruta produzida por uma planta bastante comum nas beiras das praias. • PESQ.: *O senhor falou também de fruta. Quando o senhor chegou aqui tinha muita fruta? Murici e...? INF.: Murici e Caju.* (Ent. 5, linhas 205 e 206).

MURIQUINGA • (n/d) • Nm [Ssing] • (n/e) • Peixe comum na Raposa, considerado de terceira classe”, por seu baixo valor comercial. • PESQ.: *então vamo lá... é pescada... INF.: pescada... xaréu... muriquinga... cação... cruacu... camurim... camurupim...* (Ent. 3, linhas 387 e 388).

MURUADA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Proteção usada em pesca de armadilhas, formada por vários pedaços de paus entrelaçados. • *Não .. que a rede saiu do barco... pegou nas berada na muruada... as muruada é onde eles bota puçá pra pegá camarão.* (Ent. 2, linhas 370 e 371).

P

PALESTRAR • (A) • [V] • Latim > Português • Conversar. • *E o certo é que não tinha tempo... nem pra palestrá... nem...o corrê do dia era no trabalho. E a noite... pegava uma puçá... ia pro rio... ia pegá o camarão pra já botá boia em casa... deixá o negócio em casa...* (Ent. 5, linhas 365, 366, 367).

PANO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Vela da embarcação, feita de tecido. • *Garité é umas canoa que é a proa dela é lá e a ponta dela é lá... e o pano é só um pau la ponta e bota lá no pé e é só uma prancha..... as biana são duas prancha...* (Ent. 4, linhas 125 e 126).

PARTILHÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Parte de trás da canoa onde fica o leme, também conhecido como bartilhão. • *INF.: hoje em dia ta sendo o seguinte... faz o partilhão da canoa pá puder fazer... PESQ.: o partilhão que o senhor fala é? INF.: é...daí é o seguinte... é quando já amontoou....era o leme que nós tinha...ta entendeno? Na popa da canoa.* (Ent. 5, linhas 304, 305, 306, 307).

PECAR • (A) • [V] • Latim > Português • Correr, fugir. • () *Aí desceru...quando chegaru lá nas pedra...aparece um um molequin' na frente deles...desse tamanhin'...molequin'...na visão deles né... aquele moleque apareceu....e aí na negócio deu um pulo pra colá... e aí os animais vê primero...assombração animal vê primero...aí os animais pecaru com a carga...e aí eles...ee assustaru...se ligaru...logo...que tinha a história do Jão de Uma... tinha a historia do corre berada... tinha a história de isso... tinha a historia daquilo...aí eles disseru assim..”IXE”...todo mundo...ja moradô daqui... já conhecia as parada...não é?* (Ent. 1, linhas 186, 187, 188, 189, 190, 191).

PERNA DE MOÇA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Peixe conhecido como covina no Ceará; considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de segunda classe”. • *Aqui tem a covina... a / que chama a pescadinha... a mole? Não é uma branca... lá chama perna de moça.* (Ent. 3, linhas 410 e 411).

PESCADA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peixe saboroso, de alto valor comercial e por isso considerado pelos pescadores da Raposa como um “peixe de primeira classe”. • *Maió aqui é pescada... pescada amarela.* (Ent. 2, linha 423).

PESCADA AMARELA • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Peixe saboroso, pescada de cor amarela, de alto valor comercial e por isso considerado pelos pescadores da Raposa como um “peixe de primeira classe”. • *INF.: eu ...o...o...a diferença do peixe... a pescada de dente é um preço pra se vendê e a pescada de gó é otro preço. A pescada amarela otro preço...* (Ent. 8, linhas 364 e 365).

PESCADA DE DENTE • (A) • Ncf [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Pescada de tamanho pequeno e dentes afiados. • A pescada de dente... a pescadinha... tem a...a gó que chama... (Ent. 8, linha 349).

PESCADA GRANDE • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Peixe saboroso, pescada de cor amarela, de alto valor comercial e por isso considerado pelos pescadores da Raposa um “peixe de primeira classe”. • *INF.*: ai a outra tem a pescadera. *PESQ.*: pescadera... *INF.*: pega pescada grande *PESQ.*: pescada grande... pega algum outro tipo de peixe além da pescada grande? (Ent. 2, linhas 80, 81, 82, 83).

PESCA DE CAMARÃO • (A) • Ncf [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Pesca específica de camarão, normalmente com a rede camaroeira. • *PESQ.*: desmaiando... tipo desafogando o peixe da rede... né? Ah... deixa eu vê o que mais... a pesca de camarão que tem aqui... de espinhel... né... (Ent. 2, linhas 481, 482).

PESCA DE CURRAL • (A) • Ncf [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Pesca de armadilha característica do Ceará, composta de 6 compartimentos: boca do curral, sala, espia, sala grande, salinha e chiqueiro, que se baseia no ato do peixe entrar para “passar” por vários compartimentos, ficando preso no último deles que é o chiqueiro. • *PESQ.*: *Outra coisa que eu queria lhe perguntar... que me chamou a atenção aqui na Raposa... foi a pesca de curral e os tipos de rede que tem. Me explica um pouquinho como é essa pesca de curral.* *INF.*: Pesca de curral a gente... não dá para você ver ali não? (Ent. 5, linhas 134, 135, 136).

PESCADERA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Rede utilizada especificamente para pescar pescada. • *INF.*: ai a outra tem a pescadera. *PESQ.*: pescadera... *INF.*: pega pescada grande. (Ent. 2, linhas 80, 81, 82).

PESCA DE REDINHA • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Pesca que utiliza rede para a captura de peixes de pequeno porte. • *PESQ.*: *pra pescá camarão tem alguma também... não?* *INF.*: *tem...tem... tem na pesca de redinha... pra pegá camarão... é pequena...*(Ent. 7 linhas 70 e 71).

PESCADINHA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Pescada pequena, mais conhecida como gó; considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • *É um amarelinho...a gó* *PESQ.*: *a gó?* *INF.*: *gó... é... pescadinha... a outra também é peixe pedra... covina... dá bastante* ... (Ent. 2, linhas 419, 420, 421).

PESCADINHA GÓ • (A) • NCm [Ssing+Ssing] • (n/e) • Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • *Aqui é pela safra... né? Tem tempo que essa pescaria aqui dá muito... que é a pescadinha gó que chama... dá muito mesmo que fica baratinho...* (Ent. 2, linhas 416 e 417).

PESCADINHA MOLE • (A) • NCm [Ssing+ADJsing] • (n/e) • Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • *INF.: aqui tem a colvina... a / que chama a pescadinha... PESQ. : a mole? Não é uma branca... lá chama perna de moça.* (Ent. 3, linhas 410, 411).

PESCADOR DE CURRAL • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Pescador que utiliza a armadilha de curral. • *A minha profissão de pescadô de curral a gente não tem colete.* (Ent. 10, linha 279).

PESCADORZIN' • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Diminutivo de pescador. • () *São... e lugá que mora pescadô...hoje tem lugá que não mora mais....so aquele pescadorzin' de berada mas ainda continua pescando...* (Ent. 1, linhas 181, 182).

PESCAR DE ANZOL • (A) • V [V+ {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Ato ou ação de pescar utilizando-se uma linha e um anzol para a captura de peixes. • *Foi eu vi nesse tempo eu pescava de anzol mais meu irmão... chama Z. Aque mora ali..... aí nois foi pescá de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns pexes que nós... tinha deixado lá perto do curral...* (Ent. 2, linhas 297, 298, 299).

PESCAR DE ARRASTÃO • (A) • V [V+ {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Ato ou ação de pescar arrastando uma rede rente ao chão com o fim de capturar camarões. • *PESQ.: elas pescam sarnambi. INF.: elas pescam de arrastão.* (Ent. 2, linhas 443 e 444).

PESCARIA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Ato de pescar. • *Melhor a pescaria não é longe a pescaria é perto essa redinha que eu trabalho.../...vai longe...* (Ent. 9, linha 127).

PESCARIA COSTERA • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Pesca realizada na costa. • *Ele tem uma área de pescaria que é em baixo má...tem o alto pesca que é pescaria de alto...e tem a pescaria costera que fica na costa...como tem aqui uns que pescô muito nessa praia pescando camurupim com o pessoal dela...da onde a gente pesca a gente vê a terra...* (Ent.1, linhas 117, 118, 119).

PESCARIA DE CARANGUEJO • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Captura de caranguejo, com o auxílio das mãos. • *Tudo isso... pescaria de caranguejo... de siri...essa coisa tudo eu ia pesca pra já deixa o alimento em casa pra quando eu saísse pra trabalhá... já ficava comido...* (Ent. 5, linhas 373 e 374)

PESCARIA DE CURRAL • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Pesca na qual a armadilha utilizada é o curral. • *PESQ.: E a pescaria de curral... como é que era a pescaria? Custosa? Sacrificante... INF.: A pescaria do curral é difícil...é muito difícil... até porque... se a pessoa tivé o dinheiro ele vai comprar a maderá que chama murão. ...trezentos e cinquenta... quatrocentos murão. ...se ele tivé o dinhêro..ele compra....se não tiver o dinheiro... ele vai tirar no mangue...* (Ent. 8, linhas 180, 181, 182, 183).

PESCARIA DE LINHA • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Pesca na qual o instrumento utilizado é a linha. • *INF.:agora tem a pescaria de linha que é um pouco diferente... né PESQ.: como é que é essa de linha INF.:de linha é a gente leva a isca daqui e leva pra fora... Põe a linha n'água e o peixe pega a isca PESQ.: então quando você vai pescá de barco pode sê de linha INF.:de linha.* (Ent. 2, linhas 263, 264, 265, 266, 267)

PESCARIA DE REDE • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Pesca por meio de redes. • *É... quando eu cheguei aqui a pescaria era curral...pegarra muito peixe...depois foi que surgiu a pescaria de rede...de nailo.* (Ent. 2, linhas 79 e 80).

PESCARIA DE SIRI • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Captura de siris, com auxílio das mãos. • *INF.: tudo isso...pescaria de caranguejo... de siri...essa coisa tudo eu ia pesca pra já deixa o alimento em casa pra quando eu saísse pra trabalhá... já ficava comido...* (Ent. 5, linhas 373 e 374).

PESO D'ÁGUA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Ondas muito fortes. • *INF. :muruada é pedaço de pau... e lá o peso d'água é muito forte e a rede subiu num pedaço assim...* (Ent. 2, linha 373).

PESQUERA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Casa que serve de depósito de armazenamento de materiais usados na pesca, com redes e cordas. • *INF.:pesquera era é isso aqui... isso aqui tá feito a pesquera. É uma casa velha cheia de rede... cheia de bagulho... cheia de...corda PESQ.: tipo um depósito... INF.:é ai chama pesquero.* (Ent. 4, linhas 161, 162, 163, 164).

PEXE • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Animal aquático, com nadadeiras sustentadas por meio de raios ósseos, pele geralmente coberta de escamas, coração com uma só aurícula, e aberturas nasais que não se comunicam com a boca. Respira por brânquias. • *Saiu o C. M e..V...V. morava no...no Olho de Porco mas era comprador de pexe...levava o pexe no...em jumento né?* (Ent. 1, linhas 174 e 175).

PEXE PEDRA • (A) • NCm [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Peixe considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de primeira classe”. • *Gó... é... pescadinha... a outra também é pexe pedra... covina... dá bastante...* (Ent. 2, linha 421).

PEXERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Local onde há grande quantidade de peixes. • *Aí se tivé bastante pexero... na hora que vai dando assim uma hora ou meia hora de pescaria pode metê a mão o peixe já ta lá...* (Ent. 2, linhas 277 e 278).

PEXE SERRA • (A) • NCm [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de primeira classe”. • *INF.: a gozera é uma malha menor que pega pescadinha gó... a covina que chama... já é maior já usa a rede zero cinquenta... já é a serrera também PESQ.: a covina... a serreira usa para pescá pexe serra INF.: pexe serra... uritinga.* (Ent. 2, linhas 73, 74, 75, 76).

PINHADA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Peixes dados pelos pescadores para seus amigos, ou para pedintes que ficam no cais, aguardando a volta da embarcação da pesca. • *INF.: pinhada é assim... que as vezes eles dão peixe prum amigo... que eles tem conhecimento... eles vão e vendem pra outro... eles chamam pinhada...* (Ent. 2, linhas 139, 140, 141, 142).

PITIU • (n/A) • Nf [Ssing] • Tupi • Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • () Tem várias marca... marca... é só uma rede só... mas tem vários nomes...tem a pitiu... aquelas miudinha... dá demais... né? Tem a sajuba... que é maior... tem umas tainha que vem lá do Pará... umas tainha desse tamanha...aquilo é quando chove... no mar mais que tem... (Ent. 7, linhas 88, 89, 90).

PITIUCAIA • (n/d) • Nf [Ssing] • Tupi • Camarão considerado pelos pescadores da Raposa “de terceira classe”; de baixo valor comercial. • () *É...o pitiucaia que / o pequeninim’ que diz que é venenoso né...* (Ent. 9, linha 152).

PITIUZERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Tupi • Rede utilizada especificamente para captura de tainha pitiu. • *INF.: é o tamanho... as grossura e as malha ... que tem as malha dela é ...*

serrera é mais.. a pescadera é isso aqui... vamos supô que é daqui pra cá... a serrera é três dedo... três dedo de malha... a pitiuzera é dois dedos de malha e a sajubera tem dois dedo... (Ent. 4, linhas 208, 209, 210).

POPA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Parte da trás da canoa, onde fica o leme. • *PESQ.: ahh...a popa seria...INF.: a popa é aqui... o final dela PESQ.: ahhh...a popa... INF.: o final é a popa PESQ.: a frente pra mim... o que eu vejo é pro...o que eu vejo é a proa INF.: é a proa PESQ.: no final dela INF.: no final dela é a... PESQ.: popa... INF.: é a popa... (Ent. 6, linhas 277, 286).*

PROA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Parte normalmente pontiaguda da frente da embarcação. • *PESQ.: o que seria a proa? INF.: a proa é essa aqui... é a frenteira da canoa... (Ent. 5, linhas 269, 270).*

PROA CHATA • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Parte normalmente pontiaguda da frente da embarcação, de formato achatado. • *()Tem vários nome ...porque tem o bote... tem a lancha... tem a biana...ne...cada um né...e...tudo é de madeira...é como mulhé'...so muda de endereço né...so muda de forma ((risos)) mas tudo de madeira... proa fina... proa chata... biana... é bote lancha né? (Ent. 1, linhas 133, 134, 135).*

PROA FINA • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Parte normalmente pontiaguda da frente da embarcação, de espessura fina. • *Tem vários nome ...porque tem o bote... tem a lancha... tem a biana...ne...cada um né...e...tudo é de madeira...é como mulhé'...so muda de endereço né...so muda de forma ((risos)) mas tudo de madeira... proa fina... proa chata... biana... é bote lancha né? (Ent. 1, linhas 133, 134, 135).*

PUÇÁ • (A) • Nf [Ssing] • Tupi • Cofó utilizado para captura de camarões. • *PESQ.: aí chama pescaria de espinhel... ah entendi... deixa eu ver o que mais... só pra eu entender melho essa pesca de espinhel... o senhô já tinha falado pra mim... tem vários pedaços de pau aqui esse... dois... esse aqui é muruada... vários pedaços de pau é uma coisa ... pedaços de pau aqui... jogo a rede por cima vô com meu pé INF.: é puçá que chama PESQ.: é puçá... vai com pé ...é puçá... afundando a puçá... dos lados são os pés... aí a puçá também pega o camarão INF.: pega a puçá que pega amarra aí e vai só afundando a puçá... a maré vai secando e vai afundando ela... (Ent. 2, linhas 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495).*

PURÃO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Parte de baixo da embarcação, onde ficam instrumentos de pesca e redes para os pescadores descansarem. • *INF.*: aqui forma o purão... o purão a gente desce...na canoa que nois fazia antigamente era assim...fica aqui perto... (Ent. 5, linhas 292, 293).

Q

QUEBRAMENTO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Movimento feito pelo mar quando seu nível diminui. • *INF.*: *Vamo supô...hoje é dia de lua e a maré ta cheia. Cheia completa. PESQ.*: Grande *INF.*: *Ela aumenta amanhã ainda... viu...aí ela diminui...o pescadô chama de quebramento. Aí fica mió pra pega os peixe...* (Ent. 8, linhas 117, 118, 119, 120).

R

RABO DE TATU • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • (n/e) • Corda em formato de um rabo de tatu usada para entralhar as redes. • *PESQ.*: *entralhá usa que instrumentos? INF.*:*é uma agulha... maior... mais grosso... aí bota na corda... chama rabo de tatu PESQ.*: *rabo de tatu é a corda? INF.*:*é o cabo seis que a gente usa aqui.* (Ent. 2, linhas 205, 206, 207, 208).

RANCHARIA • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Pequena vila composta por casas de pescadores. • *INF.*: A raposa é que quando eu cheguei aqui já morava gente... tinha dezessete rancho de pescaria... não era casa... era assim uma assim um rancho... umas casas velha... feito de assoalho de pau tirado do mangue... fazia o assoalho e cobria de palha de madeira... fazia as parede de palha e o piso era de peça de pau... tinha vez você pisava aqui e o pé afundava ate aqui... de tão mal feito que era... a gente tinha umas dezessete famílias... a gente era os mais velhos que chegou na Raposa... que morreu e entrou na história... era o C.N... era os mais velho... foi Z. M. C... foi doutor L.... foi Z.M.C... doutor L... A.P... e...*PESQ.*: por nome de L. também? *INF.*:L.... esses era os homi mais velho que chegaram na raposa... Z.M... Z.C... Z.M... era os homi mais velho que chegaro aqui... do Ceará... né? Do Maranhão tinha um cara aqui... Z.L... que era o chefe moradô daqui... dessa Raposa que ... aí C.N quando chegô aqui

arranjô uma questão com ele... questão foi essa que foi ino até que disputô e ficou como o chefe daqui da *PESQ.*: ahh rancharia que o senhô fala aqui era o rancho velho?*INFORMANTE 1*:era os rancho velho...aí ficou conhecido como o dono da Raposa... ele nunca foi dono... nem primeiro ele foi... (Ent. 5, linhas 35 - 48).

RANCHO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Casa simples, feita de assoalho de madeira retirada do mangue e coberta de palha. • *Isso foi os lugá que eles andaru logo...E vinhero pará na Raposa...E quando chegaru aqui...Se deru com a praia, praia muito boa com muito peixe muita qualidade de peixe, uma ilha deserta só com rancho de pescadô e aí ficaru...* (Ent. 1, linhas 20, 21, 22). Cf. Rancharia.

RANCHO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Alimentação que os pescadores levam consigo na pesca. • *PESQ.*: o rancho é com ele ? *INF.*: o rancho é com ele... quando vai pra uma pescaria ele tira tudo ... despesa... o vale que ele deu para o pescado... e tira uma comissão por cima... cada quilo de peixe... tem uns que ganham quinze por cento... quinze por cento né... (Ent. 2, linhas 125, 126, 127, 128).

RANCHO D'ÁGUA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Local com quantidade mínima de água. • *INF.*: Esses pexes aí eu quero que venha é com a chuva...lá mesmo onde eu morava passa chuva... era aquela limpeza...limpa e maravilhosa... aí quando a chuva passava tinha os peixinho naquele rancho d' água *PESQ.*: Rancho de água? *INF.*: É a água já no finzinho. (Ent. 5, linhas 31 – 35).

REBOCAR • (A) • [V] • Latim > Português • Dar reboque a. • *É a salvação da canoa... porque se o motor der problema no mar... você tem que ter essa vela pra colocar pra puder correr...se não tiver quem reboque... tem que vir por essa proteção...* (Ent. 5, linhas 326 e 327).

RECIFE • (A) • Nm [Ssing] • Árabe • Rochedo situado próximo a costa, submerso ou à pequena altura no nível do mar. • ()... *e quando eles sairu chegaru num lugá chamado as pedra...aonde tinha um... uma...um refice de pedra que botava fora do mar que vinha as pedra pro seco né...* (Ent. 1, linhas 175, 176, 177).

REDE • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Instrumento de fios, cordas e arames, com aberturas regulares, tecidos em malhas. • *Redes... entralhando redes... remendo redes *PESQ.*: entralhar redes é o trabalho mesmo de tecer... né *INF.*: entralhar é diferente... que hoje em*

dias as pessoas quase não tão mandando mais fazer redes... hoje tá mandando da fábrica. (Ent. 2, linhas 196, 197, 198, 199).

REDE DE PUÇÁ • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida (Latim > Português + Tupi) Instrumento de fios, cordas e arames, com aberturas regulares, tecidos em malhas, de tamanho específico para captura de camarão. • *INF.:* Eu vi duas pessoa arrastano uma rede de camarão. Uma rede de puçá... O puçá que pega o camarão pituicaia.... o branco. (Ent. 8, linhas 146 e 147).

REFUGAR • (A) • [V] • Latim > Português • Fugir. • *Que tinha a história do Jão de Uma, tinha a historia do corre berada, tinha a história de isso, tinha a historia daquilo...aí eles disseru assim.. "IXE"...todo mundo...ja moradô daqui, já conhecia as parada...não é?...mas continuaru...aí o jumento refugaru que quando eles...eles..eles sempre levavu a lanterna sabe aquela colonização...aquele povo sem cultura...é...de..de letras...* (Ent. 1, linhas 190. 191, 192, 193).

REMANSO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Água calma, parada, sem agitação. • () *Agora... já teve aí... já teve muitos alia poucos tempos... teve uma embarcação que o navio bateu ali afora... aí só escapou um...esse que escapou foi puquê viu uma embarcação... a canoa que tava fora aí caçou... nadou... nadou...teve a sorte. Um outro morreu...que resolveu nadar pro outro lado no remanso numa pedra eles só acharam a cabeça que mar comeu... um peixe comeu a outra parte...e o outro só acharam o corpo...* (Ent. 5, linhas 354, 355, 356, 357).

REMER • (n/d) • [V] • (n/e) • Remendar, consertar. • *INF.:* redes... entralhando redes... remendo redes *PESQ.:* entralhar redes é o trabalho mesmo de tecer... *né* *INF.:* entralhar é diferente... *que hoje em dias as pessoas quase não tão mandando mais fazer redes... hoje tá mandando da fábrica.* (Ent. 2, linhas 196, 197, 198, 199).

REMOSO • (n/d) • ADJsing • (n/e) • Comida considerada nociva para as pessoas que estão com infecção. • *INF.:* os dois (risos)..tudo é bom /...mas o camarão branco é o melhó...que diz que não é venenoso *né* *PESQ.:* é o grande *INF.:* é..o pituicaia que / o pequeninim' que diz que é venenoso *né* *PESQ.:* é que é mais *INF.:* é mais remoso (Ent. 9, linhas 149, 150, 151, 152, 153, 154).

REPRESAR • (A) • [V] • Latim > Português • Ato das marés dexarem o mar calmo, bom para pesca. • *PESQ.:* e a maré boa pra pescar como é que chama *INF.:* a maré de quarto que nos chamamos *PESQ.:* de quarto *INF.:* é... ela é de quarto ela é boa pra pescar *PESQ.:* ela é cheia? *INF.:* num é... e a maré de quarto é boa... que ela represa muito... e é muito boa pra pescaria... (Ent. 6, linhas 95, 96, 97, 98, 99, 100).

ROLAÇÃO • (A) • Nf [Ssing] • De origem onomatopaica • Vento muito forte que muitas vezes destrói as armadilhas deixadas pelos pescadores no mar, também conhecido como rolação. • *INF.:* o primeiro curral que o cearense colocou a rolação...que é aquele mar forte... né? Levou... né? E ele disse que nunca mais que aquele mar forte enganava ele...Mas ele veio e tornô de novo... né? *PESQ.:* botou o curral? A rolação é a mesma coisa... né? *INF.:* é erosão. (Ent. 8, linhas 230 – 235).

RUIDOR • (n/d) • ADJsing • (n/e) • Maré considerada ruim de pesca. • *INF.:* porque essa maré de quarto não se dá maior problema ... e até no alto mar ela é mais branda... já a maré de crescimento... é uma maré lançante... que nos chamamos *PESQ.:* ou lançamento... tudo a mesma coisa? *INF.:* é...essa aí é mais ruidor mesmo...é mais ruim de pesca... (Ent. 6, linhas 118 - 121).

S

SAJUBA • (n/A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Peixe da espécie tainha, considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • A tainha...tem a sajuba...tem a urixoca e tem a pitiu. (Ent.8, linha 368).

SAJUBERA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Rede específica para captura de tainha sajuba. • *PESQ.:*Ah... pá pescar peixe de pesca, pesquera...peixe de serra, serrera? Sajuba, por exemplo? *INF.:* Sajubera...é o nailo... quarenta mais cinquenta... (Ent.8, linhas 92, 93).

SALA • (A) • Nf [Ssing] • Germânica • Terceiro compartimento do curral, entre a espia e a sala. • *PESQ.:* e deixa eu lhe perguntá umas coisa aí... e as partes do curral... é a sala...a sala... (Ent. 3, linha 206).

SALA GRANDE • Ncf [Ssing + ADJsing] • (A) • Germânica • Quarto compartimento do curral, entre a sala e a salinha. • *É difícil... porque ele entra no curral pela sala e não sai... depois entra dentro da espia... depois ele cai dentro da sala grande... depois ele cai dentro da salinha ... depois ele cai dentro do chiquero... e depois que ele ta dentro do chiquero...* (Ent. 4, linhas 90, 91, 92, 93).

SALINHA • (A) • Nf [Ssing] • Germânica • Quinto compartimento do curral, entre a sala grande e o chiqueiro. • *PESQ.: Aí o curral é formado de quais partes? Tem a entrada dele? INF.: Aí a gente enfia uma maderá lá todinha... que fica em pé... e trás outra cumprida... e amarra assim todinha. Faz uma parte redonda do chiquero. Faz uma parte... faz de 20... faz de 30. Aí faz uma salinha. De um lado e de outro as duas salinhas. E o chiquero é acolá mais no fundo. E aqui a gente faz uma sala grande PESQ.: Sala grande INF.: De lá e acolá e aqui... quando elas terminar... de sala grande... aí de trinta...quarenta... de cinquenta...de sessenta...* (Ent. 5, linhas 149 - 154).

SARDINHA• (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peixe utilizado como isca em anzóis; considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de terceira classe”. • *INF.: de espinhel... eles fica o anzol com camarão e a sardinha PESQ.: a sardinha também vem no espinhel? INF.:a sardinha... no anzol.. eles compram a sardinha e cortam todinha os pedacinho... vão iscando no anzol...* (Ent. 2, linhas 483, 484, 485, 486).

SARNAMBI • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Molusco comestível composto por duas conchas dentro das quais há um liquido viscoso. • *É o buzo né...marisco que tem por o nome buzo né...mais conhecido aqui como sarnambi...*(Ent. 10, linha 231).

SARNAMBI DE PASTA• (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • (n/e) • Molusco comestível composto por duas conchas dentro das quais há um liquido viscoso OU areia na qual ocorre uma grande quantidade de sarnambi. REVER extinção . • *INF.: lá onde elas tão tem o sarnambi de pasta que elas chamam PESQ.: pasta? INF.:pasta... de pasta PESQ.: sarnambi de pasta INF.: chega lá a noite a maré sai baixa... aí quando sai a noite a gente vê aquelas pasta... tipo umas pasta... aí a gente vê só sarnambi...* (Ent. 2, linhas 433, 434, 435, 436, 437).

SECO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Local onde não há água. • () *Não diz que no má tem mesmo as visão né? As visage no má..na terra seco..maisi eu nunca vi nada... eu nunca vi nada...* (Ent. 2, linhas 164, 165).

SENTAR • (A) • [V] • Latim > Português • Pôr assento em; fixar. • *Ele é o marcadô do corral...o marcado certo...quando eles / sentá o corral tem que tê o marcadô pra marcá certin'...eles pago o cara pra ir marcá o corral deles* (Ent. 9, linhas 51, 52).

SERRA• (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de primeira classe”. • () *Aqui são de todos tipo de peixe...do cação...ao serra..uritinga...pescada...* (Ent. 10, linha 180).

SERRERA• (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Rede utilizada para captura de peixe serra. • *Serrera... tem as gozera... a pescadera...a pituizera... camaroera.. sajubera...* (Ent. 10, linha 176).

SERRINHA• (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de primeira classe”. • () *Aqui são de todos tipo de peixe...do cação...ao serra..uritinga...pescada...* (Ent. 10, linhas 180).

SESSENTA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Rede de malha cuja medida é 60 cm. • *A sessenta pega um peixe maió...serra... a gó... setenta... oitenta... essa daqui é oitenta... pega um peixe maió... essa daqui é cem...* (Ent. 3... linhas 240, 241).

SIRI • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Crustáceo decápode, braquiúro, portunídeo, caracterizado por ter nadadeiras no último par de pernas. Vive na água mas pode sair para as praias, onde se enterra. Alimenta-se de detritos em geral. • *Tudo isso...pescaria de caranguejo... de siri...essa coisa tudo eu ia pesca pra já deixa o alimento em casa pra quando eu saísse pra trabalhá... já ficava comido.* (Ent. 5, linhas 372, 373).

SURURU • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Molusco bivalve (*Mytilus falcatus*) mitilídeo que habita o litoral nordeste e sudeste do Brasil. A concha tem uma camada nacarada, verde e violácea, externamente parda na frente e escura em sua maior parte. • *INF.: ah... o sururu pega o sururu aí...ahh marisco... vão pegar tarioba, sarnambi.. eu não gosto da tarioba... a tarioba ela é do chão...daí eles vem com a faca só que...só que... PESQ.: e fica tudo no mesmo lugar, as tarioba e o sururu INF.: as tarioba fica na costa enterrada... agora o sururu não... o sururu é tipo assim cor de lama...* (Ent. 3, linhas 255, 256, 257, 258, 259).

T

TAINHA • (A) • Nf [Ssing] • Grego • Peixe considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • *PESQ.:* *humhum...tainha dá? INF.:* *tãinha dá...dá muita tãinha...tainha...tãinha...tem essa tãinha e tem a pituu que chama...que é a mais menor e tem a tãinha graúda...* (Ent. 9, linhas 139, 140, 141).

TÃINHA MÉDIA • (A) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Grego • Peixe considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • *INF.:* *é...a pituizera é a pituu que é a tãinha média né...que é a urixoca que meu pai falô com você...* (Ent. 9, linha 178).

TAINHERA • (A) • Nf [Ssing] • Grego • Peixe utilizada para captura de tainha. • *Que é a rede que pesca tainha a pituu... tainhera... pode ser tainhera...* (Ent. 4, linha 206).

TALHO • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Corte. • *INF.:* *isso aqui é uma canoa...outro dia peguei uma daquele e deu um talho de sangue no dedo.* (Ent.7 , linha 150).

TARIOBA • (A) • Nf [Ssing] • Tupi • Molusco bivalve, donacídeo (*Iphigenia brasiliensis*), distribuído desde as Antilhas até o S. do Brasil. É comestível, e pode conservar-se vários dias fora da água mercê do perfeito ajustamento das valvas. Vendem-se no mercado quando atingem tamanho superior a 5cm. • *INF.:* *ah... o sururu pega o sururu aí...ahh marisco... vão pegar tarioba... sarnambi.. eu não gosto da tarioba... a tarioba ela é do chão...daí eles vem com a faca só que...só que PESQ.:* *e fica tudo no mesmo lugar...as tarioba e o sururu? INF.:* *as tarioba fica na costa enterrada... agora o sururu não... o sururu é tipo assim cor de lama...* (Ent. 3, linhas 256, 257, 258, 259, 260).

TENENÇA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Atenção, prestar atenção. • *Ah eu pesco mero aqui perto..às vês a gente pede tenença de tá pescando aqui de frente aqui a ...Raposa a gente tá enxergando a Raposa todinha...* (Ent. 9, linhas 129, 130).

TESTERA DE CHIQUERO • (A) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Híbrida Latim + Árabe > Castelhana • Parte frontal do chiqueiro. • *PESQ.:* *ahhh... e isso..essa estera de arame ela é tecida aqui (...)* *INF.:* *não... essa aqui é a testera de chiquero...* *PESQUISADOR:* *testera de chiquero...* (Ent. 8, linhas 254, 261, 262).

TRADO • (A) • Nm [Ssing] • Céltica • Tábua cheia de pregos onde é tecido o arame para fazer o curral. • *PESQ.: ahh que... é da mesma maneira que ...que quer dizer... ela não é da mesma maneira que faz a rede... né? Não como é que chama esse instrumento aqui? NFORMANTE 2: /trado. PESQ.: ahn? INF.: 2: trado.* (Ent. 8, linhas 235, 236, 237).

TRAÍRA • (A) • Nf [Ssing] • Tupi • Peixe considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • *INF.: Tinha a tainha... carapeba... tinha camurim... traíra... esses pexes aí...INF.: aqui tem a serra... mas no mar o peixe... todo peixe tem... tem o mero... tem a carapeba... tem a tainha... tem a dubai... tudo...* (Ent. 5, linhas 80, 81, 82).

U

URIXOCA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Peixe considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de terceira classe”. • *PESQ.: e tainha? Tem só um tipo de tainha? INF.: não tainha // A tainha... tem a sajuba... tema urixoca e tem a pituu. PESQ.: ahh... INF.: é essa urixoca... PESQ.: a diferença é só no olho... tem o olho maior? INF.: É... PESQ.: a urixoca tem um olhão? INF.: é (risos)...* (Ent. 8, linhas 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374).

URITINGA • (n/A) • Nf [Ssing] • (n/e) • Espécie de bagre, considerado pelos pescadores da Raposa como “peixe de segunda classe”. • *O rapaz chegou aqui... rapaz “vem fazer um favor”. Eu digo “o que é rapaz? “ pra tu ser tistimunha que eu sou pescador... vai ali no fórum. Aí eu fui... eu cheguei lá... eu ...que qualidade de peixe... o ...o...rapaz foi...”que qualidade de peixe o seu Zé pegava nos espinhel dele?” Eu comecei a dizer assim: olha ele pega baguinho... gurijuba... uritinga... quando eu disse uritinga... ela disse... venha cá... tem esse ainda. Eu disse... senhora não quer saber a qualidade de peixe que ele pegava no espinhel? Quando cheguei no uritinga... eu falei baguinho... banderado... o gurijuba... o cambéu... Lea disse: “mais já chega”. Mas e agora?* (Ent. 8, linhas 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359).

V

VACAREZA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Lucro que o pescador tem, derivado da pesca de curral • *INF.:* *A pescaria do curral é difícil....é muito difícil, até porque, se a pessoa tivé o dinheiro ele vai comprar a maderá que chama murão. ...trezentos e cinquenta, quatrocentos murão. ..se ele tivé o dinhêro..ele compra....se não tiver o dinheiro...ele vai tirar no mangue. PESQ.:* *sozinho? INF.:* *Não, ele vai com os companhero...são três vaquero...vaquero de cem real, ele tem o quarto..aí que chama vaquero. É história de pescadô. ...ele só tem a vacareza...* (Ent. 8, linhas 179, 180, 181, 182, 183, 184).

VAQUERO • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Pescador responsável por colocar o curral e tomar conta dele durante o tempo em que ele fica fixado no mar. Dois pescadores • *O dono do curral sou eu...aí contrato dois vaquero. ..todo o serviço dele é pago. Agora... da produção ele tem um quarto do que der...* (Ent. 8, linhas 190, 191).

VARETE • (n/A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Rua estreita, viela • *INF.:* *Melhorou. Melhorou porque não tinha caminho... não tinha gente... não tinha casa... não tinha nada. Essas casas que tem nessa berada aí não tinha nada. Caminho não tinha. Tinha uns varete de umas casinhas que até chegar aqui PESQ.:* *Varete são os caminhos forçados... não é? INF.:* *É. Aí é por onde a gente andava. A gente andava pela praia e tinham um safadinho que ele se senta na praia e acabava com o couro da gente. Daí a pouco parece que deu catapora. Quando eu cheguei aqui não existia praia. Existia praia... mas não existia era banho de praia. E ninguém não andava...* (Ent. 5, linhas 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207).

VAZADO • (A) • ADJsing • Latim > Português • Apressado, com urgência • *PESQ.:* *AVE Maria...Aí o senhor veio vazado pra cá INF.:* *Vim vazado. Eu era casado já...* (Ent. 8, linhas 159, 160).

VELA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Tecido colocado no leme a fim de guiar a embarcação • *Todas..todas..tem essas parte toda...so não tem a vela... / e borda...não é mais como antigamente pra descarrerar. É porque se esse motor der problema... essa vela é que vai trazer a canoa pro porto... se não quiser que reboque ela... tem essa vela...só que não é*

grandona como era antigamente...é uma proteção da canoa . (Ent. 5, linhas 321, 322, 323, 324).

VENTO DO NORTE • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Vento que vem do alto mar, considerado perigoso para pesca por ser muito forte • *INF.:* *é... não corre tanto perigo... que no inverno também é bom mas tem também as dificuldade das aguacera que chama...o vento do norte... que as vês a pessoa tá la fora na bonança e vai passá a noite e aí se forma um vento do sul ou do norte: escurece tudo* (Ent. 2, linhas 556, 557, 558).

VENTO DO SUL • (n/A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Vento que vem da terra, considerado bom para pesca pois o peixe, segundo os pescadores, se guia pelo vento sul. • *INF.:* *é... não corre tanto perigo... que no inverno também é bom mas tem também as dificuldade das aguacera que chama...o vento forte... que as vês a pessoa tá la fora na bonança e vai passá a noite e aí se forma um vento do sul ou do norte: escurece tudo.* (Ent. 2, linhas 556, 557, 558).

VEZERO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Individuo responsável por bancar toda a despesa do pescador para a pesca, e que retira um alto lucro sobre o peixe capturado pelos pescadores. • *INF.:* *o vezero ele faz é assim... ele faz a despesa do barco... sabe né? Trezentos... quatrocentos reais de despesa ai vai pra fora... e também dá um vale pros pescadô.* (Ent. 2, linhas 123, 124).

VINGAR • (A) • [V] • Latim > Português • Dar certo, obter êxito. • *PESQ.:* *se conheceram aqui... se casaram aqui...tem quantos filhos? INF.:* *nascero oito vingaro sete...* (Ent. 3, linhas 291, 292).

VISAGE• (A) • Nf [Ssing] • Francesa • Assombração. • *INF.:**foi eu vi nesse tempo eu pescava de anzol mais meu irmão... chama Z. Aque mora ali..... aí nois foi pesca de anzol aí quando nós chegemo aqui perto da boca da barra pertinho nós descemo um... uns pexes que nós... tinha deixado lá perto do curral... certo.... ele ficou reparando um pouco... eu voltei lá... quando eu tava pegando os pexe eu olhei pra cima eu vi uma pessoa toda de branco... um pano no ombro um pano bem grandão no ombro assim... todo de branco... noite de lua né... aí nessa hora meu cabelo cresceu né... que não tinha essa pessoa eu digo ... se existi visage... essa aí é uma.... né?* (Ent. 2, linhas 297, 298, 299, 300, 301, 302).

X

XARÉU • (A) • Nm [Ssing] • Origem obscura • Considerado pelos pescadores da Raposa “peixe de segunda classe”. • *PESQ.:* *então vamo lá... é pescada... INF.:* *pescada...xaréu...muriquina...cação...cruaçu... camurim... camurupim...* (Ent. 3, linhas 387, 388).

XIÉU • (n/A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Caranguejo pequeno. • *PESQ.:* *Maria farinha? Isso mesmo... agora os que tem lá é desse tamaninho e pretinho? INF.:* *é o xiéu PESQ.:* *xéu? INF.:* *xi...e...u PESQ.:* *XIÉU*. (Ent. 3, linhas 432, 433, 434, 435, 436).

Z

ZERO QUARENTA • (n/d) • Ncf [Num + Num] • Latim > Português • Rede cujas malhas medem 40 centímetros. • *PESQ.:* *AH...S...então tá certo...Seu D. por exemplo... essa rede que o senhor tá fazendo aqui qual o nome dela? INF.:* *essa aqui é a zero quarenta...pa pescadinha gó...* (Ent. 9, linhas 10, 11, 12).

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo investigar em que medida o léxico de uma comunidade de pescadores retrata a realidade sociocultural do seu grupo.

Com o intuito de ter uma amostra que correspondesse à realidade do mundo dos pescadores do município de Raposa, localizado no estado do Maranhão, fomos a campo, a fim de realizar entrevistas orais. Pautando-nos por pressupostos teórico-metodológicos preestabelecidos, gravamos dez entrevistas e as transcrevemos. Esse material, que pode ser conferido no CD-Rom que se encontra anexado a esta dissertação, foi o ponto de partida para nossa análise linguística.

Na **Introdução**, apresentamos os problemas que nortearam nosso estudo, as hipóteses levantadas a partir deles, nossos objetivos e a estrutura desta dissertação.

No **Capítulo I**, enfocamos os pressupostos teóricos que embasaram a nossa pesquisa. Em um primeiro momento, debatemos o tema Cultura, para em seguida o relacionarmos com a linguagem; abordamos a interação Homem, Língua e Sociedade, as contribuições da Sociolinguística, para centramos então nosso estudo na lexicologia, já que trabalhamos com o léxico regional, e na lexicografia, pois um de nossos objetivos era a construção de um glossário.

A caracterização histórica, geográfica e econômica da região foi abordada no **Capítulo II**. Situamos geograficamente a Raposa, apresentamos o histórico da chegada dos pescadores cearenses, após a seca de 1958; traçamos o perfil econômico local, com destaque na pesca, para, enfim, tratarmos da relação entre cultura e ambiente na Raposa, com ênfase nas modalidades da pesca e a tradição oral, esta, reflexo da cultura cearense.

No **Capítulo III** foram apresentados os procedimentos metodológicos adotados. Baseamo-nos em Labov (1969) e Duranti (2000) para a escolha dos informantes e para a realização da pesquisa de campo, quando gravamos as entrevistas. As transcrições, por sua vez, seguiram o modelo proposto pelo Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais*. Em um segundo momento, com os dados selecionados – 250 lexias –, voltamo-nos para a construção das fichas lexicográficas, consultando 6 dicionários – datados do século XVIII ao XX – previamente selecionados e um glossário (SANTOS, 2010); para em seguida realizamos análise linguística desses dados. Seguimos a metodologia proposta por Haensch (1982) para a construção do glossário.

No **Capítulo IV**, apresentamos as lexias dos nossos *corpora*, apresentadas em fichas lexicográficas. Essas fichas constituíram uma análise em que se estudou e se relacionou

as lexias coletadas a épocas passadas e atuais. Após análise quantitativa, através de gráficos e tabelas, resultado de análise das fichas lexicográficas, passamos à discussão de resultados.

O **Capítulo V** apresenta a elaboração de um Glossário a partir dos dados retirados dos nossos *corpora*. Organizamos as lexias pelo critério onomasiológico e, posteriormente, pelo critério semasiológico. Essa organização nos permitiu traçar um perfil sociocultural dominante na região: o léxico da *Raposa* reflete o mundo rural nordestino, especialmente o cearense – os costumes, as tradições, o mundo agropecuário no qual os migrantes de Acaraú se inseriam antes da migração contínua presente, não somente nas lexias que a ele remetem, como, também, por meio da organização das formas de trabalho relacionadas à pesca.

A análise quantitativa dos dados nos permitiu ainda observar a capacidade criativa dos pescadores, por meio das lexias não-dicionarizadas, em sua grande maioria relacionada à pesca; são nomes de águas, mares e marés entre outros, que nascem a partir da necessidade que o homem tem de nomear, tão bem descrita por Biderman (1998, p.91-92):

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes ao referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.



REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo - SP: Cortez, 2008. v. 1,
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, 1982.
- ANDRADE, M.A. *Linguagem e cultura dos pescadores de Iguape*. 1993. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- AZEVEDO, R. et al. *Raposa: uma visão antropolinguística*. São Luís: SIOGE, 1980.
- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- BIDERMAN, M. A estrutura mental do léxico. In: _____. *Estudos de filosofia e linguística*. São Paulo: Ed. T.A. Queiróz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p.131-145.
- _____. Dimensões da Palavra. In: _____. *Filologia e Linguística Portuguesa*. N.2. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.
- _____. *Teoria linguística: linguística brasileira e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Ed. Parábola, 2002.
- CÂMARA JÚNIOR, J.M. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CARDOSO, S.A.M. Língua: meio de opressão ou de socialização? In: FERREIRA, C. et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.
- CASCUDO, L. da C. *Civilização e cultura*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- CASTRO, V. S. Revisitando Amadeu Amaral. In: _____. *Estudos Linguísticos XXXV*, 2006, p. 1937.
- COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- _____. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: Presença/USP, 1982.

_____. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.

DALL'AGLIO, M.M. Os problemas da coleta de dados na pesquisa sociolinguística. *Perspectivas em Sociolinguística*, Araraquara, v. 4, n. 2, p.55-60, 1990.

DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.

ESQUIVEL, F.M. *La Lexicografía em lãs variedades no-estándar*. Jaén: Universidade de Jaén, 2011.

FEITOSA, A. *Dinâmica da paisagem na área costeira do Município de Raposa, Estado do Maranhão*. Relatório de Pesquisa. São Paulo, 1998.

FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A.C. de S. Transcrição de inqueritos: problemas e sugestões. In: _____. *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 171-194.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma, apresentado à Câmara dos Deputados pelo deputado Aldo Rebelo. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Fortaleza, v.25, p.107-119, 2001.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HYMES, D. *On communicative competence*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.

ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M. G. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.

MATORE, G. *La éthode en lexicologie*. Paris: Ed. Marcel Didier, 1953.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistic générale*. Paris: Champion, 1948.

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2006.

MILROY, J. *Linguistic Variation and Change: On the historical sociolinguistics of English*. GB: Basil Blackwell, 1992.

MILROY, L. *Language and Social networks*. 2. ed. Oxford: Backwell, 1987.

MOLLICA, M.C. (Org.). *Introdução a Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1989.

MURAKAWA, C. A. A. *Antônio de Moraes Silva: lexicógrafo da língua portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.

OLIVEIRA, A.M.P.P.; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, M.E. *O narrado e o vivido: o processo comunicativo de narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIRES, D. *O nacionalismo pré-romântico de Herder*. 2009. Monografia (Graduação em Direito) - Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 8. ed. São Paulo: Edusp, 1997.

REIS, J. *Raposa: seu presente, sua gente, seu futuro*. São Luís: SIOGE, 1998.

RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, W. *O léxico do canto do mangue*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, 2010.

SANTOS, J. L. S. *O que é Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SEABRA, M.C.T.C (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras de UFMG, 2008.

SEABRA, M.C.T.C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SOUZA, V.L. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.

VERDELHO, T. Dicionários portugueses: breve história. In: _____. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

ANEXOS